tb tempo brasileiro

Biblioteca
Tempo Universitário
34

ERNST BLOCH

THOMAS MÜNZER, TEÓLOGO DA REVOLUÇÃO

THOMAZ MÜNZER

Teológo da Revolução

Ernst Bloch é um dos três nomes máximos da Sociologia clássica alemã, no que ela tem de mais afim com a Filosofia Social, ao lado de Georg Lukács e Max Weber, de quem os dois primeiros foram alunos em Heidelberg e ao qual abandonaram, por caminhos diversos. Se não tivessem existido Max Weber e seus discípulos diletos, Bloch e Lukács — muito antes que norte-americanos e franceses, sem o mesmo vigor inspiracional, descobrissem o autor de *Economia e Sociedade* — seria impossível o que há de mais fecundo na Sociologia mundial.

Deles o menos conhecido, no Brasil, é Bloch, agora pela primeira vez num livro inteiro em português.

Nesta obra, traduzida sob o título *Thomaz Münzer Teólogo da Revolução,* encontra-se o início da reabilitação da Utopia, prosseguida em textos maiores e posteriores. Utopia tão subestimada, ou mesmo desprezada, por numerosos renovadores sociais auto-denominados científicos, quando na realidade não passam de cientificistas. Ainda hoje Bloch permanece, diante deles, um herético, um renegado fugido da Alemanha Oriental.

Thomas Münzer Teólogo da Revolução analisa o choque entre as duas Reformas protestantes, uma socialmente de baixo para cima e a outra percorrendo itinerário oposto. A Reforma dos Camponeses versus a Reforma dos Príncipes, em pleno século XVI. O carisma desafiando as estruturas clericais precocemente petrificadas, num tempo em que as igrejas confessionais disputavam o quadro das transformações históricas do Ocidente. A Comunidade, no sentido usado por Ferdinand Toennies, outro grande nome da Sociologia clássica alemã, passou a predominar sobre a Sociedade nas aspirações mais místicas que organizatórias, dos adeptos das novas ondas sobrenaturalistas.

Thomas Münzer Teólogo da Revolução permanece válido como trabalho

THOMAS MÜNZER

teólogo da revolução

Este volume pertence à série *Estudos Alemães*, coordenada por EDUARDO PORTELLA, EMMANUEL CARNEIRO LEÃO, GEORG MARY, HANS BAYER, VAMIREH CHACON e WERNER REHFELD.

ERNST BLOCH

THOMAZ MÜNZER

teólogo da revolução

BIBLIOTECA
CENTRAL - UFJ
DOAÇÃO

tempo brasileiro

Rio de Janeiro — GB — 1973

1A - T. M.

BIBLIOTECA TEMPO UNIVERSITÁRIO — 34

Coleção dirigida por EDUARDO PORTELLA, Professor
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

BIBLIOTECA
CENTRAL - USD
N.º 138 30
Data 27.04.88

92
B651t
1973

Tradução de
VAMIREH CHACON
Professor da Universidade Federal de Pernambuco
e
CELESTE AÍDA GALEÃO
Professora da Universidade Federal da Bahia

Capa de
ANTÔNIO DIAS

Traduzido do original alemão
Thomas Münzer als Theolog der Revolution
da Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1963

Direitos reservados a
EDIÇÕES TEMPO BRASILEIRO LTDA.
Rua Gago Coutinho, 61 (Laranjeiras) — ZC. 01
Tel.: 225-8173

RIO DE JANEIRO — GB — BRASIL

ÍNDICE

I — COMO DEVE SER LIDO ESTE LIVRO 2
II — FONTES, BIOGRAFIAS, NOVAS EDIÇÕES 3
III — A VIDA DE THOMAS MÜNZER 9
1. Nascimento 9
2. Influências 9
3. Peregrinações 10
4. Litígio 11
5. O Apelo de Praga 12
6. Allstedt e a Liga Secreta 16
7. No Exílio 34
8. Visão do Quiliasmo da Guerra Camponesa e do Anabatismo 43
9. O Manifesto aos Mineiros 57
10. A Batalha de Frankenhausen 65
11. Resultado da Revolução 76
12. Vulto e Atualidade de Münzer 89
IV — DIREÇÃO DA PRÉDICA e TEOLOGIA DE MÜNZER 107
1. O Homem Liberto 107
2. Sobre o Direito da Força do Bem 108
3. Digressões Sobre o Compromisso Eclesial Entre Mundo e Cristo 113
4. O Homem Absoluto e os Caminhos da Ruptura 176
V — CONCLUSÃO E A METADE DO REINO 205

I

COMO DEVE SER LIDO ESTE LIVRO

Sempre queremos permanecer em nossa própria circunstância.

Assim também não olhamos, aqui, de nenhum modo, para trás. Pelo contrário, engajamo-nos no passado enquanto ele é presente. E, deste modo, outros se transformam, os mortos retornam, seu gesto revive ainda em nós. Münzer sucumbiu da maneira mais brusca, embora tivesse almejado o que há de mais grandioso. Quando o analisamos enquanto homem de ação, ressaltam nele o presente e o absoluto, numa perspectiva mais altaneira e mais ampla que numa experiência demasiado vivida, e, apesar disto, com vigor idêntico. Münzer é, antes de tudo, História no sentido fecundo; seu presente e seu passado merecem a lembrança, lá permanece ele para comprometer-nos, entusiasmar-nos, para apoiar, sempre mais amplamente, nosso desígnio.

II

FONTES, BIOGRAFIAS, NOVAS EDIÇÕES

Não houve, até hoje, bastante pesquisa em torno de Münzer. Longas etapas da sua vida jazem na obscuridade; muitos aspectos continuam sem explicação suficiente, sobretudo entre os seus atos e decisões.

Não é verossímil que se descubram, a respeito, documentos essencialmente novos. Förstemann e Seidemann parecem ter tão bem levantado e reunido o material manuscrito e documental disponível. Os pontos de referência, ao alcance, estão em Hauck, artigo "Thomas Münzer", na *Enciclopédia de Teologia e Eclesiologia Protestantes (Realenzyklopädie für protestantische Theologie und Kirche,* 1903), bem como na tese de Merx *(Thomas Münzer und Heinrich Pfeifer,* Göttinge, 1889). Baseando-se em novos documentos, Merx corrigiu muitos pormenores das antigas biografias, embora, no mais, sua breve dissertação permaneça superficial e digna de menor interesse. Nas suas *Contribuições à História de Mühlhausen na Turíngia (Zur Geschicht der Stadt Mühlhausen in Thüringer,* cadernos I, II, IV, VII, VIII, IX, Mülhausen na/T., 1901-1911), Jordan reuniu alguns fatos pitorescos e apresentou-os segundo o seu ponto de vista de professor de colégio, em Mühlhausen.

No que diz respeito às próprias monografias que lhe foram dedicadas, lá também Münzer não foi feliz.

Talvez Melanchton tenha escrito a sua primeira biografia, *História de Thomas Münzer, iniciador da rebelião turíngia (Historie Thome Müntzers, des anfengers der Döringischen vffrur,* 1525), impressa em quase todas as edições das obras reunidas de Lutero; este escrito é sectário, às vezes conscientemente mentiroso e quase sempre inutilizável. O que os historiadores da Guerra Camponesa espalharam, a respeito de Münzer, foi copiado de Melanchton ou do Pseudo-Melanchton; certamente alguns autores concedem determinada importância à memória, ou, pelo menos, à doutrina de Münzer, quando as preferências deles são outras, em especial Sebastian Franck e Gottfried Arnold, nas suas crônicas sobre as heresias. Contudo, foi *Strobel,* animado pela Revolução Francesa, quem forneceu a primeira sincera biografia, com freqüência anedótica, porém num espontâneo esforço, reunindo finalmente tudo sobre e de Münzer, no seu livro *Vida, escritos e doutrinas de Thomas Münzer, instigador da rebelião camponesa na Turíngia (Leben, Schriften und Lehren Thomas Müntzers, des Uhrhebers des Bauernaufruhrs in Thüringen),* impresso em 1795, em Nuremberg e Altdorf. Seguiu-lhe *Seidemann: Thomas Münzer, eine Monographie, nach den im Königlich Sächsischen Hauptstaatsarchiv zu Dresden vorhandeanen Quellen bearbeitet (Thomas Münzer, uma monografia elaborada segundo as fontes disponíveis no Arquivo do Estado Real da Saxônia)* impresso em Dresden e Leipzig, em 1842, um trabalho sobremodo zeloso, a primeira exposição científica, embora mesquinha e totalmente sem receptividade à atitude e à Teologia reformadoras de Münzer. Por fim, *Kautsky* dedicou ainda um capítulo a Münzer, no 2.º volume dos seus *Predecessores do novo Socialismo (Vorläufer des neueren Sozialismus),* editado em 1920, em Stuttgart, reunindo o conjunto das fontes autênticas num todo mais amplo: aqui se descobre, com prazer, uma visão mais simpática dos acontecimentos, uma concepção revolucionária dos valores, de acordo com a escolha e a apresentação dos documentos, bem como em relação ao método econômico-histórico; certamente a adesão de Kautsky ao Iluminismo e sua incapacidade de compreensão religiosa não lhe permiti-

ram nem aceitar, nem mesmo apreender, o que classifica de "pequenas filigranas de uma mística apocalíptica". Os outros estudos, contendo exposições mais gerais sobre Münzer, nas grandes e pequenas obras históricas — Histórias eclesiásticas e Enciclopédias — naturalmente quase nada apresentam de novo, e, correspondendo à historiografia burguesa-feudal, conservam tanto mais fielmente a imagem transmitida pelo necrológico de Melanchton ou do Pseudo-Melanchton, segundo se vê nos demais juízos de valor emitidos sobre a pessoa e a obra de Münzer. É única exceção a amável *História da Guerra Camponesa (Geschichte des Bauernkrieges*, vol. II, Stuttgart, 1856), bem como, acima de todos, Friedrich *Engels*, que, no seu breve ensaio, *A Guerra Camponesa alemã (Der deutsche Bauernkrieg*, reimpresso em 1908), parafraseou a exposição de Zimmermann, ao modo econômico-sociológico, numa perspectiva afim aos acontecimentos de 1848. O livro mais amplo, por *Tröltsch, Doutrinas sociais das Igrejas cristãs (Soziallehren der christlichen Kirchen*, Mohr, Tübingen, 1919), traz um material com freqüência merecedor de apreço, também agrupado estruturalmente entre outros, para compreensão da tipologia das seitas e os fundamentos sociológicos da sua Teologia, porém se limita a poucas palavras sobre Münzer e sobre a própria ideologia da Guerra Camponesa, por ele classificada como "religião rebelde da gentinha alimentada por divagações místicas".

Espalhados pelo meio, podem ser lidos nas descrições, numerosos apelos de Münzer em pessoa. Os originais, mesmos, não foram senão reeditados em parte, e com freqüência dum modo bem disperso; o resto permanece, até agora, disponível apenas através do serviço de intercâmbio das grandes bibliotecas. As três instruções, para ordenamento da Igreja alemã, encontram-se impressas em Sehling: *As ordenações eclesiásticas evangélicas do século XVI (Die evangelischen Kirchenordnungen des XVI Jahrhunderts*, Leipzig, 1902, vol. I, págs. 470 e segs.); apareceu a *Expressa denúncia da falsa fé (Ausgetrückte emplössung des falschen Glaubens)* reimpressa por Danner, em Mühlhausen na Turíngia, em 1908; apareceu ainda a *Defesa bem fun-*

damentada (Hochverursachte Schutzrede), no livro de Enders sobre a *Luta dos Inspirados contra Lutero (Aus dem Kamf der Schwärmer gegen Luther)*, reedição das obras literárias alemãs dos séculos XVI e XVII, através do editor Niemayer, em Halle, 1893. É quase inútil inquirir noutra parte, embora surpreenda que, desde séculos, não se cesse de esperar a edição completa das cartas, apelos e escritos originais de Münzer, bem como o texto crítico dos seus escritos batistas. (Desde que estas linhas foram escritas, surgiram: por Böhmer e Kirn, *Correspondência de Thomas Müntzer — Thomas Müntzers Briefwechsel*, Leipzig, 1931; por O. Brandt, *Thomas Müntzer, sua vida e seus escritos — Thomas Müntzer, sein Leben und seine Schriften*, Jena, 1933; por C. Hinrichs, *Escritos políticos de Thomas Münzer — Thomas Müntzers politische Schriften, Halle*, 1950; M. Smirin, *A reforma popular de Thomas Münzer e a Grande Guerra Camponesa — Die Volksreformation Thomas Müntzers und der grosse Bauernkrieg*, Berlim, 1952; A. Meusel, *Thomas Münzer e seu tempo — Thomas Müntzer und seine Zeit*, Berlim, 1952; etc.). Não é menos surpreendente que Münzer, e a rebelião por ele inspirada, não tenham sido revividos poeticamente, pois não há ainda, sobre ele ou sobre os anabatistas, apesar de Emmanuel Quint, nenhum romance que relembre sua vida — pois nem vale a pena a conversa fiada de Armin Stein *(Thomas Müntzer*, Halle a. s., 1900) ou ainda a divulgação liberal de Theodor Mundt *(Thomas Münzer*, Altona, 1941) — nada, infelizmente, que permita a uma alma transformada, uma era diversa, adaptar esta matéria melhor fornecida pela própria História da Europa que por qualquer outra para permitir, ao "romance" puramente ateu, ascender à vigília objetiva da "epopéia russa", segundo a teoria luckasiana do romance e da profecia épica.

Assim, pelo menos, se tentará algo parecido aqui, no plano das idéias. Estas páginas associam à atualidade, aos dias vindouros o prematuro movimento, meio esquecido, apenas ainda em parte consciente. Certamente, pois, este trabalho foi elaborado em si

mesmo enquanto Filosofia da Religião e da História, apesar da sua base empírica. E isto ocorre porque, não só nossa vida, como tudo o que a ela diz respeito, está sempre em processo e, em conseqüência, não fica fechado nos limites de seu tempo ou da História em geral, exercendo sua influência, enquanto sinal de testemunho, num campo meta-histórico. O cavalheiro Gluck, do conto de Hoffmann, volta sempre ao seu quarto e cada vez enriquece mais a sua Armida; não é só Herder que fala a Shakespeare, mas também Shakespeare a Herder, o Pré-Romantismo em geral. Não basta, pois, dizer que a História não se liga apenas à recordação; associa-se às categorias axiológicas da eficácia e das conexões históricas internas, embora não ainda enquanto sobrevivência, o que nos leva a ser, no que nos diz finalmente respeito, a mais autêntica "reedição", o esquema produtor de lembrança: enquanto consciência essencial e indefectível de todo o não ocorrido, de tudo que eternamente almejamos, dos caminhos não percorridos, porém sobre os quais convém avançar, enquanto Filosofia da História, através de tudo o que sucedeu, numa mistura com sentido e sem sentido, nas confusas encruzilhadas e paradoxos que constituem o nosso destino. Os mortos retornam, como num novo gesto, assim em significativo contexto, portador de novas descobertas, e a compreendida História, formada sob o influxo impulsionador das idéias revolucionárias, transformada e iluminada em lenda, torna-se uma função que não se perde, na plenitude dos seus testemunhos, enunciados pela Revolução e o Apocalipse. A História não se apresenta, segundo pretendia Spengler, numa sucessão de imagens despedaçadas, nem, de nenhum modo, também à maneira do Agostinianismo laicisado, numa sólida epopéia do progresso e da Providência soteriológica, porém enquanto viagem dura e perigosa, paixão, peregrinação, errância, em busca da pátria perdida; cheia de trágicos distúrbios, fervente, atormentada por abismos, erupções, promessas isoladas, descontinuamente atingida pela consciência ética da luz. Com efeito, também a História era, em verdade, muito daquilo que igualmente Sebastian Franck vislumbrou, enquanto ela regia e se impunha: risos, fábulas

e carnaval, ou até uma obra diabolicamente erguida contra Deus; porém mesmo os próprios vencidos, em Thomas Münzer e em tudo que lhe diz respeito, pertencem já à Filosofia da História, ou melhor, a uma escala transcendente à História: um palimpsesto, com as transcrições dos episódios remotos da Guerra Camponesa, com as meditações de um outro mundo, na sua base. Assim nos parece que, embora o Estado seja o Demônio, a liberdade dos filhos de Deus é, porém, a substância da História, para iluminar-nos e fortalecer-nos, no rebelde *in Christo*, Thomas Münzer!

III

A VIDA DE THOMAS MÜNZER

1. Nascimento

Para ele, tudo foi difícil, desde o início.

Quase abandonado, cresceu o sombrio jovem. Münzer nasceu como filho único de gente pobre, em 1490, em Stolberg. Cedo perdeu seu pai, sua mãe foi maltratada: procuravam expulsá-la da cidade, porque estava na miséria. O pai parece ter acabado na forca, vítima da arbitrariedade do Conde.

2. Influências

Assim, o menino experimentou, desde cedo, todas as amarguras da vergonha e da injustiça.

Calou, fechou-se em si mesmo. Nada aceitava dos "outros", pois estava bastante decidido a sofrer com eles. A sentir a necessidade dos pobres, do povo em geral, que se aniquilava, despojado, embrutecido, sob coação. E outra coisa ainda vinha de encontro ao seu coração vigilante. O fascinante tempo atraía, jovem em si mesmo, cheio de novas realidades; os campos estavam em vigília angustiada, enquanto vagavam, pelos arredores, os emissários, arautos, pregadores. Nos vales da floresta do Harz, além disto, estavam ainda vivas as doutrinas dos flagelantes, a lembrança do Tribunal Vehmico. Entretanto, tudo isto tocava al-

guém, que não ouvia em torno de si senão o que nele próprio soava, nas sombras, nos murmúrios do que estava para vir. Mais tarde, ainda o próprio Münzer relatava o "alumbramento de que alguém se impregna, quando tem seis ou sete anos". E, em Praga em 1521, atestou: "que posso provar, com o testemunho de todos os Eleitos que então me conheceram, o zelo extremo com que me dediquei a receber a santa e insuperável fé cristã". Certamente assim ele se sentia, mesmo além das influências do tempo, do ciclo das sagas, inclinado à vocação sacerdotal, honrado ainda pelo íntimo convívio que lhe podia proporcionar o testemunho externo. "Que Bíblia! Bíblia, Bíblia! O que o homem precisa é largar tudo e entender-se com Deus!" Com efeito, assim Leipzig e Frankfurt no Oder não eram os lugares essenciais de estudo para sua juventude, se Münzer deixasse a transitória sala de aula, enquanto bacharel ou mestre em artes.

3. Peregrinações

Pôs-se a pregar pelos arredores, daí em diante, e não deve ter-se saído mal. Apareciam muitos do seu tipo, a maioria acabava repetindo-se. Apenas uma vez, ele deu margem aos bem pensantes se ocuparem. Também Münzer se empolgava num tom nada luterano, cada vez mais forte, pregando a expulsão dos mercadores do templo... Em torno de 1513, já professor em Halle, fundou uma liga secreta contra o Arcebispo de Magdeburg. Era o tempo, sobre o qual Lutero mais tarde escrevia, dizendo que nele Münzer "percorreu os campos em busca de um ninho para seu vício". Tornou-se confessor entre as freiras e, de novo, em 1517, retornou ao magistério em Braunschweig, donde deveria acabar expulso.

Todavia, não menos surpreendentes são as cartas dirigidas a ele, nestes tempos. Nunca tímido, cortantemente decidido, diante tantos dos seus inimigos quanto dos seus amigos, já estava o jovem Münzer por completo disposto a revelar-se. Do mesmo modo que irrompia em Halle sua natureza, de conspirador, ela

se assentava entusiasta, nos lugares por onde andava. Tornou-se capelão num convento de freiras, perto de Weissenfels; omitiu, então, as palavras da consagração, deixando o pão e o vinho enquanto tais, e, num tom inspirado, comungou-os. Na mesma época deve tê-lo animado uma desusada paixão intelectual; os remanescentes arrolamentos da sua biblioteca demonstram que ele se ocupava com Eusébio, São Jerônimo e Santo Agostinho, neste período, e que também estava a par dos Concílios de Constança e de *Basel*. Ainda entre os seus apontamentos íntimos se encontram os sermões de Tauler, os quais, com a "Teologia" alemã, tinha na mais alta conta; também se familiarizou com as sombrias advertências quiliásticas de Gioacchino di Fiori, do tempo da dinastia Staufer. Pois Münzer queria, nestes como nos demais escritos, apenas constatar um testemunho, uma iluminação e o idêntico reflexo de uma luz, que não tomara de ninguém, porém que recebeu "bem de cima", por sobre todos os séculos.

4. Litígio

Em breve, ele retornou daí para os homens. Prestava-se atenção a ele, já que podia parecer ainda luterano, e Münzer esforçava-se em pôr à prova o sólido púlpito.

Nisto, com efeito, se apresentava depressa a direção a ser tomada pelas massas inquietas. No Ano Novo de 1519, estava Münzer em Leipizg, onde conheceu pessoalmente Lutero, segundo tudo parece indicar, o qual então, polemizava com Eck. Lutero teve uma boa impressão de Münzer; este, por sua vez, já então entregue por completo à ascese, teve uma impressão um pouco menos favorável, do outro. Basta, contudo, que Lutero o tenha convidado a trabalhar em Zwickau, e que ele se tornara capelão e pregador nesta cidade industrial têxtil, desde muito minada pelos Inspirados.

Agora terminava a época dos discursos sóbrios, Münzer tinha de nadar contra e com a aberta corrente alcançada. Logo percebeu que não havia só deformações entre os frades mendicantes, os avaros e os hipó-

critas calculistas, "que assim despojavam as casas das viúvas, com suas longas orações". Pelo contrário, o indivíduo radical, no início ainda coadjutor da rica igreja da Virgem, encontrou em breve sua atuação mais adequada entre os proletários da igreja de Santa Catarina, onde os tecelões de Zwickau mantinham sua Irmandade do Corpo Santo. Ele se impôs entre estes, os quais o aceitavam e com ele "mantiveram mais contacto que com padres respeitáveis, portanto assim se espalhando a notícia que o mestre Thomas preferia os tecelões, em especial Niklas Storch, como o único que lá entendia a Bíblia e era versado em coisas do espírito". Muito para desprazer de Lutero, rebentou, em seguida, amargo litígio com o bem instalado e mal renomado deão de Santa Marina, Wildenauer, vulgo Egranus. Este precisou bater em retirada diante de Münzer, porém a repercussão ocorreu, e a expulsão de Münzer, a fuga dos Inspirados, a ruína da Escola herética e demonstração de força do patriciado, foram suas conseqüências, surpreendentemente rápidas. Storch seguiu com seus jovens para Wittenberg, trouxe a Karlstadt o novo espírito, e até ameaçou Melanchton, o qual, como Nicodemus, viu cair sobre si o paradoxo do batismo de fogo; o próprio Münzer retirou-se para a Boêmia, cheio de confiança no lendário brilho da velha pátria dos Taboritas.

5. O Apelo de Praga

Poucos o seguiram, e, estes mesmos, intranqüilos.

Não só, porém, o servo urbano empurrou Münzer na aventura do desconhecido. Conta-se que o pregador de Zwickau gritava, na sua casa, alta madrugada: "fogo! fogo!" E assim provocara um corre-corre, embora nada tivesse acontecido. Münzer estava atormentado, assustado por sombras; "Senhor! Invoca o Moisés do Corão alarga o meu estreito coração!"

Assim ele repousava, embora, no momento, parecesse encontrar finalmente os seus. Pregou nas vielas e mercados de Praga, apresentou uma surpreendente proclamação aos Irmãos Boêmios. O fantástico escri-

to fora redigido em três vias, dirigidas a todos, em tcheco, latim e alemão. Strobel copiou o texto latino da reedição do *Pantheon anabaptisticum et enthusiasticum* (1702), munindo-o com sua versão alemã. Pois parece que o próprio original da *Intimatio Thomas* Muntzeri manu propria scripta et affixa Pragae a. *1521 contra Papistas*, não era mais disponível. Por outro lado, Seidemann claramente descobriu o texto *alemão* num original manuscrito do próprio Münzer, e permanece surpreendente que o latim do *Pantheon*, além do que contém, pareça por vezes prescrito, reincidente com o texto original alemão, com o qual diverge, mais ou menos, em quase cada frase. De qualquer modo, anima-se o conservado texto latino em tantas exaltadas proclamações münzerianas, que até sua conjunta autenticidade se torna provável; com efeito, Münzer emitiu muitas proclamações, de modo que assim não só variava o texto tcheco, como também o texto latino com notas suplementares e às vezes mais explícitas, enquanto dirigidas a um público sutil e sensível. A proclamação é bastante importante, politicamente, para merecer que transcrevamos largos trechos seus, completando, em trechos recíprocos, o alemão com o latim e o latim com o alemão, embora aqui só se considere a vida ativa de Münzer, isto é, Münzer enquanto político, e não a sua Teologia. Com efeito, mesmo neste ativo teólogo da Revolução, os dois aspectos, ação e fim longínquo, ideologia e idéia puramente religiosa, tão intimamente se confundem que — sobretudo no ímpeto da juventude quando Münzer se apresenta diante dos últimos Taboristas, todo inflamado pelo sentimento da sua missão — vêm-se-lhe confundir, quase imediatamente, o ódio dos senhores, o ódio do clero, a reforma da Igreja e o êxtase do advento. Os grandes aproveitadores são atingidos, de início, aos poucos, embora Lutero já não vá mais tão longe contra os traficantes de indulgências e os traidores do espírito.

> Eu, Thomas Münzer, de Stolberg, soando um cântico novo, com límpidas trombetas de bronze, do inspirado e muito famoso lutador de Cristo, Jan Huss, eu testemunho ardentemente diante da Igreja dos Eleitos e diante do mundo inteiro, já naquele tempo, conforme

sou reconhecido desde a juventude, depondo em meu favor os que me conheceram que, mais que todos os que viveram a minha época, empreguei um zelo ardente, até conseguir ser distinguido com uma ciência mais completa e mais rara da insuperável e santa fé cristã.

Os que vieram até hoje, observai, conversam friamente. Roubam, da boca do próximo, a palavra que eles próprios nunca pronunciaram. Bem ouvi deles a mera letra, a qual furtaram à Bíblia, como ladrões e trapaceiros. Chegará, porém, o tempo, em que o Senhor desencadeará uma violenta cólera sobre eles, porque eles mesmos desfiguram o objetivo da Fé, eles que deviam aliás se portar como uma muralha, diante do povo de Deus, contra os difamadores. Quem devia chamá-los solícitos ecônomos da múltipla graça de Deus e audazes pregadores da palavra viva e não morta? Apesar disso, inspirados pela corrupção papal, foram ordenados e ungidos com o óleo do pecado, o qual corre da sua cabeça aos pés; isto é, do violador e do apóstata, o Demônio, procede sua loucura e penetra no mais íntimo do seu coração, que é orgulhoso, sem seu dono, o Espírito Santo. Contudo, São Paulo escreve que os corações dos homens são papéis ou pergaminhos, nos quais Deus escreve, com Sua própria mão, Sua inabalável vontade e eterna sabedoria; escritos os quais um homem qualquer pode ler, por menos discernimento que possua. Ora, o mundo tem almejado indizivelmente, ao máximo, a verdade, desde longo tempo (embora enganado por muitas seitas), de modo que se tornou autêntico o dito de Jeremias: "as crianças pediram pão, porém ninguém estava presente para dividi-lo". Oh, notai, não o tendes dividido para as crianças, não tendes explicado o legítimo espírto do tempo de Deus; daí advém que os cristãos, na defesa da verdade, equivalem a poltrões. E podem, em conseqüência, blasonar com soberba que Deus não mais fala com os homens, como se tivesse ficado mudo; querem dizer que basta estar escrito nos livros e que possam despojá-lo a cru, cegonha lança as rãs aos filhotes no ninho; não são como as galinhas, que giram em torno dos seus filhotes e os aquecem, não dividem a palavra de Deus, que vive no coração de todos os Eleitos, como uma mãe dá leite aos seus filhos. Pelo contrário, comportam-se entre as gentes como Balaão, que tem as pobres palavras na boca e o coração distante mais de centenas de milhas. Por querer tal tolice, não seria de espantar que Deus nos destruísse em pedaços, e não me surpreende que todo o gênero humano nos despreze, a nós cristãos; sim, seria uma maravilhosa garantia, se um simplório ou um incrédulo viesse ao nosso meio, e quiséssemos enganá-lo com a nossa lei. Responderia-nos: sois louco ou inconseqüente? Que me interessa vossa Escritura? Como? Se vossos profetas, Cristo

e São Paulo, mentissem? — porém se aprendermos a viva e autêntica palavra de Deus, então poderemos superar o incrédulo e julgá-lo claramente, assim que se desvendar a intimidade do seu coração. Passarão o céu e a terra, mas a minha palavra não passará: só está escrito nos livros, Deus só falou a respeito uma vez e, em seguida, desapareceu no ar, assim ela não pode ser a palavra eterna de Deus, ela não passa de uma criatura, apenas sabida de cor, o que é contra a regra da Santa Fé. Daí terem todos os profetas o hábito de dizer: assim *fala* o Senhor, como se fosse passado, porém usando o tempo presente. Trago, pois, no coração, a insuportável chaga sofrida pela Cristandade, desde que Sua palavra veio a ser manchada e obscurecida, pois a Igreja virginal e sem mancha se tornou uma prostituta, através de espiritual adultério, rompendo seu casamento místico, após a morte dos apóstolos, até que a natureza do trigo, bem como a da erva daninha sejam esgotadas, assim arrancando-a de todas as obras do mundo associado ao Poder, podendo aprendê-la no julgamento mais justo. Alegrai-vos, porém, amigos. Vossos campos se inclinam, tornam-se maduros para a colheita. Fui contratado pelo céu, por um vintém de diária, e afio a minha foice, para cortar a colheita. Minha boca deve refletir a mais alta verdade, e meus lábios devem amaldiçoar os ímpios, para cujo reconhecimento e destruição vim a vossas atuais fronteiras, oh amados irmãos tchecos. Nada almejo senão que recebais a palavra viva, na qual vivo e respiro, para que não retorne vazia. Tomai isto no coração: exorto-vos, em nome do roxo sangue de Cristo, tomo-vos as contas e quero prestar também as minhas; se não o puder fazer, então prefiro ser filho da morte temporal e eterna; não apresento garantia maior. Prometo-vos alcançar esta honra e glória, que tendes obtido de vergonha e ódio, entre os romanos. Sei e estou certo que os países do norte da Europa cairão no rio da graça que está brotando. Aqui tomará impulso a renovada Igreja apostólica e se espalhará pelo mundo. Assim, pois, apressai-vos na direção da sua Palavra, cuja passagem será rápida; através de indizível fornicação fizeram da Igreja de Deus um caos sombrio, uma Igreja quebrada, abandonada, dispersa. Porém o Senhor a construirá de novo, a consolará, a unirá, até que ela veja o Deus dos deuses em Sion, Amém.

Daí que, poucos dias após a afixação deste texto, quatro guardas passaram a acompanhar Münzer. Os grandes senhores de Praga pensavam já ter alcançado seus objetivos, achavam bastante os bens eclesiásticos de que se tinham apossado. Durante muito tempo, as

manifestações mais radicais da heresia assustaram, aos calixtinos de Praga a Reforma parecia ter atingido completamente o objetivo. Desta maneira precediam aos Bispos alemães, entre os quais o próprio Lutero, que pensava, depois de Worms, ser mais possível e necessitada vinda de ajuda francesa, que tcheca. Assim Praga, forte e rica, não mais se inclinava a fazer soar um novo cântico nas trombetas hussitas. Münzer chegara em Praga em setembro de 1521; em 1.º de novembro, dia de Todos os Santos, desfechou seu manifesto; já em janeiro, do ano seguinte, abandonava a Boêmia, enxotado, renegado, considerado morto pelos seus próprios amigos. Provavelmente Münzer passou também por Wittenberg, durante a fuga, e lá deve ter tido um áspero encontro com Lutero; por pouco tempo pregou em Nordhausen, o clero tinha-o por pior que os martinianos, enfim, depois de posteriores expulsões, conseguiu ele, finalmente, obter um novo emprego estável de pregador, na Páscoa de 1523, em Allstedt, uma pequena localidade, pertencente ao Príncipe Eleitor da Saxônia, próxima às grandes instalações minerais de Mansfeld.

6. Allstedt e a Liga Secreta

Aqui bem que Münzer demorou dias mais numerosos. Tomou por esposa uma freira evadida do convento, Ottilie von Gersen. Ameaçava-o levemente o perigo de enforcar-se aos trinta anos de vida. Fosse menos autêntico o fogo íntimo de Münzer, a partir deste momento podia esmorecer tranqüilamente no casamento e na casa paroquial. Em vez disso, vemos o entusiasta indivíduo dedicar-se, com mais afinco, a um campo de ação sempre mais nítido; o próprio Seidmann reconhece: "de agora em diante, Münzer assume um significado na História". Ele não podia comportar-se doutra forma, estava bastante decepcionado para desistir e pactuar no meio do caminho; em vão Karlstadt tenta-o, ao procurar lançar todo o óleo da sua lampadazinha, no agitado mar em torno. Com vigoroso orgulho, ele, *nuntius Christi*, se opõe a Melanchton, *sanctarum scripturarum professori;* esboça-se fortemente a tensão com os adep-

tos de Wittenberg e sua crença, a qual, ao modo de um bom chefe de família, divide o pão, assim cabendo à liberdade dos povos ser dispensada, segundo a medida do paternalismo divino. Münzer aguarda pouco, ou nada mais, de tais potentados; no começo estava ele também em relações amistosas com o Conselho da pequena cidade de Wittenberg; uma carta do próprio Münzer a Lutero apresenta um estilo de solícita réplica, de exposição objetiva; a ruptura já estava, desde há muito, intimamente decidida, e Münzer surge, daí em diante. como um comunista revolucionário, quiliástico.

Assim ele reúne, em torno de si, os indivíduos com idênticas opiniões. Isto secretamente, embora transpirem os comentários. Num dia, trezentos estranhos assumem o compromisso de "enfrentarem juntos a vida e a morte". Como se verá, muitos se separaram cedo, entre os que de início estavam em amistoso contacto, como, por exemplo, o recebedor Zeyss e os membros do Conselho. Entretanto, muitos outros oprimidos se ergueram e cresceu a influência de Münzer entre as classes inferiores.

Ele excitava fortemente a atenção, por mais que não se quisesse deixar descobrir por qualquer um. Em breve os grandes senhores começaram a desconfiar do que havia contra eles em curso. Mansfeld, que proibira seus mineiros de comparecer aos sermões de Münzer, daí em diante o chamava, publicamente, de "herético empedernido e calhorda, e outros, apodos grosseiros e injuriosos". Em seguida Münzer lhe escreveu, já bastante ameaçador: "Sou servo de Deus, tanto quando vós, acalmai-vos, pois o mundo inteiro precisa ter paciência, parai de esbravejar, do contrário se rasga o velho manto"; e umas discussões, nada agradáveis, se desenrolaram. Mas se superava este litígio, quando o pregador se dirigiu ao Príncipe Eleitor Friedrich, que então tomou conhecimento da queixa, pela primeira vez, que se impedia a palavra de Deus com determinações humanas. Na realidade, os dois lados foram advertidos; o que, entretanto, agora perdeu a prédica de Münzer em violência pessoal, ganhou em clareza

fundamental, não contra um ou outro, porém no que era dirigida contra a humilhação e a opressão em si.

Em primeiro lugar, alguns burgueses só aderiram para satisfazer um pouco o orgulho. Excitados por sermão de Münzer, um bando de habitantes de Allstedt destruiu a capela da Virgem Maria do lugar vizinho, para dar fim "à pândega e à superstição, materializadas em cera". O Conselho recebeu, em seguida, ordem do Príncipe Eleitor para iniciar diligências contra os depredadores; o que não foi feito logo; o inquérito processou-se muito vagarosamente, já se temia um outro violento assalto contra os ídolos e também se admirava a compreensão burguesa; do modo mais dúbio se presenciou a proteção de um príncipe luterano à Virgem Maria. Até as próprias mulheres se lançavam à defesa, contra os guardas; uma rebelião da cidade pareceu iminente, a qual, pela primeira vez, muitos viram ser possível. Os sicários regressaram, expulsos, no dia seguinte. Os mineiros acorreram aos bandos e indagavam se Münzer, ou os habitantes de Allstedt, viriam a ser perturbados por querer a Palavra de Deus. Em breve — assim pregava Haferitz, coadjutor de Münzer — o poder seria transmitido ao povo comum, a transformação do mundo inteiro estava às portas. E Münzer — em plena exaltação, cônscio do início do movimento — escrevia a Zeyss, seu álgido amigo e já então dúbio, pois era um funcionário demasiado fiel ao Príncipe Eleitor: "Digo-vos que se deve prestar atenção muito intensa aos novos fatos do mundo atual. As velhas instituições não mais funcionam, de nenhum modo; pois não passam de espumas pretenciosas, como diz o profeta". Lutero apresentou-se em Orlamünde, da comuna de Karlstadt, e foi recebido com pedradas; embora consentisse numa intervenção muito reticente em favor do fortemente incriminado Münzer, indicando, de modo bastante desagradável, esperança no seu futuro, em breve ao alcance: "Ele se orgulha no seu recanto, porém não está ainda maduro; é melhor tolerá-lo o bastante, para descobrir o que nele está oculto, o que não é pouco". Eis porque os dois Príncipes saxões, vindos a Allstedt para inquirir o caso de Münzer, não só nada empreenderam de maneira decisiva contra o

tribuno popular em ascensão, como até conseguiram que pregasse diante deles. (Depois de novas pesquisas se constatou que, em lugar do Príncipe Eleitor Friedrich vierm o Príncipe Johann e o Duque Johann; de qualquer modo, estava o Príncipe Eleitor Johann em seu lugar e o representava). O Duque Johann era um áspero Senhor, com consciência de classe, porém seu irmão Friedrich, que deixou a lembrança de cristão moderado, admitia sensibilizar-se, não só politicamente, como também em matéria de Moral e Religião. De qualquer modo, permaneceu uma espécie de amarga luta fraterna, entre Münzer e Lutero, reformador da confiança de Friedrich; também o movimento comunista entrava em tal declínio, logo no seu impreciso início, de modo que, vários educados ideólogos de outras classes — inclusive o ultra-refinado Erasmo, simpático às reivindicações comunistas do Cristianismo primitivo e nele teoricamente interessado — mal pudessem dar-lhe apoio nominal.

E isto era tanto mais incômodo, devido ao fato do Münzer ter-se saído muito bem, enquanto pregador. Logo após sua primeira carta ao Príncipe Eleitor, dirigida contra o Conde de Mansfeld, entraram no prelo dois escritos seus, o que dava muito o que pensar. No Ano Novo de 1524, apareceu, como primeiro sermão, o *Protesto ou Proclamação de Thomas Münzer de Stolberg-no-Harz, guardião das almas de Allstedt, a respeito da sua doutrina e, em especial, da verdadeira fé e do batismo (Protestation odder empietung Tome Müntzers von Stolberg am Hartzs seelwarters zu Alstedt Seine lere betreffende, vnd tzum anfang von dem rechten Christen glawben, vnnd der tawffe);* seguido, em estreita conexão, por *Da fé fictícia em relação ao seguinte protesto emanado de Thomas Münzer, guardião das almas de Allstedt (Von dem getichten glawben auff nechst Protestation aussgagenn Tome Müntzers Selwerteers zu Alstedt),* 1524. Mostra-se-á, depois, o que exatamente se reivindicava aqui; o primeiro escrito dirige-se contra o batismo antes da idade da razão, o segundo mostra, enquanto advertência e tratado, como se foi tão longe, que não se pode mais tratar com Deus, a partir do que se roubou à Bíblia. A fé roubada precisa, porém, ser antes destruída, pois só o indivíduo decaí-

do, que conhece a angústia suprema e a mais alta penitência, torna-se capaz da fé e digno da palavra de Deus, a qual fala à intimidade da alma e é ensinada pelo próprio Deus. É nítida a referência contra o princípio luterano do apego à Escritura, embora o nome de Lutero não seja mencionado; não é a primeira vez que Münzer insiste na conquista da fé como uma tarefa pesada e gradativa, enquanto Lutero a definira como alheia à força do crente, como livre ato só de Deus, sem consideração aos méritos morais da pessoa. Raramente se cruzam assim duas maneiras, pois, sendo embora *política*, sua linguagem é também fundamentalmente *teológica*, não querendo Münzer deixar-se espionar por ninguém: para que isto de fato suceda e torne-se público, o carismático reivindica uma Assembléia dos Eleitos de todos os povos, como único instrumento adequado para um juízo digno de confiança, em vez das audiências pseudo-teológicas, a portas fechadas.

> Quem for fraco, escreva-me amistosamente, que lhe darei, em resposta, uma boa e plena medida. Se eu errar, quero ser advertido também amigavelmente, diante de uma comunidade neutra, diante de todos, e não ser acusado sem provas bastante, num recanto. Mediante meu comportamento, quero orientar a doutrina da prédica evangélica e também não desprezar nossos irmãos romanos, que lentamente vêm atrás. Quero provar meu argumento; e ser-me-ia agradável se — em vossa ausência de compreensão, a atitude parecendo ridícula — ouvisses minhas respostas diante de todas as nações e crenças".

Eis o que surpreende e surge com sinal de grande agudeza e profundidade de instinto, que Münzer embora ordene o extermínio inplacável de todos os ímpios, coloque entretanto em primeiro lugar a luta de classes, no que se refere às nações estrangeiras, ou ele deixe ficar para depois o assunto, ao enfatizar a internacionalidade espiritual dos Eleitos entre si.

Pois, exatamente isto devia preocupá-lo, desde que, sua atividade outra de pregador estava orientada para fins puramente religiosos. O próprio Münzer contava, depois, a respeito deste tempo, na sua *Apologia bem fundada (Hochverusachten Schutzrede):*

Não aconteceu senão, em verdade, como todo o país testemunha, que o pobre e sedento povo buscava tão diligentemente a verdade, que todas as ruas estavam cheias de gente, vinda de toda parte, para ouvir como o ofício do canto bíblico e a pregação estavam organizados em Allstedt.

Pois foi exatamente Thomas Münzer *o primeiro entre os reformadores* a celebrar o ofício divino totalmente em língua vulgar, já na Páscoa de 1523, tendo de enfrentar a invejosa sabotagem de Lutero; Münzer é assim o autor da primeira regulamentação do ofício divino em terra protestante, para os cinco tempos de festa da Cristandade. Tratam do assunto os três outros escritos, redigidos em Allstedt, sem caráter político, ricos em sutileza de construção e de erudição teológica: *Ordem e recomendações do ofício alemão em Allstedt, por Thomas Münzer, guardião das almas constituído na Páscoa passada,* 1523 *(Ordnung und berechunge des Teutschen ampts zu Alstedt durch Tomam Müntzer, seelwarters ym vorgangen Ostern auffgericht, 1523),* Allstedt, 1524. — 2. *Missa evangélica alemã outrora celebrada em Latim pelos padrecos papistas e, para grande prejuízo da fé cristã, por eles apresentada como um sacrifício e agora organizada, neste solene tempo, para desmascarar toda a idolatria que há muito comportou esta abusiva prática de Missas (Deutsch-Euangelisch Messe etwann durch die Bebstischen pfaffen im latein zu grossem nachtyl des Christen glaubens vor ein opffer gehandelt, vnd jtzd vorordent in dieser ferlichen zeyt zu entdecken den grewek aller abgötterey durch solche missbreuche der Messon langezeit getriben.* Thomas Müntzer, Alstedt, 1524) — 3. *Ofício da Igreja alemã organizado para desmascarar o artificial disfarce sob o qual foi retida a Luz do mundo a qual agora brilha de novo nestes cantos de louvor e nestes Salmos divinos que, assim, edificam a Cristandade em pleno crescimento segundo a imutável vontade de Deus, para a ruína de todos os esgares pomposos dos ímpios (Deutzschen kirchen ampt Vorordnet, auffzumeben den hinterlistigen Deckel vnter welchem das Liecht der welt, vorhalten war, welchs vetzt widerumb erscheynt mit dysen Lobgesengen, und Göttlichen Psalmen, die do*

erbaneu die zunehmendeu Cristnheyt, noch gottis vuwndelbareu willen, zum vntergang aller prechtigen geperde der gotlosen, Altsedt; o último escrito apareceu, provavelmente, em 1524, e figura claramente como segunda parte da Missa alemanizada. De novo não cabe aqui discutir o conteúdo teológico, altamente original, desta liturgia alemã, e sobretudo seu sentido tão revolucionário, quanto espiritual, contido na tradução münzeriana dos Salmos; as imagens externas com certeza perderam o brilho, mas permanecem sua música e hinos, enquanto ordenações e fenômenos do espírito, enquanto úteis e insistentes testemunhos da lembrança religiosa. Só muitos anos após, Lutero introduzirá, em Wittenberg, a Missa em alemão, e então lhe será necessário imitar a liturgia de Münzer, que é também a de Karlstadt. A própria ortodoxia protestante atual reconhece que os argumentos invocados por Lutero, para justificar sua recusa, não são nem convincentes, nem viris: "A propósito, demorei tanto em aceitar a Missa em alemão, para não dar argumentos aos espíritos pobres e aos levianos adventícios, que não pressentem a vontade de Deus"; com efeito, o próprio Lutero não a aceitou e sua motivação é muito terrena, sem ter nada com a vontade divina, constando apenas do seu crescente despeito contra a popularidade de Münzer, a qual não podia alcançar. Contudo, as então inovações de Münzer sobreviveram de muito à sua queda; cantaram-se seus hinos durante todo o século, sua liturgia retorna sob nova forma através do ritual de Erfurt e, no caso de Braunschweig, a Missa münzeriana permanecerá não só até 1543, e sim alcançará o século XVIII.

Certamente esta maneira, de cantar em alemão, causou um efeito ainda mais perigoso, e o pregador devia esclarecer este mal entendido. Ambos os Príncipes compareceram, com relativa boa vontade, dispostos a ouvir um servidor da Palavra de Deus; mesmo de um modo incômodo, o discurso de Münzer não lhes deixou ilusões. O sermão aos Príncipes foi conservado, era uma exegese de outro trecho de Daniel; há menos pretexto para duvidar se este escrito corresponde essencialmente às palavras pronunciadas, pois o recebedor Zeyss, que então começava, nitidamente, a afastar-se de

Münzer, bem como o fazia Heferitz, enviou-o a Spalatin, com uma carta delatora, assegurando expressamente a identidade do texto pronunciado, com o texto impresso. O sonho de Nabucodonosor, a grande estátua com pés de barro e a pedra que a destrói, jaz na base do sermão sobre a explicação de Daniel a respeito, a qual favorece uma exegese altamente revolucionária. Seu conteúdo está aqui reproduzido em pormenores, porque implica de imediato em ação política; este sermão traz, contudo, impresso o irônico título pastoral: *Exegese do segundo capítulo do profeta Daniel, pregado no castelo de Allstedt, diante dos dignos Duques e Protetores da Saxônia, em exercício, por Thomas Münzer, servidor da palavra de Deus, (Aslegung des andern vnterschevds Danielis den propheten gepredigt auffen Schlos zu Alstet vor den tetigen thewren herzcogen und vorstehern zu Sacssen durche Thomam Münzer diener des wordt gottes,* Alstedt, 1524). Pretende ele que o Senhor ainda hoje fala também aos seus, dando-lhes forças para exprimir-se, olhar e julgar com clareza. Os peritos em Escritura Sagrada certamente afirmam que Deus não Se manifesta mais aos seus queridos amigos através da História e da palavra oral: "deve limitar-se à Escritura". Contudo, só através da renúncia a todos os devaneios e morte dos prazeres carnais, através também da decidida coragem em receber a verdade, torna-se o Homem sensível ao convívio com a revelação divina:

> Com efeito, um espírito apostólico, patriarcal e profético, espera e recebe visões com dolorosa inquietação, pois não é surpresa que o Irmão Gordão e o Irmão Gozador não o aceitem. É verdade, e considero-o enquanto tal, que o Espírito de Deus agora mesmo Se revela a piedosas pessoas eleitas; torna-se necessária uma oportuna, insuperável e futura Reforma, e porque ela precisa ocorrer, embora não possa realizar-se, permanece inapagada a sábia advertência de Daniel.

Assim Münzer se expõe com audácia; antes disto já escreve ao Duque Johann que os Príncipes levem em consideração o que ele lhes mostra por revelação divina, e sua primeira carta ao Príncipe Eleitor Friedrich, contra o Conde von Mansfeld, obstáculo ao

Evangelho, contém já a frase, ecoando de novo Praga: "Necessita-se de um novo João, que venha de Elias em espírito, para soprar as sonoras e vibrantes trombetas, a fim de que elas ecoem com a ânsia de conhecer Deus e que ninguém seja poupado na Terra, quando se opuser à sua palavra". Nada diverso foi o apelo de Münzer a ambos os Príncipes:

> Para que a verdade possa ser bem trazida à luz do dia, os governantes precisam (graças a Deus por bem, ou por mal) conformar-se ao fim do capítulo II, versículos 48 e 49, de Daniel, que diz que Nabucodonosor constituiu o virtuoso Daniel em magistrado, para que ele pronunciasse boas e justas sentenças, segundo diz o Espírito Santo no Salmo 5.

O contraste entre o sentimento münzeriano de missão, e o paradoxal servilismo de Lutero, aparece muito nítido, em especial, nesta frase; de fato, Lutero era tão pouco "magistrado", era um sacerdote tão cortesão, tão disposto a curvar o espírito diante do poder temporal, que, nele se legitimava todo o rebaixamento espiritual na Alemanha. Assim Münzer se dirigia, então, antes de tudo, contra as "*fingidas bondades*", daqueles que parecem amistosos, porque cometem permanente injustiça sem se pertubarem: "Pois são os próprios inimigos desta rebelião que a provocam, com todos os pensamentos, palavras e obras; quando alguém se opõe aos seus esgares, dizem logo que é um subversivo". E surge uma poderosa antítese contra qualquer sutil hipocrisia, que crê que se seguem as pegadas de Cristo exatamente *quando se comete impertubavelmente a injustiça:* "Creio, porém, que aqui os nossos eruditos vão me opor a bondade de Cristo, a bondade de Cristo em destruir as raízes da idolatria". Em seguida, contudo, se encontram repetidas, neste sermão, todas as invectivas contra a "*fé fingida*": *aqui*, ao modo de Praga e segundo o tratado precedente, inclui Lutero entre os que amansam coisificam o caminho cristão:

> Eles roubaram a voz autêntica das ovelhas de Cristo e transformaram em ídolo fantástico o autêntico Cristo crucificado: pisaram, com violência, a nobre pedra de Cristo, tanto quanto quiseram, de modo que os infiéis

(turcos, judeus e pagãos em geral) nos insultaram da maneira mais vulgar e nos julgaram idiotas, como se deve mesmo fazer com os insensatos que não querem ouvir o espírito da sua fé.

Pois já chegou o tempo onde se pode vislumbar que os ímpios "não tenham direito a viver, senão na medida da vontade dos Eleitos". Deste modo, Münzer convocava finalmente os Príncipes a uma ação armada, em companhia do povo, "contra os maus, que impedem o Evangelho, colocando-o à margem e repudiando-o", se os Príncipes quiserem de fato ser outros servidores de Deus.

Não nos deis desculpas ocas, que o cabe à força de Deus, sem a participação da vossa espada, do contrário ela se tornará inútil. Deus disse a Moisés, no capítulo VII, versículo 5, do Deuteronômio, que não tendes piedade dos idólatras: quebrai seus altares, esmagai e queimai seus ídolos, a fim de que eu não me encolerize contra vós.

Não era outra coisa que valia para aqueles dias e tempos de luta final entre as trevas e a Luz do mandamento divino, revelado através de Moisés, dos profetas e do Cristo do Apocalipse; exatamente a profecia de Daniel, sobre o Quinto reino do mundo, permanecia com força intocada.

Começa agora a realizar-se a obra do fim do Quinto reino do mundo. O primeiro foi anunciado pela cabeça de ouro, era o reino de Babilônia; o segundo através do busto, e do braço, o reino dos medas e persas; o terceiro, o reino dos gregos, o qual soava a sua sutileza mediante o ferro; o quarto, o império romano, conquistado pela espada, reino da coação. Porém o quinto é este, que temos sob os olhos, que também é de ferro e bem gostaria de coagir, porém está salpicado de argila, como vemos claramente; velhos ataques da hipocrisia que se alastram empesteando toda a terra. Vê-se bem agora como juntas fornicam as enguias e as serpentes, no seu covil. Os padrecos e todos os maus ministros religiosos são as serpentes, segundo João Batista os classifica no capítulo 3.º de Mateus, e os senhores e governantes temporais são as enguias, figuradas no 11.º capítulo do Levítico a propósito de peixes. Oh, caros senhores, como se alegrará o Senhor, se forem as velhas cabeças esma-

gadas com uma barra de ferro!... Quem quiser ter mesmo este mandato, a ele é dado todo poder no céu e na terra.

Agora, porém, Münzer retorna ao seu tempo, no fim deste seu domoníaco sermão aos Príncipes; jubilosamente, perigosamente, de maneira extraordinária, entra em contraponto com o sonho de Nabucodonosor, a imagem da pedra que rola e destrói as colunas, e a imagem da outra pedra que os camponeses lançaram, e, finalmente ainda com a imagem da rocha sobre a qual a Igreja está construída:

Pois a pedra, arrancada ao monte, cresceu e os pobres leigos e camponeses a olham com muita ansiedade. Sim, Deus seja louvado, ela cresceu tanto que se vossos outros senhores ou vizinhos quisessem perseguir quem quer o Evangelho, seriam expulsos do seu próprio povo, bem o sei. Sim, a pedra é grande, já o mundo louco a teme há muito tempo: atacou-a quando era ainda pequena e que deve, pois, fazer, quando se tornou grande e poderosa? E por que arremeteu, com tanta violência contra as grandes colunas dos ídolos, e as destruiu até os velhos topos? Pois bem, vós, caros governantes da Saxônia, baseai-vos sobre a rocha da Igreja, como São Pedro o fez, em Mateus capítulo 16, e procurai a certeza da vontade divina e ela ali vos manterá, com firmeza, segundo o Salmo 39.

O sermão do exaltado Münzer retoma, assim, no fim, sempre mais nitidamente, seu começo, seu exórdio, sua introdução; procura fortalecer os Príncipes ainda hesitantes: "Deus está tão perto de nós que não acreditais" — eles deixam finalmente de parecer os chefes da Revolução cristã e transformam-se nos seus objetos, suas vítimas, seus adversários, numa assombrosa ironia extática.

Mas, para tudo isto acontecer depressa e convenientemente, devem então agir nossos caros pais, os Príncipes, que conosco comungam em Cristo. Se não o tentarem, a espada ser-lhes-á arrancada, conforme enuncia o capítulo 7.º de Daniel, pois só reconhecem a Deus em palavra e não em fatos. Se não quiserem cumprir o desígnio de Deus, alguém deve pô-los de lado, porém rezo por eles, com o piedoso Daniel, quando não se opuserem à Revolução Divina; onde, porém, constituirem

obstáculo, que sejam degolados sem qualquer piedade, do modo que Hísquias, Josias, Ciro, Daniel e Elias (I Reis, XVIII) aniquilaram os sacerdotes de Baal; do contrário, a Igreja cristã não retornará às suas fontes. Deve-se arrancar o joio das vinhas de Deus, no tempo da colheita, e, então, o belo trigo vermelho ganhará raízes sólidas e crescerá certo: — contudo, os anjos, que afiam sua foice, são os fiéis servos de Deus, que executam o que a Sabedoria Divina decidiu com zelo. Sede apenas ousados! Quem quiser ter o próprio mandato, a ele todo poder é dado, no Céu e na Terra. Segundo Mateus, no último capítulo, que ele nos guarde eternamente, amantíssimos, amém!

O Duque Johann expulsou da Saxônia o impressor deste sermão, logo que ele foi editado; os destemidos escritos seguintes de Münzer passaram a ser submetidos à censura do governo ducal, em Weimar.

Em breve ainda outras queixas foram acrescentadas contra este indivíduo perigoso. Na medida em que se revela a sempre inconfundível ação de Münzer nas crescentes agitações do país. Foram procurados e organizados não só camponeses, como também, e antes de mais nada, mineiros aptos a empunhar armas, ampliando-se os depósitos acumulados. O agitador procurava igualmente outras comunidades, para acrescentá-las à ramificada conspiração, de modo que os habitantes de Orlamünde, sob o comando de Karlstadt, também se decidiram pelos Inspirados. Contudo, não foram aceitos e receberam uma lição sobre "como se deve lutar cristãmente", pois sua moleza revisionista chocou vivamente Münzer. Daí ele, com mais energia e prontidão, ter enviado seus emissários à Erzgebirge, Francônia e Suábia, os quais "percorriam o país, não se mostrando à luz do dia e não se responsabilizando em público". Münzer queria levar a grande rebelião alemã a alastrar-se de Allstedt: "a correta melhora, que acontece, se a Santa Cristandade se separa, com todo entusiasmo e forças, das súplicas frenéticas dos celerados". Os latifundiários e os clérigos deviam ser alijados, por idêntica atitude evangélica; o que a conspiração entendia, porém, como puramente político, segundo o Evangelho, será explicado após por Münzer, sob tortura, ao responder a esta pergunta: "Vosso progra-

ma, que quisestes pôr em prática, era que todos os bens fossem comuns *(omnis sunt communia)*, e que cada qual deve receber segundo suas necessidades, conforme as circunstâncias?" Contudo, através de um delator, que se insinuara, estava o Príncipe bem informado sobre a Liga Secreta; isto contribuiu para que, em conjunto com as outras queixas, os governantes em exercício soubessem o essencial e nada mais tolerassem ouvir com prazer sobre o profeta Daniel. E não era tudo, ainda, pois Lutero investiu abertamente contra a "Fúria de Allstedt", não só contra Münzer, como talvez ainda mais contra a sua clarividente perspicácia, a qual não o levou a Wittenberg, covil dos arqui-inimigos, para ser ouvido em pessoa a respeito da Liga Secreta, apesar do convite de Lutero. Exatamente a partir daí, Lutero passou a fazer grande ruído, na sua enfim explosiva *Carta aos Príncipes da Saxônia sobre o espírito sedicioso (Brief an die Fürsten zu Sachsen von dem aufrührischen Geist)*, impressa em Wittenberg, 1524, na qual insulta Münzer como covarde, por não querer pôr à prova sua doutrina, preferindo, ao contrário, omitir-se à luz, no seu recanto. Lutero, porém, teria tomado suas responsabilidades diante dos seus inimigos, sem temor, em Leipzig, Augsburg e Worms:

> não é, com efeito, nada correto da sua parte, esconder-se sob nossa sombra, nossa vitória e nossas conquistas, sem ter contribuído para elas, e, além disto, usando-as contra nós; é de mau caráter sentar-se entre nós e festejar-nos; que ele viaje daqui uma vez, como fiz, e arrisque-se fora deste Principado, para ver-se onde está o seu discernimento.

Münzer respondeu a esta fanfarronada, pouco depois, como ela merecia, no seu panfleto de Nuremberg, bem como à ambigüidade, com a qual Lutero termina sua carta, dizendo que não reivindicava sanção contra o punho erguido em Allstedt. Um pouco mais tarde, a palavra pronunciada em Allstedt e sim contra Lutero deixou de ser tão sensível às coisas de "punho", quando se iniciou a luta armada contra os camponeses, pois Lutero, segundo queixa levada ao Duque Johann a respeito do proibido panfleto de Münzer, acabou agindo

com toda sua força, para que mesmo o espírito de Allstedt também fosse domado e submetido à censura. A correspondência do denunciador de hereges, depois juiz deles, não é exatamente muito lisonjeira para seu autor. Lutero aceitou, de 1517 a 1522, o apoio de todos os elementos democráticos-revolucionários e correspondeu às suas esperanças; quando, porém, não pôde mais controlar os acontecimentos, tomou o partido dos vencedores — traindo de início a oposição senhoril, sob a liderança de Sickingen e Hutten — e depois se voltando contra a Revolução camponesa-proletária-quiliástica, muito mais perigosa. Com efeito, o próprio Lutero escreveu textualmente:

> Eis porque, Alteza, não se deve mais nem dormir, nem negligenciar, pois Deus exigirá as contas, e quer ter resposta, a respeito de um tal descaso no sério uso da espada admitida. Do mesmo modo, não seria perdoável também diante das pessoas e do mundo, que Sua Alteza tolerasse o punho subversivo e audacioso.

O Duque Johann não podia opor-se, de nenhuma maneira, a tal frenético impulso e poucos dias após a denúncia de Lutero, em fins de julho de 1524, três meses em seguida ao assalto à capela e ao sermão inspirado em Daniel — convocou Münzer à audiência, no castelo de Weimar.

Ele negou ter insultado ambos os Príncipes, do alto do púlpito. Muito mais importante era a acusação de ter fundado sociedades secretas, sob pretextos implícitos na Escritura Sagrada. Münzer foi aqui muito acusado pelo recebedor Zeyss, Chultheiss de Allstedt, e dois dos membros locais do Conselho: "Eles seriam gente pobre, sem compreensão; o que procederam, ou fizeram, foi instigado pelo pregador". Deste e doutros modos, falavam os pequenos burgueses, mansos e abalados, que, aliás, não deixavam de ter participado nas ilegalidades cometidas. Münzer não se sentia obrigado a tomar uma posição, senão defensiva, em relação à sua Liga Secreta, recusando-se assim a conduzir discussões teológicas em condições desfavoráveis; no que diz respeito à sua versão, em breve partidária, redigida em estilo indireto, só se declarou pronto a "responder,

perante uma assembléia onde não estivesse em perigo". Conforme fonte ainda menos segura, em seguida Münzer deve ter saído da Chancelaria "com um rosto tão lívido quanto o de um cadáver", convencido que precisava interromper, quanto antes, seu sólido trabalho conspiratório já iniciado. Münzer foi, pois, assim, despedido também com a ameaçadora advertência que o Duque Johann em seguida queria reunir-se com o Príncipe Eleitor, "e o que fosse de gosto das Suas Altezas lhe seria comunicado em breve". O pregador regressou, portanto, de Allstedt, com alguma certeza de sua próxima perseguição, e ali soube do pedido de extradição, contra ele feito por outro Duque da Saxônia, Georg o Barbudo, a cujo território de Sangerhaus, Münzer enviara emissários subversivos. Em vão tentou precipitar os acontecimentos, procurando desencadear uma rebelião séria, confiando nos Eleitos e na força da sua organização; da Torre de Wiprecht, sua residência, diz-se ter convocado o povo às armas e à rebelião. Alguma esperança parece ter também existido, pois Zeyss — o dúbio questor, assustado com tudo, ora da esquerda, ora da direita, homem não propriamente capaz — propôs ao Príncipe Eleitor que Münzer não fosse condenado sem ser ouvido, do contrário "temíamos que uma grande agitação e derramamento de sangue pudessem rebentar por isto, desde que muita consciência honesta admite, e não aceita outra coisa, senão que a doutrina de Münzer edifica e explica melhor a fé cristã que a de Lutero". Não aconteceu, porém, que qualquer um tomasse o poder; o próprio Conselho já estava há muito decidido contra seu incômodo pastor de almas; Münzer via, com "olhos bem abertos, que esta gente dava mais valor ao seu juramento e aos seus deveres, que à palavra de Deus", e, assim, o pregador abandonou Allstedt, em segredo, no verão de 1524, quase um ano e meio após sua chegada na cidade da grande decisão. Aqui ele apenas se despedaçou a si mesmo e aos outros; "sucede que alguém se levanta na madrugada e continua andando, porque há uma Igreja no Oriente"; no presente mais vital: amor, fraternidade, sociedade secreta, liturgia alemã, rebelião, prédica diante dos Príncipes, furor da expulsão, chamas fantásticas de um

futuro presumivelmente próximo, iluminavam o áspero e sombrio caminho de um mártir, que ia perder-se mais uma vez. Contudo, então pareciam de fato consumados os tempos, sobre os quais Israel sonhava desde as origens; a resistência fraquejava, e a mais distante profecia correspondia, de súbito, a uma ação e a uma política representadas por eles próprios.

Daí Münzer ter-se mudado para outra parte, onde se anunciava nova luta. Em Mühlhausen, os pequenos acabavam de levantar-se, com êxito, contra o Conselho Municipal. Talvez sob influência de Münzer, seu chefe, o monge apóstata Pfeiffer procurava atrair então também os camponeses e proletários suburbanos; os acontecimentos tomaram novo rumo, e, de início, também resultaram em sucesso. Contudo, em breve, os artesãos e comerciantes se atemorizaram, os vencedores se dividiram, e o partido pequeno burguês mais radical acabou vencido pela fortalecida fidelidade à situação dominante. Era a hora do Conselho cumprir a urgente solicitação de Lutero, a qual estava baseada, de modo peculiar, numa espécie de insegurança: "se Münzer diz, pois, que Deus e Seu Espírito o enviaram, como aos Apóstolos, pedi-lhe para prová-lo com sinais e milagres, porém evitai que pregue, pois, onde quer modificar o hábito, apresenta, ao mesmo tempo, sinais milagrosos". Münzer acabou expulso pelo triunfante Conselho, sem ser ouvido e sem provas, já em fins de dezembro, e teve em breve que olhar outras estrelas, certamente em companhia de Pfeiffer, também expulso de Mühlhausen, Pois Münzer podia, também sem isto, imprimir um manuscrito, durante sua curta e movimentada estadia em Mühlhausen, o qual fora terminado nos últimos dias em Allstedt: *Expressa denúncia da falsa fé do mundo infiel, através do testemunho do Evangelho de Lucas, apresentada à Cristandade miserável e digna de compaixão, para lembrança dos seus erros (Aussegtrückte emplössung des falschen Glaubens der engetreiven Welt, durche gezeugnus des Evangelions Luce, vorgetrangen der elenden erbermlichen Christenheyt, zur innerung ihres irsals)*, por Thomas Münzer, com o martelo, em Münhlhausen, 1524. Este planfleto tem, por outro lado, seu lugar excepcional na representação do

seu pensamento; ele esclarece a substância da poderosa doutrina, do modo mais explícito; logo na primeira folha, já prega Münzer, de martelo em punho: "Caros companheiros, alarguemos a brecha, para que todo o mundo veja e queira perceber quem são nossos grandes senhores, que assim fizeram de Deus um ídolo pintado". Não menos inflamados, no plano interior, eram ambos os postulados do primeiro capítulo de Jeremias, adaptados admiravelmente a qualquer consciência revolucionária:

> Eis aí, te constituí Eu hoje sobre as gentes, e sobre os reinos, para arrancares e destruires, e para arruinares, dissipares, edificares e plantares ... Porquanto Eu te fiz hoje uma cidade fortificada, e como uma coluna de ferro, e como um muro de bronze, sobre toda a terra, diante dos reis de Judá, dos seus príncipes e sacerdotes, e do seu povo. E pelejarão contra ti, mas não prevalecerão: porque estou contigo para proteger-te, diz o Senhor.

Assim Münzer apresentou os Monarcas exatamente como eles são, pois nada neste mundo lhes pertence, toda sua vida é animada por Deus, da maneira mais clara. Ergue-se a proclamação de Münzer sob o duplo signo de Jeremias; e não é fora de propósito que vemos aqui reafirmada e confirmada, ainda uma vez, a observação de Kautstky, a respeito da preferência de todos rebeldes religiosos pelo Antigo Testamento, dos taboritas aos puritanos construindo sobre base principalmente burguesa-democrática, acrescentando-lhe o Apocalipse, análogo aos profetas, como Signo da Verdade. Lutero, não menos resoluto, escolhera a "Sociologia" cesarista do Novo Testamento, para legitimar o seu desvio, o seu ódio ao Decálogo, a sua separação entre Estado e Fé; para ele, os Dez Mandamentos não passavam de "saxônico espelho judaico", e o Apocalipse mal parecia, à reação, "maior saco de malícias de todos os chefes de quadrilha". A denúncia de Thomas Münzer, contra a prostituída Babilônia, baseia-se, contudo, tanto em Moisés, quanto na maldição apocalíptica.

Em relação a esta maldição, acabaram-se os dias de espera e de hesitação. Chegou o tempo dos seifadores da colheita, "eis que, agora, clama o joio: a

colheita ainda está longe". Os pasquins luteranos intimidaram a comunidade, porém tornaram mais afoitos os opressores assim, "é necessário, do modo mais infinitamente intenso, opor-se ao crescente Mal, com o testemunho da destreza cristã". A fim de que os piedosos não mais permaneçam separados, Münzer lança-se

> ao assalto, para alargar a brecha da muralha, na confiança de que todo o Mal — infligido pelo comportamento ímpio dos corruptores dos servos da Critandade, agora que aquela maneira elevou tanto sua fé literalista, que chegou a renegar o gratuito Poder Divino e que, com sua falsa palavra e sua falsa fé — pretende enlouquecer e fantasiar Deus, segundo se pode também observar! ... Pois cada um vê e nota, que ela busca as honras e os bens terrenos. Por isto, precisas tu mesmo aprender, homem simples, para que não sejas mais enganado! Que te ajude o próprio Espírito de Cristo, o qual não passa de objeto de irrisão para os nossos eruditos, e para a sua ruína, amém!

Este exórdio aos pobres, e o Quiliasmo no centro inarredável da perspectiva:

> Cada um veja bem, que a fé de um homem *carnal* é uma coisa impossível. Por que, então, o Irmão Boa Vida e o Pai Fala Tudo, se apresentam tão veementes e ambíguos? Quem se apossa de honras e bens, acabará, para sempre, com as mãos vazias da Graça Divina, como Deus afirma no Salmo 5.º, aos de coração orgulhoso; e por isto devem ser os poderosos, os egoístas, os ímpios, *arremessados do trono*. E por isto reina Herodes, o sangue piedoso no qual se esgota o nobre deste mundo, para que seja proclamado o Bem mais nobre e mais alto, em oposição ao bem dos ímpios. Em nossos tempos, e não noutros, começam a pilhar o seu povo, a prendê-lo, a maltratá-lo, a espoliá-lo, ainda ameaçando toda Cristandade e punindo e matando vergonhosamente os seus e os estranhos, da maneira mais violenta, a fim de que Deus não possa mais suportar, nem ver, este jugo, após a prova imposta aos Eleitos. Assim se revela o próprio comportamento de Herodes, o domínio temporal, como o santo Samuel profetizou, ao lado do Oséias: Deus, na Sua cólera, concedeu o mundo aos Senhores e Príncipes, e, ainda na Sua cólera, o retomará. Desde que, com efeito, o homem, ao afastar-se do Criador, preferiu as criaturas, é infinitamente justo que tenha mais a temer das criaturas que do Criador. Por isso, diz

São Paulo aos romanos que os Príncipes não existem para temor da boa obra, e sim para horrível pavor dos que praticam o mal. Daí não haver senão o carrasco, e seu ajudante, eis toda a sua tarefa; qual é, então, a má obra, senão temer e respeitar à criatura, mais que ao Criador? Contudo, a *Fé, em todo o seu fundamento,* propõe-nos coisas impossíveis, às quais os afetuosos nunca imaginam que devam entrar em ação. Oh! Como se conhece bem a arguta razão, que se ocupa hipocritamente com o Amor do próximo, para enfeitar-se o mais ostensivamente! Sim, inúmeros são os que consideram tratar-se de um grande sonho — não podendo julgar doutro modo, pois lhes é impossível que se instaure e se realize uma situação tal, que os ímpios sejam derrubados da cátedra e os humildes e rudes exaltados! Entretanto, trata-se de uma bela crença, e ela ainda propiciará muita bondade, ao preparar *convenientemente um povo sutil,* como o filósofo Platão especulou sobre a República e Apuleio sobre o ouro. Assim *deve a Cristandade vir a ser reconstruída,* de modo que se ponham de lado os ávidos ímpios e sejam transformados em servos dos cães, pois mal servem para isto e ainda queriam ser prelados da Igreja cristã! Na verdade, assim é necessário que muitos despertem, a fim de que, através do mais alto zelo e da mais ardente seriedade, a Cristandade se liberte dos governantes ímpios.

Münzer não só deixou este sermão em rascunho, na sua audiência judicial em Weimar, como até sua explicação de São Lucas (outras, às quais devia chegar, não mais conseguiu) foi transmitida, com o testamento, aos seus companheiros e Eleitos da Turíngia, onde Münzer pensou, por muito tempo, estabelecer o centro da Revolução Alemã.

7. No exílio

Todavia, desta vez a contra-gosto, rumou para o exterior, pobre como sempre. Em Bebra hospedou-se com o fiel e devotado livreiro Hut, que já divulgava largamente seus escritos.

Em Nuremberg descansou, pela primeira vez, deprimido e, no mais, consciente da pesada tarefa. Escreve a um dos discípulos mais jovens: "Se podes, ajuda-me com um óbolo, do tamanho que quiseres. Porém se o fizeres de má vontade, não quero receber vintém". E, no mesmo tom, mostrando sua profunda von-

tade de sacrifício: "... Caro irmão Cristóvão, nossa tarefa se tornou igual a um belo grão de trigo vermelho, do qual os homens sensatos gostam de cuidar, quando está ao seu alcance; mas, se for lançado ao chão, não crêem que germine. João Apóstolo, capítulo 12." Münzer deve, aliás, ter tido amigos em Nuremberg, do contrário Lutero não teria aqui advertido contra ele, e Melanchton não teria escrito, na sua arquimentirosa *História de Thomas Münzer:* "Deus protegeu, em especial, esta cidade, porque Thomas não se estabeleceu ali. Pois, se o fizesse, poder-se-ia temer que mais de um distúrbio se desencadeasse na Turíngia". Três dos companheiros de Dürer, mais dotados, se juntaram a ele, os quais mais tarde se distinguiram como gravadores, e acabariam passando algum tempo na cadeia. Não está excluída até alguma influência de Münzer em Dürer, o qual conhecia tão bem o Apocalipse, que o gravara na madeira e na própria carne. Mesmo quando não pregava publicamente, o profeta atuava na penumbra, e nas tavernas e oficinas, queridas de Villon. Entretanto, não parecia favorável a Münzer a possibilidade de uma rebeldia, o regime doméstico era demasiado sólido e forte, apesar da intensa fermentação no velho centro.

Todavia, realizou-se aqui mesmo um desejo que, antes disto, parecia irrealizável. Münzer há pouco pedira ao Príncipe Eleitor que lhe permitisse responder a Lutero, para justificar-se diante dos seus adeptos. Para isto não houvera tempo; agora, porém, Münzer podia, finalmente, livre dos policiais e da censura, responder às difamações que o "mentiroso Lutero lançara contra ele, na sua vergonhosa carta aos Duques da Saxônia, onde ele se mostra tão furioso e odiento, quanto um poderoso tirano, sem qualquer consideração fraternal". Pouco antes da sua forçada partida, Münzer dera a entender ao Príncipe, "que tipo de ironia poderia resultar daí, quando ele devesse retribuir a Lutero sua boca suja", e deve-se reconhecer que cabia muito bem um choque entre os dois temperamentos; o que Lutero desejara, na sua carta, logo recebeu por completo: *causa aequat effetum.* Münzer imprimiu, em Nuremberg, seu mais famoso panfleto, *como último* im-

presso: *Muito bem fundada Apologia e Resposta a esta carne sem espírito que leva boa vida em Wittemberg e que, virando tudo pelo avesso, truncando a Santa Escritura, enxovalhou de maneira tão desoladora a miseranda Cristandade.* Thomas Münzer, de Allstedt. (*Hochverusachte Schutzrede und Antwort, wider das Gaistlose Sanfftlebende fleysch zu Wittemberg, welches mit verkehrter weysse, durch den diepstal der Heiligen schrift die erbemdliche Christenheit also gantz jämerlich besundelt hat. Thomas Münzer, Allstedter).* Por sua expressão colorida, e ao mesmo tempo sugestiva, que já brota por si mesma daquele título, pode-se calcular como deve ter atingido em cheio. Além disto, o escrito traz uma estranha dedicatória: "Ao Sereníssimo Primogênito Príncipe, e Todo Poderoso Senhor, Jesus Cristo, ao bom Rei de todos os reis, ao valoroso Duque de todos os crentes, Meu mais gracioso Senhor e mais fiel Protetor, e à Sua única e aflita Noiva, à pobre Cristandade". Quem quiser pode, com Kautsky, aí ver um belo achincalhe contra a contemporânea servilidade dos eruditos; ao julgar-se, porém, Münzer, segundo um critério religioso mais severo, mais conforme Münzer, então tal dedicatória, em semelhante escrito, soa de modo grotesco, numa faixa onde a piada de convento se torna intolerável; o descompasso, entre a magestade do destinatário, e o caráter do presente, avizinha-se surpreendentemente da blasfêmia. Por outro lado, porém, com certeza, a própria *Apologia* possui, de fato, inúmeras características de um grande panfleto: não só a dor, o desespero, a reta intenção, como que se voltam contra a atitude dúbia, e, tudo isto, com amarga ironia, contra os que se esquivam diante da responsabilidade. Além disto, a "crítica exacerbada" de Münzer é, antes de tudo, imanentemente construtiva; com efeito, como é fácil, aqui, descambar para o desaforo e como não é flecha o que parece flecha; quão freqüentemente permanece o insulto colado à boca de quem insulta, sem atingir o endereço visado, denunciando seu autor como *homom turpis.* Aqui, pelo contrário, no panfleto de Münzer, o grande Lutero do início, tão próximo ao Münzer do presente, ataca o Lutero final, par-

tidário dos príncipes, pronto a justificar a exploração e a tirania de classe, com a Sagrada Escritura.

Ressalta o Lutero da inveja, insatisfeito que o povo siga outro líder. Aparece o Lutero que engendra perfídias junto aos príncipes, a fim de que a liturgia alemã de Münzer não seja impressa. Desmascara-se, por completo, a notável hipocrisia de Lutero: ele não queria combater os atos de Münzer, porém seu espírito; certamente, diz Münzer, "a virgem Martinho (Lutero) casta prostituta da Babilônia", não o condena, apenas o denuncia. A boa vida de Lutero que ostenta martírios, será, d'agora em diante, medida no sangue das suas vítimas: "Causa-me muita espécie que este monge sem-vergonha venha a ser perseguido por seu bom vinho moscatel e seus repastos prostituídos". Não de outro modo se deixa desmascarar o Lutero lambedor de botas, o reformador recente e já enfim com objetivos deformados: "Os pobres monges, padres e comerciantes, não podem se defender, por isto os atacastes, pois ninguém deve julgar os governantes ímpios, embora se esmaguem, com os pés, aos cristãos!" Desde antes, na audiência judiciária em Weimar, Münzer exclamara: "Pois bem, se os luteranos conseguiram apenas vexar padres e mongens, então não precisaram incomodar-se!" Os sarcasmos do próprio Münzer, contra "o Papa e seus companheiros", foram passando a um plano inferior, à medida que ele compreendia ser a tirania tão abominável quanto a dos príncipes católicos, e exige a aliança dos Eleitos, a saudade do Bem e o Logos, apesar de todas as mutilações da Fé. Eis aqui e autêntica Reforma, e assim entra em ação também o escárneo, que atinge a servilidade de Lutero, "o maravilhoso salvador", que dá grandes títulos aos príncipes:

> Porque os chamais Sereníssimos Príncipes? O título não é, aliás, deles, e sim de Cristo. Porque os chamais de bem nascidos? Eu pensava que fostes cristão, e não passais de um arquipagão, que fabricais Júpiteres e Musas.

Tendo assim descrito o essencial, surge desmascarado o Lutero político, o ideólogo das classes tirânicas, que usa dois pesos e duas medidas.

> o compadre espertalhão, o amável companheiro, que diz que desejo promover a subversão, segundo conclui da minha carta aos mineiros. Diz uma coisa e silencia outra mais importante: que, segundo afirmei diante dos Príncipes, uma comunidade inteira possui o poder da espada, bem como as chaves da Salvação, e que, conforme os textos de Daniel (Capítulo VII), do Apocalipse (VI), da Epístola aos Romanos (XIII) e dos Reis (I, 8), os Príncipes não são senhores e sim servos do poder da espada. Portanto, não a devem usar ao seu bel prazer, e sim à serviço da prática do Bem. Portanto, o povo precisa lembrar-se do bom e velho costume, se quiser ser julgado segundo a Lei de Deus. Eis porque, se a autoridade quiser pronunciar uma sentença injusta, então devem os cristãos rejeitá-la e não suportá-la, pois Deus exige contas do sangue inocente derramado. A maior infâmia na terra consiste em que ninguém quer tomar para si a miséria do pobre; os grandes deste mundo agem como querem. Eis, pois, o auge da avareza, do sonho e da pilhagem dos nossos Príncipes e senhores: apossam-se de toda criatura, sejam peixes n'água, aves no céu ou plantas na terra; tudo deve ser seu. Em seguida espalham o mandamento de Deus entre os pobres, e dizem: Deus ordenou que não roubeis! Contudo, não acharam uso deste mandamento para si mesmos. Ei-los, então, a sobrecarregar todos os homens, o pobre camponês, o artesão, e a sufocar e oprimir todo aquele que vive. Assim, quem quer que agarre o menos que seja, deve ser enforcado, e o Doutor Mentiroso diz logo amém! Os Senhores fazem o mesmo, para que o pobre se torne seu inimigo; se não querem afastar a causa da revolta, como se melhorará a situação a longo prazo? E se falo assim, sou classificado como subversivo.

E, ao mesmo tempo, aparece aqui a oportunidade para devolver a acusação de covardia lançada por Lutero contra Münzer, como ele não quer ceder desde a primeira suspeita em relação ao nome de Münzer. É revoltante que, até hoje, se continue atacando, com má fé, a pretensa convardia de Münzer, por conta das mais ocas veleidades, enquanto Lutero, no primeiro dia do seu interrogatório em Worms, diante do promotor imperial, perguntado se continuava fiel aos seus escritos ou se os renegava, os autos documentam que ele pediu tempo para pensar, "com voz quase desfalecida". Como se silencia tudo isto, tão sofregamente, apesar de ser talvez tão importante, embora de modo relativo... Ora, se se faz vista grossa a isto, não deve também

ser medido Münzer no conjunto da sua existência revolucionária, nunca oportunista? Desde sua juventude, sempre este homem remou contra a corrente; em Allstedt ele pregou diante dos Príncipes num tom mais audacioso e dionisíaco, que ninguém ousara diante de qualquer Nabucodonosor; com efeito, é absurdo, da parte de Lutero, comparar a conspiração de Münzer, perseguido por todo poder estabelecido, com seu gesto em Worms, preparado e negociado sob a proteção do mais poderoso Príncipe Imperial, Frederico da Saxônia, Eleitor de Imperadores. Nada mais óbvio que os rebeldes buscam apoio secreto, através de "murmúrios ocultos nos recantos", para preparar a rebelião concebida, mais notória, enquanto a reação permanece vigilante pois só se torna fácil a ação dos que podem movimentar-se à luz do dia. É verdade que não faltou coragem a Lutero, para ir a Worms; o êxito pela metade do Édito de Worms contra Lutero, seus escritos e sua doutrina revela implicações que em breve deviam aprofundar-se ainda mais, porém, não menos admiração despertou a Fé de Lutero entre os Príncipes, não só como um meio para acalmar o povo, como também enquanto retórica a mais brilhante, para justificar novas espoliações dos bens da Igreja (católica), ao modo dos Hussitas na Boêmia. Münzer apresenta assim uma grande visão econômica-histórica, ao desmascarar as basófias de Lutero:

> Diante dos teus feitos, alguém bem que se cansa da tua absurda loucura, quando te apresentas à Dieta do Império, em Worms, graças à nobreza alemã, cuja boca adoçaste e lambusaste, pois ela não visava senão a repetir o exemplo tcheco, apossando-se dos claustros e mosteiros que prometeste aos Príncipes. Se tiveste vacilado em Worms, terias sido assassinado pela nobreza, todo o mundo o sabe. Tu te deixaste prender por teu próprio conselho, e eis-te em situação nada agradável; quem não conhecesse tua calhordice, juraria, pelos santos, que eras um Martinho de fato piedoso.

Todo o ódio de Münzer contra este tipo de piedade, contra o Lutero da última fase, contra o indivíduo de má fé e de derrotismo moral em assuntos de crença — que quer misturar, com calma descarada,

tanto o Mal quanto o Bem, explode, com repugnância e cólera, nestas palavras:

> Estás cego e queres guiar todos os cegos. E queres ferir o próprio seio de Deus, pois não passas de um pobre pecador e um verme venenoso, com tua imunda humildade. Eis o que concluiste com tua fantástica interpretação de Santo Agostinho, com efeito uma blasfema exegese do livre arbítrio, ao desprezar com insolência os homens. Enganaste à Cristandade com uma falsa fé e, quando a vês cair na miséria, não a ajudas.

Não surpreende, depois disto tudo, que Münzer fosse expulso de Nuremberg e, ao mesmo tempo, seu panfleto confiscado. Apesar de tudo, este circulou de mão em mão, pouco antes da Guerra Camponesa; o Povo, sentia-se finalmente identificado e representado pelo grande comportamento grosseiro de Lutero, olhava, d'agora em diante, o pasquim de Münzer com expressão da sua mais última decepção e amargura; Lutero devia pagar seu quinhão, com sua própria carne e sangue, e não só invocando a Epístola de São Paulo aos Romanos. Mesmo após a Guerra Camponesa, continua-se a notar a permanente influência desta acusação difamante, embora o panfleto tenha sido destruído, até tornar-se impossível ser encontrado; mais tarde, inclusive inúmeros pastores luteranos usaram a linguagem münzeriana contra os

> falsos patrocinadores de guerra evangélica, que não ardem uma única vez com os mandamentos de Cristo, a serem controvertidos com muito maior razão; toda esta claque de rastaqüeras, falsos profetas que derramam o lixo da vossa idolatria e da vossa prostituição, de vossos homicídios e roubos e feitiçarias, sem se preocupar com a perda de José.

Lutero limitou-se a exigir o confisco de um panfleto tão altamente agressivo; nunca respondeu a Münzer, não encontrando humor, nem argumentos, para isto.

Entretanto, por mais que os senhores bradassem, alastrava-se cada vez mais a inquietação. Ela recebeu reforço dos camponeses suíços, para os quais há muito se olhava com ansiedade. Estes, e os anabatistas de Zurique, receberam bem a mensagem de Münzer, pois,

desde quando acreditavam nele, ainda em Allstedt, tinham-lhe em conta do "mais puro arauto da Verdade divina". Seguro, sem dúvida, destes apoios Münzer partiu para a Alsácia, à Suíça, e, de volta, à Alta Floresta Negra, onde pôde constatar a energia da sua meditação. Parece que, na aldeia de Griesen, entre Waldhut e Schaffhausen, onde se encontrava em meados de outubro de 1524, recebeu e enviou emissário; é, aliás, difícil de precisar, até onde alcançava esta influência, pois não brotam de Münzer os famosos Doze Artigos dos Camponeses, como se pensava outrora, embora ele colaborasse na sua elaboração e, sem dúvida, animasse com seu entusiasmo e sua consciência espiritual quem os formulou. O mesmo deve ter acontecido com as poderosas correntes comunistas, que surgiram entre os anabatistas de Zurique, logo após a chegada de Münzer, a cuja forte influência podem ser atribuídas; Hubmaier, em Waldshut, e talvez mesmo o conjunto do movimento anabatista que mais tarde abriria com tanta força novos caminhos, viram-se então atraídos pela fascinação quiliasta, graças àquela nova estrela. Mais tarde, o próprio Münzer disse o seguinte, a respeito, em confissão arrancada às pressas, sob tortura:

> Que, em Klettgau e Hegau, perto de Basiléia, apresentou alguns preceitos sobre como se deve governar, tirados ao Evangelho, dos quais se deduziram outros preceitos. Que o pessoal dali o teria recebido, porém nem sequer pensou em visitá-lo. Não sublevara o lugar, o qual já se encontrava assim. Que Escolâmpio e Hugovaldo designaram-lhe a região, para pregar ao povo. E que, então pregou, nos seus sermões que, onde os governantes e o próprio povo são ímpios, deve-se restabelecer a Justiça.

Em *conseqüência*, um panfleto da época, conservado e originário do Sul da Alemanha, apresenta, na sua formulação, o nítido traço da influência münzeriana; se ele brota, provavelmente, não do próprio Münzer, pelo menos se aproxima das suas idéias, como se nota na furiosa violência do estilo e no fato que (ao contrá-

ric doutros programas de todo o mesmo Sul) não apresenta uma perspectiva divisionista e sim comunista:

> Com efeito, eles estendem a obediência demasiado longe. Desenham um homenzinho, e, até o presente, enganam o Mundo; adornaram-no como gentilhomem de Corte. Quando, porém, se examina a fundo este boneco, vê-se que não passa de um disfarçado espantalho. Fazem muito alarde da sua majestade e poder — porém onde estão estes lobos, com seus negócios, que acumulam encargos sobre encargos, nos ombros dos pobres até transformarem a corvéia, de uma alegre tarefa num ano, em uma opressora obrigação noutro? Em qual códice, Deus, seu Senhor, lhes concedeu tal poder, para que sejamos obrigados a construir seus bens, apenas em bom tempo, deixando que eles se estraguem, na época das chuvas, arrastando o suor do nosso sangue, gasto no trabalho do campo? Deus não pode tolerar, na Sua Justiça, este cruel cativeiro da Babilônia, a que, nós pobres, fomos relegados, coagidos a colher e moer seu trigo, a cultivar os campos, a bem semear o linho, arrancá-lo, ajeitá-lo, prepará-lo, aprontá-lo, enrolá-lo, tecê-lo, a colher as ervilhas, a juntar as cenouras e os aspargos. Deus nos livre! Onde se ouviu, pois, falar de tanta calamidade? Eles avaliam e arrancam aos pobres a medula dos ossos e ainda temos que pagar os juros! Onde estão, na Escritura, estes espezinhadores e corredores, jogadores e farristas, mais sórdidos que cães vomitando? Onde estão, com seu comércio e direito de tributar? Maldição ao seu quinhão humilhante e ao seu direito de pilhagem! Onde estão, enfim, os tiranos e exaltados que reservam para si próprios os impostos e taxas, e esbanjam, tão vergonhosamente, o que devia retornar à bolsa comum e servir à utilidade do país? E que ninguém proteste, pois do contrário será logo tratado como um sujeito traidor, maltratado, decapitado, esquartejado; tudo isto com menos compaixão que a merecida por um cão raivoso. Se Deus lhes concedeu este poder, em qual parágrafo está escrito? Sim, seu poder se encontra tão longe de Deus, que não passam de mercenários do Diabo, com Satanás por capitão: Deus só se alegra, ao máximo, quando são afastados e expulsos estes Moabs e Behemots, aos quais a Escritura classifica de serpentes e lobos, e não de servidores de Deus. Ainda bem que talvez tenha chegado, tão seriamente ao ouvido do Senhor Saboath, o clamor desolado dos que colhem e trabalham, e que Ele os ouça com Sua Graça, para que chegue, enfim, o dia da vingança, ao rebanho engordado, daqueles cujos corações se saciaram, com toda volúpia, na pobreza do homem simples, segundo o capítulo 5.º de São Tiago Apóstolo.

Assim, pois, Münzer possivelmente apressou, ou mesmo organizou, a Revolução conforme Engels afirma, do Saxe e da Turíngia, até a Alsácia e a fronteira suíça, através da Francônia e da Suábia; porém já se erguiam as primeiras labaredas, poderosamente se expunha seu arco, da Suíça à Saxônia, centro mineiro por excelência, por isto proletário e arsenal; multiplicaram-se profecias e glossolálias. Agora, a própria vida de Münzer se converte em ação, na desesperada rebelião dos camponeses, na guerra por ele convocada, e à qual coloriu e orientou espiritualmente, em significativa escala; Münzer, enquanto expressão e idéia, se determina, enfim, na sua plenitude, através do itinerário e desfecho, do conteúdo do conflito e da idéia da Grande Revolução Alemã.

8. Visão do Quiliasmo da Guerra Camponesa e do Anabatismo

Ainda há pouco, o camponês sofria, menos miseravelmente. Sua situação era suportável, e até começava a melhorar, do ponto de vista urbano. Não só porque ele fornecia mercadorias às cidades, e assim obtinha meios para emancipar-se do senhor feudal — quando este concordava — como também, mesmo não liberto, podia fugir do seu opressor, de modo definitivo e irreversível.

Entretanto, pouco a pouco o problema deixou de ser a mera opressão deste ou daquele proprietário de terras, que admitia ao servo resolver sua situação, e passou a ser o fato que os tempos mudaram e o desenvolvimento urbano não trazia mais vantagem à gente do campo.

Começava-se a medir economicamente a decisão, segundo a qual os homens livres da comuna se tornaram protegidos por um forte senhor, para que os defendesse contra os poderosos e os representasse, em caso de necessidade, diante da justiça. Do pagamento por esta proteção, surgiu o dízimo, cada vez mais cruelmente arrancado; outrora, o útil mercado da cidade tinha abastecido de dinheiro os camponeses e poupado-os da declarada avidez dos senhores feudais se-

gundo o princípio de que a atmosfera urbana liberta — porém, desde o começo do século XV, se inverteu este conveniente método, antes de tudo na Alemanha, pois aquele mercado cada vez menos podia satisfazer suas necessidades, dentro dos muros da cidade. A principal causa de tal piora reside no fortalecimento do capital sobretudo do capital mercantil, e principalmente no enorme aumento do poder do absolutismo principesco, a ele aliado.

Agora feneciam os pequenos burgueses, tornados cada vez mais submissos aos belicosos senhores. Além disto, a expansão das corporações e a barreira cada vez mais rigorosa contra o êxodo de camponeses para a cidade, fecharam-na aos camponeses. A baixa nobreza viveu, da sua parte, dias não menos difíceis e os camponeses, dela dependentes, sofreram também as conseqüências da sua miséria; aliás, para os próprios latifundiários (Junkern), os tempos já estavam ruins há muito tempo, pois não voltavam mais as épocas de pilhagem, quando tiravam seu diário proveito do assalto ao tráfego vizinho aos seus castelos; apesar de irremediavelmente endividados, os latifundiários entretinham o desejo de equivaler-se em luxo aos ricos comerciantes e aos príncipes, enfim, também a decadência militar da Cavalaria, sua substituição por mercenários e pela técnica de artilharia e serviço dos príncipes, logo arrastaram a pequena aristocracia a uma crescente dependência diante da alta nobreza. Portanto, a Cavalaria estava, desde o início do século XIV, ameaçada, ao mesmo tempo, por baixo, pelo camponeses, e por cima, pelos príncipes aliados aos capitalistas; ela se defendeu tanto quanto pôde, mas, depois da derrota de Sickingen, a nobreza, proprietária de terras, teve que alienar, por completo, aos príncipes, a independência, para exatamente assim garantir a manutenção da mais inescrupulosa opressão contra o campesinato, gozando ao máximo a renda da terra e o lucro extraordinário agrícola. Só assim crescera o poder dos grandes burgueses e dos latifundiários, desde antes da Grande Guerra Camponesa, e isto sempre em grandes proporções; tanto num caso, quanto noutro, por necessária conseqüência do incremento da produção e circulação mercantis. En-

quanto a expansão do comércio e da indústria na França e Inglaterra, articulando os interesses através de todo o país, trouxera em conseqüência, a centralização política na atrasada Alemanha, o mesmo processo econômico conduzia apenas a um agrupamento de interesses em torno de centros locais e, daí, à fragmentação política, à provincianização, que, em breve, depois da exclusão da Alemanha do comércio internacional, consolidou-se ainda mais estavelmente. Ruiu o puro Império feudal, construído sobre superadas relações econômicas: da mesma maneira assim se transformaram os grandes titulares imperiais em príncipes quase independentes, em beneficiários e expoentes da centralização local, dentro da fragmentação do Império; o Imperador, outrora representante de uma conjuntura e de uma idéia de Estado, tão universais quanto a Igreja, tornou-se, ele próprio, um Príncipe imperial entre outros, definitivamente incapaz de conter a decomposição. Também cresceu a necessidade de dinheiro, entre os Príncipes, ainda mais que a expansão mercantil; cresceu com os exércitos mercenários, com os custos da complicada burocracia, com o luxo e extensão da manutenção da Corte; e, exatamente, enquanto as cidades, nobreza e Príncipes podiam enfim safar-se apenas às custas da produção agrícola primária e dos seus excedentes, recaía, no final das contas, todo o peso, da recentemente organizada hierarquia social, sobre o campesinato, desprotegida massa substancial, igualmente espoliada por todos os setores do Império.

Os camponeses curvaram-se em silêncio, diante disto, enquanto a situação lhes era, de algum modo, suportável, a menos que confiassem num salvador imperial, num sonho que há bastante tempo os imobilizava e enganava. Pois o Imperador Frederico II fora profetizado como "Salvador do Povo", pelo Padre Gioacchino di Fiori, e quando ele morreu, sem ter realizado sua obra, nasceu a crença dos camponeses, em consonância com os gibelinos, que Frederico II não podia estar morto, que ele apenas se mantinha escondido e que voltaria para retomar de novo sua missão inconclusa, a Reforma Divina. Daí se constituirem a saga francesa, em torno de um Rei enquanto espera de

um novo Carlos Magno, e a saga imperial alemã, enquanto espera de Frederico o Grande; só depois se remeteu esta imagem a Frederico I, Barbarroxa, o qual se manifesta raramente na sua montanha, apenas a algumas pessoas simples do povo, de cujo regresso se aguarda o retorno à sublimidade do "Império", não aliás de qualquer Império, como até então, mas o Império comunista-apostólico de Cristo. Que o Imperador, quanto ao mais, seja visto numa montanha, isto se liga a superstições mais antigas, soando como muito primitivo e originário, imagem plutônica do subterrâneo, de Python, das divindades lunares do Direito matriarcal, outra coisa senão ainda o próprio Messias hebraico, imaginado escondido num "ninho de pássaro". Tão profundamente enraizada é, assim, a saga imperial, que a idéia de "República" conseguiu alcançar o ar livre, através de toda esta astralidade abafada ou irradiante. Contudo, foi o bastante: em breve não queriam os camponeses esperar em casa, finalmente se projetou a ira fundamentada. Em vales isolados efetuavam-se reuniões saía-se em massa dos recantos profundos e das florestas, no ano de 1300 se reuniam bandos de lombardos, os senhores temiam os punhos erguidos. Tudo isto foi ainda miseravelmente esmagado, oitenta anos depois se seguiu a rebelião da Jacquérie francesa, destruída com violência e velocidade não menores, até que, enfim, a Alemanha despertou e todo o século XV se encheu de agitações camponesas. Aqui o tocador de flauta de Niklashausen pregou seus sermões marianos, pretendendo abolir, para sempre, todos os juros, cambões e corvéias; florestas, água e pastos deveriam ser postos à disposição de todos; ao mesmo tempo projeta-se, em 1420, a Guerra Hussita como o grande sinal da rebelião geral. Até então, todas as heresias se mantinham no círculo das pequenas comunidades, predominantemente pacíficas na consideração da sua própria fraqueza, conscientes do poder do adversário e do pacifismo do Cristianismo primitivo; assim se erguia, então, na Boêmia em início de industrialização, uma era heróica de Revolução comunista-cristã, superando amplamente a ação e omissão de todas as heresias anteriores, em força de impulso e consciência de objetivos.

Aqui, o contraste entre as classes dominantes precedeu mesmo ao fundamental conflito, precipitado pelo suplício de Hus na fogueira, acirrado pelo conflito nacional entre os tchecos e os alemães privilegiados por completo. Em conseqüência pôde expressar-se, assim, o Comunismo mais radical, em marcha, promovido pelos camponeses intransigentes e pelo proletariado mais forte, projetando-se além do Ideal pequeno-burguês da mera divisão de terras e além do ideal da alta burguesia e da nobreza, aspirando a uma República patrícia. De novo, na própria Alemanha — cujo processo Kautsky analisou da maneira mais brilhante — floresceu, apenas um século depois, de cima, um escândalo análogo; então, quando o povo era iludido por intermédio de um fraco monge, diante do Imperador e do Império, tornava-se tanto mais confuso e agitado, na medida em que não entendia os condicionantes interesses subjacentes. Revelando-se irresistível à pura doutrina, podiam cair as máscaras de pária e de Calibã, e mesmo a porta mais resistente parecia arrebentada. Visivelmente, ao mesmo tempo, à dimensão econômica se acrescentava outra, o momento político propício a uma Revolução: um povo desesperado, e, além disto, as classes mais antagônicas, a estrutura social entra em ruptura, de modo que todos os famintos de terra e de felicidade — empolgados pela revolucionária força religiosa popular, anunciada há mais tempo que a cupidez capitalista e principesca — irrompem, pela segunda vez, no Sacro Império Romano — Germânico, já em crise.

Em seguida, em conseqüência disto, convém olhar as rebeliões camponesas mais profundamente, e não só levar em conta o seu aspecto econômico. Se se quer realmente apreender, o que então aconteceu e podia acontecer, tem-se de levar necessariamente, em consideração, uma outra coação e um outro apelo, ao lado do choque econômico. Pois o apetite econômico é, aliás, o mais sóbrio e permanente, porém não o motivo mais peculiar da alma humana, sobretudo em exaltados tempos religiosos. Não só vacilantes e livres orientações da vontade, bem como estruturas de sentido espiritual, pelo menos sociologicamente reais e amplamen-

te compreensivas, agem efetivamente sobre o acontecimento econômico, ou ao lado dele. A situação do respectivo modo de produção é já, em si mesmo enquanto desígnio econômico, dependente de conjuntos de decisões mais altas e complexas, principalmente de sentido religioso, conforme *Max Weber* demonstrava; portanto, a economicidade logo se encontra bastante sobrecarregada com superestrutura e, no seu autônomo processo, condiciona a efetiva aparição de conteúdos culturais-religiosos, porém de nenhum modo isolada, por sua parte, deste conteúdo. O que significa que não pode, sozinha, fazê-los eclodir, abstraída de um intercondionamento, entrelaçado com características nacionais, com sobreviventes ideológicos de anteriores relações econômicas, com a ideologia da sociedade em ascensão, cuja superestrutura se encontrava, pois, em vários aspectos, já mais amadurecida que a econômica, cuja madureza só em seguida ocorria. E, finalmente, existe, percebida pela respectiva classe revolucionária, a influência, a longo prazo, por parte do autônomo processo espiritual-religioso, senão histórico, pelo menos "histórico-filosófico" — com freqüência interrompido — enquanto auto-educação do gênero humano. Assim representada, não basta uma pura reflexão econômica para, sozinha, explicar as condições e as causas da erupção de um acontecimento histórico com a violência da Guerra Camponesa, bem como, pois, uma tal análise seria capaz de dissolver, de destruir, o *conteúdo* profundo desta história humana, aqui tão ardente, desperto deste sonho, que almejava uma sociedade onde o Homem não fosse o lobo do homem, num Império enfim fraternal, ao despojá-lo do seu caráter originário, tornando-o irreal, ao convertê-lo em pura ideologia. O próprio Marx dá seu devido valor às exaltações místicas, pelo menos no começo de cada grande Revolução: na medida em que os novos senhores se sentissem de novo romanos ou pagãos, na medida em que os camponeses alemães buscassem sua linguagem, paixões e ilusões no Antigo Testamento, ao modo também dos puritanos depois, e na medida em que a própria Revolução Francesa se vestisse com os nomes, consignas e roupas do Consulado e Império

romano; o próprio Marx, que arrancara, de modo positivista, o Comunismo do domínio da Teologia, para lançá-lo ao da Economia, pura e simplesmente, esvaziando-o assim do seu sentido quiliástico, tanto transmitido historicamente, quanto brotando materialmente da órbita congênita da sua idéia quiliástica, o próprio Marx reconhece pelo menos a realidade de um impulso, nas "necromancias da História Mundial". Quanto, porém, ao caso especial da Guerra Camponesa, no referente às suas construções ideais e ao seu Espiritualismo, tem-se, primeiramente, ainda de considerar, em si mesmo, o originário elemento essencial, ao lado dos existentes elementos econômicos de desencadeamento e de conteúdo do conflito: enquanto circunstância do mais antigo sonho, enquanto mais larga eclosão da História das heresias, enquanto êxtase do impulso de Justiça e da vontade impaciente, rebelde e mais decidida, de ingressar no Paraíso. As inclinações, os sonhos, mais puras e mais sérias emoções, os entusiasmos conscientes do seu objetivo, não se alimentam apenas da necessidade mais perceptível e da ideologia nunca totalmente vazia; eles não desaparecem e continuam iluminando realmente um longo caminho, fazendo brotar um ponto original, fecundo, universal, na alma, repercutindo adiante de todas as catástrofes empíricas, guardando pleno vigor, prolongando, em constante presença, através de todos os tempos, a profunda orientação do século dezesseis, o quiliasmo da Guerra Camponesa e do Anabatismo.

Assim se destruía, então, antes de tudo, e procurava-se construir de novo. Os camponeses reivindicavam, de volta, o que outrora lhes pertencera. Urgia que isto não só fosse restaurado favoravelmente, como também de novo se tornasse exatamente o que era antes, enquanto ainda vivessem *livres*, em comunidades também livres, e a terra estivesse ao alcance de todos, como terra comum. Entretanto, o desprezado camponês acabou tornando-se orgulhoso do próprio marcado desprezo, de que era vítima, orgulhoso bem à sua discreta maneira, tão próxima à maneira dos jovens Apóstolos, de modo que as gotas de suor do trabalho se exaltavam em modelo, como água que purifica e apaga

o fogo da condenação. Também muito pagânico consolo se misturou, assim, nesta apostólica época, sonhada pelos melhores.

Contudo, *em segundo lugar*, emergiram estranhos olhares para o exterior, com vontade de ler de novo nas *estrelas*. Também as classes inferiores acompanhavam a tentação, com um misto de susto e Esperança, e a cena onde Goethe faz dialogar dois camponeses, no seu *Goetz von Berlichingen*, a respeito do Céu e da Terra:

> "Eis sus, eia sus! Rumemos para Heilbronn. Espalhe o apelo!" — "O fogo ainda nos ilumina durante boa parte do caminho. Vistes o grande cometa?" — "Sim, trata-se de um signo cruel, assustador! Quando atravessarmos a noite, poderemos vê-lo bem. Ele se ergue à uma da madrugada". — "E só permanece cinco quartos de hora. Parece um braço curvado com o peso da espada, assim alaranjado, cor de sangue". — "Vistes as três estrelas, na ponta e ao lado da espada?" — "E o largo fio, de cor de nuvem, com milhares e milhares de estrelas, como uma espiga, e, pelo meio, como pequenas espadas". — "Apavorei-me, com tudo isto alaranjado, entre tantas claras chamas de fogo, entre horrendas faces, com suas hirsutas cabeças e barbas". — "Viste-o também? E tudo isto cintila tão confusamente, como se jazesse num mar sangrento, e se processa de modo ainda tão confuso, que se perde o tino. Ergamo-nos!"

Nada mais, nada menos, que na própria Hungria se queria também ver, à noite, no firmamento, homens em luta, e às margens do Reno julgava-se ressoar um grande tumulto e ruído de armas em entrechoque no ar, como acontece num campo-de-batalha. Em breve se viram dois círculos em torno da lua, com uma cruz no meio, porém, em torno do sol três círculos, com uma tocha ao lado, lembrando a Revelação apocalíptica de São João apóstolo, no capítulo XIX, versículo 17, onde o anjo aparece no sol e brada a altas vozes. Parecia cumprir-se a velha profecia, que acompanhara Münzer desde o início, aproximando-se o tempo da plenitude das águas, reunindo-se em torrente no profetizado ano infeliz de 1524, quando todos os planetas se encontrassem no zodiacal quadrante dos peixes, soando então a Hora do juízo e do Messias. Assim os pregadores er-

rantes não mais tocavam os despedidos companheiros, com tímidos símbolos inscritos nas portas e sob os tetos, e sim espalhavam seu apelo na mais larga vizinhança, recorrendo à *Astrologia*, para lançar consignas, prometendo retumbantes vitórias. O povo empolgado via abrir-se, diante dele, um mundo de precário futuro, pleno de senhores e de padrecos batidos, submerso sob um inacabável dilúvio pecaminoso de sangue, e não só de água, e, mais além, o povo divisava o Império celestial: crueza e bondade, feitiçaria e próximo triunfo do Amor Divino, Cruz, que pagamente repousa no abismo, e Cruz elevada bem alto, acima do mundo, pelas mãos dos Eleitos, Império de Nemrod e Império de Cristo encontrando-se, combatendo-se, apelando-se, requeriam correlação funcional na mais incrível partilha das potências morais e metafísicas. Não, por fim, as sempre crescentes perseguições anti-semitas permaneciam em conexão com estas maravilhas astrais, com esta detestável constelação maniquéia; porém também: a mesma espectativa, esforçando-se para colocar em destaque o Anticristo, com seu rebanho judaico, manifestava-se algures, enfatizando o profeta Elias, este outro precursor do Paráclito, na mística semitofilia de Reuchlin, em abrasador zelo pela Cabala. Esta mesma partida, então, de Safed, a cidade santa do Cabalismo, ao norte do lago de Tiberíades. Só aqui, no sofrimento e na vergonha, com a mais imensa cólera, aguardava-se o Vingador messiânico, que derruba Império mundano e Papado, que só sobreviviam por conta dos pecados de Israel, enquanto não chagava Olam-ha-Tikkun, o autêntico Império de Deus, realidade do terceiro Evangelho, onipresença divina. Ainda por cima, estranhamente equipada, pelas próprias estrelas despertada, comprovada, doutrinada, exigida — todo o Universo parecia ressoá-la — rebentava a profecia de Fiori, aquela próxima à eclosão, no Templo, de um terceiro, último Evangelho. Este mesmo Gioacchino, abade, do décimo segundo e do décimo terceiro séculos, que já profetizara o Imperador Frederico II como o Salvador do Povo, que, antes de mais nada, porém, atuava, de modo mal exagerável, como profeta de um Terceiro Reich (depois dos Impérios da Lei ou

Estado, e da Graça ou Igreja), no século da Guerra Camponesa e dos Hussitas. Os autênticos, e inúmeros, escritos, por ele deixados, apresentam o Império deste terceiro e total Evangelho como uma iminente e total Pentecostes, isto é: da iluminação e libertação de todos os cansaços e opróbios, através do Espírito Santo e da sociedade sem senhores, Nele advinda. Deus-Pai, ou a Lei, o próprio Filho de Deus ou a Graça Divina, cessarão, no futuro próximo, de permanecer na casa ou de serem válidos: o último Evangelho, enquanto Deus-Espírito Santo ou *plenitudo intellectus*, irrompe, a partir d'agora, na derrubada Pré-História, não necessitando nem do Estado, nem da Igreja. A profecia assim significava, aos seus, os sinais da Astrologia plenamente como sendo, ao mesmo tempo, uma mudança da época, quando a Humanidade estava reduzida à situação de marionete, e pentecostal Parusia miraculosa. Enquanto isto, o sentimento situacional de participação no Cosmos, colabora para isto, conforme a erupção apocalíptica num Universo em crise; conforme a arrancada crepuscular do inferno à vitória. Assim se sentiam os homens esta outra parte do Renascimento, nada musical, e sim com objetivos quiliásticos, tão ameaçada quão honrada, aparecendo noites de Advento sobre eles, os quais enfrentavam o Mal com milhares de forças separadas, pertubadoras, demônios, espíritos astrais, porém sobre eles equivalendo à luz da Noite Santa. Todavia, diante deles se despencava também um pandemônio de mera Astrologia, misturado com teúrgico "Panteísmo" da saudade, associada a um confiado retorno, pelo qual o velho mundo, e o próprio Deus, deviam dissolver-se numa comunidade de cristãos.

Com isto, tocavam ainda os predicadores num *terceiro* aspecto, o mais importante de todos, na Cristandade; não só em novos consolos individuais, e recordação pagã, historicamente eficazes, embora objetivamente problemáticas conjunções de astros e círculos zodiacais, como também, ao mesmo tempo, num assombroso fortalecimento da *interioridade humana*, à base de profunda, plena, acreditada, modificação dos pressupostos temporais. — Preparado desde muito, convoca-se o Homem vivo a si próprio, erguendo-se o

Bem no seu agir. Tanta dor, tanto medo e estremecimento, também podem ser determinados, assim brilhando em todas almas a ainda nova centelha do Além inflamando o tardio Império. Prega Münzer: "Como nós, pois, todos precisamos constatar, no Advento da Fé, que somos terrestres homens carnais, porém que devemos transmudar-nos em deuses, através da humanização de Cristo"; Deus, ao tornar-se Homem, então se tornou também perceptível porque, e nesta medida, o Homem, entendido na sua plenitude capaz de despenhar-se no abismo, torna-se também Deus, quando apreendendo seu mais íntimo semelhante. Queriam assim as estrelas, de então, mostrar ainda como são do mesmo modo equívocos tanto o Bem, quando o Mal na sua mais selvagem luta pelo Bem: não se tem que buscar aqui a eficácia do Direito ou a solução do conselho, e sim a *Liberdade,* só ela possui os signos e as chaves, e o alto poder, de quebrar a submissão do destino humano ao soberano e ao zodíaco. Do feiticeiro, que desencadeia obras de vingança, até o piedoso tibetano, que prontamente escreve sua súplica e insere-a num rosário, até ainda aos terços e à própria quase autônoma hóstia, desenrolou-se uma única série de objetos de Fé, de ligação à eficácia ou força da Graça do tabu em si, do sacramento, do objeto espiritual. A alma sente, nesta etapa, pobre de ponta a ponta, que nela não habita o Segredo em si, e sim que Ele se encontra por completo fora dela, sendo-lhe assim estranho, e isto não só é bastante para seu corpo, para sua telúrica e astral exatidão, como, muito mais, para a própria alma. Assim se ordena aqui toda força exorcisada dos dominantes poderes extrahumanos, e ainda mais o medieval Deus-Pai, Deus universal e infinito, habitando no Morto, no Longínquo, na mera altura estelar dele, acima deste mundo. Embora, pois, seja mágico teúrgico, o encaminhar-se a Deus no mundo Sacramental, ele não se apresenta pois tão poderoso, tão cheio de conteúdo a partir de baixo, e por dentro, acima do próprio Deus, de maneira que fosse seriamente abalado o mito astral na Ásia e o gótico diante do asiático; excetuada apenas a força íntima do Budismo, onde o santo, em si, parece pairar sobre os deuses, no conceito do mais sublime, mágico-místico,

Ateísmo. Pois o Anabatismo, da autêntica Reforma, possuía a nova infinitude da *Esperança apegada ao humano*, e, de Münzer a Paracelso e Boehme, o único e exclusivo problema consistiu em transformar em ouro, em interioridade, em luminosa Jerusalém, por força da Fé, todo o Mal da Terra e da condição humana, contrapondo a *Alquimia* utópica à Astrologia pronta e regimental, fazendo Deus surgir por força do amor, no iminente Império espiritual. Assim se ergueu a alma em si mesma — desde os Irmãos do Vale, desde as místicas irmandades laicas, desde enfim Eckhart, emergindo com crescente vigor em Münzer e nos espiritualistas — buscando a Liberdade como nova e última Salvação. três, desvalorizando todas as instâncias sacramentais, Ela percebia em Cristo a presença, plenamente realizada do Nós, ultrapassando todas as potências terrestres, desvalorizando todas as instâncias sacramentais, julgando ainda os próprios anjos, querendo apreender a Graça enquanto fundamento mais profundo da alma, chegada, retorno, fenômeno da própria Liberdade. Agora se torna a alma a única raiz ainda milagrosa, filha e criadora do eterno Deus, da Palavra só em Deus se revelando; e esta *magia revolucionária do sujeito* demole, em conjunto, os ídolos, materiais e astrais, bem como o *Panteos*, ainda objetável Todo-Poderoso da Igreja medieval — planamente Deus no mais íntimo, pressentido porém inconsciente, no milagre do seu semelhante, arrastando Mundo e Deus. Assim, muito em profundidade, jazem exclusivamente tanto o impulso, quanto o conteúdo, da mais espiritual Revolução, à qual o Mundo viu, até agora, em extensão: não tivera o próprio Cristóvão Colombo procurado o caminho marítimo, por esta época, de algum modo, numa terrestre Índia oriental, e sim a Atlântida ou o Paraíso — com o olhar nos distantes jardins das Hespérides — então só se dirigiria a arca de Thomas Münzer diretamente a outra meta, pretendendo alcançar, nada mais nada menos, que a indispensabilidade de Cristo e do Apocalipse.

Somente, além disto, se quis ordenar a presente vida, tão forte quanto esta, de modo a renová-la. Certamente os camponeses, perturbados, se recordaram dos

seus antigos direitos, e um único, reconfortante impulso se misturava aí, de maneira estranha, com a vontade cristã primitiva. Certamente se tornou o povo, apto a libertar-se de tudo e de todos, também orientado pela terrestre emancipação, em meio à simples vida apostólica, através da prédica, ressoante sempre mais amplamente. E, ainda por cima, adveio a missão de construir, compreendida apenas no sentido terrestre, impulsionado pelos humanistas na sociedade feudal, remontando às antigas fontes e, na maioria dos casos, a autores projetando os fundamentos comunistas para uso da pólis. Assim, antes de mais nada, Platão, a quem Münzer e os anabatistas citam, cuja autoridade, conforme o assinalado, atraía até o distanciado Erasmo, cujo severo livro sobre o Estado encontrou, então, a primeira glosa, caracteristicamente discreta, na "Utopia" de Morus. Também o relido Platão rompeu, por completo, o compromisso intelectual da elite intelectual de então, por meio do qual se confundiram São Tomás de Aquino e a economia medieval diante do conflito cristão. Se foi a propriedade privada proibida por Jesus, também Aristóteles ensina que o indivíduo necessita, com efeito, possuir propriedade, mas que ela seja comum, como entre amigos, de modo que também o possuidor só possa vir a usufruí-la em benefício de todos; o que possibilitou a São Tomás admitir a permanência jurídica do direito de propriedade e de relegar o Comunismo, exigido pelos primeiros cristãos, a um nível fora da Economia e do Estado, além da própria hierarquia, enquanto mero conselho evangélico às primitivas comunidades monacais. E não só Platão foi defensor da elevação da vida comunista e sem luxos de uma aristocracia monacal, por cima da vida animalizada dos regentes e da hierarquia, bem como esta também se viu ameaçada pela hipótese das apócrifas cartas de São Clemente serem advertência do primeiro Papa, Pedro, renovando e enfatizando a obediência aos ensinamentos apostólicos, através de uma simples regra de rara concisão: *vitam comunem ducere et scripturas sacras intelligere.* Pelo que: todos estes recursos — um gratificante reconhecimento dos humanistas, ao lado do Direito Romano e das antíteses

de São Paulo, desprovidos de sentido diante da monarquia absoluta — todos estes recursos teriam permanecido sem ressonância, se exatamente a época não tivesse experimentado uma erupção *quiliástica*, estranha, alienante, assustadora, de temor diante do Juízo e da Noite, de única prece em favor da Nova Madrugada. Entretanto, isto reduzia toda vontade reformista, do mesmo modo que toda vontade revolucionária, puramente terrestres, a uma simples e breve preparação, antes do Advento do Eterno Império, a fim de que o Cristo, quando retornasse para julgar e recuperar, encontrasse o mundo numa era totalmente apostólica. Só nas aparências, por conseguinte, predominavam o sentido e a vontade telúricos, no massacrado povo da época do fim do Medievo gótico; contudo, o outro impulso, o impulso de flecha, apresentava-se forte entre as massas, e predominante entre os líderes anabatistas; tão evidentemente se impunha à época, que basta lembrar que o próprio Lutero, por mais que se recusasse qualquer empreendimento político-moral preparatório do Juízo Final, aguardava, de algum modo, seu evento o mais tardar na metade do seu absoluto século. Com qual certeza, porém, só os anabatistas viram na Bíblia o sinal do Fim, a mais exata exigência operativa do Fim: exatamente esta, que o Comunismo existia, antes mesmo de Nemrod, que estava no centro das preocupações dos Apóstolos, apresentando assim o Comunismo enquanto também postulado do então ocorrido, que parecia fim dos tempos, no sentido de fim dos tempos nos quais se acreditava, se quisessem permitir-lhes enfrentar o terrível interrogatório a que Cristo os submeteria, quando do Seu retorno. Aqui não vale mais a pena portanto, instalar-se amplamente numa terra florescente, aqui não se consegue mais impor a profunda análise de uma tão rasteira idéia, por pressão, obscurecendo uma situação de classe, uma incompreendida situação social, submergindo e confundindo Economia e Sociologia, Vida e Morte. E sim, exatamente, isto parece quebrar diante da consciência: bruxuleante luz mundana; colapso de toda a força da Grança do tabu enquanto sacramento, entendido como objeto encadeador de Deus; a única

salvação pareceu vir através do "Subjetivismo" místico e de toda sua remanescente aliança com o Absoluto. Daí também se reunirem agora, os homens, num contexto bem diverso: não mais em conciliábulos domésticos, às escondidas ou em peregrinação, ou nas catacumbas na superfície da terra nos conventos, ou mesmo não mais nas livres e tranqüilas comunidades de beatos, já purificados e ardendo pelo crente Advento do Cristo. Porém aguardando a erecção de um novo Tabor, de uma cidade por completo comunista-espiritual; de modo que Münster apareceu, ela sim, no fim dos tempos, como a formal Cidade do Advento, emergente, bizarra, à caminho da ruína. Lutou-se, então, aqui, não só em prol de melhores dias, e sim procurando alcançar mesmo o fim de Todos os Dias, melhor dizendo: na apocalíptica propaganda da Ação; não para superar dificuldades terrestres, rumo a uma civilização eudemônica, ainda não construída, e sim em busca da sua desrealização, através do *irrompimento no Império quiliástico*. Nunca a Humanidade pretendeu e experimentou algo mais profundo, quanto nas intenções deste Anabatismo, rumo à Democracia Mística. O que se sonhava e aspirava ontem, precisa existir amanhã, e esta saudade, não conseguiram abafá-la as trevas da opressão, de modo que, por trás do deserto, aguarda Canaã ao viajante, adornada em inédito esplendor; enquanto Deus, no sentido münzeriano, surge sempre como uma Nuvem na luz do dia e como uma Coluna de Fogo na mais atormentada noite.

9. O MANIFESTO AOS MINEIROS

Münzer foi visto, pela última vez, neste itinerário, bradando entre os camponeses do Sul da Alemanha. A fim de desencadear a agitação, ele rumou para o Norte do mesmo país, sendo acolhido já em Fulda por bandos sublevados, tendo sido liberto da prisão na torre, por um abade que desconhecia sua pessoa ("se eu soubesse, disse depois o abade, que se tratava de Münzer, não o teria deixado partir livre"). Em março

de 1525, cruzando rebelião e espiões, emergiu de novo Münzer na região mineira da Saxônia, cujos arredores estavam iluminados pelas chamas da Revolução, ateadas com magnífica simultaneidade.

Pois, em breve, os acontecimentos se encaminharam bem. Os camponeses avançaram, desempenhando com simplicidade suas tarefas próprias. Todo o castelo isolado foi logo destruído, convertendo-se em fumaça, pela violência. Agora "mugia a vaca tão alto", que se podia ouvi-la com efeito, até nas montanhas do Sul, de modo que a liberdade suíça também parecia finalmente engajar-se em favor do campesinato alemão.

Os irmãos, e os próprios senhores preocupados, fora do campo, começaram a atentar, excitados, para estes sinais. Num instante, organizou-se uma longa série de arsenais camponeses, do lago de Constança, na fronteira suíça, ao Harz, vizinho à Saxônia no Norte. A França, Holanda, Itália, tremiam diante da ameaçadora marcha dos exércitos camponeses; decididos, queriam estes marchar até Roma, lutando contra os padrecos. Contudo, já soava mesmo o trovejar da Revolução mundial aos ouvidos dos camponeses, vindo do mais distante Ocidente e do mais longínquo Oriente; murmurava-se a respeito de grande agitação em Espanha e circulavam relatos que, ao modo da Turquia (donde se esperava assistência, até sem isto), "o campesinato erguia-se, da mesma maneira também contra os nobres do local, bem como contra sua autoridade".

Pois se temia, ou em vão se confiava, entre os camponeses alemães entusiasmados, vacilantes, tímidos, que se cindiam. O que os dividia não era, porém, a autoridade na Turquia, e sim, sem dúvida, o próprio notável divisionismo interno da Alemanha, dispersa e despreparada. Todo o tipo de vagabundos e assaltantes se misturou aos camponeses, desde João Comprido a Pedro Torto, e outros marginais sem conta, trotando pelas estradas e estalagens, até ingressarem no exército camponês. Apresentava-se esplêndida a oportunidade de engajar os serviços dos servos da gleba, em vez

desta classe desenraizada, pois os camponeses, ultracorajosos nos primeiros entreveros locais, passaram a sofrer o destino da relé ("Lumpenproletariat"), permitindo a incorporação de mercenários estrangeiros às forças dos Príncipes. Daí tanto mais seriamente se propagar um outro sinal de obscura fraqueza, ao ligar-se com a baixa nobreza empobrecida, exatamente quem mais explorava os camponeses, bastando a aparência que ia ajudá-la. Alguns deles, ao modo de Hipler e do brilhante Florian Geyer, Senhor do Bando Negro, permaneceram fiéis e estáveis ao lado dos camponeses, porém o ambíguo Goetz von Berlichingen em breve deu o sinal da traição, ao passar-se para o adversário campo dos seus parentes de classe. Tornaram-se então meras frases os doze artigos, o velho modo, o antigo Direito — Direito divino — com a derrubada de cambãos, impostos e dízimos, e a imposição de liberdade de caça, pesca e corte de lenha, e a abolição da servidão e da justiça de classe, além da escolha dos predicantes através das comunidades. Outrora, quando o mundo parecia ainda sem perigo, estava-se evidentemente inclinado a considerar a reforma do Imperador Sigismundo um notável prelúdio do programa camponês, até mesmo conceder teoricamente o seu ao Comunismo humanista, e, bem mais, quando tremulava a vitoriosa bandeira camponesa, ainda era possível mostrar-se aberto para tais, ou quais, reivindicações, pronunciadas com juramentos tíbios. Pois em breve se reunia a artilharia dos Príncipes, não mais sendo discutido o documento bíblico, e sim a força militar por trás de artigos e parágrafos de cartas; assim, soçobrava passo a passo e ingenuidade camponesa, com seu incurável divisionismo e suas limitações, diante da arte militar principesca e sua incansável diplomacia. Na simultânea eclosão da revolta havia ainda disciplina, porém não mais no curso das suas ações; em seguida desembocavam as massas na morte e na miséria, o Terror Branco saciava-se nos excessos da vingança mais animalesca; o sonho, o conceito da Liberdade do cristão, da "divina Reforma evangélica do Império", ruiu diante do arbítrio da desgovernada realidade.

Münzer, pouco satisfeito com os camponeses, não quis se precipitar aqui. Porém, antes, por conta própria e a ninguém ouvindo, os pequenos burgueses se sublevaram também. Aliás, Ottilie von Gersen permanecera todo o tempo ali, instigando alegremente, provocando motins, arrastando mulheres para as igrejas, para aí iniciar "desnecessário comportamento", "a fim de desviar a atenção do prior e seus irmãos, induzindo-os a perder seu tempo". Também parece que ela andou percorrendo Allsted, para aí marcá-la com sua reminiscente presença; pelo menos um burguês escrevia dali: "Pois são as mulheres, mais que os homens, que de tal modo sucumbem diante da influência e diante do espírito de Münzer, que ambos se tornam muito difíceis de serem delas arrancados". Münzer finalmente chegou a Mühlhausen, alguns dias após caíam as autoridades. Em companhia de Pfeiffer, a quem Münzer arrastara para a esquerda, excitou a cidade durante algumas semanas, como predicante, tentando-a. Pois não só à força dos seus próprios partidários devia ele a vitória, e sim também, a Pfeiffer, que gozava da confiança dos pequenos burgueses, e com estes precisava Münzer bastante angustiadamente pactuar. Ele dominou, no curto período de meados de março a meados de maio de 1525, tão menos como *Mulhasi rex et imperator, non solum doctor*, segundo Lutero observa, embora não fosse sequer membro da nova Câmara local, que enquanto simples predicante na Igreja da Virgem, e, a este título, o que é mais importante, nunca dispôs do apoio seguro senão de uma minoria. A revolucionária Mühlhausen experimentou apenas um tipo de regime democrático de artesões, esgotando-se em mesquinhezas, com seu espírito localista tratando de ignorar quais correlações mais amplas e permitindo, na melhor das hipóteses, a aberta, despoliciada agitação da liga camponesa renovada por Münzer. Münzer retraiu-se, pois, de toda precipitação, de toda desmesurada Esperança de um grupo selecionado, de uma consciente guarda de elite de chefes comunistas, para, de Münhlhausen poder articular-se com os bandos suábios e francônicos, utilizando aquela cidade como praça e base para a rebelião. Embora Pfeiffer não aceitasse de bom

grado esta idéia, inclinando-se de preferência aos pequenos assaltos e às rixas entre cidades, pelo que como entre os camponeses, também aqui, entre os pequenos burgueses turíngios, qualquer ação ampla se chocava com o interesse egoísta e a apatia de esmagadores particularistas. Entretanto Münzer adquiriu o apoio de inúmeros tecelões, uma gente inquieta, abandonada, explorada, arrastada pelas crises. Também seus antigos companheiros de Allstedt irromperam, em conjunto, em Mühlhausen, em conseqüência do relatório do recebedor Zeyss, para aqui provavelmente integrar o cerne armado, propriamente, da comuna. Antes de mais nada, porém, dirigiam-se a atividade e o olhar de Münzer para a região mineira de Mansfeld, para aí esporear os mineiros aptos a armarem-se, arregimentando-os, para arrancá-los do seu retraimento e solidão. O que o tribuno pregara, até agora, à areia movediça camponesa, e ao pequeno burguês fogo-de-palha, tudo isto passava enfim a desembocar em punhos organizados e numa contração de mais dura solidariedade:

> Quem quiser combater contra os turcos, não precisa ir longe, ele está por aqui. O coração dos Príncipes, que isto também sabem e sonham está negro em amor e cheio de vaidosa covardia. É, porém, autêntico juízo de Deus que eles se tenham tão lamentavelmente empedernido, pois assim Deus quer extirpá-los pela raiz;

e o proletariado mineiro ouviu o apelo, parecendo homogêneas a força e a implacabilidade deste Radicalismo. Berrante irrompeu deste modo a proclamação de Münzer aos coligados irmãos de Mansfeld, instigadores dos colegas mineiros, rumo à única ainda segura Esperança da Revolução quiliástica; e certamente queima este apelo, irradia esta declaração de guerra contra as mansões de Baal e Nemrod, do forte tirano, que primeiro sobrecarregou os homens com a distinção entre o Meu e o Teu, enquanto o mais apaixonado e furioso manifesto revolucionário de todos os tempos:

> Muito amados Irmãos!
>
> Antes de mais nada, temor diante de Deus. A quanto tempo dormis? A quanto tempo continuareis vos

recusando a reconhecer a vontade divina, porque, segundo vossa opinião, Ele vos abandonou? Ah, quantas vezes vos disse que assim precisa ser! Deus não tarda a revelar-Se, precisais erguer-vos! Se não o fizerdes, então será inútil o sacrifício, uma dor inquietante do coração; necessitareis, por conseguinte, sofrer novas dores. Isto vos digo, se não quiserdes sofrer por Deus, então tereis de ser mártires do Diabo. Por isso, deveis vos precaver, não sendo pusilânimes, negligentes, nem cortejando mais os inauditos quiméricos ou os ímpios celerados. Começai, combatei o bom combate de Deus, chegaram os tempos! Detende vossos irmãos no menosprezo do Testemunho Divino, do contrário todos se perderão. Os inteiros países alemão, francês e italiano despertaram, o Mestre quer fazer um jogo, urge que os celerados dele participem. Em Fulda, na Semana de Páscoa, foram destruídas quatro igrejas conventuais, e levantaram-se os camponeses em Klettgau, Hegau e na Floresta Negra, com a força de trinta mil, e quanto mais tempo passa, mais forte se torna o bando. Só isto me preocupa, que os estúpidos se confundam no errado pacto, para que eles não identifiquem as sombras. Onde fores apenas três, em Deus depositados e buscando exclusivamente o Seu Nome e a Sua Honra, não temereis as centenas de milhares.

Avante! Avante! Avante!

É tempo. Os celerados são tão pusilânimes quanto cães. Excitai os irmãos, para que se entendam convosco e todos sustentem o testemunho. Eis algo de medida alta, altamente necessária.

Avante! Avante! Avante! Não leveis em consideração o lamento dos ímpios, quando eles amistosamente suplicarem, pedincharem, e gemerem, gemerem como crianças. Não tenhais misericórdia, pois o que Deus ordenou através de Moisés, no Deuterinômio 7, também o mesmo nos ordena. Excitai aldeias e cidades, em especial aos mineiros, em companhia de bons camaradas. Vede, que escrevi a Palavra, quando me chegavam emissários de Salza, comunicando desejar o povo prender o magistrado do país no seu castelo, o Duque Georg, por motivo dele ter querido secretamente matar três. Os camponeses de Eichsfeld triunfaram alegremente sobre seus latifundiários; enfim, não querem qualquer misericórdia deles, apresentando-se assim, é muito importante, diante de vós como modelos; precisais, portanto, avançar, avante! já é tempo!

Baltasar e Bartel! Krumpf, Velten e Bischof, avançai com perfeição. Esta carta deve tornar-se realidade, pelos mineiros. Meu impressor chegará em breves dias; recebi a Mensagem, nada mais posso fazer. Eu mesmo queria instruir os irmãos, para que seus corações venham a ser muito maiores, que todos os castelos e armamento

celerados dos ímpios do mundo. Avante, avante, avante, enquanto o fogo está quente! Não deixeis esfriar o sangue na vossa espada; forjai golpes mortais na bigorna de Nemrod; derrubai sua torre ao chão não é possível que o medo humano deva desencadear-se sobre vós, enquanto esta gente viva. Não se pode vos falar de Deus, enquanto eles vos governarem. Avante, avante, avante, enquanto tendes tempo, Deus marcha convosco, segui-O! Os acontecimentos encontram-se descritos em Mateus 24, portanto não temais! Deus está convosco, segundo o escrito no segundo livro das Crônicas, 2, pois assim Ele diz: não deveis temer, não deveis assustar-vos diante desta grande multidão, pois não se trata de vossa luta, porém da luta do Senhor. Dai testemunho, masculamente. Vereis o socorro do Senhor baixar sobre vós. Assim que Josafá ouvir estas palavras, ele se dobrará. Assim agi também através de Deus, que vos fortalece na verdadeira Fé, sem temor dos homens, amém.

Datum Mühlhausen, anno 1525.

Thomas Münzer, um servo de Deus, contra os ímpios.

E, apesar disto, este mesmo profetismo, selvagemente inflamado, não insurgiu qualquer guarda pretoriana, pronta, disposta, reunida, para proclamar Deus como Imperador; despertou, no final das contas, apenas meias disposições de vontade e de compreensão, das quais Münzer não conseguiu avaliar, de bom grado, sua força.

Em breve Münzer se separou, com crescente resolução, de Pfeiffer, que não concebia qualquer ação, senão de modo imediatista. A leste de Mühlhausen, em Frankenhausen, formara-se contudo um bando, que crescera com rapidez, servindo de ponto de reunião para os camponeses dos arredores, em busca radical de disciplina e formação militares. Münzer parece tê-los trabalhado, já desde o início, pelo menos a ele primeiro se escreveu, e só depois a Mühlhausen, para também conseguir apoio do local. Münzer logo também respondia, prometendo aos irmãos de Frankenhausen juntar-se a eles, com todos que admitissem organizar uma ampla expedição "pois a Verdade precisa ser socorrida por eles"; aos irmãos de Frankenhausen dirigiu ordem "de estarem de pé, quandos os convocarmos, pois precisamos atacar o ninho da águia, como diz Abdias, não o poupando, desde que cumpre não se trans-

formar viciosamente este país num outro homicida". A escolha de Frankenhausen, para lugar de reunião dos cristãos em campanha, era infeliz, e permanece de difícil compreensão que fosse, a não ser que Münzer (segundo Smirim aceita), tenha contado com a vizinhança dos bandos camponeses francônios. Porém a situação da cidade, ao norte, em breve facilitou ao landgrave de Hessen que cortasse a conexão com os bandos francônios, numa rápida manobra. Talvez esteja certa a hipótese de Kautsky, que Frankenhausen, também habitada por numerosos mineiros de salinas, tenha sido escolhida em parte por conta da sua vizinhança com as minas de Mansfeld, em cujos trabalhadores Münzer depositava mais confiança, que na energia dos pequenos burgueses de Mühlhausen. Na realidade, deve ter mesmo ocorrido um severo desentendimento com Pfeiffer, nestes dias, a propósito da marcha rumo a leste e da mobilização de uma liga camponesa e urbana, à qual Münzer impulsionava numa direção comunista, enquanto Pfeiffer a sabotava, sempre inclinado à pilhagem, sempre relutante contra qualquer ampla organização. Em conseqüência, Münzer abandonou Münhlhausen finalmente em 12 de maio de 1525, cujas torres e artilharia sem dúvida ofereceriam melhor proteção, que o estacionamento de viaturas em Frankenhausen, desde que, também pelo menos por trás de eficaz bastião, teria sido guarnição, no melhor dos casos, a fantasia ladra e pequeno-burguesa de Pfeiffer, em vez de destacamentos de cartazes. Assim Münzer se retirou, com trezentos eleitos, cerne armado da comuna, presumivelmente composta mesmo em maioria pelos camaradas da sua liga de Allstedt; a gente do Erfurt, à qual ele escrevera, não se movera, enquanto os habitantes de Mühlhausen se contentaram em emprestar oito bombardas móveis do seu arsenal de artilharia, as quais acabaram caindo em seguida nas mãos do Príncipe, desaproveitadas. Assim rumou a pequena guarnição para a reunião cristã de Frankenhausen; não tendo, aliás, Münzer como chefe, pois ele sustentava "nunca serem de guerreiro os seus dias", e nem mesmo enquanto mero capelão militar, ao modo de Zwingli em Cappel, e sim mais no papel de crente, imbuído da sua

missão sobrenatural, à espera de milagres, contando com a força da sua exaltação mística, com a ostensiva investidura concedida à espada de Gedeão, não tendo portanto escolhido os trezentos eleitos por acaso, e sim de acordo com a docilidade ao modelo bíblico e conforme as próprias palavras da sua *Expressa denúncia (Ausgetrückte emplöossung)*, "Gedeão tinha uma Fé tão sólida e forte, que superou, com ela, um mundo grande e incontável de dificuldes, em companhia de trezentos homens". Porém, ao mesmo tempo, curiosamente misturado com exaltação mística, também aqui o arrastou o senso de realidade ao campo da decisão: sede homens e Deus Se tornará Deus; e não de outro modo, como após, em Münster, enquanto condensação do Fim dos Tempos, complementando-se a mais exata reflexão militar, com o mais irracional cálculo adventista.

10. A Batalha de Frankenhausen

Era claro como a luz do dia, quão mal os camponeses reunidos tinham sido armados e dirigidos.

Alguns se destacavam, atrás, sobre a massa, mantendo disciplina e exercitando-se, tão bem quanto o entendiam. Embora o bando, em conjunto, fosse inferior diante dos sete Príncipes em marcha, não tanto em quantidade, quanto em cavalaria, artilharia e, acima de tudo, em comando experiente em guerra. Alguns mineiros, que corriam em seu socorro, foram facilmente detidos, quanto aos demais, conforme o próprio Münzer temeu e advertiu, em grande maioria aceitaram concluir um falso e mero acordo salarial com Mansfeld, o qual, mais uma vez, os afastou de um movimento político geral. Como última esperança de arrastar consigo os mineiros, não podia Münzer senão encampar a rebelião nas terras mansfeldianas; e parece que o desesperado homem, ponderando as circunstâncias vislumbrou esta possibilidade, se a engenhosa interpretação de Kautsky percebeu com efeito a situação, doutro modo dificilmente compreensível, logo após a chegada de Münzer ao acampamento camponês. Assim que Münzer rompeu, ao saber, as iniciadas negociações com o conde Albrecht de Mansfeld; este já

tentara antes demorá-los, e Münzer deve ter pressentido e percebido que se tratava de uma manobra, a fim de ganhar tempo, constatando as vantagens desta demora para Mansfeld, ao imobilizar os camponeses, até que irrompessem as tropas dos Príncipes no campo de batalha. Daí, pois, ter Münzer utilizado fortes meios para provocar uma luta imediata com Mansfeld, além de uma mera cisão diplomática; duas cartas, escritas aos experientes condes Albrecht e Ernest von Mansfeld, são compreensíveis, pelo menos segundo Kautsky, apenas enquanto consciente estímulo, se não parecerem, conforme a versão de Zimmermann, tempestuosos resultados do desespero, tentado mentir a si mesmos enquanto expressões de mais loucura. Assim, seguiu às mãos do evangélico conde Albrecht, este grande escrito:

> Temor e tremor caibam àqueles que perpetram o mal. Romanos, 2, 9; dá-me pena, que deste modo abuses da Epístola de Paulo. Queres através disto confirmar a mais celerada autoridade sobre todo o povo, como o Papa reduziu Pedro e Paulo a carcereiros... não quiseste encontrar, em teu ardor luterano e em tua sopa vurtemburguesa, o que Ezequiel profetizou no seu cap. 37? Também não pode agradar ao teu paladar de tipo martiniano, o que o mesmo Profeta diz, mais adiante, no 39.º. Distingue, conforme Deus requer a todos pássaros do céu, que eles devorem a carne dos Príncipes, e que as feras irracionais devam beber o sangue dos figurões, segundo o que está escrito nas secretas Revelações dos capítulos 18 e 19. Achas que Deus não está mais com Seu povo, e sim convosco, tiranos? Queres ser um pagão sob o nome de Cristo e esconder-te sob o nome de São Paulo; porém te será cortado o caminho, saibas portanto conter-te, se quiseres reconhecer, com Daniel no 7.º cap., que Deus transmitiu o poder à comunidade, aparecendo diante de nós quebrando tua fé, então te aceitaremos bem e te olharemos como a um irmão; do contrário não te deixaremos voltar tua grotesca carcaça contra nós em combate, tratando-te como a um arqui-inimigo da Fé cristã, saibas portanto conter-te.

Ao ainda católico conde Ernst Mansfeld o mesmo que, desde o início proibira aos seus mineiros freqüentar às prédicas em Allstedt, enviou Münzer, simultaneamente, uma provocação ainda mais concisa, talvez

porque o conde Ernst mantinha ocupado o castelo Heldrungen, nos arredores de Frankenhausen, e este seguro ponto de apoio devesse ser tomado:

> Olha miserável saco mesquinho de vermes, quem te fez Príncipe de novo, qual Deus te redimiu com Seu sangue? (...) deves ter, com boa margem de certeza, recebido os meios para despertar tua fé. Se quisestes permanecer do lado de fora, e não cumprir a missão a ti confiada, então vou proclamar, nos quatros ventos, que todos os irmãos devem arriscar seu próprio sangue, contanto que venhas a ser perseguido e exterminado. Caso não queiras te humilhar diante dos pequenos — que tu também saibas, que temos ordens expressas; digo eu: o eterno Deus vivo prometeu derrubar-te da cadeira, com a força a nós concedida: pois tu não és útil à Cristandade, tu és uma desgraça para os amigos de Deus, teu ninho deve ser arrancado e esmagado. Queremos ter tua resposta ainda hoje, pois saibas que vamos te julgar; vamos sem adiamento, fazer o que Deus nos ordenou, quanto a ti, faze o melhor que puderes; viajo em seguida.

Ambas as cartas foram emitidas em Frankenhausen, na sexta-feira após o dia do Jubilate (12 de maio) de 1525, e ambas subscritas por Münzer, com o epíteto de modelo bíblico, ao qual ele se sentia sempre inclinado, agraciado, a adaptar-se: "Thomas Münzer, com a espada de Gedeão." Certamente assim também atua aqui, pois, aquele fascinante tom patético, que era sua idéia fixa, ao lado do refletido propósito diplomático mais arguto e ostensivo, com o qual Münzer, remontando às vezes à herança de Dom Quixote, partiu contra os medianitas, fiel a Gedeão, seu bíblico Amadis.

Daí, tão duvidosamente se reunirem os camponeses, que os próprios grandes da Saxônia vacilaram de modo surpreendente. De fato se os mineiros, capazes de se armarem, tivessem permanecido ao alcance da mão de Münzer, bem teriam influenciado nos acontecimentos em geral, ou até mudado-os, conforme o prova, em seguida, a rebelião dos seus companheiros tiroleses, a qual só sucumbiu pelo embuste e não pela força das armas adversárias. Ainda no fim de abril de 1525, assim escrevia o duque Johann ao Príncipe Eleitor Friedrich, pouco antes da morte deste: temia que eles

fossem, arruinados; tanto mais veemente, porém, ecoava lá fora seu grito de socorro o duque de Brunswick, um precursor assim daqueles que, três séculos e meio após, expediam o manifesto contra os rebeldes franceses, quanto o católico duque George da Saxônia, por Lutero chamado "o suíno de Dresden".

E, sim, ainda de muito longe, erguera-se a classe principesca em solidariedade, contra seus servos da gleba; como mais forte ajuda apareceu o jovem conde Philipp de Hessen, que não tinha tempo para os seus próprios camponeses rebelados, tão importante era Münzer para ele, e tão perigoso, que logo rumou para o leste, esmagando a revolta em Fulda, fechando os desfiladeiros ao sul da Alemanha contra as incursões dos camponeses suábios e francônios, bem como marchou às pressas em seguida, até Frankenhausen, entre Mühlhausen e Erfurt, para socorrer seus comparsas, embora as cidades estivessem em mãos dos rebeldes, de modo que, no domingo 14 de maio de 1525, alcançou as colinas que dominavam o norte, as quais ocupou no mesmo dia, cercando assim completamente o acampamento camponês, com um total de oitocentos cavalos armados, três mil infantes e uma artilharia já provada no assalto ao castelo de Franz von Sichanizen. Deste modo estava quase decidido o destino do exército cristão, revolucionário exército messiânico, isolado diante do Estado-Maior das forças reacionárias em ascensão em toda a Alemanha.

Os próprios camponeses não possuíam bastante pólvora, para abastecer seus pobres canos. Ainda na última hora, desaparecera o suíço com o dinheiro, o qual devia garantir o abastecimento. Assim o bando cercado preferiu negociar: "Não estamos aqui pelo amor ao derrame de sangue; mesmo que queiras mesmo efetuá-lo também, este não é nosso desejo." O emissário mercador de peles, voltou com resposta perigosa e reticente: "se nos entregardes o falso profeta Thomas Münzer, em companhia de seus asseclas e vos renderdes a nosso favor e desfavor, então vos aceitaremos na medida conveniente e, conforme as circunstâncias das coisas, podereis merecer nossa graça." Münzer tentou, então, inflamar pela última vez seu povo,

arrebatá-lo, confiando na ajuda sobrenatural, quando não se podia esperar qualquer ajuda terrestre, durante todas as traiçoeiras negociações intermediárias, nas quais a única coisa importante para os Príncipes era conseguir o apoio dos camponeses. O que, entretanto, Melanchthon nos transmite enquanto tal discurso em forma direta, está com certeza muito longe das autênticas palavras de Münzer; estas só podiam ser conhecidas, de ponta a ponta, em formas mais mutiladas e lacunosas e não encontravam, nem em Melanchton, qualquer restaurador de boa vontade ou congenial. Assim ele atribui a Münzer toda a sorte de repreensões aos Príncipes, os quais misturam incrivelmente puras recriminações pequeno-burguesas e típicas do luteranismo, com sérias sensações revolucionárias:

> Não levais em conta o governo, não ouvis as pobres gentes, não falais direito, não manteis limpas as ruas, não protegeis contra assassinatos, roubos e não punis ultrajes e arbitrariedades, não cuidais que a juventude seja bem educada nos bons costumes, não promoveis o ofício divino, embora tenha sido para isso que vossa autoridade foi constituída por Deus.

Porém ainda mais surpreendente é que Melanchthon sustenta como autêntico um suposto ou apócrifo discurso atribuído ao conde, no qual o discurso de Münzer se vê retrucado, ponto por ponto, embora o conde nunca o pudesse ter ouvido, conforme Kautsky demonstra em irônica confrontação. "É, pois, invencionice e calúnia, dizer que não estabelecemos tribunais, nem protegemos contra assassinatos e roubos", diz o Príncipe, segundo Melanchthon; e ele se estende, a respeito de costumes e direitos, sobre necessidade e utilidade dos impostos, até mesmo exorta os indisciplinados e aborrecidos servos da gleba, completamente desclassificados, evadidos de todos os países:

> Portanto deveis atacá-los confiantes que se trata de assassinos e que se trata de ajudar a salvar a paz comum, de gente piedosa e honrada, protegendo suas mulheres e crianças contra tais assassinos, dando assim um grande prazer a Deus. Pois Deus nos deu a espada, não para empreender assassinatos, porém, a fim de proteger contra o assassínio.

Na realidade, este discurso não pode ter sido pronunciado diante de servos, ou deslocado nunca foi ele dito; está, porém, Kaustky, certo, quando diz que ele devia elevar o prestígio do conde aos olhos dos educados pequenos-burgueses; e é puramente esta repercussão a vontade do discurso de Philipp, construído no seu estilo todo sentimentalmente tranqüilo e ordenado. Sem dúvida parece subsistir apenas o fato que surgiu, de súbito, um arco-íris, durante as negociações, segundo Melanchthon; Hans Hut disse, após em doloroso interrogatório, que Münzer apelara aos camponeses, "vocês vêem agora o arco-íris, aliança, e sinal que Deus os quer ter consigo; devem agora lutar com entusiasmo e audácia; e ele, Hans Hut, também vira tal arco-íris no tempo anuncido". Assim Münzer subiu a alta e colorida ponte entre o Aqui e o Além; agora, contudo, no indivíduo desesperadamente inflamado, no campo de batalha sem esperanças e súbito recolhimento da bandeira camponesa do céu soou ao mesmo tempo como a última hora, Fim do Mundo, a ruptura do eterno círculo da paz, pairando sobre tudo, sobre o afogado império terrestre; aberto permanecia o último caminho, refúgio e vitória, o caminho pelo amor, o carro de fogo de Elias no excesso da mais múltipla ruína. Daí possa, pois, repousar talvez, em algumas palavras autênticas, parte do discurso atribuído a Münzer pela história de Melanchthon, apesar do seu ritmo, frágil nota münzeriana:

> Não vos deixeis assustar, carne fraca, e atacai ousadamente os inimigos. Não temais o canhão, pois deveis observar que abarcarei todas as pedras dos arcabuzes por eles preparados contra nós. Sim, vede que Deus está ao nosso lado, pois não nos dá Ele um sinal no arco-íris do céu? Isto significa que Deus quer ajudar-nos, a nós que temos o arco-íris em nossa bandeira, e ameaça com julgamento e pena os príncipes assassinos.

Os oito mil camponeses espalharam-se em oração, na batalha, por completo impregnados pela exortação de Münzer e pela seriedade estática de fé dos seus três mil discípulos mais próximos. Melanchthon, porém, continua: "As pobres gentes mantinham-se de pé e can-

tavam: agora oremos ao Espírito Santo, como se fossem loucos, nem se defendendo, nem fugindo" de modo que a estranha batalha terminou com uma vitória ainda mais estranha para os Príncipes, com duas ou três baixas obtendo o esmagamento de cinco mil camponeses. Por pior que o bando tivesse sido conduzido, mesmo assim deveriam pois parecer incríveis a velocidade e proporção desta vitória, se aqui tudo tivesse ocorrido de acordo com as corretas coisas militares. Tanto mais é um problema a rápida derrocada nesta vitória quase sem luta, quanto mais o fato que o íntimo círculo de adeptos de Münzer não apenas começara antes já a estruturar um sólido cerne, como também, durante a batalha este grupo, escondido num vale lateral, demonstrara coragem mortal e mesmo chegara a desenvolver aquela única resistência, que custara a vida de dois ou três cavalheiros hessianos. O problema se coloca contudo, imprecisamente (e sua solução se liga, de modo homogêneo, à quebra de palavra da experimentada diplomacia guerreira dos Príncipes, cometida já antes em toda parte no Sul da Alemanha); pois os Príncipes, poupando-se à luta, disparavam os canhões nos surpresos camponeses quando estes ainda aguardavam a terceira proposta dos emissários dos latinfundiários, pelo que quando os nobres não retornaram, com sua traição desaparecera o único motivo para debate, ou mesmo para oferecimentos de misericórdia, por parte dos Príncipes, ao bando camponês; as balas despencavam sobre os traídos. Já quatro dias após a batalha, a comunidade de Mühlhausen escrevia, a respeito, aos camponeses francônios, que o conde, aos irmãos de Frankenhausen "apunhalara, atirara e, enfim, os assassinara miserável e traidoramente, em plena paz e trégua". Philipp não quis, portanto, talvez ter adotado alguma vez semelhante linguagem, em qualquer oportunidade, pois até no partidário panfleto luterano, *Um diálogo útil*, assim fala um exaltado münzeriano:

> Agora, enfim isto está sendo feito a sério por Príncipes e senhores, dando-vos três horas de reflexões e não sustendo um quarto de hora a promessa, de modo que, assim que o conde von Stoltberg levou consigo alguns nobres, desfecharam o canhonaço contra nós e atacaram-nos quanto antes.

Sobre este, bem como sobre outro ulterior prosseguimento do incidente, relata o próprio conde; e a ênfase não recai aqui apenas na sua mais importante frase: "a resposta efetuou-se", e sim ainda na tradicional reputação de misericordioso gozada por este Príncipe piedoso, de quem Melanchon escreveu: *"ingenii et consilii tantum ei tribuo quantum purpuratorum nemini"*. Philipp, o generoso, assim relata a Richard von Trier em 16 de maio de 1525:

> e onde eles aceitavam entregar Thomas Münzer, em companhia dos seus adeptos, em nossos mãos. Admitíamos receber as armas em rendição incondicional. Porém *a resposta efetuou-se*, assim, recuamos nossa artilharia para junto de uma montanha, deixando nossa infantaria e cavalaria seguirem às pressas, e a artilharia mirou e disparou naquela gente à queima-roupa. Quando, porém, os camponeses viram e sentiram isto, fugiram montanha abaixo, rumo à cidade e donde podiam correr; em seguida saímos no seu encalço com os nossos e, liquidamos a quem encontramos. Assim que tomamos a cidade de assalto, também a pilhamos além de exterminar todos os homens que ali se encontravam, de modo que *com a ajuda de Deus*, alcançou-se vitória e hegemonia neste dia, pelo qual devemos ser gratos de bom grado ao Todo-Poderoso, no anseio de ter com isto praticado e realizado uma boa obra.

Ultra-solícitos, porém, foram os servos no impulso, "de ajudar a salvar a paz comum, a ajudar gentes piedosas e honradas a proteger suas mulheres e crianças"; finalmente cavalgaram Príncipes na cidade, ordenando o fim da pilhagem e do massacre, sob pena de morte, embora ainda fossem arrastados, com indiferença, algumas centenas de presos, do pelourinho, defronte da Prefeitura. Os camponeses das redondezas entregaram aos Príncipes, mesmo seus chefes e predicantes, com as mãos a todos; as mulheres foram condenadas a espancar, com cacetes, os amarrados predicantes, a fim de libertar seus maridos, até que o cérebro esmigalhado ficasse dependurado nos cacetes e as cabeças se tornassem como que repolhos fervidos.

Münzer conseguiu escapar à traidora batalha, escondendo-se no porão de uma casa, quando um camponês, sôfrego de pilhagem, por aí vagando, descobriu-o, reconhecendo-o pelos papéis que portava, logo o con-

duzindo às pressas e na confusão, diante do conde e do duque Georg.

Estes o receberam, conforme as regras do jogo, escondendo-se de todo com sentimento, quanto às pobres gentes. "Quando ele se apresentou aos Príncipes", relata a História de Melanchthon, que aqui com certeza de novo enfraquece as palavras de Münzer, para não destruir surpreendentemente apenas a lenda da sua covardia,

> Quando Münzer se apresentou diante dos Príncipes, perguntaram-lhe porque arrastara e desvairara as pobres gentes. Respondeu, ainda insolente, que fizera bem, pois visara a punir os príncipes, contrários ao Evangelho.

Logo em seguida foi Münzer entregue, como presa de guerra, ao seu mais sério e irado adversário, o conde Ernst von Mansfeld, lançado em seguida na mais sólida torre do castelo de Heldringen, lá brutalmente torturado, sem que se conseguisse arrancar senão curtas e fragmentárias confissões insignificantes. Ele forneceu apenas generalidades da sua vida, as quais, de resto, foram expostas e fixadas em protocolo, de modo feroz, ocasional, sem espírito, para decepção de Lutero, que lamentou a teimosia de Münzer, e de Melanchthon, que com prazer teria desejado melhores esclarecimentos sobre a teologia de Münzer, em tal conveniente oportunidade. Por fim certamente Münzer escreveu uma carta à comuna de Mühlhausen, na qual ele não só descarregava todo o peso e fardo mundano da sua alma, como também continha todas as espécies de sinais de um passageiro desencorajamento, a menos que se ponha em dúvida a autenticidade desta carta, ditada e não escrita pelo próprio Münzer. Agora, porém, já circulam muitas versões imprecisas a respeito da redação da carta: tais como, o próprio Münzer, que há pouco se dirigia ao duque de Georg, em *confiante* tom cortesão, tratando-o como irmão dileto, de modo igual ao recíproco tratamento dos Príncipes, e, de um dia para o outro, tenha endereçado um servil "apelo aos seus juízes", ou que Münzer, mesmo sem se levar em conta a mais íntima inverossimilhança de tal conversão, tenha recuado para as formas da confissão ca-

tólica, como se fosse o católico duque Georg o mais poderoso, dentre os que julgavam Münzer e que se preocupavam pela salvação da sua alma, e não Philipp, o protetor evangélico. Tais ambíguos antecedentes também tornam assim verossímil que Münzer não tenha exortado o conselho e a comuna de Mühlhausen, no sentido de renunciar à rebelião e implorar misericórdia aos Príncipes, e sim que os próprios Príncipes aqui abusaram do nome de Münzer, para despertar a frustração na cidade imperial, uma frustração tão útil, quanto, dois dias após a redação da duvidosa carta, principiou o cerco de Mühlhausen, como se discutível artimanha bélica. Pfeiffer, desaparecido durante o cerco, em breve foi de novo recapturado, morrendo sem arrependimento e com inquebrantável obstinação; um *Novo Canto*, até hoje conservado, lamenta e celebra seu fim. Münzer, porém, que também foi trazido para Mühlhausen em fins de maio de 1525, para vir a ser decapitado, não esteve sequer em condições de negar o credo, por medo de morrer, segundo a história melanchthoniana, pelo que o duque de Heinrich von Brunswick teve de dizê-lo, em voz baixa, enquanto ele o repelia. Há seus fundamentos, na lei da luta de classes, que Pfeiffer, originário de Mühlhausen, expoente de uma pequena burguesia se tornasse rebelde, viesse a ser exatamente o pintado em cores simpáticas na morte, enquanto Münzer, por força da sua central séria e edificante periculosidade, fosse objeto de desprezo e humilhação de todos os modos, também no referente à sua coragem pessoal. Embora, pois, o próprio Seidemann sustente:

> Seria precipitado, se simplesmente, o julgamento sobre Münzer se baseasse sobre o que se diz da sua morte. Pois há tantas trevas nos relatórios sobre a mesma! Os que o interrogaram e julgaram, apegaram-se à exterioridade; reconhecer que Münzer abriu sua intimidade, ao olhar dos homens, quando se viu diante das portas da morte, a isto impede também ainda o impulso nos acontecimentos circundantes.

Todavia, tanto mais desconhecido lhe era o desenrolar dos acontecimentos, quanto mais sofregamente

se empenhava de novo Melanchthon em estilizar um bem feito discurso, à maneira de Curtius Rufus, e bem ao gosto açucarado da maldade da gente de Wittenberg, atribuindo-o ao indivíduo tido há pouco por mudo de medo. Quando já se encontrava na área onde sua cabeça lhe seria arrancada, Münzer deve ter ainda uma vez advertido os Príncipes, exortando-os a serem menos cruéis e a lerem com zelo as Sagradas Escrituras, sobretudo os Livros de Samuel e dos Reis, onde podem ser encontradas as espelhadas imagens do seu iníquo comportamento e como os tiranos recebem um fim pavoroso diante de Deus; discurso redigido no espírito da autêntica crença de Münzer, da perene expressão final da sua vida, que reluzindo com obstinação através de toda a estima e domesticação efetuada contra sua palavra, por parte de quem nega de má fé o *indelebilis character* rebelde e quiliástico da sua substância íntima. Assim Münzer morreu de uma difícil, amarga e precoce morte, sacrificado pelos inimigos do povo, puro e forte, com olhar dirigido ao grande Algum Dia e a Deus, no abismo, que não abandonará seu povo. Ainda longamente permaneceu viva a lembrança de Münzer, um grande grupo de discípulos secretos prosseguiu estudando na Turíngia, os quais, segundo as palavras de Sebastian Franck, "honravam-no como um homem piedoso, temente a Deus, perdoando os seus ardentes sermões, como obra de um santo homem, feitos com um zelo divino, a cujo espírito e palavra ninguém podia julgar". E o mesmo fidedigno testemunho transmite, adiante, na sua *crônica de feiticeiros*, como Münzer "mantivera assim seu povo preso ao seu fascínio, de modo que, por mais que tivesse morrido, sentiam-no presente por trás das suas costas". Lutero, porém, reconheceu numa conversação de massa, mais de seis anos após tombar a cabeça de Münzer: "*Mulhusi, ubi caput Munceri est impositum palo, aiunt tam tritam semitam esse ex frequenti civiun et aliorum improborum visitatione, ut quasi publica via videatur; nisi obstaret magistratus, putant futurum, ut pro sancto eum colant.*" ("Em Muhlhausen, no local onde foi impalada a cabeça de Münzer, diz-se que os passos dos visitantes, habitantes da cidade estranhos, tão freqüen-

temente pisaram aquele solo, que quase se parece com uma via pública; e se os magistrados não interviessem, ter-se-ia venerado Münzer como a um santo"). Um dia inteiro ter-se-ia Lutero encerrado, ao saber da morte de Münzer: quando, porém Lutero sempre escreve com palavra tão cheia de ódio, sobre os rebeldes, é como numa espécie de tremor febril diante da sua fantasmagórica e persistente presença, assim que ele pensa a seu respeito com estranho prazer daninho; a sombra vive, o cadáver sangra, o punho ergue-se ameaçador, emergindo do túmulo, e daí que, em toda linguagem de Lutero sobre Münzer pesa o mais gritante garbo, obscurecendo cada vez mais o seu remorso desesperado, diante do império dos Príncipes e da marcha do mundo.

11. Resultado da Revolução

Logo, porém, irromperam para os camponeses os dias mais deploráveis. Tortura, forca, espada, fogo roda, vazamento de olhos, arrancamentos de dentes, e outros suplícios, cedo ajudaram o campesinato de novo a aquietar-se. A viúva de Münzer, abandonada grávida, ultrajada sobre-vivia ao dia de sangue de Frankenhausen, errando na mais repulsiva miséria, pelos arredores. Uma carta, que dela se conservou, dirigida ao duque Georg, apresenta-a alquebrada por completo: "É, portanto, minha humilde súplica, que Vossa alteza principesca queira considerar minha grande miséria e pobreza. Também chegou aos meus ouvidos que Vossa alteza principesca é de boa opinião que devo retornar ao convento; para isto lhe peço, pois, graças"; a carta não menciona nem filho, nem casamento, estando assinda com o nome de solteira Odile von Gersen.

Os descendentes de Münzer tiveram que retrair-se e modificar seu nome, no diminutivo mendigo de Münzel, por medo da vergonha civil e perseguições. A pobreza das sugadas, escorbúticas, dizimadas criaturas camponesas, constituiu finalmente a única repressão contra uma arrazadora vingança total; a casa do camponês foi convertida em estrebaria, com freqüência faltava qualquer referência à mobília na avaliação dos

bens camponeses, nos arredores da Suábia. O quadro geral merece compaixão tanto quanto o desempenho e conseqüências da batalha de Frankenhausen em toda sua desgraça e mesquinhez, no mais extenso horror do seu efeito social, bem como combate decisivo da revolução — quando os camponeses batidos retornaram à casa, na medida em que podiam arrastar-se, foi para encontrar um lar duplamente empobrecido, porém a desgraçada vontade não estava refutada, e o último argumento e o derradeiro tiro não tinham ainda sido disparados. E, sim, como o próprio Seidemann acha sobre Münzer:

> As idéias a cujo ensino ele viera em socorro, não tinham morrido, pois elas se enraizavam na miséria e na arrogância da época; reformadas continuamente e semeadas com exaltados sonhos febris, explodiriam mais tarde, ainda uma vez, cheias de horror na vida burguesa.

Todos os pobres de espírito, todos os anabatistas, nos seus grandes centros de Zurique a Estrasburgo e Münster, sentiam-se excitados pelos escritos de Münzer, sim, como ele lhes escrevera de Allstedt, "instruídos e fortalecidos acima das medidas". O que ainda dividia o poderoso caminho, breve não seria mais obstáculo no reconhecimento da liderança espiritual do profeta de Allstedt "pois tu nos agradas melhor em todos os artigos, que qualquer pregador, nestas terras alemãs ou noutras". Aqui em Münster, no ulterior ato da guerra camponesa, crente no Advento, ecoava, o que Münzer soara em peregrinações e por meios falados e escritos, de modo que só irrompia, reconhecível, a Revolução quiliástica executando-se numa trajetória de vida social de então, como uma aberta parábola, em quase inédito arco rumo ao infinito.

Porém não mais os camponeses levavam esta mensagem sozinhos. E sim, lembra-se que antes que estes se erguessem, os honrados cidadãos suíços tinham acabado de jurar que todos as coisas deviam ser comuns e em comum produzidas, diz uma testemunha a respeito, antes de mais nada porém, não se considerando cada um vinculado a qualquer comuna eclesiástica de estado e sim pronunciando a livre adulta decisão a respeito de tudo. Os Exaltados minaram a maio-

ria das cidades suíças, de início ocultas, em breve abertamente irrompendo na praça do mercado, mais cedo na rica Zurique artesanal, onde o Zwingle, o vigário dos ricos tenta em vão conter o impulso por ele mesmo desencadeado; Waldshut, porém, na fronteira, tornou-se o bastião dos anabatistas. Homens educados, nada insignificantes, orientavam a comum tarefa, sucumbida a rebelião alemã, a qual muito ajudara mesmo aos pacíficos irmãos suíços no seu maior êxito. As classes inferiores foram desencorajadas, e o modelo da reação alemã favorecera o ânimo das classes dominantes. Humbmaier, chefe de Waldthut, traiu; os que não fugiram ou renegaram, foram afogados ou empurrados, aos bandos, nas novas terras dos hereges, para ali "serem deixados a morrer e apodrecer".

Porém, exatamente neste tempo, registra Kautsky, — se desencadeou a desobediência do Anabatismo na Suíça, começou sua ascensão no dividido e particularista império, onde nem revolução, nem reação, podiam acontecer ou ser liquidados de uma vez. O pequeno indivíduo urbano não se misturava aos camponeses, senão isoladamente. Assim a sangrenta derrota dos campônios não o atingiu e enfraqueceu diretamente, de modo que ele não invejava o camponês, em relação ao qual parecia mais sutil, até na vingança. Tanto menos assim, o pequeno burguês sentiu a situação diante das portas, quanto mais fortemente nele atuava a agitação, de lutas de classes das cidades suíças. Muitos dos anabatistas suíços tinham fugido para as cidades imperiais do Sul da Alemanha, quando antigos adeptos de Münzer se aproximaram decididamente deles, com eles o livreiro francônio Hans Hut, que de início acolhera Münzer no exílio e que acabara ainda de ser testemunho do desastre de Frankenhauser. As capitais do novo movimento se tornaram Augsburgo, Nuremberg, Estrasburgo, transplantados centros do "Begardentum"; porém, num congresso em Augsburgo, ainda se afirmava a direção pacífica, e mais moderadamente realista, de Hans Denck, o "Apolo dos Anabatistas", contra Hut, o chefe radical. Embora isto, com certeza ajudasse pouco; basta que eles contassem com os turcos e da sua vitória esperassem a queda dos poderosos, para eviden-

ciar a inutilidade do seu gesto e comprová-lo como disfarce da própria fraqueza. Em cada rebelião há, porém, armas secretas, apesar de que mas perigoso, policamente, fosse ainda o princípio levantado do *anabatismo* em si, considerado intocável até pelos mais moderados; já o opróbio Zwingli, com orientação anabatista nos seus primeiros tempos apolíticos, descobria em 1525, "ser necessária resistência, pois não se trata de batismo, porém de rebelião, derrubada e desprezo de autoridade". Pois exatamente no que a criança vinha a ser considerada inocente, na medida em que lhe falta livre escolha, *consentimento* ao pecado, falta-lhe, por conseguinte a inata capacidade de pecar, pelo que só o adulto, capaz ativamente de pecado e de fé, pode vir a ser batizado, pretendendo-se ser assim o batismo tardio a garantia da livre decisão espiritual de adesão religiosa. Na medida, porém, em que a igreja protestante afundava-se, cada vez mais, em igreja de Estado, decidindo-se por completo pela incompreensível simplicidade mais heterônoma do *cujus regio, ejus religio,* na mesma proporção surgia o batismo tardio como negação da autoridade estatal, proclamando liberdade de escolha de associação, internacionalidade supra-estatal dos pobres de espírito, dos Eleitos, niilismo diante da lei outorgada, liberdade de moralidade a ser entendida e escolhida, quase conforme Bakounine depôs. Certo que é secundário este momento político do batismo, e a perseguição dos batistas provinha do lado católico, exatamente enquanto perseguições intensivas, ou mais intensiva, contra os negadores do batismo como um *sacramento*, apreendido de modo puramente religioso: porém também aqui mesmo os batistas engajam o sujeito responsável, em vez da *fides aliena* dos padrinhos, transformando assim a marca com o nome de Cristo, de um mero caráter numa dignidade mais completa, de uma inconsciente máscara num sinal de aliança da Eleição. Cedo Zwingli o percebeu, Melanchthon pensara muito bem que "o diabo nos quer atacar num ponto fraco", Lutero preferiu os sinuosos subterfúgios para impedir a dedução do batismo tardio em seu pleno significado sem-cerimonioso de fé; só Münzer, embora ele próprio não pareça ter batizado

adultos, recorda, em seu *Protesto (Protestation)*, quão cuidadosamente se cuidava, nos tempos dos apóstolos que o adversário misturasse o trigo com o joio:

> Daí que só se tenha seguido gente grande após longo ensino nas escolas das igrejas. Ah! que devo dizer, se em nenhum livro da doutrina da igreja, desde os seus iniciais escritos, nunca se afirmou o que seja o verdadeiro batismo. Peço a todos os eruditos exegetas, que me mostrem onde está nas Sagradas Escrituras que uma única criança tenha sido batizada por Cristo e seus Apóstolos, ou se determine como deveremos agora batizar nossos filhos.

Deste modo "se tornou animalesco jogo de macacos a entrada na Cristandade"; e não por outro motivo se apressou a primeira força da Inquisição a pôr-se à prova, também com igual intensidade, contra os batistas do Sul da Alemanha e da Áustria. Eles foram

> esquartejados e cortados, alguns queimados até às cinzas e ao pó, outros assados, alguns despedaçados com tenazes em brasa, outros presos em casas e todos queimados juntos, alguns enforcados nas árvores, outros executados com espada, alguns lançados às águas, e muitos tiveram um garrote enfiado na boca para que não pudessem falar, e assim conduzidos à morte.

Os fugitivos foram caçados de terra em terra, onde sempre uma nova forma de morte os aguardava: a *Úrsula* de Gottfried Keller, nas *Novelas de Zurique*, fornece-nos um poderoso quadro emocionante de horror e profunda melancolia destes métodos, e se o eixo e iluminação são surpreendentemente falsos, pelo menos se salva a grande intuição dos fatos; quase todos os destacados batistas sucumbiram, silenciosos e ardentes, na inundação da premeditada bestialidade; ao modo dos mártires do Cristianismo primitivo, forma-se um passionário, fortalecedor e cheio de milagres. Como único refúgio, mantém-se Estrasburgo, enquanto o Morávia se torna um novo Emaús, cuja alta nobreza, quase por completo independente, perde as guerras hussitas, permite a colonização fechada e prática do Cristianismo, aos herejes em troca de juros. Lá se salvaram assim alguns punhados de batistas remanecestes, conduzidos por Hut, o qual infelizmente retornou

a Augsburgo, ali acabando executado. A proibição impedia, aliás, o porte de armas, como outrora, pois sem intromissão do poder do Estado foi assegurada a mais severa comunidade de bens, de novo fortalecida por um imigrante tirolês, e esta fraternidade se manteve durante quase cem anos, até a batalha da Montanha Branca; Comênio — o sábio educador, afastado do mundo, e condutor das almas a Deus — foi seu último Bispo. O Inquisição habúrgica desabou também sobre esta inofensiva residência batista, após a queda da Boêmia, tornada parque protetor, secreta catacumba; muitos dos irmãos sucumbiram errantes, muitos abjuraram e tornaram-se católicos, embora guardando em casa a velha doutrina. Outros imigraram para a Hungria e, de lá expulsos, levaram seus descendentes para a Ucrânia, onde as comunidades morávias buscaram longamente a vida apostólica, em conexão com seitas russas, até que a lei do serviço militar obrigatório impelisse os indefesos rumo aos Estados Unidos no século XIX, onde ainda floresciam, por muito tempo, as suas fazendas fraternais nos campos do Missouri, suas colônias afastadas do mundo, seccionadas e quase musificadas, uma verdadeira Icária do Socialismo cristão. Certamente também se mantinham labor burguês, estreiteza sectária, ascese calvinista, e isto sem qualquer leviandade, desde antes não distante. Sempre, contudo, atestava ainda o *Simplicius Simplicissimus* de Grimmelshausen, o modo de vida dos batistas húngaros a renunciar ao mundo, de modo a aparecerem mais angélicos do que humanos, não de outro modo "como Jesephus e outros judeus essênios descreveram" — "em suma, havia uma tal amável harmonia, que não parecia ordenada a nada senão multiplicar o gênero humano e o Império de Deus, em toda a dignidade".

Assim parecia o *homo batista*, depois que lhe foi determinado brutalmente ficar em paz. Entretanto erguia-se finalmente o rude o sofrido povo da Vestfália e Frésis, menos pacífico que todos os batistas até então. Aqui se tinham, aliás, conservado calmos os camponeses, em parte porque as velhas terras agrárias remanescentes ainda lhes rendiam melhor, em parte porque as regiões isoladas estavam mais longe entre si, que no

Sul densamente povoado. Tanto mais colorida, porém, aborreceu a luta nas cidades, assim em Osnabruck, Paderborn, no Wulheweber de Lubeck, mesmo na distante cidade hanseática de Riga, também em comunhão, porém, serva de tudo em Münster — daqui o mestre quis, enfim, fazer seu jogo. Só aparentemente, portanto, ficou móvel a grande cidade durante a guerra camponesa, distante das suas portas, no meio de um horizonte cercado por trovões. Em breve o relâmpago batista riscou as altas torres, excitando tanto proletários quanto pequeno-burgueses, ao mesmo tempo para a Revolução e para a mista alegria do Império dos Mil Anos, numa antecipação terrestre da bem-aventurança, antes das últimas angústias e Fim do Mundo. Certamente surpreendia, por completo, quão longe acurada podia ser a experimentada tropa, de involuntários provincianos, envolvidos em geral em tais atos e metas absolutas, aqui, e, com menor precisão, também nas cidades batistas do Sul da Alemanha. Em Münster, pelo contrário, aparecia com violenta fúria e fantasia plebéias, o mais surpreendente absoluto pairando sobre tudo o que fosse pequeno-burguês; aparecia uma consciência da chegada de um último advento, em pleno meio do paraíso de todos. Foi deposto o fratricida e, enquanto os camponeses cortavam os grilhões, o abade da terra vermelha efetuava a última aventura, de armas em punho, furiosamente radical.

Mal se conseguira aqui a liberdade burguesa e já a agitação batista de novo se desencadeava. Os pobres se rebelavam selvagemente, a burguesia fora em parte fortemente influenciada na direção da aventura, através dos seus próprios chefes. Não sem efeito ficara também o fato de que diversos exaltados münzerianos já há mais tempo, encontraram um precário esconderijo em tais arredores, tais como na Frísia oriental, na velha Stertingland; Melchior Rink, o mais ardente discípulo de Münzer, após Hut, encontrava-se entre eles e foi visto por fim em Münster. Rink além disto, vivera como Hut, o dia de Frankenhausen, e deixou-se espalhar a palavra que Deus o tinha ajudado a salvar-se daquela batalha, para cumprir a misão de Münzer e levá-la a bom termo. Já também o estático Melchior

Hoffmann de suábio luterano em breve porém ardoroso arauto dos escritos münzerianos, tinha recolhido a radical forma de exaltação mística, de algum modo salva, ao ser transportado de Estrasburgo para a Holanda. Exatamente a aparição de Münzer significava para Hoffmann, o sinal da chegada dos tempos da sexta trombeta; e ele pinta Münzer, na *Explicação da secreta revelação do Apóstolo João (Ausslegung der hemlichen Offenberung Joannes)*, inconfundivelmente como "aquele forte mestre da voz, cuja face já é o próprio sol, aureolado pelo arco-íris". Na Holanda, agora, logo se agrupam os discípulos de Melchior Hoffmann, na nova seita batista dos Melquioritas, decididos em favor da espada, como a única coação contra o dragão que quer sufocar a Criança a Palavra. Jan Mathys, um padeiro de Haarlem, Johonn Bokelson, o fantástico alfaiate sequioso de felicidade e de beleza, dolorosamente se tornaram os anunciadores da nova realidade, necessitante da força, da autêntica combativa, iminente "púrpura eclesial dos Eleitos". Hoffmann retornou a Strasburg, acompanhado por vozes proféticas que lhe previam prisão nesta cidade, porém em breve cintilante vitória; na realidade, Hoffmann não mais viu a liberdade, embora duvidasse tanto menos na próxima aparição do Filho do Homem, quanto maiores fossem todas as decepções, apesar de freqüente adiantamento forçado do Juízo Final. Em breve, entretanto, após a obscura partida de Hoffman, que permaneceu inexplicada, espalhou-se entre os Melquioritas holandeses, que um de seus irmãos recebera a nova Revelação: o Senhor quisera repudiar Strasburg, por causa de sua infidelidade, escolhendo Münster para ser a nova Jerusalém, no seu lugar. E Hoffmann ainda apelava, em 1533, enquanto "testemunho de Cristo", aos "fiéis amantes da verdade", aos fundadores desta nova Jerusalém:

> Erguei vossas cabeças, corações, olhos e ouvidos, pois a Salvação chegou às portas. Quando Deus confortará todos os seus, pois todas as pragas acabam até a chegada do Sétimo Anjo Vingador. Assim que ele cumprir a sua missão, extinguir-se-ão, com isto, a cólera divina e a praga do Egito, aprontando o caminho para a Ceia do Cordeiro. Basta que o Sétimo Anjo ainda derrube e

aniquile os primogênitos do Egito, e o Império babilônico e sodomítico levará fim, na sua pompa. É, então, necessário que cada um tenha a sua lâmpada bem cheia com o óleo consolador, para que, com isto, espalhe, com todo amor, em seu brilho alegre, o fogo da Lei Divina; pois à Meia Noite (assim as trevas precisem acabar e dissipar-se), virá o Noivo e conduzirá os seus, fechando porém as portas aos insensatos e aos sábios mundanos, para que eles não mais sejam parte no Império de Deus.

Isto devia mesmo desencadear, concentricamente, os fatos em torno de Münster, para lá rumando, aos magotes, os exaltados batistas da Holanda em breve também das demais partes do Sacro Império Romano-Germânico, fortalecendo o proletariado loial, em parte suplantando o partido burguês das corporações, em parte mesmo radicalizando; no começo do ano 1534, também Jan Mathys, enquanto sucessor de Hoffmann, e Johann Von Leiden, de Amsterdan, chegaram na designada, dignificada Münster, o local das Núpcias do Cordeiro. O que de agora em diante aconteceu, convulsões penitentes, peregrinações, flagelações, crucificações de crianças, típicas do fim da Idade Média, tem seu eco no múltiplo estremecimento de glossolália e sonambulismo dos cultos noturnos a Cristo; também vivera uma seita, exatamente no Baixo Reno, quase meio milênio antes, cujo fudador Tauchelm, urgindo pura novidade, misturara, com efeito, estranho descaramento, noivando publicamente com a Virgem Maria, construindo para si mesmo uma própria igreja, apresentando a si próprio como um Cristo em ídolo vestido em ouro, saturado com jóias, aparentado, de alguns modos, com Johann von Leiden, o vivedor rei de Jerusalém. Porém tudo isto permaneceu episódio isolado, característico apenas a uma seita; para, pelo contrário, perceberem as dores do parto da Salvação acreditada iminente, precisa-se devolver o avaliador olhar, através de todo o Ocidente, até Montanus, o derviche cristão; até o idêntico, quando violentamente irrompante êxtase social quiliástico do segundo século da era cristã, quando os discípulos de Montanus, suposto Paráclito, reuniram-se na cidade de Pepuja, no deserto frígio, para fugir à corrupção de uma igreja mundanizando-se. Aqui emergia parecida luz pálida, um despertar e levanta-

mento meio neuróticos, meio em Cristo, e, apesar disto, se impunha a mais arguta das ordens por completo aos selvagens, aos loucos e às piedosas vertigens. Agora incandescem os mesmos fenômenos coribânticos, idênticas extinções em volúpia, análogas salvações na Graça, jogando acima e abaixo com ambíguos demônios; com freqüência, ao mesmo tempo, em procissões, peregrinações encontrando-se no caminho e dissolvendo-se entre si: descida de Dionísio na planície, ascenção do purificante Moisés, do Cristo centralizador de Luz na montanha da Lei e da Plenitude. E, ao mesmo tempo, a mais sóbria e racional seriedade guerreira atua no êxtase, enquanto místico quotidiano de uma cidade do Império, apreendido no estilo monárquico divino do velho reinado israelita, impando de igualdade em júbilo, de esplendor salomônico e serviço no Templo. Tudo isto misturado com as voluptuosas coincidências do Império de Mil Anos, ao mesmo tempo com harém e comunidade de bens. Entretanto Münster sucumbiu, de modo assustador e temível, morrendo de fome a cidade, como a autêntica Jerusalém, sitiada por Tito; finalmente irrompeu o inimigo, por uma posição fracamante guarnecida, "por especial Graça divina e, de nenhum modo, por sagacidade dos guerreiros". Mulheres e homens foram massacrados indistintamente, reboando *Te Deum* como na Roma do ano mil, porque Cristo não aparecera todavia nas nuvens. Os chefes do onírico Império, entre eles Johann von Leiden, foram espedaçados por tenazes em brasa, e seus cadáveres suspensos, em gaiolas de ferro, na torre da igreja de São Lamberto, troféu babilônico da vitória senhorial só agora fortalecida em toda Alemanha. Ao modo da Suábia, Francônia, Turíngia, não se efetuou de nenhum outro modo específico o triunfo temporal dos príncipes, e, sim exatamente com a submissão de Münster, com seu quixotesco rei de Jerusalém, em conjunto de plenitude de fé e peças de exposição, se fechou, de agora em diante, o círculo despótico. À interioridade não coube exteriorizar-se, a *Restitutio omnium* comprovou-se como lasso Quixotismo sob céu mudo ou, pelo menos, enquanto idéias, ainda incapaz de enfrentar Satã; e não só o falso batismo menonítico recuou depois com

horror, também ainda Johann Comenius, no seu escrito *O labirinto do mundo e paraíso do coração (Das Labyrinth der Welt und Paradies des Herzens)*, distanciou-se nitidamente do Rei de Jerusalém; o peregrino abandona aqui ainda o próprio Reino solar de Salomão, o qual falhou e busca a Salvação apenas na interioridade, no *contemptus mundi*, no amor de Cristo, ser *paradisus animae intelligentis* no mundo da Salvação desesperada. Certamente também brilhou a Fé, por muito tempo, no secreto Reino anunciado pelo Apóstolo João; fenômenos e esperanças bem parecidos, misturados de novo com Sonambulismo, encontram-se ainda em 1700, mais de duzentos anos após, na rebelião dos Camisards, no vale da floresta das Cevenas. E não passaram muito mais de duas gerações em relação ao tempo dos Camisards, até a Revolução Francesa, para que nos vales das florestas e nas províncias mais ou menos iletradas da França, crepitasse de novo quiliasticamente o que devia ter sido incendiado, dificilmente apenas com Diderot e não só uma vez com Rousseau. Com quanta dificuldade, porém, se ergueram o camponês e o cidadão, no início da sua maior, da única rebelião. Servilidade do povo, brutalidade das classes dominantes, condicionaram, econômica e politicamente, ao mesmo tempo, seu destino, ao longo dos séculos, através do esgotamento revolucionário, através da decepção na Revolução; esquecidas estavam todas as Saturnais da Epifania. A liberdade conseguiu tornar se invisível, retrocedendo no fugidio, isolado, peculiar, oculto, no desinteresse do fático, na alma solitária ou também nos outrossins dualísticos consolos do católico além-túmulo, para que, assim, o inevitável só permaneça sempre em aspiração e o céu sempre continue do outro lado.

Assim desapareceu a linha guerreira, sucumbida e abafada brutalmente. Os pacíficos e esperançosos quiliastas sobreviveram ainda, por um curto tempo, sob David Joris, porém capitulando, por fim os batistas, tanto taticamente, quanto no conteúdo, através da "Renovação" de Menno Simon. Este recomendava remeter-se à situação estabelecida; muitas boas figuras, porém, se esquivaram a esta conduta, tanto assim que o *Can-*

dide de Voltaire, descobriu, no proprietário batista de uma manufatura de tecidos, até mesmo a única luz, no que havia de pior em todos os mundos, apesar de crescente fusão calvinista imiscuir-se, à qual de bom grado se adaptou a pequena-burguesia dos mennonistas. A Revolução Cristã celebrou sua insípida paz com o Mundo, não de outro modo, em maior escala, como outrora o Cristianismo primitivo, e inclusive os comportamentos isolados do acordo protestante se viram surpreendentemente repetidos. Pois, mais uma vez não todos sonhadores sucumbiram de tal maneira fecunda. Nova mudança ocorreu muitas décadas depois, na grande ilha, no país mais avançado, do ponto de vista econômico. Camponeses, trabalhadores, cidadãos radicais partiram do assalto, na Inglaterra, batisticamente, após o primeiro ato da Revolução deflagrada pelos calvinistas. Surgiram os niveladores, os *levellers* comandados por John Lilburne, insurgindo-se no exército, com vigor contra Cromwell. Acalmou, porém Lilburne, enfim aos seus meio-batistas, enquanto ele próprio permanecia puritano, de modo que continuava aberta, para todos os lados, a relação como ideal da seita batista, portanto à vontade revolucionária, embora exatamente também para com a confissão calvinista, diversamente da luterana. Não se tratava para os *levellers*, de simples trabalho, reforma, intercessão da burguesia, dos *magistrats inférieurs*, em mera participação útil da sociedade civil para servir à honra de Deus, e sim seu progresso repeliu, no fim, bem acalvinisticamente, qualquer codificado compromisso com as determinações do pecado. Não ainda igualdade dos bens, porém, pelo contrário, completa democracia política foi proclamada pelos *levellers* e, em lugar do reconhecimento do relativo Direito Natural, retorno a uma lei cristã radicalmente apreendida, a qual, certamente, nem conduzia ao comunismo de outrora, nem ao radicalismo quiliástico do antropomorfismo cristão. Os batistas mais vivos, no seio dos camponeses ou já também entre proletários industriais, em conexão com uma herética propaganda nunca completamente abandonada, só vão reaparecer, em seguida, através da seita dos cavadores *(Diggers)*, autênticos *levellers*, com Wistanleiy; antes de

mais nada, contudo, na seita dos milenários ou quinto-monarquistas, com Harrison, os buscadores e confessores do último e quinto império, ou da completa soberania cristã, conforme a profecia de Daniel e Münzer. Enquanto o nivelador Lilburne — na medida em que ele apareça, em muitos aspectos, como autêntico precursor de Marat, segundo a convincente análise de Bernstien — enquanto o nivelador Lilburne ainda se adaptava, ligado finalmente à relativa interioridade do grupo dos Quakers, morria Harrison, após sangrento levante esmagado, na sólida convicção que em breve retornaria à direita de Cristo, para erecção do Império. Com esta morte, contudo, e esta promessa, eram riscados, com efeito, do mapa das atuações, das externas realidades da História, os revolucionários batistas na Inglaterra, terminologicamente também na Europa. Por isto mesmo, só na França, os Camisards levaram a cabo a última contestação batista ao poder estatal, dominante e fortalecido, com a igreja mundanizada e suas pretensões às almas. Pois se esses camponeses se ergueram enquanto huguenotes, isto ocorria em antigo território batista, no qual queimava a rebelião nas cevenas, conforme a novela de Tieck a respeito, em si mesma um grandioso fragmento, luta contra todos os senhores temporais, mortal seriedade quiliástica, direção por intermédio de visionários, profetas, sinais dos batistas, fornecendo aos Camisards o pano de fundo do Império dos Mil Anos, ainda no século da Revolução Francesa. Contudo, desde então, venceu aqui o homem vulgar, adaptado à ordem dominante, ao tímido calor e à fraca penumbra das ordenações do Direito Público. Conta-se com a concedida Arte do *homo oeconomicus* e não mais com o autêntico homem espiritual com o *homo spiritualis* e com a íntima luz irrecusável arrastadora à ordem paradisíaca. Sem dúvida naufragou o Iluminismo, na medida das suas vulgaridades pagãs, não mais de modo tão profundo, nem tão cruamente, como toda a individualística natural, conforme Maquiavel, ou mesmo segundo a meia-paz de Calvino ou de Lutero com a situação pecaminosa; muito pelo contrário, situam-se o Direito Natural clássico do Iluminismo e o a priori de Rousseau e Kant, incomparavelmente mais

elevados que o relativo Direito Natural da situação pecaminosa e da sua paz com o dado mundo social, conforme os mesmos Calvino e Lutero. Pois exatamente a velha herança batista e o pensamento originário do Direito Natural absoluto, prosseguem atuando na Liberdade, Igualdade, Fraternidade do surpreendente século XVIII, na ascenção da temperatura moral, aqui quase ocorrida aos saltos, na Revolução Francesa, enquanto o mais cristão dos acontecimentos tanto na área social do católico Franz Baader, quanto na maçônica de Friedrich Krause. E Marx impulsionou, também com razão, decididamente o *homo oeconomicus*, rumo a uma nova vida, na direção do domínio dos interesses econômicos, para que assim, viesse a ser conquistada a ordem paradisíaca exigida pelo Socialismo racional, em substância socialismo quiliástico, duro e em objetiva luta contra o mundo, ordem outrora considerada de modo demasiado arcádico, como se fosse um além-mundo: assim não se morre, pois, por um mero orçamento de produção bem organizado, de modo que exatamente também na realização bolchevista do Marxismo se torna de novo reconhecível o velho tipo dos batistas radicais, taborítico-comunista-joaquinista, lutador de Deus; com o mito da finalidade ainda oculto, secreto, cujo Quiliasmo configura entretanto seu modelo e corretivo de modo duradouro.

12. Vulto e Atualidade de Münzer

Mal se é claro para si próprio. Irreconhecíveis somos para nós mesmos, projetados na mancha cega da retina. A pessoa é o que conta autenticamente, por mais que pareça irrelevante, pois é ela o que se sente com maior intensidade, por mais que se esconda na intimidade do segredo, substância do Homem autêntico; e, de tal modo, se oculta mais profundamente ainda, com certeza por outro motivo, em vez do irrelevante, que isto dificulta traçar um quadro consciente da sua responsabilidade. Por outro lado, sem dúvida se afirma o Homem significante, simultaneamente enquanto por-

ta-voz, antena, mandatário, desprendendo-se da aparência: e tanto mais se obscurece, quanto mais esteja possesso. Também Münzer é um possesso, não só do ponto de vista de caráter, e sim em relação à repercussão, abrangente, apto à lenda, luzindo a auréola acima da sua cabeça de chefe, enquanto quadro apenas imperfeito.

Exteriormente mal ele se destacava dos outros. Nas descrições, Münzer se apresenta de baixa estatura, com cabelos negros, pele morena, olhar inflamado. A larga, ossuda face, mais tarde mantida cheia de barba, parece de origem eslava.

Sua expressão é representada meio parecida com a de um grande bandido, na maioria dos casos em parte por terror. Pois mesmo na lembrança de seus amigos, os heróis revolucionários guardam enfim traços de grande bandido. Hecker, e vários outros chefes do movimento de 1848, parecem até cópias conscientes do banditismo, tendo sido amados como vingadores primitivos e distribuidores de riqueza entre os pobres.

Aliás, Seidemann afirma, baseado numa colorida miniatura de Münzer em Dresden: o olhar mira exaltado, fresca a cor do rosto, a face nada desagradável. Outra coisa, entretanto, pretende um diretor de escola, ali também citado, a propósito de um antigo retrato a óleo, representando Münzer, encontradiço ainda em 1803 no escritório do castelo de Heldrungen: "numa fisionomia muito parecida com a de um cita, repousam os traços de uma selvageria fanática." E não só no quadro, bem como ainda na inscrição, parece ecoar a frase de Melanchton: *Moncerus plus quam Scythicam crudelitatem prae se fert.*

Está em tempo de determinar, em seguida, em que consistem estes e outros traços fisionômicos de Münzer, parecidos com os de uma ordem de prisão. Ele era pobre, assim permaneceu e morreu, jamais guardando o mínimo para si. E tão menos foi cúpido, tão menos também se mostrando cruel, apesar de todas as suas excitantes palavras, produtos da necessidade de defesa, contra um inimigo sem misericórdia, ardiloso. Só pronunciou uma única sentença de morte, partida "da boca da comunidade", por motivos que lhe pareceram obri-

gatórios, sem escapatória, em Mühlhausen, apesar do truculento Pfeiffer, nenhum sangue foi derramado, até a chegada dos príncipes. Espalhou-se a mais ociosa conversa sobre a sensualidade de Münzer; assim o relatou Melanchton, ou quem quer que se tenha oculto sob seu pseudônimo, entre outras calúnias, que Münzer gozasse carnalmente com a mais bela das suas ouvintes no momento, antes de cada sermão. Com certeza algumas mulheres exerceram sobre ele certa influência, sentindo-se excitado em sua presença, e que também sua vaidade não tenha resistido à sua facilmente alcançável sedução, porém ele tratou, exatamente aqui, de afastar-se de todas as criaturas, numa severa ascese monacal, tendo casado apenas para fins de procriação, e mesmo assim com ausência de alegria, quando nasceu o seu primeiro filho. Portanto o profeta não se apresenta manchado, nem por sensualidade sudanesa, nem por seus anexos burgueses. Também a alegria no lar lhe era detestável e suspeita, como todo apego obstaculando o caminho rumo a Cristo:

> Quereis, pois, a bem-aventurança, precisais então afastar a idolatria nos lares e cofres, em especial tirando das paredes a bela baixela de estanho e dos cofres as jóias, pratarias e dinheiro corrente; pois quem ama a idolatria, nele não viverá o Espírito Santo.

Já aqui foi repelida, com melhor conhecimento, a inamovível lenda da covardia de Münzer: ele não se curvou, com freqüência se dirigindo aos príncipes em discurso o mais perigoso; muito passou oculto no seu agir, assim tal correspondendo, em conjunto, à necessidade combinatória em si, sendo ele um homem fiel, coerente, ao contrário de Lutero. Os relatos sobre sua fraqueza final são, na maior parte, mentiras comprováveis, o resto sangra de milhares de contradições. A motivação de todas estas calúnias não se tornou logo clara, e Kautsky resume, com razão:

> Quão distante tenha sido o tempo, que Münzer deu sua vida por sua causa, ela própria continua vivendo e não atemoriza mais que no seu tempo. As calúnias, que

ainda hoje os padrecos e professores espalham unânimes sobre o grande adversário da Reforma principesca e burguesa, não teriam objetivo, se devessem atingir apenas o morto e não o vivo movimento comunista.

Contudo, Münzer era, sem dúvida, vaidoso e, o que é pior falastrão, não medindo bem suas ameaçadoras palavras. Tanto sua primeira, quanto sua última carta aos habitantes de Mansfeld, apresentam traços imaturos, exageram-se, truncam força e lastro, não brotando da segura energia vital de um homem amadurecido. Com certeza isto ocorreu esporadicamente, só poucas vezes soou, a tal ponto oca, sua consciência de poder; entretanto permanece de pé a questão, até que ponto Münzer era, com efeito, conforme ele mesmo pretendia, em primeiro lugar *político*, como chefe e como homem de peso, com visão a curto e a longo prazo. Convém refletir qual meta inicial vivia no espírito dos camponeses, quando eles a desfraldaram. Não há qualquer palavra nas suas reinvidicações, que objetivasse mais que a supressão do mal mais imediato. Mais tarde, um porta-voz, ao modo de Wendelin Hipler em Heilbronn, pressupõe, mais além, que não se trata, nada mais, nada menos, que um pressentimento da atual sociedade burguesa. Ora, nem uma, nem outra coisa, isto é, nem as aspirações camponesas, nem os desejos progressistas burgueses, nem mesmo os sonhos cavalheirescos de Ulrich von Hutten, eram realizáveis praticamente, neste tempo. Sim, Lassalle se refere, de passagem, não sem razão, que também o movimento camponês apenas parecera revolucionário em si mesmo, quando, na realidade, também atuou aqui a repetida reivindicação em favor de uma decadente situação parceleira. Os camponeses pretendiam divisão da terra; todavia só a livre e independente propriedade do solo devia estar representada no Parlamento, assim se buscando um Império inteiramente constituído por pequenos proprietários, sem nobres nem príncipes. E, com mais razão, se apresentava ainda muito mais nítido o significado reacionário da rebelião dos nobres, comandada por Franz von Sickingen, e a outra, de Hutten, por mais radical que se expressasse sobre vários pontos, não o era em relação ao problema da servidão; a vontade de

Hutten orientava-se no sentido da reestruturação de uma democracia aristocrática sob égide monárquica. A propósito Engels recorda em seus escritos acerca da guerra camponesa.

> A aristocrática democracia, repousando na servidão, ao modo da Polônia e, de maneira algo modificada, sobrevivente nos primeiros séculos do Império conquistado pelos germânicos constitui uma das formas sociais mais elementares, desenvolvendo-se normalmente rumo a uma hierarquia feudal bem caracterizada, a qual já representa um significativo degrau mais alto.

Lassalle, porém, considerava antes de mais nada, o fracasso do movimento camponês como consistindo num princípio que só valia em função de uma época, com efeito em decadência:

> Então, a propósito, se baseavam os ascendentes príncipes rurais, num conceito de soberania estatal independente de propriedade do solo, diante tanto da rebelião camponesa, quanto da rebelião dos nobres, como representantes de uma idéia de Estado independente das relações de propriedade privada, um elemento aliás restritamente justo e revolucionário — e isto era, de fato, o que lhes dava força para uma trajetória vitoriosa, a fim de oprimir o movimento camponês e nobre.

Ambos estavam, assim, superados segundo Lassalle, tanto a democracia camponesa, quanto a aristocrática, com sua vontade, ainda por cima, obscura, sentimentalesca, romântica, reacionária. Sem dúvida Münzer pregava, aparentemente, algo bem mais remoto, bem mais irreal; ele apelou para os camponeses tornarem comum o que era seu, rebentou os breves sonhos de democracia e monarquia, o próprio racionalismo lh era estranho, e, em lugar do místico Império do Povo, emergia Cristo em plena nitidez, República mística mundial, Teocracia e, ainda mais profundamente, postulava plena comunidade de bens, conforme o espírito do Cristianismo primitivo, superação de todo e qualquer potentado, remissão da lei em favor da moralidade e da formação cristã. Entretanto ele o fez de tal modo estranhamente tenso, de início conscientemente baseado no proletariado mi-

neiro, depois recorrendo, ainda consciente, a qualquer determinismo dialético econômico; no final das contas, *o mais eficaz realmente, e além do real,* encontrava-se aqui reunido no arco mais vasto, colocado à cabeça da Revolução. Com efeito, as relações de produção, daquele tempo, condicionavam a propriedade privada (e, aliás, em contraste com as inclinações camponesas em favor de um sistema de parceleiros, no plano agrícola e, com maior razão, só no da indústria, uma propriedade privada manufatureira em ascensão, o que implica em desigualdade econômica); com efeito, também, condicionaram e possibilitaram a ascensão de uma centralização provincial, ascensão dos príncipes rurais enquanto os maiores latifundiários e, enfim, como os donos do Estado em si, representantes da onipotente "idéia de Estado". Lassalle, panlogista histórico e nada subestimável amigo da idéia hegeliana de Estado, absoluta e, por fim, "socialista", aprova este processo, nele vendo tanto um inevitável destino, fluindo de si mesmo, quanto um constitutivo destino, axiológico, conduzindo a valores e por eles regido. Mas com toda certeza, teria sido a recusa mais nítida da propriedade, opondo-se ao determinismo econômico, ao modo de todos os tempos, senão também na medida da hipóstase lassalliana-hegeliana; fora de algum modo possível ao Bolchevismo, superar as precárias condições industriais pressupostas pelo Marxismo, rumo ao ideal comunista, tão íntimo da natureza humana; então não há nenhum Quixotismo, que Münzer ultrapassasse, por completo, a Economia, a História, as problemáticas etapas intermediárias, rumo ao Comunismo, no seu apelo, tão decidido, à tríade proletária e quiliástica da Revolução. Que um povo sucumbido só atendesse disperso, a este apelo, que os príncipes triunfassem, aliás num sentido puramente econômico mundano, nada disto depõe, nem menos nem mais, contra o peso de Münzer, contra a predominante exatidão tática e teórica, subjacente, concreta, da sua monomania e do seu idealismo de sua confiança em si próprio, na certeza da maturidede da época, da esmagadora evidência da idéia. Münzer não é — e com isto se responde à pergunta sobre seu nível político, acerca da evidência da sua visão política a

curto e a longo prazo — Münzer não é repita-se, mesmo no seu fracasso, nenhuma figura reconfortante, pontual, cômica, e sim, por completo representativa, canônica, trágica; com sua derrota, foi obstaculado de novo, o caminho na direção de uma idéia universal, legitimamente engajada, adequadamente apreendida.

Aliás, não se silencie, a propósito se contradizem, de modo gritante, os juízos, e mesmo os melhor intencionados. Assim Engels acusa Münzer ter ele assumido o movimento num momento ainda imaturo para imiscuir metas proletárias. Por sua vez, o historiador burguês Zimmermann aceita, aliás, tudo o que se refere a Münzer, inclusive a rebelião da Alta Alemanha, porém acha, com menos consciência de classe, embora um tanto parecido com Engels:

> Münzer teria sido um grande homem se, ao lado da fantasia e da sua múltipla sensibilidade, também tivesse tido aquelas qualidades que competem a quem queira concretizar o que almeja e se ele tivesse tido tanto talento, para apreender praticamente, e manipular com vagar, as coisas como elas eram, quanto era perito em voar alto na sua excentricidade poética, ao instigar e agitar em profundidade o povo.
>
> Assim Zimmermann não distingue muito quanto falta a Münzer para ser um Cromwell, o qual também nunca fora soldado e, apesar disto, despontou, da noite para o dia, como um gênio militar; o qual, não só possuia o íntimo entusiasmo, quanto também um punho de ferro e um olho para o que a realidade requeria, enquanto o olhar de Münzer, nunca bastante agudo para a realidade, desgarrava-se e confundia-se no momento do perigo.

Kautsky, pelo contrário, embora de um ponto de vista apenas econômico, puramente prático político, pouco valorizando as idéias, não querendo ver inclusive "nem uma única nova" em Münzer (talvez porque nada de novo revelem os pensamentos místicos ao homem "esclarecido") — Kautsky, pelo contrário chega a uma conclusão valorativa sobre Münzer, exatamente oposta tanto às de Engels quanto às de Zimmermann:

> Seu ímpeto, sua energia decerto, não podiam ser superados. Ao mesmo tempo não era ele muito menos um louco e também nenhum sectário estreito. Conhecia

as relações de moderno Estado e Sociedade do seu tempo e, em todo entusiasmo místico, prossegue calculando-as. Münzer ultrapassa seus camaradas comunistas, não em sentido filosófico e talento de organização, e sim em sua energia revolucionária de ação e, acima de tudo, na sua visão de estadista.

Assim experimentam, na realidade, suas benéficas correções, as unilateralidades de Engels e Zimmermann; não sem fundamentos, os príncipes exigiam a extradição de Münzer, não sem perigo estavam associados Quiliasmo e proletariado na idéia de Revolução segundo Münzer, situados como as respectivas cariátidas do Império comunista. Sem Münzer, não teria recebido a rebelião seu mais afiado acicate, e não teria tal repercussão enquanto redução dos espíritos. "Uma poderosa posição", diz Ranke, "tinha, pois, Münzer"; e não outra coisa pretende este puro historiador político, aliás político vendo através de idéias, e estas idéias contudo antes já se limitando à política concreta: "as inspirações münzerianas, as tentativas socialistas dos anabatistas e as teorias paracélsicas se correspondem muito bem entre si; juntas, teriam transformado o mundo." Assim Münzer se enganou a respeito da própria força, também aparecendo alguns traços quixotescos na esteira da sua basófia e na repetição de antigas inspirações, ao prometer ele recompensa aos seus em moeda do outro mundo: assim, no êxtase reflexivo da sua torta auto-representação enquanto Gedeão, e ao pretender ser um novo Daniel, um novo Elias, um novo Moisés, conduzindo seu povo a Canaã, confiante numa força celeste inexistente, não mais animadora. Porém, além disto, ele continuava um herói trágico, sério e com momentânea força messiânica; ele propõe o extraordinário, porém não tenhamos ilusões, ele se arrebenta no satânico, embora não se tenha reduzido a um mero tipo negativo quixotesco, dilacerado em quimeras.

Outra coisa, com efeito, parece ter sido Münzer espiritualmente novo e até mesmo inédito. Não é fácil decidir o que o novo alemão lhe transmitiu como caráter, por mais que parecessem nítidos os traços depois atribuídos. Pois exatamente os substanciais territórios alemães no Oeste e Sul se tornaram de novo papistas,

embora apenas do ponto de vista formal, sem misticismo, em breve não contando muito a intimidade humana. Mesmo os arredores vestfalianos e holandeses se perderam em equívocos, entre os novos anglo-saxônicos se esvaindo por completo o autêntico sonho batista, enquanto a raça mestiça, a leste do Elba, se desiludia sem remissão. Só os troncos suábios aparentam as "discerníveis" qualidades alemãs: obstinação e tranqüilidade unidas, em constância fiel, porém, mesmo aqui, ambas entravadas por insuportável sensaboria, de modo que a música alemã foi eclodir na Turíngia e Saxônia, efervescente plenitude do coração de Jean Paul — assim não exercendo influência, até então, de modo nítido, o modo popular. Muita influência profunda, de origem evidentemente bem eslava, nos seus antecedentes morávios e silesianos, atua entre os batistas "germânicos", e continua difícil de assinalar se, com eles, não se teria esvaziado o lema "Cultura e Propriedade, antes tidas como categorias inseparáveis, pois, com a vitória de Münzer, finalmente o espírito da massa camponesa alemã pronunciou sua inconfundível palavra. Contudo, além desta provável solidão: os escritos de Münzer se distinguem de todos os demais, de tal modo em força e em plena inconfundível característica, no seu apelo, brilho e mais séria expressão, que, apesar disto, não são novos intelectualmente, nem inéditos, e sim plenos de nítidas influências da Germanidade popular, portanto bem além de mero reflexo da *geral luz espiritual do tempo*. Já vimos que o áspero ardor das seitas flagelantes não só se mantivera, com mais força, no Harz e na Turíngia, que noutras partes, e que nesta área Münzer se abasteceu longamente; também as correlações jazem bem abertas na sua amplitude humanista e comparativa tolerância, através das profecias do abade Gioacchino di Fiori sobre o Terceiro Império e o Messias setentrional, através também de Tauler, cujos sermões foram encontrados no espólio de Münzer, através finalmente da doutrina da centelha da alma, segundo Plotino, e da mística bíblica do Império de Deus, tão presentes no mestre Eckhart. Münzer e os batistas em geral representam, aliás do ponto de vista político, por completo, a esquerda, o novo radical princí-

pio intransigente da Reforma: um impulso na direção do desprendimento do termo e da liberdade, na acentuação da absoluta auto-responsabilidade ética-religiosa; em princípio, espiritualidade de êxtase, superando os limites formais e escritos; e já Sebastian Franck se referia, na sua crônica dos heréticos, ao mais alto parentesco aprotestante dos batistas com o monarquismo, ou, mais exatamente: com o anti-Mundo da mística laica. Pois, onde também sempre o homem luterano renuncia, ali ele se volta assim para as coisas úteis, por mais condenadas que sejam, de modo que não lhe resta mais lugar possível para os caminhos da vida espiritual, do agir santo, do pensamento beatífico. Entre os batistas mais trabalhadores e mais fiéis aos deveres, apareceu sempre, pelo contrário, a meritória obra caridosa em si, no seu predominante ideal monástico, ideal sabático da renúncia e, antes de tudo, no ideal franciscano da imitação da vida pobre de Jesus, remissões enfim da maldição do trabalho, ocorrida no Paraíso. Sem dúvida Münzer e os batistas de novo arrebentam toda e qualquer forma obstaculante ou egoistizante, tanto contra a pólis da organização eclesiástica, quanto contra a acumulação dos sacramentos, estranha à Lei: porém, exatamente nisto, os Eleitos, os Santos, o Círculo Fechado da mais alta Cristandade iluminante em seitas ou ordens, conseguem sempre alcançar pelo êxtase, esta Sobrenatureza tão negada pelo Luteranismo. E o mundo sacramental tomba ao nível de simples meio arbitrário, enfim dispensável, entre os batistas, do mesmo modo que entre os próprios místicos católicos, pelos caminhos da aventura religiosa, do experimento lucífero-paráclito da união com Deus. A tal ponto, aliás, se aproximam os irvingianos ou adventistas, em relação à Igreja Católica, ainda no século XIX — em muitas coisas, ao modo da doutrina dos Eleitos, do Quiliasmo, da preparação da Parusia, não sem parentesco com os batistas, mediante a recepção dos "selos" que acabaram recrutando seus crentes em ambos os lados da Cristandade. Permanece, assim, insustentável a opinião de Ritschl, segundo a qual não há qualquer mística no autêntico Luteranismo e a mística protestante não passa de um diletantismo (apesar de encontrarem-se, já em Lutero

originalmente, e não apenas nos posteriores protestantes, um ascetismo intramundano e um desprezo pelo Quietismo repousante em Deus): assim existem, pois, inibidas e desfiguradas no Protestantismo, a dor sem dúvida católica e a beatitude também católica; enquanto os quiliastas se situam, do ponto de vista teológico, muito mais próximos da Idade Média, que da Reforma. O que significa: tentativa de renovação radical do Catolicismo, a partir do espírito da vida franciscana e da mística dominicana do Mestre Eckhart.

E por mais que Münzer cantasse e pregasse em alemão, parece que apenas ampliava o existente desde muito antes. Contudo, reflita-se que ocorrem coisas na História, as quais não podem ser inéditas, e cujo valor consiste exatamente em não ser, ou atuar, de modo original. Até que ponto uma idéia, sempre circulante, transmitiu-se, despertando, através dos tempos, é uma questão secundária, desde que pudesse vir a identificar-se a si mesma, pelo abordado sujeito em geral em si próprio, visto em si. O modo da expressão é diverso, e isto não vem bem a propósito; assim não significa exatamente um mérito para Münzer, nem um desmerecimento para Sebastian Franck, se Hegler, o autor da melhor monografia sobre Franck, decida nesta questão:

> Münzer, ao seu modo impaciente e precipitado, porém imaginoso e possante, transmitiu o tom pelo qual, daí em diante, se rege toda a polêmica em torno das Escrituras, entre os mais diversos espiritualistas do tempo da Reforma. A maioria das imagens, palavras de incentivo e pensamentos já se encontram nele.

Por outro lado, entretanto, não se ergue qualquer originário orgulho subjetivista, e sim o exato oposto, repulsa de toda subjetividade, de toda concordância de meras subjetividades, fusão em ordenado Absoluto, mesmo quando Münzer aponta:

> Deveis também saber que os mestres das Escrituras atribuem esta (minha) doutrina ao abade Gioacchino, chamando-a com grande escárneo, um eterno Evangelho. Não lhes li senão Jeremias; porém minha doutrina vem de muito mais alto, não a tomo dele, e sim da palavra de Deus, conforme, quero demonstrar no momento, com todas as Escrituras da Bíblia.

Sim, o "novo" é tão pouco característico do autêntico pensamento místico, que passa, com freqüência, por "plágio", atribuindo-se sua autoria a alguém já há muito passado, a quem antes foram explicados o conteúdo e a forma da Palavra de Deus: ocorre o mesmo com a idéia do Império, por mais que emerja abrasadora na História da Humanidade, em busca de quem a encarne. Não de outro modo vive Münzer nos êxtases do tempo, só vivendo certo o grande homem, pensador e criador, nas origens, no ambiente, nas fontes abrasadoras: criador precisa ser ele assim, conforme Diderot afirma, pois muitas foram as colunas e o sol brilhou sobre todas, porém só a de Memnon soou; entretanto, o que soa o gênio, no acordo do agir com o pensar, encontra sua substância nas mais velhas lendas, na tradição da Esperança, consignada ao mais humilde enquanto apagado cartaz libertário, ao mais humilde enquanto também intimidade a ser decifrada. "Quando as religiões se modificam", diz Keller, querendo descrever os batistas, cheio de ódio burguês, "é como se as montanhas se levantassem; ao lado das grandes serpentes encantadas, dragões dourados e espíritos de cristal do coração humano, que vêem à luz, desfilam também todos os desprezíveis vermes e o exército dos ratos e camondongos"; — Münzer, contudo, ousou desencantar os exércitos dos sombrios ratos e camondongos, sem renegar seu lugar entre os mais humildes, contra serpentes, dragões e Circe, com autêntico espírito de cristal do coração, αρνυμενος ηυ τε Ψυχηυ και νοστου ετιαρων, refletindo sua própria alma e o retorno dos viajantes, ao modo de Ulisses e Cristo. E, para, de novo, apreender *História e mística tradicional, idêntica* a si mesma, no oposto dialético: Lutero não só curvou a liberdade às conveniências dos príncipes, como também seu próprio conceito de Fé permanece sob íntima influência histórica limitada, dependendo de controvérsias escolásticas. Münzer, os batistas e o Espiritualismo, pelo contrário, apreendem-na de novo como o mais velho ideal monástico ortodoxo, aparecendo assim, com este, com o povo santo, com o postulado: um povo de sacerdotes deve estar convosco!, e, portanto, sem nenhuma História, e sim com a própria idéia permanente, meio

sufocada no mal de rancor e injustiça, na sua onipresença de centelha, transmitindo-se numa nobre cadeia de secreta transmissão, irrompendo na intimidade utópica, na mística do Império, ambas enquanto idêntico tema universal concedido à História humana.

Assim, seria desejável, para conclusão do retrato de Münzer e da sua existência até aí analisada de modo predominantemente político, lançar um olhar *também ao vulto e papel de Lutero na Revolução*. Há muito se esperava isto, a respeito de uma figura que parecia, desde o início, tão audaciosa. Ele era ligado ao homem simples de rosto enrugado nos seus tempos de infância e adolescência, e não via com desprazer a sua inquietação. Nos limites permitidos pelo seu mestre e com clara autorização sensível do próprio suzerano, ele soube se servir das palavras as mais fortes também contra os poderosos. Sim, acredita-se que até Münzer levou a sério o primeiro trovão revolucionário de Lutero, quando ele bradava aos príncipes, chamando-os de "maiores tolos e as mais irritantes crianças da face da Terra", pelo fato deles terem transmitido a palavra de Deus pelo avesso, e quando Lutero queria pôr um paradeiro a eles, do mesmo modo que com os latifundiários espirituais.

> Isto é o que deveis saber, Senhores, Deus age, de tal modo, que não se pode, nem se quer, nem se deve, tolerar vossa ira por mais tempo. Que estes camponeses não o façam, então outros precisarão fazê-lo; e se os feris a todos, eles não estarão, mesmo assim, batidos, pois Deus erguerá outros.

Ainda em 1524, encolerizado por ter sido despedido pelo Parlamento em Nuremberg, saiu-se Lutero com injúrias as mais desleais, denunciando o próprio Imperador, "como pobre saco mortal de vermes, incapaz de estar seguro quanto à sua vida, mesmo por um instante". O mesmo profeta se apresentou neutro, com aparência pacifista, usando ambígua linguagem, numa morna posição intermediária, responsabilizando negativamente ambos os lados, logo no início da Guerra Camponesa, quando os rebeldes a ele se dirigiram. Já então Lutero não se comportava com probidade, atribuindo

o "sofrimento" cristão apenas aos camponeses, ao escrever textualmente ao seu amigo Spengler, secretário do Conselho Municipal de Nuremberg, em pleno fevereiro de 1525:

> Onde, porém, eles (camponeses) não querem reconhecer e obedecer à autoridade temporal, aí se comprova, o que eles são e têm; pois isto implica em ter, com certeza, rebelião e homicídio no coração, e compete à autoridade temporal velar para que os senhores saibam impor-se sem vacilações.

Estes, aliás, bem que saberão impor-se; portanto, para este pacifismo de início disfarçado, o primeiro apelo conciliante aos camponeses não partiu de Lutero, de nenhum modo, por inspiração cristã primitiva; pois ele mesmo antes incitara claramente contra os papistas: "Porque não atacamos, com todas as armas, a estes doutrinadores da corrupção, cardeais, papas e toda a chaga da Sodoma romana, a qual corrompe, sem descanso, à Igreja de Deus, e lavamos nossas mãos no seu sangue?" Por conseguinte, o pacifismo de Lutero, na visão das coisas camponesas, já significa, desde o início, adesão ao partido dos príncipes, à conclusão da paz com suas instituições e características, ao completo abandono do povo pobre. Mal falecera o sossegado príncipe eleitor, subindo ao trono o impetuoso Duque Johann, e Lutero, logo no dia seguinte à morte de Friedrich, enveredava também pelo mais aventureiro refúgio à sua própria legitimação, à sua trombeteada compaixão e compreensão, à sua ira contra os príncipes, antes tão fortemente inflamada. Sem dúvida, a súbita atrocidade radical desta mudança tem fundamentos ainda novos, dignos de nota, até agora pouco pesquisados; pois então, pela primeira vez desde Worms, se é que lá ele correu algum perigo, Lutero se sentia seriamente ameaçado, na medida em que lhe eram atribuídas as agitações, como suposto ponto focal da desordem. O católico Duque Georg apontou Lutero, logo após a batalha de Frankenhausen, como o maior criminoso e Münzer como o menor: foram travados diálogos de coração aberto entre Georg e Philipp, "por amor ao Evangelho"; o Duque Georg escreveu, enfim,

a frase bem clara: "Desde que Deus nos permitiu punir a maldade de Münzer, pode Ele consentir que o façamos também, a Lutero; queremos servi-lo igualmente nisto, conforme Sua vontade, embora enquanto um indigno instrumento". De resto, aliás, a batalha já unira, de novo, os príncipes católicos e os protestantes, do modo mais ostensivo, daí ter-se detido a Reforma; não só o chanceler de Munique assegurava ao seu amo "que tudo partia do bando luterano", onde quer que a agitação se apresentasse, de modo que os luteranos acabassem aí, como na Áustria, perseguidos e exterminados, sem distinção das outras seitas, como também a Baviera tivera êxito em tratados entre príncipes e papas, dando participação à Coroa no vigente sistema clerical de exploração, seguindo assim um caminho aliás mais curto e seguro que a outrossim ambígua e complicada secularização. Deste modo podia Lutero temer muita coisa positiva e negativa, no curso obstaculado da Reforma, para uma pessoa, posição e obra, de maneira que, por mais piedoso que o novo Príncipe Eleitor Johann se pretendesse piedoso, outros príncipes pareciam, a propósito menos sólidos de convicções; Moritz da Saxônia, Albrecht de Brandenburg, tinham Fé muito menos acurada, em todos os percalços que seu bárbaro cinismo, comprovado no incendiário afã assassino de Albreht, tanto quanto na fama de Judas e de ateísmo maquiavélico, peculiar ao saxônio Moritz. Talvez Lutero não se sentisse de todo ameaçado do mesmo destino posterior de Münzer, logo após a erupção da Guerra Camponesa, mas, pelo menos, tinha ele bem a temer a dispensa de seus serviços, com a ruína do patrocínio econômico-político da sua doutrina da *Sola-Fides*. Em conseqüência, preferiu ele se prevenir, brotando seu escrito *Contra os camponeses ladrões e assassinos (Wider die räuberischen und mörderischen Bauern)*, de um ultra agudo espírito de renegado:

> Fira, bata, estrangule, a quem quer que possa. Se morreres, tanto melhor para ti, pois morte mais bem-aventurada não podes almejar. Chegaram os miraculosos tempos em que um príncipe pode melhor merecer o céu, derramando sangue, que outros com orações.

Assim se precipitou Lutero, chegando a vangloriar-se de tomar sobre os ombros a responsabilidade do banho de sangue camponês, não temendo sancionar o indiscriminado e horrendo massacre de todos os anabatistas, inclusive os pacíficos, indo ao martírio como cordeiros; disto se vangloria o promovido filho de mineiro, o cristão esquecido do outonal temor espiritual, quando tomou consciência do pecado, com horror; com efeito, a estranha vivência de fé do monge de Wittenberg deu frutos ainda mais estranhos, na plena responsabilidade pecaminosa da sua razão de Estado. O contraditório indivíduo, bastante lasso humanamente para permitir a bigamia dos Príncipes, e, por outro lado, suficientemente literalista para romper, diante de Zwingli, até mesmo a unidade da Reforma, este indivíduo se interrogara, na sua juventude, de que modo amargo os cristãos, do tempo mártires, teriam olhado os mais altos bispos do futuro, que acabaram derramando sangue dos cristãos em proveito do domínio temporal e deles fazendo assim também mártires. De tudo isto ele se esqueceu, porém, na ambígua verdade da sua personalidade posterior; sim, enquanto se derramava o sangue de Münzer, fiel até a morte ao ideal de juventude do próprio Lutero, ainda aí Lutero achou oportuna a outra pergunta: "Onde estão agora agora vossas palavras, qual é então o Deus que tais profecias gritou, pela boca de Münzer, durante um ano inteiro?" — exatamente como se o cristão Lutero não se tivesse referido à Palavra de Deus como algo essencial, essencial no centro da sua doutrina, destinda a ser humilhada e perseguida, na face da Terra. Exatamente como se o cristão não vivesse, aqui embaixo, em terra inimiga. Porém o próprio Lutero viveu ainda a decadência da sua obra em mãos dos príncipes; e ajudou-o pouco ter de início enganado, e, depois, domado os apóstolos, tranformando-se assim o apóstolo, do começo, em Judas do fim. Se o compromisso não impedia, bem de início, o desvirtuamento do processo, o evitado martírio redundava, ainda por cima, em desvirtuamento das bases mesmas da Doutrina.

Isto aproveitou aos senhores, porém Münzer sumiu, sem deixar vestígio. O rebelde foi esquecido, desde que coubera ao vencedor escrever a História. Em Münzer pesou, mais longa e fortemente, em sentimentos, a ameaça que Lutero fizera a Sebastian Frank, com igual ódio. O que ele não refere, porque aquele increpara a este "desprezá-lo demasiado", a ponto de desejar que Franck "se cobrisse de imundídicie, sufocando-se sob a sua própria", e que seu rastro parecesse, "como a maldição de um homem mau". De modo falso e sombrio, Lutero queimou também aqui sua própria juventude, até mesmo no epílogo; em atitude tão deplorável e sem escrúpulo foi assim manchado o outrora puro impulso, por parte da cupidez, do arrivista, do decaído, do degradado. Chegaram os tempos da impostura, mais fundamentalmente que o entendido pelo *Goetz von Berlichingen,* de Goethe, só a ela sendo concedida liberdade; não sendo bastante a presença do inimigo hereditário de Münzer, a classe principesca recuperava-se, nos incendiados castelos dos cavaleiros e nos conventos, da mais perigosa rebelião que defrontou até a primeira guerra mundial, por falta de um Cromwell de um Mirabeau.

Entretanto, acabaram voltando os dias aparentados aos de Münzer, e, desta vez, não mais descansarão, até consumarem sua obra. Aliás os camponeses se fazem esperar, muitos chegando mesmo a recuar, com os burgueses, para os lugares dos senhores. A riqueza-poder substituiu o poder-riqueza, porém os grandes e emaranhantes muhlhausianos e nurembergueses não enganarão mais tempo. Com efeito entraram em colapso as classes militar e nobre, às quais Lutero transmitira toda força enfim de sua natureza demoníaca e toda perversão do seu paradoxal conceito de liberdade e de fé; elas, e sua casa, deixaram finalmente de servir ao seu senhor. Agora não estão mais para serem expulsos os adultos herdeiros dos companheiros tecelões e dos aprendizes têxteis, que acompanharam Münzer no plano revolucionário. O tempo avança com seu lastro, por sua inspiração; libertar-se-á a última classe social possível, herdeira do campesinato, impulsionante força tangencial rumo ao Infinito, nasce a última Revolução

terrestre, rebentando o próprio princípio das classes e do poder. Alto, brilha de novo o manifesto, cheio de compreensão, dos "quarante-huitards" alemães:

> A Revolução passou do Ocidente ao Oriente e apressa-se a retornar, agora, à sua pátria em marcha poderosa. Se, na sua viagem pelo Mundo, tocar de novo no Ocidente, não o abandonará mais, desta vez, como outrora, após um êxito superficial e com secreto desespero, porém se manterá com toda força, mergulhando na mais profunda intimidade do povo, e, daí, erguerá um novo Estado, uma nova Humanidade;

a partir da França, sempre tão experiente, a partir da Alemanha, o mais poderoso Estado industrial, a terra da organização mais arguta, do inconcluso permanente imperial. Porém de novo nos aparece aí, Thomas Münzer, em efígie e intenção, parente de Liebknecht sob tantos aspectos, enquanto implacável organizador bastante nítido, não distante do próprio Lenin e da sua estirpe, iluminando ainda por cima à Revolução o seu poderoso destino, em vez do mero hedonismo terrestre. Münzer percebeu, em si, o homem mais interior, o homem russo: quem tem um homem russo dentro de si mesmo, ouvirá, dentro de si, o *Archifanaticus Patronus et Capitaneus Seditiosorum Rusticorum*, inscrição e estigma do quadro de Münzer no castelo de Heldrungen: e despertará o autêntico espírito da Reforma, próximo do mais humilde, inflamando-se ao máximo no encanto do amor, no espírito exaltado da Rússia, até que o catolicismo apocalíptico construa finalmente o caminho rumo à transformação absoluta ao último mito, partindo do velho mundo, da antiga força, da base de outrora.

IV

DIREÇÃO DA PRÉDICA E TEOLOGIA DE MÜNZER

1. O Homem Liberto

Pois queremos estar sempre entre nós.

Também Münzer, aliás, se dirigiu, de início, para aí, farto de agir. Entretanto, ele nunca se deteve nisto, ao contrário de pequenos agitadores de seus dias. Nunca se deteve, uma única vez, na capacidade de insurgir, no permanente apelo a não se deixar acalentar. Se aqui não se dançava, antes de comer, segundo o velho brocardo camponês, então, a dança, animação íntima da alma mutilada, era, para Münzer, a sua última razão de vida e derradeiro arranco, desempenhado necessariamente.

O próprio homem penetrou em tudo, e pode assim de novo abandonar, livre, o ruim em que se meter. Nada o obstacula fora de si mesmo, a criança está imaculada e só agora capaz de pecar, podendo recuperar-se de novo sua vontade. Só que invertemos as coisas, o mal acumulado se torna impotente, se a ele renunciamos, pois, a propósito do homem grosseiro, diz Münzer, nele Deus não se mantém. "Ah! Soubessem disto os pobres repudiados camponeses, ser-lhes-ia bem útil"; ao libertar-se o Homem, então ele repele ativamente todas as grandezas deste mundo e a este próprio, não se deixando mais dominar e fascinar por ele. Na me-

dida em que ele busque e honre a mesquinheza, a fraqueza, a nostalgia, o precário e tudo mais, "então precisa o grande ceder diante do mesquinho e, diante dele, envergonhar-se". Na medida em que os homens expulsam de si os senhores, libertam-se, relegando finalmente a preocupação e o cuidado para o seu devido lugar.

2. Sobre o Direito da Força do Bem

Exatamente isto não devia mais enfraquecer ou iludir. O olhar de Münzer torna-se especialmente cortante e afiado contra a astúcia e a dureza dos empedernidos maus. Longo tempo bastante dera ele lugar à palavra bondosa, à admoestação colérica. Foram inúteis a proclamação aos justos, a prédica aos de boa vontade, bem como a presteza em "assumir como irmão comum", e em honrar, o que retornava. Pois já sempre: não só ainda fraco, e sim, com mais segurança ainda, o dominante suporta a situação como ela é, ama à tranqüilidade, e ela lhe parece pacífica. Ameace, porém, o ataque de baixo para cima e os meios de ajuda não parecem ainda reunidos de modo mais ou menos satisfatório, assim só cresce em cima o ânimo aparentemente pacífico: tanto tempo quanto o terror branco entre em ação explosiva, o que estava, até agora calmo, acomodado, retribui de volta e inclusive mais, como só então a força ultrapassa, em severidade, o roubo de madeira. Deste modo, portanto, se respondia também outrora aos tímidos pedidos dos camponeses, à sua súplica cristã de mero acordo, de início com surdez e inamovível pressão; porém quando explodia a rebelião e, com mais força, soprava em pleno dia, logo apareciam a proposta senhorial de *quieta non movere*, sua indisposição à reviravolta enquanto "pacifismo", e este buscava confundir a reunião. Em seguida Münzer se dirigia, em breve, contra a aparente disposição pacífica dos Príncipes, de início contra a "imaginária bondade" de Lutero, esta emergindo, na sua falsidade ou, entre pacifista como Karlstardt, no seu abuso ideológico.

> Não há qualquer coisa no mundo, uma aparência e máscara melhores, que a bondade imaginária; nisto se realiza a profecia de São Paulo na 2.ª Epístola a Timóteo, versículo 3: nos últimos dias bem que quererão os amantes dos prazeres ter uma aparência de bondade, porém negando sua força.

Pois mesmo esta bondade não passa de canção de ninar ao povo e sua paz de mera ditadura estática da injustiça.

Em conseqüência, deve-se "afastá-los onde eles exercem seu jogo contrário", requer Münzer; senão seu despudor tudo rebentará, inclusive qualquer acordo. "Os senhores fazem o mesmo, para tornar seu inimigo o indivíduo pobre; à causa da rebelião, não querem, porém, afastar. Como pode, então, a situação tornar-se boa, a longo prazo?", indaga o claro, amargurado tribuno, no *Discurso bem fundamentado*, assim remetendo a questão da culpa puramente às classes, dominantes. A aparência de calma e ordem vem, portanto, a ser, destruída, por completo, de modo a emergir um problema central de rebilião, na medida mesmo que "a rebelião" pelo menos represente em si o próprio complexo causal de culpa, tanto menos enquanto imponente movimento contrário ao poder, quanto muito mais sua posse, seu exercício para proteção das classes dominantes. Assim já o socialista precursor, Mo-Tih, descobridor do amor à Humanidade na hina, via rebelião não só onde o filho, o cidadão, não amava seu pais, seus príncipes, e sim a si próprio, bem como, muito mais, nas outras circunstâncias propriamente elementares, onde o pai, o príncipe, ama a si mesmo, porém não ao seu filho, ao seu súdito, onde, portanto, o egoísmo, princípio arbitrário imposto de cima para baixo, busca seu interesse fora de toda comunidade. Como este argumento, transferiu-se, basicamente o problema da rebelião, de um papel de mero fenômeno funcional da revolta, demasiado enfático, para o plano estático do arbitrário *regime*. Não tanto o movimento da força, e sim, propriamente, ela mesma, sua base e posse, sua codificada construção como "autoridade", seu gozo e o gozo de quem, através dela, e só a tem a manter, constitui a própria

substância anticristã, contra a qual Münzer combate, enquanto meta, com o arco-íris, ao mesmo tempo que é por Lutero protegida com a liberdade dos animalescos brasões dos príncipes, em digressões retóricas.

Também a questão se apresenta bem diversa, conforme se combata por uma causa ou se é obrigado a rebelar-se para defender a causa alheia. *Pois o indivíduo é julgado não só pelo que ele faz, como também pelo que ele tolera que suceda aos outros*, o que por sinal diminui o cristão. Não resista ao Mal — isto foi dito, para que o mal não se multiplique ainda mais, a fim de que o resistente não se torne, ele próprio, culpado. Pois há tempos nos quais o mal cresce tão monstruosamente que o tolerante, por isto mesmo que tolera e leva os outros a tolerar, consente que o mal acabe por multiplicar-se, fortalecer-se, confirmar-se, até mesmo a desafiar. Ele faz os outros culpados, através da sua não-resistência, ou, pelo menos, os induz em tentação, pois a "resistência" através do amor, em vez de pela força, não extirpou ainda em parte nenhuma, a força do mal, ao mesmo tempo que só excitou a vergonha desarmada. A tal ponto o tolerante vem a ser co-responsável pelo abuso do mal, bem pessoalmente e não só em geral, ao tornar-se responsável pelo abuso de poder não só sobre as almas dos malfeitores, como também pelo abuso contra todos aos quais faz mal. O tolerante acaba assim incorrendo em não menor culpa que o ativo resistente, em tal grande conflito; ao expor-se este último ao perigo de perder a salvação da sua alma, através de uma paixão, usando a violência, postulado de amor também, recorrendo à força, ainda lhe cabe pelo menos a autêntica pergunta cristã: em que consiste a salvação da minha alma?, e foi em favor do *tattwam asi* das outras almas do império espiritual, que ele doou, em oferenda, a sua própria salvação. Por conseguinte, o amor não se situa em oposição contra a busca: dor e culpa própria a serem assumidas, mesmo ainda renunciar à própria salvação mesma, para com isto pelo menos vir a ser perfurada à luz a mais dura crosta. Enfim se manifestaram até aí os vestígios de uma ruptura sem violência, de tal

modo que se possa, pelo menos, iluminar o crânio de um irmão desviado, sem para isto rompê-lo. Sim, talvez o processo de socialização possa vir a ser prosseguido pacificamente, entretanto só após a primeira desapropriação dos meios de produção, necessariamente à força. E no século XVIII, não de todo explicável economicamente, ocorreu uma daquelas iluminações íntimas, relativa autocompreensão do paradoxo cristão, que tornou em parte supérflua a derrubada "vulcânica" ao querer contestar "netunicamente" a revolução institucional, isto por meio da própria superestrutura. Certamente também se revelou inevitável a Revolução Francesa, e logo depois a impotência, a parcialidade de tal melhor propósito na camada social superior, a ponto de, mais uma vez, o destino do Wilsonismo desacreditar este Fabianismo moral, do modo o mais doloroso. Em conseqüêencia, o amor não permanece assim por tanto tempo, em oposição à força, sua mais ínfima serva, quando aquele não conseguiu ultrapassar ao mal, mediando pura tolerância, pois nenhum cristão conseguiu ainda possuir o amuleto capaz de substituir a espada e, sem luta, colocar as fronteiras do paraíso em lugar do inferno. O próprio Gedeão não desembainhou a espada? Moisés não precisou bater aos egípcios? O próprio Jesus não reconheceu, por completo, a cólera, a dolorosa, amaldiçoante ira, enquanto único afeto, junto ao amor? Daí também Münzer aguçar a força, o temor, as severidades únicas e obrigatórias da lei ética mosaica. No tempo, sem exceção em favor de ninguém, contra Lutero, que "despreza à Lei do Pai e finge o mais caro tesouro da bondade de Cristo, ao recorrer à paciência do Filho para envergonhar o Pai e à seriedade da Sua Lei". Deus não abandonou o caminho, de modo que a luz do Antigo Testamento brilha alto por cima da sombria terrível medida, pela qual, segundo Lutero, nossa vontade, sem liberdade, corrompida até à base, conscientiza sua distância, seu julgamento pela cólera divina. Conforme ainda Münzer, o mesmo Deus rege os dois Testamentos, prosseguindo o o temor a Deus, não superado, porém realizado, enquanto temor ao Direito divino, enquanto veneração e tímido pressentimento do amor divino e do Deus da

magnificência redentora de tudo; prossegue assim a missão das naturezas proféticas, destinadas pela lei mosaica dos costumes, a ameaçar e a punir. Não de outro modo Münzer deixa expressar-se a exigência de violência e de Direito no Velho Testamento, antes da exigência de oferenda e de amor conforme o Direito Natural absoluto de Novo Testamento, enquanto tática em favor do Direito Natural absoluto, a fim de que este consiga lugar autêntico, livre de enganos; pois mesmo "Cristo não era paciente diante dos sofrimentos impostos pelos ímpios cristãos aos seus irmãos", também não conhecendo qualquer paz com Belial e seu Império, Münzer também se vê exatamente ao lado do cortante Salvador: "Não vim para trazer a paz, e sim a espada";

> Cristo ordenou, com grande seriedade, e São Lucas o testemunha no capítulo 19: "tomai meus inimigos e estrangulai-os diante dos meus olhos". Eis porque diz Cristo, nosso Senhor, em São Mateus, capítulo 19: "quem escandalizar um destes pequeninos, ser-lhe-á melhor que uma pedra de mó lhe seja presa ao pescoço e com ela lançado às profundezas do mar". Interpretai-as, quem o quiser, para cima e para baixo, mas trata-se de palavras de Cristo; porém se nossos eruditos vêm me opor a bondade de Cristo, a qual eles acomodam à sua hipocrisia, sustento que devem levar também em consideração o zelo de Cristo ao extirpar as raízes da idolatria.

Na verdade, portanto, Jesus também pediu a Pedro para recolocar sua espada na bainha; todavia, por mais que esta não-resistência se ligue ao mandamento absoluto de suportar a injustiça, conforme o Sermão da Montanha, ela se situa num plano bem diverso, em relação às exigências da antiga cólera profética; não se trata de tolerar, porém de doar-se, portanto bem exata, condicionada, determinada não-resistência diante da *morte em sacrifício*, e não incondicional não-resistência ao mal; pois na incondicional não-resistência não se trata mais de puro Evangelho de Cristo, e sim já misturado com o Evangelho paulino sobre Cristo, com o dogma da justificação, do resgate, da beneficência representativa, e, enquanto tal, não vinculante ne-

cessariamente à *vida* de Cristo. Com efeito, também a cólera da Lei não se deixa conter, no final das contas, sempre apenas sobre o amor, pois em todo profetismo continua a existir ainda uma reserva, expressão de uma permanente fraqueza pré-messiânica do cristianizável, prosseguindo apesar do espaço, o qual o zelo se sentiu necessitado a reivindicar; e, com certeza, Boehme não considera, enquanto a mais autêntica manifestação divina, o Seu aparecimento aos ímpios como cólera e só aos justos como amor. Daí também a teoria da violência de Münzer nele não figurar em última instância, no ponto central: "Cristo transfigurou, no Seu Evangelho, a seriedade do Pai", e o amor rege a moralidade, tanto como *prima ratio*, quanto enquanto última. A coerção da Lei, a *media ratio*, nasceu porém do desespero e da legítima defesa, em si nada criadores, mera anulação do crime e daí também menos reconhecedora em ascética oferenda pessoal ou ira profética, que a simples proteção dos bons: pois ela bem desempenha este justificado papel, na medida em que o Mal é ainda forte e tem todo o poder.

3. Digressões Sobre o Compromisso Eclesial Entre Mundo e Cristo

A) *O burguês medíocre*

Senão se tinha de curvar-se e não se saía bem.

Aliás, quanto mais simples fosse e quanto menos representasse, tanto mais fácil seria ser bom, servir. Isto era o pregado por Karlstadt, em última instância humilde camponês, fiel a um itinerário simples, penoso, severo. Só por seus frutos, pela bondade serviçal, se pode reconhecer a fé, avançando por etapas rumo à salvação, sem se apoiar num único ato justificador, desencadeável apenas pelas Escrituras. Karlstadt confiava; não queria "recorrer às facas e lanças, devendo-se, muito mais armar-se com a couraça da Fé, contra seus inimigos". Comunidades livres são o melhor lugar para expansão desta crença, porém, seus predica-

dores devem ser homens plenificados pelo Espírito Santo, com seu brilho impulsionante, expansivo, apreendedor, no prático exercício do amor. Entretanto, isto pouco ajudou, de modo que o pacifista movimento de Karlstadt acabou tão bem esmagado, tão amargurado, quanto o dos outros que defendiam a violência. Não se tratava da réplica ao Sermão da Montanha, o que agora excitava Lutero; no final das contas, requeria-se que o coração, mais ainda que o punho, se comportasse bem e concebesse o mundo aos príncipes. Embora Karlstadt não se dirigisse muito menos nestes termos, mesmo assim não se inflamavam neste homem áspero, integralmente respeitável, aquela paixão e ardor que lhe teriam conduzido além de uma mera dimensão burguesa da vida cristã; deste modo, termina ele reduzindo Jesus de ponta a ponta, à medida do homem humilde, embora, apesar de tudo, prossiga enfim próximo aos posteriores batistas, sóbrios, meio calvinistas.

Sente-se que o quotidiano aqui não se liberta, também parecendo continuar determinado de cima para baixo. *Zwingli*, entretanto, elaborou a perspectiva burguesa construtora do Estado, ao longo das virtudes da operosidade, da poupança, da honradês, da conversão de vida mediante o labor agradável a Deus. Também sua doutrina não convinha aos príncipes; encontrou expressão radical-burguesa, por completo, na exegese do seu discurso final contra os monarcas hereditários, contra os tiranos que governam "por sua própria força e representação. Quando, então, o tirano se consumou, ninguém deve sustentá-lo; pois, se toda a massa popular, unida, concluir que ele age contra Deus e derrubá-lo, então Deus está com ela". Sem dúvida este movimento cedo se conspurcou, logo na Suíça, onde a inicial repressão cruel contra os anabatistas matou aquele espírito democrático-espiritual, substituindo a honradez patrícia pela tirania, aliás aumentada. Apesar de tudo, porém, do mesmo modo que Zwingli se situava, de início próximo aos batistas, assim também depois sua tradução subjetivista-simbólica da fórmula eucarística, e outras coisas, repousava não mais sem algum fundamento nas antigas doutrinas dos Exaltados.

Em breve, entretanto, subtraiu ele aos leigos a força daquela decisão íntima, baseando-se na Escritura e no adequado princípio institucional eclesiástico, ao confirmar o poder em fortalecimento das estirpes patrícias: surgiu um Deus para burgueses, o qual, em seguida, requeria nada mais que uma vida honrada — sensata na república urbana, a quem seu Deus não impunha também nada mais severo.

B) *Sobre Calvino e a ideologia do dinheiro*

Tanto mais fortemente, porém, se dissolveu o ego, na medida em que só podia aprender a agir de modo comercial.

Então o simples pobre, sem bens, acreditou-se honrado no íntimo, quando, na realidade, foi posto por completo para trás. Pretendeu-se ganhar muito, mesmo quando também sobrava pouco a distribuir, convenientemente, no futuro. O trabalho passou a ser encarado como única obra meritória a Deus, o severo zelo eclesiástico, inimigo do luxo, obrigando contudo à poupança, impedia o consumo dos bens acumulados. O trabalho produtivo foi tornado honesto, inclusive erguido à condição final de única probidade possível; introduziram-se preços fixos, fidelidade e confiança pricipiaram a dominar as trocas comerciais. E na medida exata em que a produção aumentava tenaz e sistematicamente, mediante o abstrato dever do trabalho em si, *Calvino* atuava apenso, transpondo-o ao *consumo*, ao ideal de pobreza mobilizador de capital, quando impunha à riqueza a obrigação de poupar, enquanto uma grandeza abstrata, autônoma, multiplicadora por sua própria vontade. Assim os monges se transformaram aqui em mercadores; eles "trabalhavam" em luta contra seus impulsos vitais, só reconhecendo obediência ao Mandamento divino, no "suor do rosto", com exercícios de vontade os mais disciplinados, exclusivamente dedicados à produção. Eles se integravam assim no mundo iníquo, de outro modo, numa "ascese intramundana", para colocar suas engrenagens a serviço de Deus e para possuir seus bens, como se não os possuissem;

e tudo isto — com idêntico desprendimento objetivo também na consideração do fruto, da iniciativa "privada", da firma — enquanto mero multiplicador e, no máximo, caritativo administrador dos bens divinos, enquanto fidei comissário e "chefe de rendas" divinas. O próprio Sermão da Montanha foi pensado apenas em função do objetivo que não se assumisse qualquer ódio *pessoal* na concretização do Império, na proteção e no soerguimento da sociedade operosa em honra de Deus; o primado da moral estatal, como o da Lei divina, sobre a moral pessoal, permaneceu portanto aqui intacto e absoluto, em contraposição a Lutero, sem complicação e reserva secreta, sem reconhecer toda a superioridade problemática da moral pessoal. Nesta medida, conforme Max Weber mostrou brilhantemente, viu-se a ascendente economia capitalista liberta por completo de todo escrúpulo cristão primitivo e não menos ainda solta e desprendidade diante da relativa cristandade da ideologia econômica medieval. O Mandamento do Amor, em Cristo, acabou reduzido à caridade voluntária ou à mera psicologia no quadro da moral pública, e esta mesma triunfa enquanto fim absoluto, enquanto aparição do único serviço divino possível, do prêmio divino, do Império de Deus após a expulsão do Paraíso. Simultaneamente se erguia também a comunidade econômica em camadas, homogêneas na íntegra, apenas em seu lado *externo*, correspondendo ao avançado desenvolvimento libertário-burguês e ao *ratio* político dos ocidentais. De qualquer um se reivindicou trabalho em favor da comunidade, permanecendo a vida pública, segundo o modelo dos reis israelitas, a serviço da "sociedade", da aliança a qual Deus decidira, pela Lei, após o pecado original anunciada por Moisés, renovada por Cristo, o brilho do equânime Deus. Tudo isto é também vida social, e embora predestinada igualitariamente, *do ponto de vista econômico*, permanece desigual sob o mesmo aspecto, apesar de sempre juridicamente encoberta pela igualdade moral-religiosa, pela igualdade em responsabilidade perante Deus, por isso submissa ao tribunal ético dos sacerdotes, conforme o modelo dos profetas. Na medida, portanto, que atua, por assim dizer, em permanente autodisciplina, bem como nesta

disciplina eclesiástica exercida em comunidade, encontra-se um respeito diante do Espírito, reminiscente dos batistas, por mais que o seu conteúdo seja ainda tão diverso dele, e por mais, enfim, que a reação de Lutero à piedade cristã se situe com certeza mais próxima, em intimidade, ao postulado batista: — enquanto perdurável má consciência existente contra toda mundanidade aceita obliquamente. Calvino rege-se, todavia, por um simples sentimento democrático do Direito, o qual se torna sensível antes de mais nada, no declarado direito de reforma e resistência dos magistrados inferiores, no postulado revolucionário concebido por Calvino, de uma ordenação estatal conforme as idéas burguesas, distinguindo-se, por completo, do interesse político e do rígido conservadorismo arbitrário de Lutero. De nenhum modo, aliás, vale a frase de Ritschl: "O calvinismo quer copiar a igreja primitiva na medida em que sua existência o permite em Estado"; muito pelo contrário, lhe estão mais próximos o judaísmo e o Decálogo, burguesmente entendidos. E em breve o calvinismo se mostrou quase tão solidário com a equilibrada burguesia — segundo cujos interesses o relativo Direito Natural corresponderia ao estado de pecado, em poucas palavras, conforme um mundo tal qual é — quanto o Luteranismo (o qual, conforme a expressão de Troeltsch, nunca feriu a complicação entre pessimismo do pecado, imitação de Cristo e aceitação do Mundo) ou quanto o Catolicismo, com seu desdobramento em natureza e sobrenatureza, ou mesmo quanto os próprios batistas, com seu imediato postulado incondicional do Direito Natural, como mundo apóstólico ou até paradisíaco. Daí que, pelo menos, o Puritanismo estava contudo infiltrado pelos batistas, já no tempo de Cromwell e, com muito maior força, só entre os estados coloniais norte-americanos, isto é, em virtude de abertas influências batistas, em termos de exigida autodisciplina e controle pelo Decálogo. Também podia assim ocorrer a proclamação dos direitos humanos, e mesmo da liberdade de consciência, da espiritualidade sem confissão, sob proteção e transcurso de um calvinismo radicalizável, enquanto o Luteranis-

mo permanece distante, *a limine*, de ambos os princípios básicos na Constituição burguês-democrática.

O ativo eu, que assim foi resolvido, se apresenta forte e responsável, só permanecendo ativo também exatamente aqui e ali onde se sente escolhido. Prossegue capaz de querer, e não repousa, de nenhum modo, numa ação qualquer, na medida em que viva em Deus, descontraído externamente, tão menos quanto reconheça a vida, na comunidade ativa, como agir segundo a vontade de Deus. O indivíduo nada é, fora de Deus, porém não se deve transformar em relacionado esforço e trabalho, fora da recompensa divina, à qual Deus mesmo transmite força e vontade. De nenhum modo o homem deve vir a ser bem-aventurado, e sim só Deus quer se revelar em seu poder e majestade; ele se revela impraticável desígnio superior: aos condenados, enquanto força da sua ira, aos eleitos enquanto poder do seu amor e Graça. De tal modo, porém, que também aqui o amor só figure enquanto meio para ativa revelação funcional, de conformidade com o Deus único. Assim, o desígnio divino não pretende ser algo como a Salvação da alma da criatura (pois uma sua parte permanece, com efeito, para sempre repelida); e sim o louvor coletivo em honra de Deus, enquanto tal não menos sendo cantados pelos condenados. Por conseguinte, Deus permanece essencialmeente renovador da Lei, penhor de todos diante de Deus, de modo a seguir sua ativa doação na vontade divina, não sendo apenas eterno justificador, segundo Lutero pretendia; de nenhum modo, portanto, o amor de vítima em Cristo, ou o divino propósito de perdão, se situam no centro religioso. O caráter de vontade livre, absoluto, atemporal, peculiar a Deus, foi, aliás, mais fortemente acentuado, se possível, por Calvino, que em Lutero; porém exatamente por permanecer sólida a Palavra de Deus, Sua Graça não consiste em Misericórdia, e sim apenas em imperceptível Predestinação, na intangível Transcendência e aquela atividade religiosa humana, até mesmo escapando de algum modo àquela categoria sensorial-racional. Quanto mais seguro, sem dúvida, tanto mais livre será portanto o Eleito, exatamente enquanto sujeito *terreno*, pois ele não se pode mais perder, uma

vez agraciado, de modo que sua vontade tem de confirmar-se *religiosamente,* reduzida a uma mera recepção, apenas em praxis moral, moral prática. Donde só, portanto, se comprova a Justificação divina, a única presumível aparência de Predestinação positiva, na energia e conexas conseqüências da elaboração da obra, enquanto um agir do sempre atuante Deus nos fiéis, antes de mais nada no êxito mercantil como visível bênção da obra, não porém na profundidade e na interioridade do sentimento e não nos sinais quietistas da mística extra e supra-mundana de Lutero. A autodisciplina constitui o penhor subjetivo, o êxito o penhor objetivo da segurança de Salvação, mesmo que não passe mesmo de penhor e não eficácia, mero fundamento hipotético e, de nenhum modo, fundamento real: sobre tudo paira a inviolável e, antes de mais nada, imperceptível Predestinação divina. Ao modo de Calvino, portanto, o amor está ardendo ao honesto administrar, sim, mesmo submisso à substância divina; deste modo, toda indagação, de ordem ética e metafísica, se viu despedida pela doutrina da afirmação do primado, em Deus, da vontade absoluta e atemporal, sobre todo entendimento imaginável. Assim começou, a partir daqui, a plena ordenação pragmática de todo o intelectual, sob objetivos de trabalho, legitimados voluntariamente mediante o mandamento divino; uma estranha transformação da separação e subordinação da Filosofia à "Teologia", segundo Duns Scot: como a ordem de preceitos divinos irrefletidos, os quais ao Homem só se fizeram conhecidos através da boca da Igreja, inviolável mandamento divino. Apenas que o conteúdo não se compõe mais de estatuído dogma eclesiástico, a quem o entendimento unicamente se mostra relacionado, e sim de moral mesma de trabalho, determinada por Deus enquanto única meta da Justificação; e só a elaboração do Mundo prerracionalidade, não propriamente o supraracional, quer aparecer com útil instrumento regulador de valores, determinante de verdade, a tal kantismo reformado. Trata-se, enfim, dos livros de caixa que vão com Deus, figurar e florescer na Sua Majestade, a tal ponto que também o originário sentimento de Deus em Calvino, o Lord da majestosa música de Haendel,

bem depressa se deixou reduzir ao descontraimento peculiar a um domingo de defuntos. Tão monótona assim se sufocou, pois, enfim, a liberta vontade de obter os mais brilhantes traços da recompensa terrestre, sustentado orgulho religioso masculino, pensamento da visível comunidade democraticamente reunida, e do seu permanente dever de deixar-se em vigília espiritual, de remeter-se de algum modo à Bíblia. O indivíduo ativo, seu impulso de iniciativa de salvar-se em Deus, e mesmo o respeito diante do Espírito, a requerida homogeneidade social-religiosa da vida, tudo isto, aliás, se situou mais próximo aos batistas, e mesmo à ética kantiniana, que o Luteranismo, que entregou o Mundo à cólera e aos Príncipes, não libertando a alma e seu Deus, senão interiormente, como se fosse um sossegado aposento, bem dualista. Quanto mais veemente, porém, e ainda mais cheio de conseqüências que Lutero, tanto mais Calvino se distancia, na própria postura religiosa-*metafísica*, ou básica repulsa ao radicalismo cristão; ele aboliu a tensão do lado de cá da vida, enquistando, antes de mais nada, a ética de amor comunista-espiritual, metafísica do Espírito, desapropriando-a em favor da desigualdade capitalista, perigosa metade repousante de Democracia. A mundaneidade do Renascimento vive, potranto, na fé burguesa de Calvino, na sua concordância diante do diabólico mandamento mundano, pouco menos que adiante na idolatria luterana do Estado, apesar de toda vantagem da democracia formal-moralista; e a consciência religiosa se viu subtraída à tensão entre situação pecaminosa e situação de origem, numa Reforma que não representa enfim mero abuso do Cristianismo, e sim contém elementos de uma nova "religião": do Capitalismo, tornada, em conseqüência, religião e igreja de Mamon.

C) *Sobre Lutero e a ideologia dos Príncipes*

Acontece, porém, algo diverso, quando alguém quer agir bem. Quem se propõe a atuar, em favor do próximo, por seus próprios meios, contra si mesmo, não passa de um hipócrita, segundo Lutero. A livre vonta-

de, corrompida de cima a baixo, não podia, de nenhum outro modo, ser senão egoísta. Daí se deixar, na melhor das hipóteses, aconselhar, porém nunca se admitindo conduzir a uma boa ação, capaz de espalhar-se em torno de si.

Se, todavia, todo agir é mau em si, então precisa, por isto mesmo, ser submetido a regras externas. Quanto mais humildemente o cristão se submete, e assim expia seu pecado tanto mais duramente precisa a Lei impor-se ao populacho e aos pecadores. Não devemos, portanto, deixar o trabalho entregue à sua própria força, para o qual nascemos, estamos sujeitos ou determinados. Posição e origem não são avaliáveis e pagáveis aventurosamente, escolhendo-se um outro ou melhor destino, que aquele que nos foi aquinhoado. No mínimo é permitido, enquanto monge, fugir da posição de perseverança no mundo, e construir uma vida paralela ao mundo, justificada pelas obras. A mais imperdoável desobediência contra o mandamento do trabalho, a todos transmitido, é a de quem se alivia do cumprimento da virtude cristã, sob especiais pretextos para isto arranjados artificialmente. Muito pelo contrário, tem o amor fraternal de buscar situar-se no mundo; e daí se dirigir, o mais rápido possível, rumo à ação do amor, rumo ao serviço recíproco do amor da profissão, da divisão do trabalho, da ordem burguesa e da leal submissão à autoridade, mesmo quando imposta contra nós.

Muito mais dura, por conseguinte, que a fuga, prossegue a decisão de servir aqui em baixo, no lugar devido. Só aparentemente se vê o monge diante de uma missão mais dura, na verdade ele se aliviou da autosuperação cristã, mediante um especial e escolhida área de ação. Exatamente porque a vida espiritual nos parece amarga, quando transcorrida na estridente estalagem da vida, onde o demônio é senhor, e mundaneidade dona de casa e familiares todos os demais maus instintos, o cristão teve de adaptar-se a esta insuportável situação e a exercer aí sua "ascese intramundana". Pode-se dizer, e isto só expressa o pleno sentido da ascese luterana: aqui se inverteu o objeto da renúncia; tortura o monge seu corpo e sofre por

suas paixões, então pena, então a forma de vida luterana renuncia pelo avesso ao homem cristão, obrigando-o a permanecer carne, enquanto homem mundano, perseverante em sofrida condição pecaminosa consciente. Mesmo na vida doméstica, que, por consolo, ainda fora consentida e louvada, Lutero requer dureza de disciplina; outro tipo próprio de trabalho, porém, enquanto extensão social da família, é o Estado, o que significa essencialmente uma fuga, enquanto organização terrena constitui pena substancial pela nossa queda, repreenssão contra o pecado.

Pois permanece também algo ainda perverso em todo agir humano enfim, mesmo quando se renunciou e se tornou aproveitável moralmente. Daí Lutero consagrar uma moral dupla, no mais áspero desespero:

> Minha pessoa, que se pretende cristã, não deve se preocupar em juntar dinheiro, e sim apenas depender de Deus, com o coração. Porém, externamente, posso e devo usar os bens temporais para meu corpo e para os demais, na medida em que diga respeito à minha pessoa no mundo.

Pode-se ser guerreiro, verdugo e ainda continuar em situação cristã, embora sem dúvida se rompa, sempre de novo, a sutura entre o mundo e Cristo, ao distinguir-se de passagem a moral pública da moral individual, enquanto o ideal da imitação de Cristo se desvanece por completo, na esterilidade terrena, na situação de irrealizável intimidade. A alma cristã abandona assim as linhas de batalha de todo fato e ato externos, salvando-se na liberdade reclusa, pré-social, apolítica, do lar, e na conexão de sua moral privada, facilmente impregnável pela esfera supra-social, suprapolítica, da imersão mística. Sem dúvida, entretanto, uma imersão domesticada, pela qual o sujeito de novo se escraviza a Deus, reconciliando não aquele a Este, porém o fechando em si próprio, ao contrário do proposto por Tauler ou, muito menos, por Eckhart. Em vão Lutero busca conceitos néo-aristotélicos — em impossível programa, tentando ideologizar o Renascimento do Estado pagão, mediante simultâneo Renascimento do Cristianismo primitivo — segundo Melanchton lhe propôs, na

distinção entre forma e conteúdo; a tal ponto que as ordenações temporais da vida se convertem em formas, nas quais ocorre a ação cristã do amor, enquanto conteúdo, conforme seu aspecto terreno, impregnando-se entre si de modo ordenado, em forma terrena e conteúdo transcendental. O hiato, entre mundo e Graça, permaneceu contudo insuperável, não se tornando menor pelo fato de que o indivíduo não devesse ser nem mundano, nem cristão, portanto nem uma coisa nem outra, e sim devessem tentar a simultaneidade de moral mundana e moral da graça, em pontos de vista permanentemente alternados, o que Santo Tomás de Aquino pelo menos convertera em reciprocidade e graduada hierarquia. cuja validade os batistas repudiavam, de modo geral, em radical exigência cristã.

Daí Lutero procurar enfim fundamentar o serviço intramundano, não só humanamente, a partir de mera renúncia. E sim relacionou esta renúncia, de modo crescente, com a obediência para com a autoridade e seu domado poder primitivo; isto, porém, fora ordenado e estabelecido pelo *próprio* Deus. Assim se identifica, conforme Troeltsch formulou com precisão, a humildade que suporta o comportamento determinado por Deus ao mundo, cada vez mais com a bem diversa humildade pela qual convém acatar a outra vontade de Deus, a Graça substitutiva do pecado. Tendo se tornado, portanto, já equivalente, do ponto de vista formal, o conteúdo do sentimento religioso, em ambos os lados, então apareceu a mais exata formulação da repressão em si, de início no Direito Romano, em seguida, porém, serviçal do Decálogo concessor de poder estatal, contribuindo assim também teologicamente, sob o aspecto material, a razão de Estado vinculando-a objetivamente com o Evangelho. Deste modo, portanto, Lutero atribui enfim a dupla moral à Bíblia, dividindo-a em ambos os Testamentos, deixando a *Deus em pessoa* a unificadora responsabilidade da punição e do amor, reivindicação ética e graça substitutiva do pecado, Lei e Evangelho; Deus enquanto legislador no Antigo Testamento e distribuidor de graças no novo.

Então que alguém se apegue a isto, seja corajoso juiz e senhor, pois o caminho é duro e precisa ser do-

minado desde a base. O Homem é mau e necessitante de direção, portanto tudo capaz de assustá-lo duramente já está escrito, nos corações de cada povo, *de início* enquanto *Direito comum*. Também pagãos, judeus e turcos sustentam este Direito ético-natural, para que ordem e Paz sejam o Mundo, eles o sustentam aliás melhor que os povos ocidentais. Daí Lutero chegar a dizer que os gregos e romanos não teriam conhecido o autêntico Direito Natural, enquanto, pelo contrário, entre persas, bárbaros e povos análogos, o Direito teria sido bem respeitado; tão pouco deseja, portanto, este homem perceber münzerianamente o inato impulso em favor do Direito, explicando-o, de modo sinistro, não em favor dos oprimidos, porém em honra dos opressores. Em *segundo lugar*, entretanto, desembocava a conjunta doutrina do arbítrio, próxima ao Direito *romano*, no Direito Natural luterano, acompanhada pelas sábias máximas judaicas, patriarcalmente orientadas, e pelas próprias flácidas éticas de Cícero e Sêneca, bem como pela Ética de Aristóteles e Nicômaco. Daí, então Lutero saca o conteúdo da normatividade da vida moral, apta a agradar a Deus, na medida em que seja possível no Estado e na medida em que possa a ordem terrena estar de longe conforme ao pensamento cristão. Estranhamente, porém, é aqui valorizado o pecado em geral e o que com ele é concedido, o tornado histórico enquanto "natureza" mesma, enquanto relativo Direito Natural a legitimar-se em si. Desta maneira nasce, enfim, um peculiar disfarce de todo o fato cosumado, sobretudo, porém, o relacionado ao mundo feudal, pequeno-burguês e agrário, da Alemanha de outrora, com o a priori jurídico, com um irracional "Direito Natural" de repressão e reação, e não com o conceito habitual, a-histórico, racionalista dos estóicos e da Revolução. No Estado prussiano, em Stahl, e mesmo na idolatria hegeliana do fato consumado, prossegue viva esta consolidação: caracteristicamente sufocante, presa em elementos codificados, positivos concretos, e a propósito nada relativistas, antes uma inclusão da História em realidade mesmo querida e plenificada por Deus, e, em conjunto a maneira mais desfigurada de ideologizar o vigente, relacionando a dada si-

tuação jurídica com os invioláveis irracionalismos subjetivos-racionalistas da determinação voluntária divina. Para que ocorra o divino Direito de punir, o que aliás vem em *terceiro lugar*, é necessário um Deus insondável, embora colérico, desde que deva subsistir Direito determinado por Ele. Lutero indica, a propósito, conforme o Direito comum e a razão arbitrária dos romanos, a *Lei de Moisés* enquanto Mandamento de cima para baixo, segundo aliás a reação a entende. E se quando os juristas, do tempo de Lutero, consentiam em deduzir historicamente a romana *Lei das Doze Tábuas*, a partir do Decálogo, então Lutero esclarecia, de modo menos mediato, baseando-se na Revelação natural: "Lei mosaica e *Lei natural* são a mesma coisa". Sem dúvida continua de difícil percepção, qual artifício ele descobriu para ligar a proibição mosaica de matar com o uso da espada, direito de guerra do poderoso; bem como a surpreende a ultrajante cólera, com a qual Lutero agora assalta exatamente o Decálogo, ao qual, aliás, escolheu como escudo divino, num momento de grande crise de consciência, mesmo contra Cristo e a ética cristã. Lutero investe, em seguida, contra Moisés e sua Lei, ao pretender remeter-lhe cristãmente o que ele chama de "espelho saxônico dos judeus", atribuindo-lhe, pois, enfim, qual novo Macion, a sofrida perversidade, sofrida indignidade cristã da moral pública, defendida por ele próprio, Lutero: "Moisés é mestre de todos os carrascos, não podendo, com sua Lei, senão intimar em seguida apavorar, atormentar, matar"; Cristo, pelo contrário, não exige, de modo que o Sermão da Montanha aqui também acaba se amesquinhando no seu estranho postulado de caráter, aliás não como em Calvino, submisso à Lei, e sim numa estreita moral privada pairando sobre a pública. A absoluta eqüidade, sim, exatamente a absoluta eqüidade, sofrera uma relativa negação através desta restrição mental (*Reservatio)*, deste Jesuitismo do Norte (na norma habita apenas o amor); enquanto se vê a eqüidade não só então um tanto refugada também no uso terreno, e sim emancipada, de modo exclusivo, do seu manuseio positivo, reduzida à sua assustadora repressão. Em conseqüência, também, Cristo, enquanto legislador, enquanto

plenificador da Lei de Moisés, recua em favor completo do Cristo justificador, pois Lutero denuncia inclusive a promessa de Cristo retornar enquanto juiz, no trono de nuvens referido no Apocalipse, como sendo expressamente um disfarce, ou uma interpretação afetada pelo próprio Satanás. Por outro lado, entretanto, Lutero tenta, com insistência — o papel de ideólogo dos Príncipes, até o amargo fim, embora sem a força integral de Hegel, enquanto sistematizador — lançar pontes entre moral pública e moral privada, entre justo Direito Natural e a bem diversa Ética do Amor, baseadas *exatamente* no Decálogo, a fim de ultrapassar o sentido abismo que os separa. Já dissemos que parece existir um sentimento profundo, na santa humildade de autodoação diante do mandamento divino e dos desígnios de graça de Deus, sentimento que aproxima formalmente mundo e Cristo, aliás não o exigente Cristo do Sermão da Montanha, porém, pelo menos o Cristo eclesial da justificação. Agora emerge também, ainda enquanto *quarto* fator, uma suposta coincidência material do Direito Natural *relativo*, enquanto ao justo Estado repressiva, com o Direito Natural *absoluto*, este próprio à *origem primitiva*, à *situação paradisíaca*. Porém, nenhuma vez se é boa coisa, subtraindo-se ao juiz e senhor, apenas crendo, mesmo que se atingisse com isto, total plenitude espiritual. Pois Lutero acentua, expressamente, que também "Adão no paraíso, só para não ficar ocioso, recebeu a tarefa de trabalhar", e não outra coisa fora já então determinada, pelo homem à mulher, antes da queda do pecado original. Sem dúvida advieram angústia e morte, após a expulsão do paraíso, porém, nas ordenações estatais a respeito do pecado não ocorre pois só repressão contra o pecado, e sim existe também uma ordem originária que deve rebrilhar, consoladora através das meras medidas repressivas. De início no lar, onde se refreiou a paixão pecaminosa e onde o pai zela espiritualmente pelos seus; em seguida mesmo nas camadas profissionais, montadas sobre a família — um mundo imóvel, pequeno-burguês, patriarcal — legitimado por ácida angústia, porém de novo penetrado pela obediência e solicitude, por serviço de amor ao próximo, aproveitando as ordenações come-

diadas por este mundo. Enfim, contudo, a próxima situação originária acaba ainda por iluminar a mais severa fundação divina, o Estado: aqui, aliás, espada e coerção, arbítrio e guerra, pertencem integralmente ao pecado, de modo que se choca com a contradição do ideal cristão de uma pura comunidade amorosa sem Direito e sem Estado; mas também exercer *salutar* repressão contra as repercussões do pecado original, e, antes de mais nada, o paradisíaco Direito primitivo se mantém como reflexo, no Direito Natural do Estado, por mais que se encontre relativizado e só reagindo contra as condições da situação em pecado, quando por elas condicionado. Sem dúvida se juntam paixões pecaminosas, atribulação da vida, morte amarga, arbitrariedade da ordem terrena, aos frutos da queda, enquanto, para Lutero, trabalho e ordem existem desde as próprias origens; de modo que, quando Kotzebue, na comédia *As pequenas cidades alemãs (Die deutschen Klienstädter)* deixa entrever a respeito, que mesmo no momento de soarem as trombetas do Juízo Final, serão ouvidos seus títulos de posição social, então se entende porque Lutero afirmava que foi na própria família paradisíaca que Deus instituiu uma hierarquia e uma ordem, desde os tempos primeiros. Todavia, o que parece difícil de aceitar, é como restou ainda algum vestígio da justa maneira de organizar uma sociedade, quando ela é considerada corrompida, de tal modo que o luterano Stahl pudesse definir ainda o Direito como realidade ética, reduzida ao papel de força coercitiva externa, pelo pecado, e o estado da Restauração como Direito Natural absoluto, reagindo contra as circunstâncias do pecado, embora a elas em princípio submisso. Pelo que o conceito de um absoluto Direito Natural, fora da positiva ordenação jurídica do Estado, da partidária idéia revolucionária do paradisíaco Direito Natural, se desvirtua em simples quimera subjetivista. Eleve-se tão alto, assim, o Estado, e desvirtue-se o Direito Natural comunista-racionalista, o mandamento de amor e o paraíso de Cristo, tão profundamente no ireal: então se alcança a última etapa, pois a moral individual acabou por

capitular, com efeito, diante da moral oficial. Deste modo, Lutero esteriliza a vida, subtraindo-lhe qualquer caminho, inclusive o dos muitos, rumo ao alto; assim ele próprio chega a atribuir o trabalho e a ordem deste mundo à originária situação bem-aventurada; assim, finalmente, ele apresenta o Estado e sua moral das classes dominantes (outrora Estado do capital mercantil e principesco), como a mais alta construção ética, até enquanto única construção ética no e do Mundo, senão mesmo acima do próprio Mundo(pois, fora ou contra ela, o que existe é interioridade íntima). Nitidamente surge, portanto, a diferença em relação a Santo Tomás, e ao seu relativamente desembaraçado sistema de reciprocidade ou hierárquico, segundo o qual a *lex imperfecta* de Moisés, ligada a objetivos racionais intramundanos, vem a culminar, plenificar-se, realizar-se, na sobrenatural meta da Graça, referida por completo à *lex perfecta* de Cristo. Deixando-se de levar em conta que os infernos, a igreja Padecente, representam um terrível resto da repressão, então o Estado não se estende, pois, no Catolicismo, na medida da sua ordem ética, ao paraíso, à restabelecida posse do sobrenatural, da situação originária. — Na realidade, também irrompe, sempre de novo, mesmo agora, a estéril saudade de Lutero em relação a uma outra ordem, até mais profunda idolatria do Estado, buscando a última saída, através de tantos desvios. A consciência de Lutero não quer, de fato, cobrir a cisão, por intermediário de Deus, entre função pública e Cristo: então a explicação rebelde da Salvação dos Homens em busca, deslocar-se-á do Estado, do Direito Natural do estabelecido, enfim, do *irracional,* de novo rumo, contudo, ao Evangelho; pois mesmo que a vontade humana não possa querer aqui outra coisa, senão o que lhe coube, não há nem um Direito corporativo de resistência, nem de revolução, nenhum Pacto Social e, daí, também nenhum Direito de rescisão, nenhuma formação racional do Estado, enfim; onde o Estado for mau, pune o pecado, onde for bom, basta, como no paraíso, que o senhor seja misericordioso. E, qualquer que seja a insistência enfatizada por Lutero, mesmo apenas religiosa, de supor um senhor misericordioso, continuava

íntima e profunda a sua mais peculiar saudade: estão em Cristo, no mais interior recôndito da bem-aventurança, da mais essencial plenitude da sua última religiosidade puramente quietista, aspirando à união mística. Cristo, e não o temido Deus, não a "unidade" do Antigo e Novo Testamentos, era, apesar de tudo, o secreto objetivo essencial da sua intenção religiosa. Aqui, sem dúvida, no Evangelho, só lhe foi desligada, de verdade, a vontade humana; em conseqüência, Lutero mergulhava sempre de novo, e principalmente, no fim de sua vida, em fatigado desespero, jogando com o Juízo Final, em cômoda e estéril espera do apocalipse, contra o qual falara tão mal, politicamente; não confiando a Revolução a Gedeão e sim a Cristão, enquanto conciliação de Mundo e Império de Deus e de todo persistente conflito entre ambos.

Daí que, por não se deixar agir limpamente aqui embaixo, deve-se também desistir de refletir sobre o seu agir, com excessiva conscienciosidade. Com efeito, Lutero pretende até evitar, de todo e por completo, a contrição e o firme propósito, bem como ainda lançar um mero olhar marginal ao próprio impulso rumo ao Bem. "Através do pecar, adquires força; através de coagido não-pecar, tu te enfraqueces"; e algo parecido expressa a célebre palavra: "Peca fortemente, porém mais fortemente crê e te alegra in Christo", afastando assim o Homem, de modo cortante e perigoso, da ação para a fé. Não só se deve cantar, comer, beber, dormir e ser alegre, bem como Lutero determina, enquanto atitude por completo salutar, também manter em si um poderoso cerne de maldade, para que o demasiado justo não se torne soberbo, e para que, assim, se conserve a humildade diante de Cristo e de Deus, em qualquer circunstância. Exatamente como se, a propósito, a confirmada permanência do mal em todo nós não contradissesse toda autêntica humildade, ou como se a bondade real se comprovasse incompatível com a humildade. De qualquer modo, o posterior remorso protestante de consciência não é de própria origem luterana, e sim se reveste de sobrevivências batistas, com misturas pietistas, a não ser que se trate de herança mania de peregrinação a lugares santos, pecu-

liar ao fim da Idade Gótica. Lutero, repelindo as chamas da sua estéril penitência monacal, esclarece, expressamente, como o mal maior, que os homens se preocupem demasiado com os seus pecados, em vez da exclusiva confiança do consolo in Chisto. Tão essencial lhe parece a recusa da possibilidade, ou mesmo até do caráter meritório das boas obras, que ele, por isto, destrói de passagem inclusive a "Palavra de Deus", a própria instância da Escritura, onde ela se opuser à doutrina da *Sola-Fides*. Lutero chega ao ponto de repelir, como "epístola de palha", a carta de são Tiago, onde as boas obras são louvadas, e o próprio São Paulo precisa submeter-se, várias vezes, à extrapolação, na medida em que este não oponha à fé a εργα αγαθα, e sim a mera, vazia, desacompanhada intimamente, εργα του νομου, bem como até a segunda Epístola dos Romanos, nos capítulos 6, 7, e 10, que liga a beatitude às boas obras, de modo expresso. Aparece, aliás, impróprio e irregular, também de passagem em Lutero, uma fé que apreenda o homem inteiro, portanto também o homem ativo, de maneira a ser assim uma Fé instrumental, que defina as boas obras como conseqüência da justificação e a própria fé enquanto força que desenvolva, em nós, a plenitude de todas as virtudes. Em conjunto, entretanto, se apresenta inerte a Fé, daí que se justifique *exatamente* enquanto *Fé inerte;* na melhor das hipóteses, as obras asseguram vantagens temporais e nenhumas eternas, essenciais, nem pelo menos a dignidade merecedora de beatitude. As boas obras permanecem, tanto entre os maus quanto entre os bons, submissos à autoridade externa e exatamente assim despidos de qualquer relação com a Justificação, do modo como a autoridade externa deixou de ser *Preambula gratiae*, relacionada espiritualmente, na medida em que o Evangelho foi declarado incapaz de construir e elaborar o Mundo, de destruir o paralelograma estatal de Bondade e Repressão.

Com mais freqüência do que se possa pensar, os senhores se viram, por isto, protegidos diante da sua voz interior. Um certo cavaleiro saxão, tornado escrupuloso na exploração dos seus camponeses, dirigiu-se, com angustiada consciência, a Lutero. Este, que valo-

rizara os camponeses enquanto bens pessoais, "como qualquer gado", logo buscou soerguer cristãmente ao cavaleiro, de modo que um discípulo do círculo de Lutero propôs-lhe "ter à mão um querido salmozinho de consolação", contra tentações deste tipo. Embora não sempre Lutero considerasse os homens corporais livres da Fé ativa: "Sofrimento, sofrimento; cruz, cruz; é a parte que cabe ao cristão", exclamou ele aos camponeses, aqui sabendo usar Cristo também temporalmente, ao misturá-lo com a dor do mais humilde. Pois não lhe parecia apropriada esta proposta de cruz para os Príncipes, ou só para fim bem diverso: "Basta-nos arrancar os corações aos conventos, e não atacá-los", prega Lutero, "pois quando os corações forem de tal modo transformados, que igrejas e conventos jazam em desertos, então os senhores feudais façam o que queiram" por outro lado, foi a prédica cristã, da pobreza colocada ao dispor, como meio, dos Príncipes, de maneira ainda bem mais enérgica que outrora foi feito em favor dos padrecos e do Papa cesarista, para disciplinar e submeter escravos, para fundar a onipotência do Estado no caráter cristão da servidão, para fortificá-la enquanto represália contra a maldade e nulidade da condição humana. Porém, de qualquer modo, manteve-se longe toda Fé, equivalente à indistinta repulsa de todas as obras, como se elas brotassem de fora ou dos sentidos amorosos, de modo que a doutrina da única Justificação pela fé se ocultava, em breve, como novo servilismo, com interioridade cômoda, sem qualquer manifestação. Em vão Lutero se confessava, no fim da sua vida, cada vez mais profundamente amargurado e decepcionado, a propósito do desfecho auto-requerido pela Reforma:

> Esta prédica, da exclusiva justificação pela Fé, deve ser aceita com calorosa gratidão, melhorando por completo os homens e, com isto, sendo piedosos. Embora, infelizmente, se viva pelo contrário, e assim o Mundo se distancie, tanto mais amargamente, desta doutrina. Agora as gentes estão possessas com sete demônios, apresentando-se mais ávidas, astuciosas, egoístas, cruéis, indisciplinadas, afeitas e piores que nos tempos sob o Papado.

Daí ressaltar até um estranho paralelo entre depravações espirituais de dois tipos, que aqui ocorreram; por um lado entre o consolo da fé de um tardio Anabatismo, em favor da corporalidade, e por outro entre o enquistamento de Cristo em favor da classe principesca, segundo o amadurecido Luteranismo. Com palavras não muito diversas, que as de Lutero, proclamou, o egresso "batista" da Turíngia Karl Ludwig, fundador da "Irmandade de sangue dos anabatistas", o direito da querida cópula carnal mesmo quando contradizendo às Leis, pois Cristo libertara os fiéis diante da Lei, tornando-os livres, inclusive ao suspender por completo o Antigo Testamento, salvando os homens de todos os pecados, ao justificá-los pela sua morte de vítima. Basta, pois também em Lutero desaparecia enfim o último controle possível; nenhum Pecado podia danar mais que a mera descrença, de modo que a Fé perdeu o lugar de possível imitação de Cristo, em geral, como se fosse uma *mundana*. Elege-se, pelo menos, seus servidores, os próprios pregadores, pela comunidade, segundo Calvino, enquanto Lutero acabou por afastar-se do seu ideal inicial de comunidade livre, ao erguer uma nova hierarquia espiritual, a qual — que perversão do livre sacerdócio dos leigos! — culminava num Bispo, um leigo destacado, um homem de poder, uma criatura elevada pelos Príncipes feudais. O Estado assim se fortalecia, conforme seu teológico Maquiavel impunha à fé, à qual subtraiu toda obrigação ativa dentro da sociedade, reduzindo-a a brilhante e impotente Mikado. Os próprios elos da Igreja parecem indefesos diante das represálias decididas pela autoridade deste Mundo, pois o "Mundo não pode vir a ser regido segundo o Evangelho", segundo Lutero atiça; a Lei não pode vir a cristianizar-se, pois o caráter cristão não pode vir a ser mundanamente, obrigação, Lei enfim no mundo apodrecido e *totalmente* heterogêneo. A peculiar sensibilidade aguda de Lutero, consciente ou inconscientemente, culmina no modo em que ele se entrega ao desprezo da vida operosa deste mundo mau por completo, decaído totalmente, de modo mais profundo que o uso pela velha Igreja, e, assim, enquanto atitude imperceptível no campo espiritual, desprendida de qualquer esforço cristão, de qualquer

gradual relação apenas possível, em geral, diante da Justificação. Portanto todo o espírito se vê submisso ao poder, rebaixando-Se Cristo a momento servidor, ou por completo inofensivo, diante do estado de sítio lançado pela repressão à dura, ímpia, matéria do Estado. Sem dúvida também o Barroco católico conhecia a política da mais reticente ambigüidade, com freqüência ainda melhor que Lutero, e igualmente muito distanciada da relativamente unitária Cultura universal da Idade Média; ele excedeu aqui não menos ao último desvio, à *Reservatio mentalis*, à arte enfim graciosa ou subreptícia de enganar, "protegendo o Sacratíssimo de um coração piedoso, no meio da vida mundana", e, em conseqüência, exatamente para não deixar de corresponder à relatividade da vida mundana. Apesar disto a Igreja católica nunca renunciará à pretensão da direção espiritual, à vigilância do intermediário reino temporal espiritual, do modo; pois, antes de mais nada, o retiro conventual manterá, por completo, seu possível lugar para a imitação de Cristo, centro de manifestação e de atuação da sobrenatureza espiritual. A desgraça alemã utilizou, de qualquer modo, o desinteresse luterano exatamente em coisas públicas e de fato também o utilizou, como ninguém mais, para manter separados obra e fé, poder e espírito. Assim faltará ao Estado luterano, apesar de toda sua alta tradição de inteligência, quase sempre aquela habitual consciência pública, peculiar ao mundo calvinista e católico.

D) *Sobre a fé de Lutero*

Percebe-se assim, ainda mais abertamente que em Calvino, que o luteranismo liberta o apetite de poder e rejuvenesce o Império romano, sem Cristandade: faz Jesus Cristo desaparecer inerte e irreal fundamento de uma mera justificação, humanamente desobrigante.

Mesmo porque não vive aqui, em nós, o que em seguida ruma para o alto, a partir do turvo. O Homem nasce e morre pecador, tão espontaneamente ele se queira ocupar a propósito dos seus pecados. Desde a

queda de Adão, não há, segundo Lutero, qualquer ato humano que não seja digno de eterna danação. Nunca foram, mais que aqui, vívidas, marcantes e ferinas, a fraqueza humana e a impotência do livre arbítrio; nunca fora também o Homem mais profundamente oprimido e humilhado. A felicidade cristã, de ser senhor de todas as coisas, em nada se relaciona, batisticamente, ao homem vital, o qual precisa com efeito curvar-se e perder-se até o fim, a fim de que nele emerja o que não é o que brilha enquanto puro.

Muitos outros, aliás, fora de condições de desfazerem-se do peso do seu pecado escolheram uma saída mais fácil. A vontade se afrouxava com freqüência, já nos dias de Lutero, sob o íntimo complexo terrível de culpa em acúmulo, sob o inicial silêncio em queda, tão desesperado peregrinava o povo nos locais consagrados. Deste modo cresceu, enfim, a inclinação no sentido de proclamar o Homem como um ser sem Liberdade, em geral, e, assim, suspender a responsabilidade, numa tendência pagã, em origem, e transmitida pela Antigüidade, opondo-se à outro força inicial, que se erguia rumo à própria Salvação. O sentimento coator, ainda astrológico no restante em geral, baseado nos ídolos do antigo *Fatum*, levou, deste modo, os piores a um relaxamento, e os mais sérios ao desejado abrandamento, quando não também à cura da queimadura. Mais profunda sensibilidade separava Deus, por conseguinte, de qualquer correlação com nossa inocente condenação, repelindo, portanto, toda "Justiça" injusta; nega-se o Juiz nele, decreta-se o ofício do carrasco, nas penas eternas do Inferno, como sendo indigno de Deus, já também os escritos polêmicos e apologéticos deste tempo recorrem à palavra de Agostinho: todo o pecado perpetrado desde Adão, comporta-se, diante da Misericórdia Divina, como uma pequena gota no mar. A partir daqui, renuncia o monge em luta, no seu medo desesperado, a esforçar-se para superar o recusado, preferindo crer com simplicidade. Ainda o Lutero, que olha para trás, relata conhecer alguém que sofrera tamanha pena infernal, que se ela demorasse sobre ele, um mero décimo de minuto, precisaria desfalecer, de modo que

todos os seus ossos se teriam transformado em cinzas. Com tanto maior certeza ainda, se distendia Lutero, logo que ele mal renunciava ao próprio caminho; o desmesurado sentimento de prostração, sem encontrar limites ou fim, se inverteu, lançando desencorajada âncora, recorrendo à doutrina da absoluta queda de Adão, tranqüilizando-se na radical, irrecorrível corrupção da natureza criada, na sua impotência em alcançar uma imitação de Cristo.

Sem dúvida permanece também mesmo obscuro, porque, donde, o Homem pode deixar-se então inflamar, crendo sempre com mais força. Na medida em que ninguém se erga por impulso próprio, tanto que não consegue assim levantar-se, não é só o homem terreno, porém inclusive também o Homem cristão que se subtrai a toda assistência espiritual. Permanece incompreensível qual potência poderia aliás dar audácia a um ser tão por completo miserável, por menos que se esforçasse rumo a uma crescente fidelidade para com os Mandamentos de Deus, e eis o que Lutero dele requer, enquanto grata réplica à não merecida anistia. E, para outros, torna-se irrecusável a inversa conclusão: esteja o Homem preso a fazer o mal (*non potest non peccare),* esteja nele radicalmente depreciada toda própria força para o melhor, desde o pecado original, então não se deve mais falar enfim de possível pecado em geral. Contrição, penitência, intenção, antigo e novo Amor logo perdem sua agudeza, ou mesmo qualquer significado produtivo em geral. Pois, na medida em que, aqui, desaparece o patrimônio distintivo de Homem e animal (como o demonstra já o conceito de Lutero a respeito da impotência característica da *criatura*), converte-se o pecado conjunto de Adão a Cristo, e daí em diante, não mais num Mal moral, e sim em mero Mal físico, incapaz de admoestação, não necessitando qualquer Justificação. Conforme, a propósito, Möhler, o simbolista católico, observa, sempre com precisão:

> Quanto mais superficialmente, a medida da capacidade pecaminosa objetiva vem a ser aplicada, na qual o sujeito se vê realizado sem incriminação pessoal, tanto mais desaparece a grandeza do Mal subjetivo autoco-

metido, de modo que a natureza humana se torna também portadora do peso da culpa, a qual a pessoa contraiu.

Entretanto, de novo a forma protestante de concórdia busca, por sinal, isto mesmo, ao atribuir ao Homem apenas contrição, absoluto niilismo de si próprio, levando toda a luz para o heterônomo lado divino, esforçando-se por conseguir um consolo da criatura por completo corrompida, não só felicidade luterana, de ínfima responsabilidade pessoal, bem como, de modo simultâneo, também o desencadeamento de uma atividade mística sem igual. Pois, permanecendo uma ardente aspiração, ainda ao alcance das próprias forças, também após a queda, esta aspiração se apresenta sem significado e, de nenhum modo, um signo de inicial conversão; se, pelo contrário, o homem, radicalmente decaído, começa a sentir em si o mais sutil apelo à vida mais alta, então se mantém alegremente persuadido da ascendente atuação de Deus nele. O menor brilho da centelha já se apresentava, deste modo, como sinal, após a fórmula de conciliação, ainda enquanto prova de edificante renascimento: entretanto, se assim de fato o fosse, então este começo precisaria de fato seguir evidentemente o caminho, pois os pagãos necessitariam, de maneira irrecusável, penetrar na dinâmica, até mesmo *cristã*, da Graça, aos quais Melanchton não recusa de todo a esotérica aspiração; a multiplicidade das representações religiosas, porém, e a relativa posição estática dos mais diversos mundos divinos, permaneciam incompreensíveis. Sem dúvida Melanchton tenta explicar a existência e a essência, sempre religiosas, do Paganismo, por intermédio de uma Revelação primitiva, a todos os indivíduos concedida; portanto, isto não passaria de uma aparência, em terra sáfara, se a eficácia da Graça apenas tivesse correspondido a uma obscura vontade total de Judas, assim não sendo por completo abolido o primitivo Pressentimento, nem a Revelação primitiva, e não só descaracterizados, abscurecidos, ocultos, velados, reduzidos a meras formas de antecâmaras de Deus, correspondentes a simples enfraquecimento causado pela confusão lingüística e pelo pecado original. Basta que Lutero não nos confunda com o

vazio, árido, adventício encanto, da sua doutrina do *servum arbitrium*, mediante o suposto consentimento a propósito, e sim que também este próprio consentimento não confunda a Liberdade e a Não-liberdade *psicológicas* ou de *opção*, com a mais profunda, inteligível camada da Liberdade ou Não-liberdade *éticas*. Aqui, contudo, se deve distinguir e a isto se apegar, que os homens não são por completo incapazes de escolher, isto é, impedidos de querer por si mesmos. E sim que a mera vontade lhes está apenas condicionada por motivos externos, e que este modo, de não ser livre, se mostra relativamente suprimível. Ele brota da mistura do corpo, a partir de antecedentes suplantações do passado da alma, a partir de influências do ambiente e da situação social, a partir das fraquezas da condição humana em geral, sendo, enfim, a coatora perturbação, oriunda das colorações dos karmas da existência e da sua sina. Pelo que ninguém é forçado, essencialmente, a manter-se parmanentemente escravo deste enquadramento social telúrico e mesmo kármico; prosseguem abertos a saída de dentro do "porque" concedido, a decisão em favor do "apesar", o livre-arbítrio, pois, desta maneira, o que vem a ser considerado, de resto, por "Liberdade do Querer", deixa-se por completo conquistar pela progressiva autocausalidade das ações (uma básica reivindicação do Anabatismo). Sem dúvida, entretanto, não se estabeleceu assim, de nenhum modo, a Liberdade ética a si mesma; muito pelo contrário, o livre arbítrio torna-se tal, quando ele se liberta de algo, simultaneamente também livre para alguma coisa, de conteúdo ético, negativo ou positivo: Ricardo III resolveu tornar-se um crápula; quando a Bastilha caiu, abriram-se, de início de modo uniforme, as carreiras para o burguês ou até para o *citoyen* místico; e já Sócrates conhecia inteiramente o paradoxo, que um Homem escolhesse, de vontade própria, a Não-liberdade ou a Liberdade, o Não-conhecer ou o Conhecer do Bem. Com efeito, a vontade oscilando, de novo, entre ambas, então a bem alcançada livre-opção psicológica também penetra num tateamento e numa busca, assumindo uma inquietação que se converte em ente hipotético, o qual repele também de novo

a própria livre-opção, cuja cessação, porém, devolve com mais forte motivo a Não-liberdade psicológica em relação ao objeto, no caso da opção em favor da Não-liberdade: assim gesto egoístico, recusa caritativa, mística. Que a cessação, enquanto decisão, consiga entretanto mover-se rumo à Liberdade ética, então não cabe aliás qualquer outra escolha à livre-opção, porém que só, portanto, e para este fim, sua inquietude assim se consumara, e que a intenção humana autenticamente emergiu encontrando-se e confraternizando-se consigo mesma. Na produtiva possessão, autopossessão, no iluminador encontro comum, ao mesmo tempo caritativo e místico, fluindo para si a partir da fonte da Liberdade absoluta. Sem dúvida também não se quer deixar consolidar, em nenhuma parte, a oscilação da vontade, de tal maneira *absoluta;* predomina, aliás psicologicamente, possível Liberdade para o caráter empírico e daí também responsabilidade, culpa ou merecimento na escolha do Mal, isto é: Não-liberdade ética ou Bem, isto é: livre eticamente. Portanto, embora haja inclusive santos, mesmo assim o Messias não se manifestou por completo, e a *absoluta* repartição de culpa e merecimento descamba todavia no irreconhecível, objetiva indecisão do caráter inteligível, na *apriorística Não-liberdade,* aliás tão profunda quanto duradoura, isto é: auto-ocultamento da decisão humana, enfim, no incógnito moral metafísico do ente humano. De fato, não se pode alcançar a Liberdade ética apenas com as próprias forças, ao contrário do que ocorre com a Liberdade psicológica: o Ser-para-si, a Liberdade dos Filhos de Deus, demoram tanto, e a solução do próprio modo de ser egoístico ou vacilante, a solução diante da pobreza da condição material mundana em geral, a autopresença, presença comum, a absoluta rememoração se prolongam tanto quanto a dimensão não-messiânica "apreende" a vontade humana enquanto por conseqüência não "participa" da resposta de cima, Graça, coroação mediante a Glória encontrada nesta vontade humana, vontade de Salvação. Pelo menos, porém, Liberdade por completo psicológica, ativa, a Liberdade enquanto aventura, processo, problemática, até mesmo ainda como postulado paralelo à espontaneidade humana, sem a qual nada

mais acontece, nem pode mais acontecer; e mesmo o outro postulado, a Graça, a ética Liberdade em Deus, vê-se privada totalmente da vontade, até mesmo da *vontade-da-Graça*, pelo que se apresenta como pleno, impotente, exagerado, milagre do salto no *conteúdo*, e nesta possível doação primitiva, sem a qual por sua vez, toda espontaneidade se prolongaria sem fim, não se encontrando adequadamente. Não se esqueça, no meio disto tudo, que, contra o rebaixamento do Homem por Lutero, contra todo exagero da onipotência divina, a Igreja católica adotou a tese da colaboração humana, da não perdida centelha da pura *Synteresis;* construindo um complicado sinergismo entre Liberdade e Graça, o qual não concedia o peculiar nem à Liberdade, nem à pura bênção da Graça, a quem manteve aliás sempre como importante postulação da História das heresias, contra o despotismo do Deus luterano.

Com efeito, segundo este, nunca cremos com pureza, e o Homem, sempre digno de Misericódia, mal pode assim ocultar-se. Permanece o pecado em si, nunca conseguindo vir a ser suspenso ou ultrapassado, por isto ficamos sempre manchados, ao não haver qualquer merecimento luminoso, portanto, qualquer saldo. O Príncipe pode ser sereníssimo, porém o cristão jamais é santo, não havendo oportunidade para destacar-se o brilho do Homem iluminado, nem aqui, nem no além, pois o santo não manifesta sua palavra no aqui, ordem inferior do Mundo. O modelo dos iluminados esforça-se, em favor do Homem, com inúteis milagres, e, onde, apesar disto, parece atuar, aí Deus apenas excitou uma aparência de santidade nestes homens, conforme o pretende um princípio do círculo de pensadores calvinistas, para que, deste modo, sua danação, no outro mundo, tanto mais assustadoramente os atinja e surpreenda. Assim, o pecado, a culpabilidade, prosseguem sempre em nós, enquanto a justiça fica fora do nosso alcance, só sendo o próprio Deus quem possa querer erguer o carro, segundo Zwingli glosa Lutero; resta uma única salvação, buscar proteção sob as asas de Cristo, na certeza bem íntima da força redentora do sacrifício de Cristo. Desta maneira retorna em última instância, em Lutero, a velha separação entre o Império da Criatura

e o Império da Graça, de modo que nenhum possa agredir o outro, pois nem o Mal é espiritualmente superável, nem a Salvação suscetível de mediação humana ou capacitada a quebrar o poder do pecado. Como, aqui sob os Príncipes, todo consentimento fora concedido à má ação, Sem Esperança de atenuá-la: então Lutero remete, no plano metafísico, com maior razão, toda criatura ao Demônio, à atitude de Judas, à simples predisposição do Homem a agir assim, ainda sem Esperança na *transformadora* força da Luz transmitida por Jesus. Tanto no plano do Estado quanto no da Teologia, o Mal continua permanecendo no Bem, e, mais uma vez, se manifesta o secreto Maniqueísmo de Lutero neste monstruoso sentimento de realidade do satânico; na medida em que Lutero não atribui ao Homem senão a plena e e irrecorrível má vontade, então, mais surpreendentemente ainda, ao recusar ao próprio Deus Todo-Poderoso a força ou, pelo menos, a vontade de incorporar o Inferno ao Paraíso, este maniqueísmo desemboca, não de modo lutador, na Guerra Santa pregada pelo Islam, no Apocalípse, no Quiliasmo, e sim continua de novo estacionário, distante de toda reivindicação de superar a tensão, de estabelecer pelo menos no Império Celeste, a unidade do mesmo Império.

Daí virmos apenas a ser agraciados, não propriamente purificados e de fato redimidos, e sim justificados, em vão, pela Pura Misericórdia divina, tão descabida quanto a Fé que pretende que a danação de uma alma procede de um Senhor e Deus misericordioso. Lutero ao retirar agora também à alma aquela confiança no aparentemente alcançado através de sobressalente mérito do Homem, do Santo, tal Antivoluntarismo religioso não se remete pois somente à magia subjetiva do Anabatismo, para assim desautorar ainda a morte de Cristo como vítima, subsistente tesouro de Graça enquanto conquista deste martírio. Muito pelo contrário: esse tesouro não foi conquistado pelo homem, e conseqüentemente, por essa razão *transcendente ao sujeito*, é tanto o capital como o qual a Igreja consegue a visível união da Cristandade, como também a única substância religiosa existente. Somente a Escritura, como receptáculo da pura doutrina da Graça é capaz de

perdoar os pecados, efetuar a Salvação em toda sua força de milagre e objetividade; aí onde está a Palavra e somente aí onde ela está presente é que impera a Igreja, a Igreja pura da pregação e da Escritura. Não há atuação divina nem revelações fora da Escritura — a única mediação com força de autoridade —, e Jesus, presente sempre e unicamente nesse sacramento, o salvador do desagravo substitutivo, é o responsável por todas as experiências salvadoras, o regente da Igreja cristã. Sem dúvida, entretanto, essa fé atua nos homens, por menos que neles resida ou exista neles de forma purificada e realmente libertada. Na Igreja da Escritura existem apenas ritos e sinais de graça que lembram o evangelho da remissão dos pecados da pura misericórdia divina, mas não uma substância de graça totalmente objetiva e como que objetivada. Assim instaura-se portanto o luteranismo num nível intermediário estranhíssimo e para-objetivo, numa sacramentalidade que não deixa de se apoiar na escritura, mas é enfim essencialmente interior, espiritual, numa sacramentalidade *da Fé de Deus no homem em si mesmo* e de sua plenitude de graça. Mas em parte alguma se entende também que a motivação interior do homem tenha atingido sua maioridade, não se entrevê nenhuma parte do homem que se atinja na fé. Pois aqui se destroem no crente não apenas as tendências baixas mas todo seu "eu"; os traços fortes e silenciosos que se lançariam em busca da alma e da salvação, são também abafados. A alma humana torna-se novamente tão pobre que não lhe resta ao menos a nostalgia como coisa sua, pois mesmo a nostalgia é um outro que a sofre na alma, que a abafa, que recolhe e acolhe em si mesmo toda a sua vivacidade. Mesmo o perfeito fiel comporta-se em relação a Cristo como conteúdo dessa fé apenas como um recipiente terreno para com o tesouro aí recatado; assim também a visão do piedoso pode satisfazer sugestivamente embora sua alma propriamente não tenha nenhum valor. Ela se apresenta, até no redimido, a qualquer tempo sempre como a velha cena selvagem que é de novo capaz de destruir a obra de Deus em construção. Pois o estado de graça luterano segue caminho outro que o de Calvino: por mais fácil e plano que se inicie vai perder-se

de novo em pecados grosseiros, mas antes de tudo por uma confiança somente auto-justificada na própria força espiritual; ele não é pré-destinado. Daí que tanto Lutero recusa aquela fé que carece de um amor ativo como acréscimo a fim de não parecer, como a doutrina *sola-fides acaba* por não conhecer sobrevivente algum capaz de encarar Deus. A firme intenção, mesmo a boa-vontade, por mais que pareça pessoalmente ligada ao homem, não é parte dele. Se Lutero decanta e louva a "alma sutil, doce, submissa, apaziguada", a única amada por Deus, essa imagem plástica evocativa desemboca por um lado magistralmente na linha gótico-tardia, com traços da mais profunda disponibilidade e piedade, e entretanto também aqui é uma pureza exterior que é inserida em nós, portanto a atuação de Deus inteiramente estranha ao mortal, e sua transcendência ao sujeito não deixa lugar metafísico a nenhuma atitude humana existente, nem ao horror da chama nem à fulguração do abandono. Toda a inclusão do mundo interior, da intenção pessoal, da confiança, da convicção, todo o caráter da magia pessoal ético-mística qeu aqui e ali explode, "malgré lui" mesmo em Lutero em lugar do exterior influxo dos sacramentos, reduz-se finalmente a mera aparência e equívoco das palavras; pois a luz que arde no andor da Santa Escritura não é, apesar de toda a espiritualidade e justamente por isso, a luz interior do homem; situa-se ainda mais longe da psicologia mística, ainda mais exterior do que o sacramento católico tornado objeto. Assim mista, pervertida e a-canônica frutificou enfim a vivência-da-santidade em Lutero, originariamente apenas espiritualista: ele "viu" o demônio, mas a si próprio, ao seu próprio trilhar para a transfiguração ele não foi capaz de ver, e mesmo em Cristo, em Deus, Lutero só pôde "crer". Aqui se misturam recusa, mero distanciamento, com profundidade insondável e como que de música, com uma fé em-si, com um perscrutar-se ávido que se resolve em deleite sonoro, com o objeto da música propriamente dita: entretanto mesmo nessa profundidade da crença luterana não houve lugar para o "som" e a veclarividência, a *visio beatifica Dei* dos místicos macrocósmicos não se transmudou em Lutero na verdadeira

adequação da "fé". Ou seja: na imediatez do perceber-se ser-por-si, na agudeza concretizada, na percepção e na compreensão da existência em si mesma e de sua pura fundamentação da "vivência". Não é senão esse o quinhão do homem — e nesse som-surdo, nesse des-espaço, fechado ao sobrenatural, sem-perspectiva, ele alcança segundo Lutero ao menos a consolação de uma consciência apaziguada; aqui portanto o quinhão do homem não é outro senão o *firmus assensus, quo Christus apprehenditur;* Deus e somente Ele atua como *fides, qua creditur, e, somente Deus* também crê em si mesmo, em sua graça de remir os pecados como *fides, qaue creditur.* Assim procede da parte do homem um mero aceitar mas nenhum conquistar, um mero assentimento sem qualquer purificação moral e antes de tudo, de acordo com o sentimento de fé luterano de coloração agostiniana, sem qualquer intensidade especulativa ou evidência de espírito.

Finalmente Lutero recusa, unicamente porque o homem não é capaz de assegurar-se da luz por força própria, o padre que lhe vem em socorro e tudo que ele medeia. São esforços esboçados pelos homens que terão que cessar quando tiver lugar a obra de Deus que se esquiva frente ao atuar da criatura, e mais ainda frente à *ação da Igreja.* Somente portanto porque Lutero maldisse e renegou de tal forma a liberdade humana sob qualquer aspecto, sua fé invadiu com tanta violência a Igreja, vangloriando-se, não somente como Hus de ter meros abusos, mas ainda afirmando: "feri o coração da papa" — o coração da própria justiça, da chave-de-força que quer continuar atuando até abir o Paraíso. Portanto Lutero tira de combate os padres, a indulgência, o fogo do purgatório, a veneração dos santos, toda a instituição mediadora e santificante da Igreja, mas de modo nenhum com a finalidade nem fundamentando-se em que ele viesse a atravancar o caminho de uma transbordante auto-interiorização do Cristo, do livre sacerdócio dos leigos, e sim pela razão justamente inversa: porque a Igreja se serve da própria força, mesmo que ela lhe tenha sido outorgada, enfim do poder da confissão e da missa. Não é o "eu", e sim Deus, que não necessita de padres; nenhuma era depois

de Cristo, do Filho de Deus, pode ter ainda como profissão uma mediação religiosa. Longe dos próprios seguidores de Cristo, muito mais afastado deles ainda que a concepção católica, muito mais distanciado também que ela da doutrina espiritual ainda atuante da Igreja grega, Lutero recorreu nessas considerações ao testemunho da época apostólica, ao próprio tempo de Cristo, como à única era produtiva, clássica do ponto de vista religioso. Os altares dos sacrifícios não são desfeitos, porque Lutero queria deixar o indivíduo *aproximar-se* diretamente livre de autoridades, de Deus, dele apoderar-se, e sim muito pelo contrário, antirevolucionariamente porque o indivíduo ainda lhe parece aí *excessivamente espontâneo*, porque todo o pretenso poder das chaves do tesouro-de-graças da Igreja lhe parecia *per se ipsum* uma abominação, como que uma decisão parlamentar difamável, parlamentarismo contra Deus, contra Sua liberdade, majestade, autonomia, onipotência, absolutamente sem par. Inicialmente Lutero não tinha de modo algum contestado a Igreja tão ferrenhamente; em suas teses ainda era blasfemado e amaldiçoado quem falasse contra a autenticidade da indulgência papal e as próprias teses punham em discussão apenas pontos sobre os quais ainda pairavam dúvidas dentro da Igreja. Mesmo mais tarde o instinto altamente autoritário de Lutero apegava-se firmemente ao tesouro de Graça de Cristo e igualmente à plena independência da instituição da Graça em relação às dimensões de sua realização subjetiva; somente acrescia como diferença mais profunda que o clero só devia constituir-se nas estações intermediárias da travessia para a auto-atuação da Escritura, na qual somente Cristo rege a Igreja como a própria essência do mais elevado poder de Salvação e o princípio transcendente a qualquer comunidade. Dessa forma por conseguinte Lutero tornou-se anti-papista pelos motivos mais a-evangélicos possíveis, e a Igreja dos sacramento só se lança a seus olhos no abismo, para que se eleve sobre ela, como sobre uma mera cooperativa parlamentar-religiosa de sujeitos criados, o absolutismo de Deus em sua autonomia eleita de modo completamente sem fundamento. A destruição da Igreja por Lutero não é

nenhuma revolução vinda de baixo, mas um golpe de estado de cima, uma explosão do despotismo divino que desbarata todo governo de co-direção, todo sinergismo da humanidade.

Tem-se sem dúvida o direito de surpreender-se quando atente daqui ainda para as tendências espirituais que o homem luterano trilhou adiante. Pois o mundo burguês não libertou apenas o homem de empresas, mas o modo de ser das pessoas viu surgir uma infinidade de fisionomias não-típicas, aventureiras. Na Alemanha principalmente as figuras mais agitadas, afastadas de qualquer participação influente, salvaguardaram-se numa tanto mais acentuada sensibilidade espiritual, na formação e conformação de sua personalidade. A isso porém se opunham diametralmente em Fausto unicamente o arrogante escolástico católico como contra-imagem admoestadora ao outro wittemberguiano, o piedoso homem de Deus Lutero, aquela que não se deleitava em vestir asas de águia e sair a pesquisar céus e terras. O salto para o Fausto tardio, a imagem da espontaneidade essencialmente protestante, marca também ao mesmo tempo o processo de novo desfecho, anti-luterano, no qual finalmente apareceu renovada a velha tradição da centelha e da singularidade, o *salva meam anima* da mística *cristã*. Penetrantemente mostrou-se então também num enfoque regressivo, quão afastado estava o próprio Lutero do cristianismo primitivo, da conversão a uma vida melhor, da liberdade dos justos, da imitação e interiorização de Jesus, do zelo, esperança, êxtase do futuro. Sem dúvida que num ponto decisivo Lutero se viu igualmente afastado de São Paulo, por mais que acreditasse seguir suas pegadas; afastado da doutrina paulina da reclusão dos fiéis, de seu recato do mundo e da sua união com Cristo para a comunidade dos santos e dos justos. Antes pelo contrário, Lutero lutou exatamente contra tais princípios batismais em nome de São Paulo; e não menos erroneamente evocou-se Agostinho em quem em verdade a vontade precede o conhecimento, mas apenas no que diz respeito ao tempo, não à dignidade, e em quem além disso a completa concretização da fé não é instituída como certeza de amor divino, mas — intei-

ramente em concordância com Aristóteles, Plotino, São Tomás, e contra o escotismo de Lutero — como visão intuitiva da vontade divina. Nem mesmo Schleiermacher, por muitos considerado luterano, em sua sentimental doutrina de uma pura e simples dependência da razão-do-mundo, aproxima-se da vivência de fé especialíssima a-canônica de Lutero, de seu conceito de fé. Para isso ainda adquire nele papel demasiado vivo a singularidade individual, papel demasiado comovente a sensibilidade morávia dos Herrnhüter e a psicologia mística, papel demasiado condizente com a sua filosofia da identidade Eckhart e o idealismo da disposição anímica tendente ao primado do espírito. No todo portanto verifica-se (mesmo sem se enfocar o semi-calvinista Kant, o semi-panteísta Hegel — hierarquizador à maneira católica) que justamente a espiritualidade protestante dos decênios pós-Lutero disside consideravelmente da fé luterana, nega mesmo seus princípios ou pelo menos os reinterpreta em sentido quase inverso; e igualmente que o dogma luterano da não-espontaneidade, heteronômico, pesou como uma crosta sobre a sede de descobertas da nova era, sobre os mistérios de seus pensamentos postulados.

E) *O escalonamento católico de terrestre e do supra-terrestre*

Viveu-se certa vez como se não fosse mais preciso esforçar-se para viver melhor. Os apóstolos não se preparavam para uma existência terrena duradoura, nem lhes tinha sido permitido fazê-lo. Muito próximo esperava-se o dia em que da velha construção opressiva não restaria pedra sobre pedra. O pequeno número dos primeiros cristãos, a severidade com que souberam conservar a pureza, obrigava cada membro da comunidade a sentir-se pelo menos convocado a um labor que nada mais tinha a ver com as penas terrenas.

Mas, quanto mais tempo se passava tanto mais amplamente se fazia preciso estabelecer-se na vida, adaptar-se às condições existentes. A comunidade cristã reunia não apenas os sofredores das classes mais baixas, ela finalmente tornou-se uma sociedade benefi-

cente e como tal depois de resistir à perseguição teve que se recomendar ao Estado. Grupos os mais dispersos congregaram-se na Igreja Romana Unida dos inveterados companheiros-de-bar, dos convertidos, e finalmente da possível arrecadação dos bens dos templos pagãos, a desfazer um vultoso patrimônio, sem dúvida ainda e sempre valorado como propriedade dos pobres.

Para administrar esses valores, fileiras crescentes de clérigos apresentavam-se como classe soberana, e discriminavam-se da plebe. A prestação de contas do "chamado" depósito inflou-se em tesouro-de-graças que não mais estava ao dispor de todo e qualquer irmão indistintamente. Ao contrário, a salvação tomou de novo um cunho de cerimonial, e registrada no acervo de objetos tornou-se tão inalcançável para o coração simples como, por razões ainda mais sólidas, o mistério do Filho do Homem para o simples bom senso. Surgiu desse modo, para racionalizar o *patrimonium pauperum* nos setores financeiro, sacramental e dogmático, o clero como nova classe social; acima da primitiva comunidade comunista estendeu-se de novo a Igreja clerical, muito pouco diversa das instituições sacerdotais de todos os outros povos e tempos. É certo que alguns sempre se recataram de tais concessões e refugiaram-se em mosteiros, daí protegendo a consciência contra todos os males mundanos até que enfim Montanus investiu contra a corrupção incipiente tanto contra o contaminar-se no mundo como igualmente contra a rígida estruturação da Igreja, conseguindo no segundo século um grande número de apaixonados adeptos. Mas depois do desbaratamento desse apelo desesperado dos brios quiliásticos de outrora, venceu com muito mais razão e veemência o dúbio *modus vivendi*, o viver ao mesmo tempo como imperial e como cristão. Até certo ponto São Paulo já o havia preparado e prescrito, quando foi excluída a volta do Filho do Homem e certamente não mais se poderia contar com ela. Mas agora era chegado o tempo de pura preparação para um dia bastante longínquo e situado para além de muitas margens; o clero crescia rumo aos grandes cargos de honra do Estado e o mundo permanecia como sempre o fora.

Assim ia-se aos poucos acomodando-se e enfraquecendo-se, nem bem se tinha já sentado à mesa dos ricos. Então os senhores do mundo determinaram com rigor e precisão com que fim se dispusera e se fizera ascender a classe dos pastores. Ela germinou e se tornou enfim, voluntária ou involuntariamente, insubstituível para os ricos com o fim de apascentar os escravos, amenizar as terríveis desgraças, assimilar em si toda possível revolta. Que se orava pelo imperador pagão ficou logo patente; na oportunidade acentua-se também já a inofensibilidade do cristianismo, e como ele agrupava os súditos mais fiéis justamente por dar tão pouca importância às coisas do mundo.

Em si mesma, a não ser que a vida doméstica fosse por ela aquecida de algum modo, a caridade cristã se fazia pouco notável. É verdade que em breve se associou à Igreja, além de sua utilidade anti-revolucionária, um interesse comum com o estado, ao menos a partir do momento em que a Igreja fez unirem-se em torno de si massas cada vez mais dispersas. A medida que o império romano destruía toda a autonomia dos povos e dividia toda a terra conhecida em províncias de um Estado Universal cada vez mais democratizado num demônio amorfo, ampliava-se o campo, melhor ainda, incitava-se e prognosticava-se uma fé unificada, sendo no caso indiferente se essa Igreja una coordenava-se ou não com os anseios do Estado, já então sem raízes, quase abstratizados; ela não lhe podia ser adversa, mas pouco importava se fosse muito diversa dele. Como quer que se configurassem os apelos e motivos que inicialmente mal suportavam os cristãos para depois de uma semivitória enfim ajudar-lhes ao triunfo de religião oficial, a nova fé não se introduziu com mais precisão em outros campos; apenas a vida entre os homens, pré-e-extra-estatal, foi mais orientada, quase sempre menos pela chama do amor jesuítico do que pelo intrínseco ímpeto de vitória para além de toda ideologia. Se por um lado mesmo o imperador romano acabou por submeter-se ao batismo, e até à famosa penitência da Igreja rumo ao Bispo de Milão, por outro o império romano e a Igreja cristã permaneceram essencialmente diversos, diversos em sua essência. O Estado antigo era rígido demais, sua

velha organização demasiado consolidada, economicamente demasiado complexo, juridicamente por demais definido para se deixar atingir em profundidade ou se deixar penetrar por novas idéias; além disso sua jurisdição se configurara justamente na antiguidade tardia cada vez mais severamente a fim de ir de encontro à crescente dissolução social. Em conseqüência a Igreja limitou-se aqui a apenas amenizar as cruezas mais atrozes, quando não chegou ela mesma a acrescentar outros horrores, perseguição de hereges oficializada por lei, pela própria constituição interna do Estado.

Mas também quanto mais a vida restringia seus excessos, tanto mais zelosamente os eclesiastas se afastavam dela. Não apenas o Estado severo e rígido, mas — mais veemente que qualquer apego utilitário a facilidades — a velha gravidade monástica proíbe-lhes adaptar-se ao espírito terreno, ainda mesmo que fosse apenas como conselheiros. Falta a disposição — justamente dentre novos dignitários de consciência pesada desdenha-se, recusa-se — de preparar para o mundo, de re-formar, de criar um sagrado império romano, ao invés de orientar a alma para além de tais prazeres, inicialmente para sua salvação. Por mais suspeito que se crie complot anti-revolucionário, e por suspeita que pareça a tentativa de fortificar-se o Estado por humildade cristã, o antigo clero não faz derivar de sua posição político-social quaisquer obrigações de culto ao mundo. Os mártires desse mundo, os santos do outro, iluminam ainda, e sempre de perto, estimulam as consciências; justamente o episcopado continua a proceder de preferência do monastério, de uma classe que cortara com os princípios do mundo e foge dele. Em Marcion, sem dúvida um herege, não só Cristo, porém mais fundamentalmente ainda o próprio Deus é o estranho que conduz da morada da miséria para o além-perfeito bem-aventurado; "a verdade", disse também o católico Tertuliano, antagonista de Marcion, "sabe bem que apenas vagueia no mundo como uma estranha, que entre estranhos é fácil encontrar-se inimigos e que é no céu que ela tem sua estirpe, lar e esperanças, sua recompensa e dignidade". Ainda dois séculos

mais tarde a reação cristã e maniqueísta contra o mundo é tão fervorosa em Agostinho que para ele o cristão vive na terra como num reino inteiramente adverso, sem sossego e sem se reconfortar em parte alguma senão unicamente em Deus; a comunidade dos condenados bate-se e debate-se no Estado e entre Estados, movida por sua paixão pelo poder, pela dominação e pelos pseudo valores da cultura terrena; a *civitas Dei* não é uma classificação platônica, nem uma Cristópolis mas uma comunidade de missão puramente espiritual, contraposta ao Estado e mesmo à *lex naturae*, de modo inteiramente sobrenatural. Conseqüentemente o mundo se apresenta muito depois ainda dos anos de Constantino em feição nada diversa das declarações de guerra do Apocalipse: um reino do mal pura e simplesmente, na melhor das hipóteses apenas suportável com indeferença porque os passos daqueles que expulsam dragão, muito e anticristo permanecem sinados às mesmas previsões, porque ao menos a Igreja como comunidade dos seguidores de Cristo lança-se redentora contra os reinos de Belial. De três modos, porém, o mundo mantém aqui acorrentado o homem nascido para o Cristo: ele fermenta no próprio homem como tentação da *carne;* na sociedade dos homens como hierarquização de posses e de dominação do *Estado*, como βανιλετα του νυν ατωνος e enfim cosmologicamente como o próprio *reino da criação*. Em Marcion imposto ao Deus dos judeus e só reavido pelo sangue de Cristo, em Agostinho submetido aos demônios decaídos quando, tendo assaltado a outrora pura obra da criação de Deus, eles atrairam-na para o abismo. Esse excessivo repúdio do mundo é idêntico ao da Antiguidade tardia e impera como impulso central, dogma capital em toda a gnosis pagã e cristã. Nada lhe é tão vital como a retirada do mundo, como o encontro da palavra-senha, do ritual, encantado para a elevação da alma ao céu, deixando para trás os ídolos mortais, os inimigos arcontes dos sistemas planetários até alcançar o único pleroma com que consegue afinar-se. Através de Cristo, senhor dos astros, os homens piedosos tornam-se finalmente livres da morte, do destino, liberados da tirania deste mundo, de seus dirigentes e

de sua astrologia. Apenas os pagãos ainda se arrastavam a meio-caminho, presos a seus semi-deuses, ou os sublimavam sobe nomes diversos sempre como Zeus uno de sua metafísica; mas para os cristãos tanto destino como dirigentes astrais, como os deuses da fatalidade, como cosmocratas, eram rigorosamente diferenciados do Deus único que protege os seus (Efesos, I, 21, 22; 6, 12) e os arrebata justamente ao mundo e ao nexo causal de seu "heimarmene". Entretanto embora os entrelaçamentos mundanos ainda continuassem suspeitos, cessara sem dúvida o mais perigoso escândalo desde que o imperador não mais tinha que ser venerado. Também o império romano tardio encarado de uma perspectiva cristã ainda neste particular como batizado ou batismável, lá estava à disposição como solo fértil, como possibilidade de expansão da doutrina. Mas não se retratava de ganhar o mundo e perder a alma; a unidade do império parecia plausível também do mais severo ponto de vista cristão e exatamente sob este enfoque: apoiava a idéia de um gênero humano unitário e também do monoteísmo, era como se acompanhasse este último de modo pré-ordenadamente paralelo. Marcion estava vencido e aquela mais aguda expectativa em torno do maniqueísmo arrefeceu; em seu lugar foram desenvolvidas a partir de Filão duas noções que culminaram finalmente no Agostinismo: *a doutrina histórica da Revelação gradual* e a *dedução do reino do demônio a partir do simples pecado original*, ambas dando lugar a um progressivo pacto de paz com o Estado. Para isso muito concorreu a confiança de que sempre estiveram presentes no homem vestígios espirituais de clarividência em relação ao futuro: tanto em tendências humanas naturais, como na preparação da vinda de Cristo pela Lei Mosaica e pelos vaticínios dos profetas notavam-se logo os mais diversos *estágios* de uma educação planificada. Por conseguinte bem se podia esperar de uma teleologia mais abarcante, ou mesmo de uma de menores possibilidades de escolha, a inclusão do próprio império romano nessa seqüência de etapas inicialmente apenas espirituais e movendo-se num contexto, autenticamente, do espírito, por mais que essa inclusão possa parecer incorrer em desprestí-

gio e relativização. Por certo que propriedade, escravidão, princípios políticos eram derivados em última análise do pecado original, do crime primeiro da humanidade, e o Estado romano em si viu-se completamente repudiado como sucessor do ser de Nemrod, do reino da Babilônia; mas não deixou de haver tentativas de relacionar esse Estado ao menos com as tendências naturais do homem, de modo que as leis do império romano que atuariam até o fim da humanidade não se fizessem ressentir de uma relação "natural", de uma função mediadora em relação à Igreja, do seu último período, do governo Parusia. Àqueles estágios acrescentou-se, como *segundo* momento da transação para o equilíbrio cada vez mais concreto com o mundo, que o Estado devia sua existência apenas ao *pecado original* e não ao *demiurgo*, ao satanás como princípio irreparável em si mesmo. Em conseqüência, mesmo em meio à mais profunda corrupção, parecia brilhar a possibilidade de ligação com o espiritual; também no Estado o mal se mistura com o bem, e sua aliança não começa apenas com a tendência naturalmente religiosa da criatura, mas justamente também com a revelação divina, ao menos com seu segundo nível — a Lei mosaica, o Decálogo. Com efeito foi aqui que pela primeira vez se produziu a equivalência da *lei natural*, vivida pelos sábios de história antiga, pelos patriarcas e anciãos, com a *Lex Mosis*, o Decálogo; mas ainda surgiu o Direito Natural propriamente dito, a exigência estóica da confluência de toda ação com a natureza racional do homem, com a natureza social para além da dominação sensória dos instintos e da arbitrária definição estatal dos direitos. Justamente o inventário deste direito a-priori, que o direito romano positivo fez, finalmente, formalizar através da mediação da Cícero, entrava em conexão, como código racional pagão, com a lei de Moisés, ou melhor identificava-se com ela. Troeltsch chamou a atenção expressamente para este fato rico em conseqüências, e aqui o relacionamento veio através de Filão; pois este afirmara que a doutrina filosófica moral da Antiguidade, como também seu idealismo eram plágios propedêuticos da Bíblia, o que em relação à primitiva revelação divina já é uma ligação

da lei natural com a lei divina. Se não se quis aproximar com maior decisão da *realidade* pagã com seus horrores impudicos e anticristãos, todavia o desvio através da *literatura política e moral* pagã conduziu à perdição, fez a atenção dos cristãos voltar-se para um Estado racionalizado; e assim os filósofos da Stoa conjuntamente com Filão prestam à filosofia social cristã serviços semelhantes aos do neo-platonismo para com o dogma que se iniciava.

Não surpreende pois que a consciência tão sabiamente enriquecida aprendesse agora com quase total despreconceito a valorizar o que a ela se apresentava. Pois uma vez que as coisas estejam classificadas numa ordem de valor pode-se sem temor curvar-se às leis do Estado, contanto que elas ao menos não vão de encontro à lei natural. Entretanto nessa decisão originária (embora ela não exija mais do cristão que de qualquer pagão que viva, segundo princípios morais) imperava ainda uma compreensível reserva, uma espécie de prova-de-lei com base num Direito Natural mesmo que ainda muito aquém da linha cristã. Justamente ao imperador cristão é que esta teoria baseada em contrato parecia aplicável; pois principalmente ele só poderia ser imperador enquanto seu poder — no sentido da transferência do direito do povo para o príncipe — preservasse o bem-estar e a ordem natural e moral. Mas a Igreja antiga em seu sucesso fácil e lasso, nunca procurou entender esse princípio de modo revolucionário como mais tarde o fizeram Calvino e os Jesuítas; ao contrário logo um Direito Natural veio acobertar o que não merecia, mesmo o soberano corrupto, finalmente portanto também todo reino originariamente satânico do mundo político, e não era apenas o direito estóico da Lei Mosaica, mas um direito muito singular que se identificava com este mundo e lhe justificava os erros. Do mesmo modo que o pecado original tinha servido para fazer descobrir no Estado ligações com o mundo melhor, agora ele age em seu ato mais imanente: como punição divina para justificar o Estado mesmo no seu lado repulsivo, negativo. Em conseqüência, no sistema mais esclarecido do catolicismo inicial, também, e justamente o mau soberano, enfim, todo o

Estado tem o papel de castigo instituído por Deus e de cura para os pecados; é a comprovação da ira divina com o Cristo o fora do amor de Deus. Surge, portanto, ao lado do Direito Absoluto originário, a idéia absurda de um Direito Natural "derivado", não apenas relativo como ainda irracional, retomado muito mais tarde sob circunstâncias similares pelo luteranismo; e o estabelecimento de um *poder-corretivo instituído por Deus* legitimava o Estado positivo ainda mais categoricamente do que jamais parecera possível ao racionalismo estóico, apesar de assim rezarem suas doutrinas. Desse modo, portanto, mesmo a teoria contratual de conformidade com o Estado, "concreta", bastante expandida em moldes a-cristãos, tem aqui como superestrutura o velho irracionalismo religioso: de novo o rei é investido por Deus, o Direito Natural relativo reage apenas contra o pecado e não mais, como o absoluto, contra o Estado. Este porém, o imperador e seus consultores, não mais sofrem repressão vinda de baixo, e sim, de acordo com o novo conceito teocrático do Direito Natural relativo, da punição instituída contra o pecado, apenas, teoricamente, uma repressão superior; o Estado finda apenas na Igreja, em seu patrimônio e sua jurisdição, como a instituição-de-misericórdia *post statum*. Uma união propriamente dita também não foi criada, nem mesmo, finalmente, com o tratado de paz bizantino, mas na melhor das hipóteses, a divisão dos poderes que só conseguiam ainda encontrar-se no ponto — muito diverso quanto ao conteúdo e apenas formalmente coeso — desse duplo modo divino de se fazer lei, da cumplicidade no exercício da teocracia dupla. O peso da consciência contra este processo de equiparação do Estado e da Igreja, refugiava-se sempre de novo no monacato, para lá ganhar e proteger sua alma, o recato do mundo e a caridade, o zelo absoluto da vida interior, independente de todas as divergências de nascimento, de classe, de nível cultural. Daí procederam os pregadores beatíficos da Igreja Medieval, as visões luminosas e os fervorosos devotos do Espírito Santo na ortodoxia grega, nunca inteiramente enquadrados e classificados dentro de hierarquia, do dogma; principalmente porém ascendeu do monacato leigo o renas-

cimento das primitivas seitas cristãs, da comunidade primitiva desaparecida do reino da terra desde João.

Quando os povos novos invadiram o império, pareceu inicialmente que os cristãos enfim podiam se proteger ali. É verdade que esta nova massa era rude, esgotava sua tosca selvageria em longas expedições guerreiras e saques, mas o cheiro sanguinário romano, a refinada frieza e crueldade faltavam-lhes. Imperavam as primitivas virtudes do companheirismo e da casta; ao lado de rudeza e violência valiam a lealdade, a procedência, a piedade, o cumprimento da palavra empenhada, todo o calor e simplicidade de relações econômicas e sociais patriarcais. Isto se tornou ainda mais claramente conhecido quando, perto de fins da era merovíngia, a antiga cidade de economia monetária, a forma de governo baseada em abstração e burocracia sucumbiram completamente. A economia natural primitiva ainda se conservou por muito tempo mesmo no império carolíngio, uniu-se aos sobreviventes ainda com remanescentes germânicos de um comunismo agrário não muito inadaptável às exigências de Cristo. Mesmo quando cresceram novas cidades, ainda semiagrárias, inteiramente diversas da antiga pólis sem estratificação social e alienada da natureza, imperavam nelas por muito tempo ainda companheirismo, submissão e soberania patriarcal, concordância e solidariedade de indivíduo a indivíduo, de grupo para grupo. Floresceu um espírito sedentário, coeso, um organismo perfeitamente formado de corporações que viviam entre si, sem quaisquer nivelamentos, e apenas no início de uma legislação judaica abstrata. O homem em São Tomás é assim delineado como cidadão; a própria cavalaria, o próprio sistema feudal se deixou desviar profundamente do frio código cavaleiresco, enquadrou-se nesta vida com magistral idealização, deixou-se levar pelas cruzadas, submetendo-se à proteção dos oprimidos, ao serviço da Igreja, ao culto de Maria. Também o rei, em cujo conceito e dispositivo administrativo este organismo liberal possuía uma unidade sem dúvida perigosa — a representação de um "império" — também o rei era instituído de acordo com a eleição democrática dos primeiros germanos, portanto oficial-

mente e não tacitamente, como o realizador do comportamento cristão em seu meio. Esse elemento moral natural, igualmente, possibilitou, de modo mais seguro que na Antigüidade, a submissão do soberano ao direito canônico, aos princípios diretivos morais e espirituais. Entretanto o acento essencial em São Tomás recai justamente na cidade medieval, apesar de todo o desprezo gritante que sofria o sistema feudal da época, na transfiguração do patriarcalismo empregado em sua construção; como se a incodificada plenitude-de-confiança do mundo corporativo da Idade Média preludiasse com grande aproximação a idéia do *corpus Christi*. Afirmava-se até uma harmonia surpreendente entre a economia natural, o patriarcalismo e o princípio de solidariedade, fundamentada em remanescentes do primitivo sistema de gleba e comunismo. Sem dúvida que a esta imagem faltam de imediato, quer na cidade como no campo, características a que foi condicionado o reino de-Deus na terra, que foram prescritas a este reino.

Assim a vida espiritual foi conseguindo novamente instalar-se, começou a adaptar-se no meio. As florestas, e com elas corações também, foram devastadas. O senhor de terras nem sabia todavia colocar os monges mui utilitariamente a seus serviços. Também aquela primeira unidade ingênua e infantil foi destruída ou ao menos tão afrouxada que o papa demasiado afastado só era ainda reconhecido com mero respeito formal. Criaram-se igrejas autônomas de propriedade e sob a influência senhorial que crescia a cada dia. Jesus foi usado de novo, dominado de novo modo, e para uma finalidade que não era a sua, que amainava os costumes, mas adaptava a Salvação aos próprios interesses.

Principalmente a Igreja franca se viu forçada, como único poder doutrinário, a colocar-se a serviço de um espantoso senhor-de-terras imperial. Os altos eclesiastas recomendavam-se a Carlos Magno, entregando-lhe a própria elegibilidade e sobretudo graças à queda de toda hereditariedade de seus cargos; mesmo os bens sacros, na época tesouro dos pobres, escoaram-se para uso imperial. Assim surgiu o estranho organismo sacro-estatal do império carolíngio, com um clero privi-

elogiado, latifundiário e participante de todos os interesses do império. Floresceu uma cristandade curiosamente secularizada pela missão cultural meramente profana, incumbida unicamente de transmitir conhecimento sobre esse mundo e de torná-lo suportável, sem vocação para qualquer outro.

Finalmente começou o monge aqui de novo a levantar-se contra tal suborno, tal dependência, e estourou uma rebelião apoiada pelo papa. Com auxílio das cidades destruiu-se a influência do senhorio, expandiram-se pelo mundo a penitência e o êxtase, no século XI, inicou-se a mais violenta reação ascética. Mas o que foi retirado dos príncipes, o papa então fortalecido se arvorou a si mesmo, perseguindo a fogo e espada os mais radicais combatentes de simonia e, ao invés da desprofanação da Igreja teve apenas lugar de "apropriação" do acervo misto estatal e cultural carolíngio, feita pelo papa como novo senhor universal da "cristandade". Em si a tendência universalista da Idade Média resultou a bem tanto do imperador como do papa. Entretanto no lugar de Carlos Magno sobe um chefe, não o sucessor de Cristo mas Gregório VII, o papa, a quem o imperador da Igreja-Estatal tinha mostrado como se deveria governar o Estado-Eclesiástico. E este então, não uma comunidade cristã, nem uma "igreja" codificada puramente em si, mas o "Estado Eclesiástico", herança de César amalgamada ao modo e ao espírito carolíngio é que se transforma no vitorioso império clerical e que vai construir o *substrato do catolicismo da alta Idade Média.*

Só aí o Estado extra-eclesiástico foi de novo repudiado como estado de completo pecado, e lhe foi negada qualquer influência benéfica até mesmo a boa intenção de pô-la em prática. Mas assim como a nova ascese monástica nos costumes da Igreja não representava nenhuma ascese pura, autêntica, aqui também o pecado original, a doutrina da boa semente, que ainda se tinha de reserva, prestou em todo o mundo decaído novamente o serviço esperado. Logo portanto, apareceu justamente o Estado — enquanto apenas dominado, subordinado à Igreja, de novo como possível força disciplinar e salvadora no sentido do Direito

Natural relativo: entretanto não mais responsável diretamente frente a Deus como a um infinitamente distante ponto de interseção das duas paralelas — Estado e Igreja — mas sim frente à Igreja condutora, redentora, frente ao círculo concêntrico mais elevado, ao instrumental divino que serve de mediação a tudo. De novo se apega a Igreja ao duplo relacionamento de Agostinho com o mundo, só que agora evitando suas hesitações, só que sua cidade-divina, a comunidade puramente espiritual é coerentemente equiparada ao sistema eclesiástico da Pólis, à neste tempo já formada Igreja dos sacramentos. Somente aqui então se associa decisivamente à estratificação temporal, à escola de Zenão e à identificação que o catolicismo primitivo fazia entre lei da natureza e Lei Mosaica, a rígida estratificação espacial, a pirâmide idealista platônica-neoplatônico. O monacato propriamente dito, entretanto, a partir do qual foi implantada toda a reforma, foi de imediato subordinado de modo seguro ao espírito da Igreja dos sacramentos; não só numerosos padres se tornaram monges e do mesmo modo monges se fizeram padres — e como tais fundiam ambas as fileiras controlando-as para unirem-nas em sua mesma pessoa — mas indubitavelmente creditava-se ao padre como pastor ativo uma maior perfeição do que ao monge não ordenado. A ascese se vê desse modo em conseqüência da hierarquização, valorada apenas como força vivificante, única considerada soberana; portanto não a ascese monacal, mas somente o sacramento santifica, sob cuja inspiração a força da virtude do estado ascético permanece tolhida e o poder desse sacramento é o único que controla as portas-de-entrada da Igreja. Por isto também o problema, aliás lançado por Eicken em seu *"System der mittelalterlichen Weltanschauung" (Sistema da visão do mundo medieval)*, sobre o quanto se teriam unificado orgulho e modéstia, ímpeto de dominação e a mais pura renúncia do mundo na Igreja medieval, é falso se colocado nessa precisão; pois nunca a ascese, sempre o estranhamente misto caráter obrigatório da mistificação sacramental foi superior, e este nunca se interessou em preservar a terrível renúncia, a conversão necessária ao cristianismo. Seu fim

sempre foi e continuou sendo vivificar moralmente a sociedade-de-classes, salvá-la com os sacramentos, trazer o substrato político-religioso adquirido no período carolíngio para o código e a ideologia, acrescido de todos os tesouros de uma cultura moral-religiosa em parte surgida livremente, em parte produzida pelo cristianismo. Assim esse sistema de relações oferece à terra que ele não exclui, ao contrário, aperfeiçoa, superestima, quase maiores riquezas que ao céu; assim também em Tomás de Aquino, o maior expoente do equilíbrio medieval entre o mundo e o Cristo: em quem, cada parte, a seu modo, contribui ativamente para o todo, em quem ecoa um sistema de classes estratificado quase que sem interrupções, um sistema de causalidade excessivamente harmônico, composto de tanttos sistemas subordinados e particulares quantos círculos de atividades naturais existentes, em quem sem dúvida também, despregando-se esse realismo concreto, essa transcendência dividida e classificada de modo imanente, há que, entretanto, reger rigorosamente algo para além da finalidade absoluta, há que imperar uma sobre-natureza, e em quem esta é todavia totalmente localizada como terrena na instituição eclesiástica do mistério e da Graça. É irrelevante, depois que São Tomás de Aquino eliminou de tal modo o paradoxismo único, indivisível, da exigência cristã, ou pelo menos o hierarquizou nas mais cuidadosas refrações e relativizações, é irrelevante se nele, na doutrina do amor como maior virtude, na doutrina da sobrenatureza, natureza de mistério como a propriamente dita proto-natureza do homem, o assombroso poder espiritual do cristianismo venha a triunfar também no catolicismo, justamente neste. Nele, entretanto, o que não acontece em Lutero, o livre arbítrio é conservado e a vontade humana não é irremediavelmente voltada para o demônio; assim fica do proto-estado do homem um remanescente um tanto enfraquecido, é verdade, pelo pecado original, mas não totalmente pervertido, um remanescente que terá atuação na Salvação. Através da forte acentuação postulativa do estado primitivo, através da relação finalista do Direito Natural com a

santidade primeira do homem, o próprio Direito Natural relativo racional, portanto, a forma-estatal estratificada organicamente, socialmente harmônica como *praeambula ecclesiae*, como potencialidade para o ato-de-graça, alcança também em São Tomás uma grande força natural frente ao Direito-Natural relativo e irracional do Estado. Entretanto aqui também as regras da vida comum propriamente dita não são finalmente ditadas por Jesus, mas pela escola filosófica de Zenão, por Aristóteles e pelo Decálogo; e então o pecado original é compreendido em São Tomás principalmente como perda da humana bem-aventurança, da Graça espiritual, mística, mas também a força do sacramento da Igreja é celebrada como a única possível recuperação dessa perfeição pela obra operada por Cristo, *(ex opere operato Cristi)*. Segundo o que esta relevância *postulativa* dada ao estado-primitivo do homem só fazia legitimar o já então estabelecido, tornado soberano e influente poder da Igreja-eclesiástica, reforçado por sua aparelhagem, e não os imediatos seguidores do Cristo.

Observe-se aqui de novo com que determinação teve São Tomás que se retirar para aquela cidade bem organizada a fim de exemplificar seu direito, e de que modo eufemista quase lembrando o quadro-nostálgico de Novalis sobre o Cristianismo e Europa, o tomismo reconstruía à imagem de um mero ideal uma realidade extremamente fragmentária. Nele parecia cada pessoa estar satisfeita com sua função, fazer de sua parte para complementar a obra total. Mesmo os pedintes e enfermos tinham seu lugar como estopins da piedade, como imagens da miséria, sobre eles a caridade se podia exercer ativamente. Aos cidadãos do mundo cabia a profissão de procriar, da conservação do todo distribuída corporativamente; entre mundo e monge achegavam-se como mediadores os membros laicos da ordem terceira, ao monacato propriamente, porém, é que cabia a apresentação do Ideal de modo especialmente sublimado. A isso advinha o labor pelos semelhantes em penitência, oferendas, merecimentos acumulados, coroando agora os padres ordenados esta laboriosa hierarquia, este sistema de colaboração e suplência, que

se entendia quase panlogisticamente da terra até o céu, como *Natura, Gratia* e *Gloria até* Cristo e a Santíssima Trindade. Com isso fica estabelecido o salto do individual, do novo, do voluntário de cada esfera, para o reflexível, o prescrito, o espiritualmente contínuo, mas esse salto é na medida do possível minimizado por São Tomás. Em outras palavras: a liberdade, a intenção, a paixão, também a paixão cristã como meio de ascese tornam-se instrumentos da construção, da obra, do racionalmente objetivo, da ética-de-conteúdo, mais ou menos como Hegel subordinou, intensivando, o Ethos subjetivo da moral ao objetivo da moral do-estado. Assim a liberdade aqui é assaltada de todos os lados pela razão, de tal modo que se aproxima e se assemelha à razão, que chega até a preparar para a influência da sabedoria-da-graça, dispõe, no próprio Deus, faz escoar o bem não da sua vontade, arbitrária, da liberdade em si mesma, *ex institutione*, e sim, de modo meramente lógico, a partir do entendimento absoluto de Deus, da *perseitas boni*, da essência racional, da bondade, que sistematicamente invade outros campos. Também esses diversos níveis são aproximados e adaptados o mais possível um ao outro, e assim surge — nos pensamentos intermediários mais variados, modificando outra vez a reinterpretação neo-platônica do politeísmo, subordinados todos a Deus — um cosmo heterogêneo; um cosmo por sobre saltos relativados, retornos, paradoxos, dos quais mais nenhum conduz a um caminho fora da *ratio* que foi derramada pelo mundo, a não ser refugiando-se na sobrenatureza encarnada na Igreja, o ponto mais alto da hierarquia, mas mesmo ela incapaz de romper o cerco. Sem solução de continuidade, inseriram-se aqui as enteléquias, a construção de catedrais, as logicidades harmônicas do tomismo, desde as formas materiais, múltiplas, inerentes por sobre alma e Igreja, até as realmente espirituais, únicas, subsistentes. A paz entre mundo e igreja, o compromisso entre mundo e Cristo, encontrou seu códice absoluto na penetração da história natural do desenvolvimento, da história aristotélica, por uma revelação escalonada, pela doutrina neo-platônica da emanação, permanecendo entretanto o assombro de que aqui justamente ao

ar livre, onde impera a vontade e o *natural*, às vezes atue mais o supramundano do que na esfera espiritual, na construção do milagre racionalizado da Igreja e de seu *céu*. Assim aconteceu pois também nos fins da Idade Média que o sentimento individual o sentimento da vontade, crescendo com o capital dos comerciantes e dos Príncipes, destruísse de um modo nominalista a construção formal.

A vontade livre, sua auto-determinação, o *movens per se* do caráter adquirem mais nítido relevo que em São Tomás; na doutrina da dupla verdade a razão afastava-se quase completamente da Teologia, ao colocar o primado da vontade também em Deus, e ao fazer do conhecimento dos preceitos e proibição de Deus, do *bonum ex institutione* um objeto não mais digno de qualquer reflexão. Isso era o Nominalismo, representado por Duns Scot e principalmente por Occam, e ele arruinava a construção panlógica feudal-clerical coerente ao mesmo tempo com o incipiente tipo de economia individual, e com o crescente absolutismo. Todavia o nominalismo, apesar de sua ideologia extremamente útil aos capitalistas e Príncipes, não significava a seu tempo nenhuma dissolução do amor de Cristo. Ao contrário: o mundo desta época gótico-tardia se tornou cada vez mais piedoso; só que o organismo unitário carolíngio-gregoriano foi pelos ares com seu modo de curvar o paradoxo cristão sob uma razão regida pelas classes e um panlogismo estratificado. Mas justamente o primado tomista da razão permaneceu vivo no batismo e espiritualismo, graças à enorme ampliação que o pensamento do logos tinha alcançado na mística de Eckhart. Mas a luz em que ele se apresenta não é o logos cosmológico de Santo Tomás, *qui operatur in unoquoque secundum ejus proprietatem* (que opera em cada um segundo suas propriedades), mas essencialmente a mais pura ingenuidade, a mais profunda conquista do espírito, do *Espírito Santo*, desligado de toda razão profana de tipo piramidal.

Num crescendo, o lucro aumentava, a vida em classes se esfacelava, e com ela o que havia de temporal na harmonia espiritual. Misérias, crises, movimentos estouraram e, sobressaltando os povos, e espoliação ga-

nhava encanto, cresciam possibilidades e meios através do dinheiro que se começava a poder usar. São Tomás só tinha conhecido e julgado a propriedade como prenda originária do direito familiar natural, que devia além disto servir para uso da coletividade, como bem dos pobres, como bem da Igreja em sentido ideal. Mas não é então que ascende o capitalista, generoso, violando a proibição canônica do juro, e se eleva para além das limitações de sua origem; é aí que o Príncipe transforma-se de suzerano em dominador emancipado, sem qualquer relação real com o senhor protetor da Cristandade em qualquer de suas figuras, imperial ou papal. Assim também esfacelou-se aos poucos a doutrina das essências inatas, estratificadas, predeterminadas, todo o mundo das espécies e a organização sonora de seu encadeamento, de seu escalonamento hierárquico, de sua ordenação orgânica, perfeita e satisfeita em si mesma. Ascendeu, com o capital, um homem novo, libertado, individual; teve início a economia mercantil, que aninhava o lucro. Ao mesmo tempo o regime-de-troca e de produção modificado deu lugar a uma nova dominação técnico-passional da existência, as primeiras utopias foram repensadas; o problema do direito natural originário entra de novo em cogitações do ponto de vista estóico e racional, indo de encontro às transformações que sofrera quando do catolicismo inicial, e do neo-platonismo escolástico, e as infinitas possibilidades do capitalismo vêm à luz num mundo tornado aberto. A Revolução Francesa desbancara completamente a superestrutura das relações econômicas passadas; seu sopro fez derreter mesmo na Alemanha, o mais resistente reservatório da Idade Média, a solidez encrustada, o grotesco dos encadeamentos orgânicos e das dependências irracionais.

O eu libertado exteriormente não tardou a vaguear em primitivismo completo. O surto capitalista foi bem lúgubre, principalmente quando na Alemanha o militar o substituiu ou a ele se uniu. O país sob seus muitos Príncipes libertados vergonhosamente não chegou a uma unidade econômica a uma maturidade política, nem galgou a entidade pública. A burguesia ocidental tornou-se poder político, a Alemanha chegou mesmo a

enfraquecer-se graças à sua visão confessional. Assim salva-se ao menos aqui da vontade individual frustrada e do poder estatal sem consciência um senso comunitário e mais aquela profundidade gótico-tardia que os outros tinham perdido, submetendo-se ambos apenas à índole interior.

Já vimos que Lutero estava completamente impotente contra os poderes que fortalecera, tanto que nem ao menos tentava atacá-los espiritualmente. Este modo de ler a Bíblia e de dizer como se tem que vivê-la não fornecia meios contra o Estado que já se instituíra com sua economia moderna, e que não mais podia ser ajudado patriarcalmente. O luteranismo tinha organizado seu cristianismo social de modo excessivamente paternalista; mesmo quando hoje lhe surge este tipo de trabalho evangélico-social, ele é quase sempre apenas uma deformação vazia e contraditória da assistência social-cristã do catolicismo. Mas essas tentativas do catolicismo não se apresentam menos presas a uma vida estratificada de classe sociais, sobretudo de classe média; toma-se esta sociedade que um dia se formou como o ideal cristão social propriamente dito. Constrói-se a idéia de organismo com base em homens modestos e que acreditam na ilusão de que algum dia se trabalhou numa sociedade de classes para o bem comum, para o *bonum commune*, e não sempre para as classes melhor sucedidas no momento, mesmo que estas também na economia medieval se tenham distribuído até camadas inferiores, até o mestre operário, e portanto de modo louvável. Nunca em parte alguma o ideal católico de paz e ordem pensa os direitos econômicos equitativamente, mas do mesmo modo que a participação na Salvação sobrenatural, em proporções diversas, proporcional à colocação de cada um e a seu *stand* na terra como no *céu*, no estado celeste; mas somente uma natureza (pensada) subalterna poderia levar adiante e suportar esta construção dita *orgânica* na era industrial. A essa idéia católica de organismo e de solidarismo se vieram unir várias espécies de ilusões apaixonantes e equívocas, o amor fraternal de Weishaupt, o deus da sociedade primitiva de Lammenais e de Baader, os desejos ardentes de um "socialis-

mo cristão" de Ketteler, Frantzen e Förster; mas tudo isso permanece inoperante, como tudo que pretende anular a era moderna, ao invés de salvá-la. No fim aqui também aparece apenas uma reação romântica, uma hipóstase do velho regime de classes, desaprovando toda liberdade, maturidade, atividade, o direito de aventura e de utopias da humanidade. Pois se a Igreja nem sempre assinou a paz com o mundo altamente capitalista, pelo menos fez com o mundo que existia, com o mundo de classes, uma paz sentimental certamente, talvez também cética, mas sempre uma paz que justamente com sua hierarquização das classes salvava o capitalismo. E se a Igreja, e não apenas a partir daí, reconheceu também a Revolução Francesa, sua cristianidade eminentemente libertadora, por algum tempo esta foi apenas uma quebra acidental do sistema católico de tutela a priori, logo recomposto. E ainda aí é somente pelas proles dóceis que o ímpeto construtivo da Igreja é atraído, não pelo proletariado verdadeiramente revolucionário, não pela marcha, não pela revolução, não pela tendência iconoclasta do espírito nem pela derrubada de toda dominação enovelada no mal e mesmo de um sistema de equilíbrio. Sistematicamente o dever do Direito Natural é aqui reduzido ao dever de sua realização pela concreta sociedade da Idade Média; a verdadeira sociedade continua sendo para o catolicismo, a grosso modo, a sociedade de classes, mesmo que agora industrializada, mas a Igreja visível é para ele o proto-fenômeno religioso, o Deus presente na terra; e o que o catolicismo abomina em Hegel (que afirmou o mesmo no ímpeto de secularização, mas não a respeito do Estado) é a autocondenação de sua própria hipóstase e blasfêmia. Certamente não é impossível que o ecumenismo comunista uma vez confirme como verdadeira a palavra de Maistre, entendendo-a diversamente do tradicionalista reacionário: *"Tout annonce que nous marchons vers une grande unité que nous devons saluer de loin"*. Mas a nova ecumênia que pode realmente surgir e crescer como uma nova comuna, com comunhões abertas e autênticas, é irreceptível por uma instituição como ela, que se deixou levar excessivamente pelo mundo de classes, pela concessão, e que enco-

briu, relativizou e superestruturou com adaptações diversas o cristianismo primeiro e a consciência do apocalipse.

Contra isso a Igreja poderia e ainda pode aparentemente lançar mão da força que lhe foi outorgada e que até hoje aí atua. Esta vocação se comprova provavelmente na própria estrutura da Igreja, em sua construção e inclusão no mundo, sempre num movimento de descida do alto, a partir do modelo celeste sobre que a Igreja se quer fundar. Contudo, por mais que a pessoa se sinta desinclinada a uma tendência banalizante, parece ainda assim que, apesar dessas pretensões sublimes, para compreensão da organização eclesiástica o enfoque meramente empírico-genético é não apenas necessário, senão mesmo suficiente. Conhece-se bem o cálcio com o qual ligaram-se as lajes na rocha de Pedro; e não apenas a influência da forma da sociedade medieval sobre a doutrina social da Igreja se apresenta clara a todos os olhares, mas ainda, como se pôde notar já no princípio, também a igreja dos padres no seu todo, como ela se reconstituiu de novo sobre a comunidade primitiva, é pouco diferente das construções eclesiásticas de todos os outros povos e tempos, ou seja visualizável e a-mística como no início, assim também na consolidação. Misteriosa, comenta Baader aqui, comparando a instituição do ocidente com a oriental, misteriosa é aqui muita coisa que, entretanto, não traz mistérios: se a Igreja permanecesse no mistério, se sua dogmática, discutida e redigida por concílios equívocos, tivesse na realidade um carisma objetivo; se a Igreja tivesse realmente sido plantada para todo o sempre sobre Deus; então esta transcendência teria também que se comprovar em sua formação no mundo, em suas origens, concílios e instituição de dogmas e no *estranho* Espírito Santo, que fez escolher Alexandre Borgia como representante do Cristo. Mesmo deixando isso de lado, tudo na formação da Igreja romana é compreensível e explicável; ela tem a pretensão de estar muito acima de seus fiéis, é verdade, de ser em si mesma a união do povo de Deus, e mesmo de ser o mais antigo centro apostólico, além disso Tertuliano quer ver a Igreja mãe ao lado de Deus Pai, Filho e Es-

pírito Santo, como o "Corpo da Trindade", e fora dela crê não haver absolvição, só *a ira* divina e a condenação, e ainda a tentação de Santanás e dos demônios. Entretanto a Igreja romana nem conhece a revelação progressiva, este propriamente dito *órganon* do mistério; para ela está interdito, com o fim do tempo apostólico, também o propriamente carismático-produtivo, e a história dos dogmas, o princípio aparente do progresso nela, significa unicamente uma exegese progressiva, um desenrolar histórico sem saltos do conteúdo da Revelação, diferente e exterior a todas as tradições produtivas da mística.

Assim é difícil, é quase vão, impedir-se de, ao querer pensar na Igreja efetiva, pensar naquela outra, mais profunda, na Igreja idealizada. Na Igreja sonhada, naquela que tantos de seus internos hereges pensaram, há de qualquer forma um resto do "dever" e ele deve entrar em tensão com a existência. Certamente a igreja como ela é nega que fora dela própria, fora do magistério supremo, sejam mensuráveis tal tensão, tal distância. O herege, o que se isolou, não é, no seu entender digno nem ao menos da renegação, ele está simplesmente errado, e por princípio, sua opinião não é nem ao menos insignificante mas total disparate. Ao profundo princípio *unus Christianus nullus Christianus* (um cristão único não é cristão) — princípio orientador de irmandade comunista adventista, — a igreja cristã se identificou tão intimamente que se crê o desabrochar da figura individual do Cristo. O Papa, a Igreja, o Cristo, são quase conceitos homólogos para a audácia dessa instituição, por meio dos quais "a essência, a idéia-Igreja" parece finalmente perder de novo toda idealidade postulativa. Entretanto justamente os grandes místicos católicos, que não reconheceram outro pai senão o Espírito Santo e quase nunca se sentiram submissos interiormente ao domínio do catolicismo romano, nunca se exaltaram em orações vazias. Depois que estes, porém, se encarregaram do que a Igreja permite, e tornaram-no a si mais profundamente do que a Igreja o faz: *mundum cognoscere in Deo* (conhecer o mundo em Deus), ou mesmo *Deum cognoscere in Deo* (conhecer o Deus em Deus), então certa-

mente o menor não é obstáculo superável: *ecclesiam cognoscere in Deo* (conhecer a igreja em Deus), isto é, encarar a Igreja verdadeiramente como comunitária como centro da nostalgia do gênero humano, na medida do problema da divinização em si. Desse modo também a mística católica continuava atuando na Alemanha tornada protestante como uma camada intermédia instalada entre a ideologia estática do *Corpus-Christi* deste mundo e a verdadeiramente utópica *idéia do Corpus-Christi* de um mundo verdadeiro. Dessa camada partem vestígios, impossíveis de passarem desapercebidos, para as esferas da música de Bach, esferas não apenas da alma, mas do sublime universalismo de uma filosofia de Leibniz ou mesmo de Hegel, como filosofia que não esqueceu o antigo "reino".

Tingindo isso, aqui apesar da paz assinada com o mundo existente, tingindo-o eventualmente ainda e sempre com a visão de um mundo "tornado verdadeiro". Tal atuação e repercussões de um catolicismo são purificantes, embora ainda não "puras" são relativamente benéficas, embora não atuantes de modo absoluto ou mesmo decisivo, seus conteúdos são culturais e não quiliásticos, não movidos pela profunda desconfiança cristã de Tolstoi a respeito do complexo cultural que se instala e permanece. Mas pelo menos o princípio mais suportável no mundo, o *puro princípio cultural* da Igreja se torna visível nesta idéia: ser passagem, ser uma força educadora, suporte de fins de longo alcance, de uma união vivificante e renovadora com o último fim. Uma essência que não se afastou mesmo das grandes utopias sociais da vida-melhor, de modo mais claro e mais decepcionante em Saint-Simon. Todavia entende-se também que mesmo a Igreja educadora, condutora, mesmo a relativamente tão benéfica, uma Igreja-cultura, tornada aberta, quiliástica é apenas uma Igreja de emergência, de caráter pedagógico. (Gálatos, 3, 24), criada para a demolição final; seu brilho é uma contenda entre diferentes campos-de-visão, e não a existência pura da transcendência na imanência. A Igreja terrena, ainda visível, pedagógica, está colocada no horizonte entre este e o outro mundo e, não tem lugar no outro, na figura inteiramente desco-

nhecida da Igreja invisível, do dia por vir, do Além, na figura da comunhão dos eleitos. Mas cintila também no catolicismo o chamado de retorno, de ascenção, de santificação, de comunhão universal. À diferença de Lutero, têm valia aí a luz que escapou da queda, o entrecruzamento de liberdade e graça, o poder dos santos possuindo as chaves do céu (prejudicado pelo caráter indelibilis do padre e pela objetivação da magia do sacramento), a idéia de um *Corpus Christi* do mundo do Além (traspassada pela negação da revelação progressiva e contínua, pela inescapabilidade de uma realidade diversa, ainda desconhecida de si mesma e pairando por sobre o mundo, e do céu escuro, aberto, palpitante). Não a Igreja verdadeira portanto, mas somente aquela orientada para a destruição final, e auxiliar pedagógica na formação, é o lugar da pregação de valor metafísico; localizada para além de todo aparelho do estar a caminho na terra e também para além de amplidões frívolas, da mitologia de uma dogmática cuja lei como diz Joachino di Fiore, permanece uma vaidade na visão da Parúsia.

F) *A seita e o radicalismo herético*

Também aqui se estava certamente em atitude de combate, de inovação, diante e não longe das coisas exteriores. Mas se Münzer também está aí arrolado, e não ao modo dos primeiros cristãos, o comportamento batista no mundo não é quase de modo algum o de uma ligação com ele, menos ainda o de uma dependência.

É verdade que a maioria daqueles que foram excluídos como hereges vai de novo estreitar-se nas dificuldades, já que se tinha que lançar por longo tempo no curso do mundo exterior. Certamente que em meio ao caminho ainda se atenta para este ou aquele discípulo que venha a aderir livremente e que trabalhe continuamente na obra comum, como irmão e companheiro. Entretanto o número dos batistas foi sempre diminuindo, criaturas maltratadas, indispostas, no melhor dos casos cristãos por natureza, mas que não levam uma

vida que ponha em jogo o bem e o mal, e o paradoxo do bem. O nível e o conteúdo da afirmação ética propriamente dita vivenciaram igualmente um forte deslocamento; a severidade, a exigência da atitude radical permaneceram formalmente, mas seu conteúdo não era mais cristão por excelência, orientado no comunismo do amor e no ideal do Sermão da Montanha, num Direito Natural absoluto. Ao contrário, o radicalismo oficializou-se aqui na ética profissional de cunho pequeno burguês, geral entre os protestantes; o catolicismo porém, que já inicialmente recolhera sob o nome de uma ordem a ameaça de seitas em Francisco de Assis e nos franciscanos, vivenciou depois do Conselho Tridentino uma série de brilhantes fundações, por meio das quais ele pôde codificar sem perigo de esfacelamento esforços pessoais de salvação; copiou por exemplo no Jesuitismo o autêntico caráter guerreiro das seitas, ao torná-lo a vanguarda de Cristo. A fundação de seitas penetrou mais ainda a igreja russa, quase sempre tornada semi- ou peculiarmente ortodoxa; sem dúvida no monacato russo conservou-se mais fielmente a valoração de um entusiasmo carismático próprio, herdado do cristianismo primitivo, do que no próprio catolicismo. O monge no ocidente romano é subordinado à igreja, no oriente a consagração do monge vale como um segundo batismo; e o poder de ligar e desligar, a orientação da alma passou-se lá, igualmente por muito tempo, do padre ao monge, à sua decisão inspirada. No ocidente romano, depois que a autoridade dos mártires é quebrada, nunca mais se reconhecerá como válida a eficácia carismática. No oriente porém o reforçado entusiasmo com o monacato readquiriu sua força e em breve também seu reconhecimento ortodoxo, ultrapassando em essência à, nesse ínterim, realizada instituição da igreja dos padres, e a aceitação final da ordem ocidental dos sacramentos. Freqüentemente indiferenciáveis sobrepõem-se justamente aqui, também, seitas e monacato; pelo menos a igreja russa, que se reconhece como Revelação contínua do Espírito Santo, não possui nenhuma instância dogmática para condenar uma forma imediata de piedade, a dos "hesichastos" ou "tranqüilos", por exemplo, do Monte Atos, e

para excomungar aqueles que invocam, por seus próprios meios, a luz de Jesus. Antes justamente para que haja Igreja e Cristãos, é necessário aqui a epíclese, a vinda sempre renovada do Espírito, a Sua presença não se mostra como fato sistemático na ordenação sacerdotal e na Eucaristia. Apesar de tudo, apesar de todas essas mudanças históricas que parecem privar as seitas de suas tensões, há as propriamente *diferenças sociológicas*, as diferenças estruturais entre as seitas e a Igreja como tipos ideais, decisivamente claras entre a relação do mundo com o Cristo das seitas e o Cristo da Igreja, excetuando-se unicamente a passagem de algumas seitas a tipos de ordens. Mas mesmo aqui não como se a seita fosse uma expansão do monacato ao laicaismo, mas ao contrário, a seita como estrutura regular da vontade social de uma comunidade radicalmente cristã é muito mais velha que o mosteiro, do que esse compromisso interno da igreja para com o cristianismo depois de tantos outros compromissos com o mundo.

Assim se faz a distinção certa: na seita se entra voluntariamente, na Igreja se nasce. A seita se afasta e reúne os que despertaram, exige deles um ativo querer-e-fazer cristão, sem outro impulso que o modelo de Jesus. A Igreja ao contrário apresenta-se como uma associação de cristãos batizados, nada mais que isto, como uma Igreja das massas, que pode embelezar-se e melhorar através dos méritos em excesso acumulados por outros e graças à distribuição de sacramentos. A seita fundamenta-se na bondade humana originária, fora de discussão, na proximidade por princípio alcançável do Direito Natural absoluto, do estado inicial paradisíaco, e procura por toda a parte, mesmo que o mundo se destrua, irromper nele. A Igreja ao contrário é como o Estado baseada na corrupção originária dos homens e na necessidade de ir aos poucos de encontro a esta, sob o mais amplo reconhecimento das forças disciplinares oficialmente existentes, pelo Direito Natural relativo do Decálogo, e mesmo no plano sacramental apenas pela ascensão — puramente espiritual e sempre intramundana — à sobrenatureza.

A seita tem sua unidade metafísica sempre *renovada* do mandamento de Cristo, atuação comunitária dirigida aos irmãos, em permanente referência à atividade comunitária do próprio Jesus. A Igreja ao contrário afasta seu aspecto social metafísico na medida do possível do círculo de seus fiéis, faz a coesão da vida cristã proceder menos da realidade quer subjetiva quer institucional, e mais de um sacerdócio em si, de sacramento e tradição da *permanência* do Homem-Deus. A seita encontra os Seus entre o povo pobre e oprimido, não desencaminhável pelo que se tornou homem por ele, ela reúne decididos, discípulos de Jesus que se voltam para o *futuro*, reúne-os a partir do mundo, o olhar voltado para a Parusia, para o milagre do pentecostes, sempre vivenciado espiritualmente na imediatez mais próxima. A Igreja, ao contrário, olha para trás, como idealogia da camada superior, faz pacto com o existente, já com isto voltada para a situação-de-fato, histórica; vive teologicamente nas forças do acontecido, tem atrás de si algo pronto, objetivado, um *depositum Dei concluído* desde o tempo dos apóstolos, depósito que promete a seus fiéis paz e segurança, que lhes limita o olhar, e só se comunica através do sacramento, só se deixa interpenetrar e definir no dogma. Em última análise a seita comporta-se — de acordo com a vontade pessoal de Salvação e vivência dos confessionistas nela irmanados — segregando-se teologicamente; penetra decidida na necessidade, arde com a ânsia de Tolstoi por clareza religiosa, compreensível pela consciência de cada alma cristã em todos os tempos, mesmo que graças a uma instrução comum; ela conhece exclusivamente — quer no plano moral quer no teológico — a exigência única, indivisível, dominante em todas as bocas, a exigência ideal e irreal do monoteísmo cristão. A Igreja ao contrário é flexível; varia, como organização fundada na divisão do trabalho, sua ampla doutrina, seu sincretismo, carregado ao mesmo tempo de implicações do velho e do novo testamento, romanas, gregas, gnósticas e escolásticas, sincretismo que nenhum indivíduo isolado pôde captar para si ou realizar de modo moral-religioso, em toda sua multiplicidade politeísta, em sua heterogeneidade de camadas su-

perpostas. Siga-se a isto finalmente também que a seita sempre se inclinou a uma interpretação da matéria bíblica essencialmente alegórica capaz de criar um liame espiritual entre Deus e os homens ou mesmo de identificá-los. E daqui prendeu-se a ela também um tipo, igualmente oposto à seita e à Igreja: a figura do espiritual solitário, do místico individual, do anacoreta à procura de Deus, já há muito existente no cristianismo mais decisivamente que em outras religiões, aquele que a partir de Sebastian Franck acompanha o livre desenvolvimento cultural da Idade Moderna, freqüentemente renovado e secularizado; e quase sempre unindo numa única pessoa o mais estranho jogo e contra jogo entre Protágoras e Santo Agostinho. De acordo com sua pretensão, esse tipo como espécime propriamente dito do homem produtivo da era moderna é neutro em relação a toda organização comunitária, a toda "moralidade", mas mesmo que sua única meta seja o amor-de-Deus, ele terá que — em qualquer situação em que venha à tona uma mística cristã profética e evangélica de profundeza humana, e não uma mística do frenesi, mística e astral — ela terá que, neste caminho, ir antes de encontro à caridade, à pessoa moral do Cristo, à moralidade como ao *idem pneumatos, sea aliter*, e assim o místico se vem a tornar o teórico do Jesuanismo, o tipo moral da seita, do comunismo do amor em Deus. Mais ainda: a seita propriamente é estreita e intolerante do ponto de vista religioso; desconhece mesmo no clímax de seu entusiasmo a universalidade religiosa, o co-sofrimento da centelha que supera todas as letras e confissões da letra, tudo que só mesmo o místico, o expoente especulativo do típico homem-de-seita foi capaz de prometer e revelar. Ainda como traço distintivo essencial acrescente-se que a seita se considera inteiramente irregular e não intenciona nem seu pequeno círculo nem evidentemente a acomodação e a instalação terrena da Igreja. Sua intenção primordial permanece a de pioneiramente lançar-se para o reino universal de Cristo, a encarar-se como o primeiro retorno da Jerusalém celestial, fortemente missionária, explodindo o mundo. Em todos os pontos de seus primórdios, principalmente no tipo autóctone do homem-da-seita da liga se-

creta de Münzer, do batismo, reconheceu-se esta tendência no protofenômeno revolucionário da Parusia de Cristo. O próprio Troeltsch, sábio tão avesso ao quiliasmo, confessa o paradoxo de que para os batistas a dissolução da cristandade em seitas só era compatível com a idéia do domínio do mundo pelo Cristo, sob o pressuposto "de que estamos na hora da grande decadência das massas prevista pelo Apocalipse e da redução da cristandade a pequenos grupos de fiéis", de que, portanto, justamente na particularidade terrena do sectarismo, reunindo os eleitos, está dissimulada por sobre o mundo a Igreja da ascensão ardente de uma absoluta universalidade. Esse é um motivo básico essencial e mesmo determinante da formação das seitas, mesmo que só se manifeste claramente nos pontos altos extáticos da heresia. Originariamente, não há seita alguma cujos membros não se tenham sentido como uma raça que se tenha conservado, criado e respeitado para ver o dia do Senhor, e cuja luta por isso mesmo não tenha também rompido com as coisas mundanas, pregando sua total aniquilação, à diferença daqueles que nada têm senão o mundo, e também à diferença da Igreja que em sua morada-no-mundo cheia de relativizações, esqueceu por completo a irregularidade fantástica de toda existência mundana.

Não há dúvida que quem persegue também segue, e coisa ruim não pode caracterizar menos quem a combate, que quem a pratica. Nesse particular também Münzer distanciou-se do Sermão da Montanha, não se sentiu completamente desligado das coisas exteriores, fez-se culpar de bom grado como combatente, como blasfemador, mesmo que certamente numa maldição bastante diversa da de todos aqueles que maldisse. Pois o trabalho de Münzer no mundo é renúncia a toda a paz mais cômoda, suportável, e renúncia árdua a que de algum modo ou em alguma parte só aconteça Salvação própria, individual, antes que o homem paire antes que ao menos o caminho aparente para a vida correta esteja ao alcance de todos. Enquanto ainda os que não foram computados, os sem-nome, estiverem perdidos na miséria, a bondade, o sofrimento e o descanso sem discriminação, mesmo a indiferença-do-

mundo, virtude dos primeiros cristãos, estão proibidos justamente por compreensão cristã. Aí, na fervente impaciência das seitas, o envolvimento dos cristãos na luta, o direito à violência do bom, encontram a última instância de sua permissibilidade, de seu caráter-obrigatório. Se se alcança a libertação das coisas exteriores, se o Estado chega mesmo a se extinguir e a se transformar — no processo do movimento revolucionário não mais reversível, e frente ao desenvolvimento técnico — de um "governo de pessoas" para, finalmente, um mero "governo de coisas", pelo menos, com a supressão da propriedade, está cortado o caminho institucional para o mais horrível embotamento. Tritão pode soar o combate que traz na algibeira sua própria ameaça, sua caricatura, mas também só então há lugar para um desinteresse do mundo, aquele do primeiro cristianismo sem todo o resíduo de combates das seitas, sem todo o resíduo de hierarquizações da Igreja católica, e o egoísmo dilacerante tem sido com isso ao menos excluído da parte média, social, do mundo. Até aí, porém, haverá muita e justificada inquietação; nunca entretanto Münzer se deixou atrair pelas batalhas, como por exemplo Lutero se prendera, apesar de todas as investidas contra o mundo mau, ao bem-estar burguês e ao comodismo da autoridade; é por isso que a guerra messiânica das seitas se deixa definir (pelo menos tão bem ou até mesmo mais precisamente do que em Calvino) em Lutero como uma ascese no mundo, como a "obra da grande renúncia", a de não poder ser santo, de não ter a permissão de o ser, em um mundo de tantas trevas. Esta consciência impediu até que a ascese intra-mundana, *revolucionária,* conseguisse pouso em qualquer parte; nada mais que um mero monumento cultural, eram-lhe negados indícios e estrelas que provocassem inundações, ou a incansável preparação do reino; e como sentido último da ascese cristã surge de soslaio por entre todas as suas equivocações, não o cansaço, não o tédio do mundo, não o domínio católico do mundo por sobre a permanência do mundo não a constante "ascese da ascese" de Lutero, nem de modo nenhum um bem-estar cultural estacionário, mas exteriormente luta revolucionária e interiormente parado-

xismo revolucionário, mortificação em forma de extravazamento, até que o princípio da morte seja vencido em si mesmo e figure como instrumentário da descoberta de Deus. A revolta porém é a ética por profissão do cristão quiliasta; por conseguinte a luta revolucionária, a instauração da *serenitas* econômico-política, a preparação da fuga do Egito, do horizonte estatal livre para a Parusia e o Apocalipse, constituem o único compromisso que o purismo da seita assina com o mundo, segundo a primeira epístola aos Corintos 7, 31: "E que aqueles que usam deste mundo dele não abusem, pois a essência deste mundo é passageira".

4. O Homem Absoluto e os Caminhos da Ruptura

Voltarmos daqui de novo ao caçador do incondicional só nos vai fortalecer e esclarecer o certo: muita coisa em Münzer é apenas falada pela metade; jorra uma fonte de fogo, mas a doutrina propriamente do herético não está elaborada nos pormenores, mal encontrou a palavra que lhe é justa. Não apenas a fraqueza inibia os sectários místicos, mas também o entusiasmo do tipo que em poucos minutos simplifica ou mesmo soluciona todos os problemas, e a isso acrescem-se pudores da consciência, de tipo especial. Pois a procissão de sonhos perseguida energicamente, a corrente do pensamento teria levado Münzer a lugares, aos quais nada chamava o revolucionário; e mais ainda e principalmente a consciência da face ainda incerta que adquiriu o nosso mundo em toda sua profundidade e com isso também o mundo do Além impedia nos quiliastas qualquer tentativa de uma doutrina estabelecida sobre as questões últimas, como a escolástica o fizera. Por essência os campos em que Cristo, o incondicional, paira, os espaços da razão última, permanecem em penumbra, na luz interior ainda incerta; frente à qual todo o cristal se estala e se torna frivolidade. A não elaboração da teologia espiritualista, portanto, não procede apenas da fraqueza, por mais certamente que essa exista, nem apenas do temperamento especificamente revolucionário que procura mais precisamente as palavras de or-

dem, as proclamações, do que teorias de longo alcance e livros sistemáticos, porém mais profundamente sobretudo da timidez no místico autêntico, do seu pressentimento do objeto mais sublime, ainda inabarcável. O autor da *Ausgedrückten Entblössung* (*Denúncia expressa*) e da *Hochverursachten Schutzrede* (*Apologia bem fundamentada*) pertence também à história da filosofia? Pertence, mas como mestre daquilo que tem que ter um fim. Se portanto Münzer vem aqui a seguir como que arrolado, será apenas arrolada a tendência em que se movem suas amargas reminiscências, e somente por que aqui aparecerão mais nitidamente que num quadro sinótico os princípios em nome dos quais Münzer fala e se apresenta, não apenas como combatente, mas como exegeta do espírito quiliasta.

A) *O temor*

Quem não teme a si mesmo nesse campo nunca avança até si. É preciso sucumbir frente à própria fraqueza e frente ao pouco que vale tudo que se pode dar de si mesmo.

"Mas para onde me devo voltar", viajamos, e seguimos cruamente e no escuro. Se há lugar sobretudo para o medo de que se perca a Salvação que nunca chega sem que dela se tenha consciência. Andamos sobre uma lâmina, vivemos na alienação, ainda e por pouco suspensos da queda fatal. Morremos se a noite nos surpreende longe do abrigo; o cristão vive e não age senão nessa tensão permanente. Por isso também ela não se demora, não se apaga voluptuosamente no desvario falso, na quietude falsa da carne, mas sua alma permanece vigilante, apóia-se com firmeza justamente no temor e tremor e somente o homem que permaneça aí intrépido e lúcido será bem-aventurado.

B) *O refinamento*

Nada nos ajuda a lançarmo-nos apaixonadamente e de modo por demais fácil à doçura.

A calma e mais ainda a comodidade alemã é odiosa para Münzer, força-o a lançar as chamas do sofrimento sobre todos os tetos e sobre os sítios que atravancam as estradas.

Ele condena o modo fácil de satisfazer-se, de preparar-se por antecipação uma Salvação amável. Por isso coloca-se depois do temor o refinamento, a aniquilação da alma cobiçosa, egoísta, e mesmo idílica *ante rem*, da falsa Maria que carrega o corpo nos braços como seu filho querido.

> Sede mais intrépidos do que jamais ousastes. Um homem que não foi tentado não conquistará senão o vento. Os ouvidos terão que ser varridos pelo alarido das penas e penitências. As lousas de nossos corações estão cobertas com desejos carnais que impedem o dedo de Deus. Por isso quando Deus fala com carinho Sua palavra santa à alma, o homem não pode ouvi-la porque não se preparou com exercícios; pois ele não perscruta nem examina a si mesmo nem ao abismo de sua alma. O homem não quer crucificar sua vida com vícios e desejos, por isso o campo da palavra de Deus permanece cheio de cardos e espinhos de grandes touceiras que precisam ser afastadas para essa obra de Deus. e que o homem não seja considerado negligente e preguiçoso. Só assim se vê a amenidade do solo e a boa plantação e só então o homem se apercebe de que ele é a casa de Deus e do Espírito Santo pelo tempo de seus dias. Do mesmo modo porém que o campo sem o arado não pode dar trigos de variadas espécies, tampouco pode alguém dizer-se cristão se antes não se tornou, por sua cruz, apto a esperar a obra e a palavra de Deus; ele é cego no seu coração, e se crê um Cristo de madeira e se perde a si mesmo. Os carneiros são envenenados com erva daninha, mas alimentados pelo sal; quem renega o cristianismo amargo, morrerá empanzinado no mel; no fundo da fé só existe o Cristo total.

Já muito cedo assim pregava Münzer, como Lutero fizera também de sua parte em desmascarar o papado, mas se o papa delimitava exageradamente a consciência, Lutero levou tudo longe demais até a liberdade da carne, e não o leva mais adiante até o espírito e deus. Tanto mais certamente amedrontou-se a passividade animal com a doutrina do Cristo amargo, como Münzer

a detalhou na *Fé Dissimulada* (*Gedichteten Glauben*) e na *Denúncia Expressa* (*Ausgedrückten Entblössung*) com sempre maior desejo de sofrimento da criatura e de fuga da mundaneidade.

Mas nem todo que é apenas pobre — às vezes neste caso mais dificilmente — consegue chegar ao encontro de si mesmo. "Sede mais intrépido do que jamais ousastes" e com isto fica claro quão pouco Münzer sentia-se confuso com os falsos miseráveis. Quão pouco ele se referia ao mero decepado quando louvava a fuga dos prazeres, quão forte reagia Münzer, justamente a bem do sofrimento autêntico, contra a pressão exterior.

Assim ele soerguia os dorsos curvados para que eles assim ficassem aptos a suportar a verdadeira carga. Se o povo também já caiu tanto que, feito ele próprio criatura, tenha que temer mais à criatura que ao próprio Deus, então sua loucura é inteiramente errônea, crer que também seus superiores tenham sido instituídos e ordenados por Deus. Ao contrário:

> Deus despreza os grandes nomes como Herodes, e Caifam e tomou a seu serviço os pequenos, como Maria, Zacarias e Elizabeth. Hoje em dia ele não age de outro modo. Oh! caro amigo, não havia grandes cabeças com altos títulos como agora a igreja dos ímpios os tem. Muitos pobres e grosseiros imaginam que os grandes, gordos, rosados e bochechudos tenham um bom julgamento a respeito do advento da fé cristã. Mas, caríssimos, o que podem julgar as pessoas que nos negam todos os movimentos da fé, blasfemam e desprezam tudo que vai de encontro a seus desejos e esforços da maneira mais vil? Pois estes passaram comendo e bebendo como animais, educados desde jovens com o maior carinho, nunca viveram um dia difícil, não querem pensar em contar algum ainda, a bem da verdade, perder uma pequena fração de seus juros, e pretendem ser protetores e guardas da fé! Louvor merece um João Batista; não pelo mérito de suas obras a bem da seriedade que cria a corajosa sobriedade, que se estende até ao afastamento dos prazeres carnais, já que as forças da alma se desvelam até que apareça por entre todas as forças o abismo do espírito, já que o Espírito Santo o chamou. Quantas vezes a palavra eterna desapareceu entre os escolhidos, para fazer um Nazareth na Cristandade, ou seja, entre os escolhidos que verdejam e ardem docemente na sabedoria da cruz; e a estes todo e qualquer hipócrita luxurioso os tomou por tolos e loucos.

Assim louva Münzer apenas a renúncia *voluntária* da luxúria, mas nunca lhe veio à mente por essa razão deixar valer a miséria exterior do pobre. Viu-se que Lutero, embora ele próprio amante dos sentidos, não fazia distinção tão sincera; que para ele sofrimento e cruz pareciam ser já a mais ínfima dor, a parte que cabe a cada cristão, no caso deste cristão ser um camponês e não um senhor. Nada diversa a atitude de Richelieu que ajudou os protestantes da Alemanha, mas não os da França; ou como mais tarde se quis expandir o pacifismo ou bolchevismo na Itália, França, Rússia, entretanto, somente para alcançar tanto mais generosamente no próprio país, no domínio da própria classe, o reverso das idéias usadas. Desse modo também foi propagado por Lutero — como igualmente, diga-se, pelos papistas o ideal evangélico da pobreza, para castrar os camponeses e amigá-los com seus pardieiros, para erigir com torre altamente emancipada um edifício de miséria humana, nulidade e acabrunhamento.

Mas também a mera deslocação de valores sob a conservação dos mesmo fatos a pseudo-revolucionária, idealizante, louvação da pobreza inferior, Münzer repudia desde sempre e com tanto calor como era ela expandida na literatura popular. O camponês louvava-se não apenas como trabalhador exemplar, como força da produção originária, mas também como merecimento do suor vertido, da renúncia vivida, muito mais que as outras classes e mais ainda que os conventos decaídos. Münzer mesmo, embora tivesse conservado sem dúvida as boas obras e as definisse às vezes também no sentido do trabalho comunista, ele próprio certamente não se reporta essencialmente a esta ressentimental ou quase calvinista hipótese de um estado existente de fato. Antes odiava o louvor do suor e da renúncia *falsa, imposta,* estabeleceu na esfera político-econômica a exigência de Santos domingos e dias de descanso possíveis, e somente o medo que subsiste, o sofrimento autêntico, frutífero, socialmente insolúvel, a preocupação com a morte que pode suspender qualquer hora de vida, o desprezo do cristianismo iniciante e de sua preparação, ocupam nele seu terreno das profundezas meta-econômicas e metapolíticas. Como portanto Mün-

zer na Pregação da violência já tinha feito ressaltar o bem como purificação, longe de toda conotação de mera aceitação do injusto, agora o asceta revolucionário dilacera ainda a incompreensão do sofrimento verdadeiro, cristão, do autêntico abandono, que os confunde com as monstruosidades da casa de correção, com a mera ideologia de falsa formação cristã; tanto que o alívio econômico-político aparece ao mesmo tempo com sua finalidade clara, com o refinamento que é a autêntica região do Cristo.

Em conseqüência somente o homem descontraído das tensões exteriores, repousando sobre si mesmo, saberá sofrer frutiferamente. "Não se pode dizer aos senhores nada sobre Deus", fustigava Münzer os mineiros contra seus grandes senhores, "já que eles os dominam". Todo seu trabalho político na *Hochvruschten Schutzrede* (*Apologia bem fundamentada*) não intenciona outra coisa senão que os justos tenham terreno e espaço para fazer a vontade de Deus: "em tal tirania não seria mais nunca possível que um único cristão pudesse se aperceber de sua visão interior, de modo que o inocente se tinha portanto que deixar castigar". Não é outra coisa que a *Denúncia Expressa* (*Ausgedrückte Entblössung*) diz contra a miséria social que não deixa lugar para um sofrimento autêntico, cristianizante:

> se então os pobres diabos são tão altamente ludibriados, que nenhuma língua o poderia contar; com todas as palavras e obras, eles provocam portanto que o pobre homem não aprenda a ler frente à preocupação com a sobrevivência, e negam descaradamente que o pobre deve se deixar raspar e esfolar pelos tiranos; *quando é então que ele vai ler a Escritura?*

E na mesma revolta está a frase aparentemente diferenciada, ferrenha inimiga do sofrimento trivial, dirigida aos ímpios que "se enforcam mutuamente como um reino de víboras. Abandonado ao explorador, à sua auto-defesa e aos juros ninguém pode chegar à crença; o prejuízo do mundo se tornará sempre mais longo e mais vasto tanto que o caminho será fechado até mesmo à fé humana". Ou como mais tarde o místico

anti-luterano Schwenckfeld expressou a diferença do sofrimento falso para o autêntico: "Não podemos considerar a cruz de Cristo algo que é comum mesmo a pagãos e descontentes, como doença, desastre, má-sorte"; é assim claramente que a ascese autêntica mantém livre e puro seu caminho de fé, para que ela encontre também aquela morte que ela associa à vitória. Também Baader, ligado ao movimento batista inglês em várias situações move-se dessa forma: na aliança de revolução e ascese, como de um libertar-se na figura de ambas, seguindo trilhas de Münzer:

> Sem sentimento enérgico da liberdade não há consciência clara do eu, nem razão, nem vida verdadeira da alma, portanto, também nenhum pressentimento da essência mais livre, da vida viva, de Deus, nenhum sentimento de autonomia, de independência da torrente da vida, portanto nenhum brilho de esperança, de fé, de premunição, de imortalidade.

O flagelantismo interior de Münzer certamente não o tolheu de atiçar a insatisfação, o desespero dos camponeses sobre sua situação econômica; mas sem dúvida a fome deveria aqui ainda no sentido mais profundo dar luz à densa liberdade, e nenhuma satisfação terrena prepara *a esta*, à última revolução que tudo funde, a temida apoplexia. Tornar-se livre das mãos dos carrascos, dos torturadores; suspender o sofrimento surdo, do sistema de exploração em si, quer representado pelos que trazem armaduras ou pelos que foram ungidos; ao mesmo tempo, porém, tornar-se livre para o sofrimento verdadeiro, frutífero, relevante, para o sofrimento frente ao auto-envenenamento e auto-mascaramento da criatura, liberdade que só é alcançável por rebelião econômico-política; polir a vontade, dando espaço e tempo para a destruição do velho Adão e de seu egoísmo tirano por ser *metafísico*, enfim ascender através do paradoxo cristão de abandonar o deserto do coração para a atentar zelosamente na Palavra; este é o sentido da ascese de Münzer da liberdade em ambas, na figura exterior e na metafísica. Torna-se claro também que tal conceito de sofrimento, que a perscrutação da consciência de tal ascese assim esclarecida e

trazida ao seu justo lugar não deixava de lado os senhores, mas levava-os a encontrar-se, como representantes mais visíveis da egoicidade, com Satanás, o símbolo moralmente metafísico do mal. O "Cristo amargo" de Münzer institui unicamente um auto-deprimir-se por amor do divino que está latente nos homens, nos cobiçosos de si e que entretanto nada de si têm. "*Diminui ut crescat* ("diminuir para crescer") está escrito em velhas pias batismais, justamente dirigindo a morte a si mesma, a bem do verdadeiro preço da liberdade, da comunidade com Deus. Mas para preparar isso, tem-se antes que destruir a fortaleza dos carrascos e dos torturadores, de outro modo não se pode ler a Escritura e menos ainda unificar-se a ela. Para isso Münzer prega política revolucionária, alimentada na mística como no seu *telos* absoluto: a liberdade exterior dá lugar ao refinamento, a liberdade interior, porém, dá lugar a Deus.

C) *A longa espera, a mais profunda descrença e a palavra interior*

Não basta apenas sofrer para que se saia de si mesmo. Com o fato de nos mortificarmos e de nos enterrarmos na moral, o terreno interior ainda não está preparado nem pela metade.

Mas ao contrário o caminho, mesmo aí, ainda é cheio de engodos, e esperaram-nos do outro lado, onde se diz a palavra em vão. É, pois, aqui, acima do espaço criado pelo sofrimento, que começa a procura propriamente espiritual, religiosamente lógica. Começou-se com o temor, ultrapassou-se a fase de refinamento com que se devem destituir os pecados grosseiros, agora seguem-se na Fenomenologia münzeriana as outras etapas da preparação de Deus, Segue-se o estudo, ou seja, que se reflita sobre um outro modo de ser e se esforce para melhorar; o assombro, assim chamou Münzer a especulação e o pensamento sobre o pecado e a Graça; a longa espera, assim ele chamou o meio da lei, o tornar-se inimigo de si mesmo e o sofrimento do pecado; o quinto e último nível Münzer chamou *suspensionem*

Gratiae, a mais profunda descrença e o mais extremo desespero, onde o abismo da alma é profundamente varrido e o homem percebe no mais quieto e mais profundo abandono, na serenidade, finalmente, a palavra de Deus. O temor apavorara, o refinamento fortalecera e tornara livre, apto, maduro para ouvir palavras importantes: agora o estudo mostra o exemplo de nossa melhor essência, atuando em arrependimento e consciência, o assombro, porém, "que surge quando se é criança de 6 ou 7 anos", e não mais abandona a vida, como consciência da responsabilidade, da identidade duradoura do eu, é que traz como contribuição o propriamente lógico, o conhecimento do bem e do mal, a impotência e o abrir de olhos da confirmação. As outras preparações, a longa espera e a mais profunda descrença, movem-se inteiramente no estado da auto atividade borbulhante, penetram, por seu lado, mais fortemente e muitas vezes repetidamente a via purgativa, como a explica o peso da transcendência münzeriano ante a via iluminativa e unitiva, ante toda a definitiva evidência de Deus.

"Ah! para onde devo voltar-me" grita-se aqui novamente de baixo para cima e desesperadamente. "Ah! eu miserável que se passa em meu coração? Minha consciência dilacera toda minha seiva e força e tudo que eu sou. Perdi-me em Deus e na criatura sem qualquer consolo". Qualquer tortura não se compara agora àquilo que destrói e se enegrece no próprio homem. "Exteriormente sou acometido de doença, pobreza, desgraça, de toda a necessidade que vem de pessoas más, e entretanto interiormente sou mais oprimido que pelo exterior. Como gostaria de crer se apenas soubesse qual o caminho certo!"

Mas o necessitado e aflito nada pode aprender dos que nunca se encontraram a si mesmos. Estes querem perdê-lo e movem os lábios, e já usaram do povo, fazendo-o "crer, simplesmente, como um porco se espoja na lama". Tudo isto permanece para eles como exterioridade, pois eles próprios são rudes e irremovíveis e "dispendem todo seu prazer em vida cômoda, e grunhem como dentes afiados como cães quando alguém lhes desmente a palavra". Entre os sábios, portanto, não

há esperança mas apenas esganiça-se a tortura da longa espera, do *desespero:* "O homem perceberá claramente que não poderá chegar ao céu com sua mente, mas terá que tornar-se antes um tolo de espírito; seguem-se dores comparáveis às de uma mãe". A oposição do conceito de crença luterano portanto à Palavra que permanece fora, surge aqui em toda nitidez em forma resumida.

> Falo-lhes da crença que eles roubaram. Então eles respondem-me com pecados para desculpar-se e com sua aparência de fé e amor para justificar-se, depois que negaram a visitação de Deus. Que qualquer um deles diga da crença o que quiser, não se deve crer na volúpia de suas ambições pois eles pregam o que eles próprios não tentaram fazer. Por isso são deixados vazios, sem fé nem amor, dos quais se glorificam mui corajosamente, e não têm nem resquícios dos mesmos; e sabem, pois, tão visivelmente dissimular que qualquer um juraria pelo Espírito Santo que eles são cristãos piedosos, e são cheios de todas as malícias, e destroem e jogam ao chão qualquer crença. Para reconhecer e evitar, com sérias denúncias o prejuízo de tolher a atuação do Espírito Santo, todos os dias da humanidade serão ainda curtos demais; quando alguém é indulgente para com essas coisas, e em toda sua opulência traz uma fisionomia enojada como se doente, e repete ininterruptamente "creio e creio", até que vos escorra água dos olhos, esse alguém é antes digno de porcos que de homens. Nenhum deles pode melhorar, pois sua doutrina é roubada, por isso ninguém alcança por ela seu próprio coração.

Mas deve ser excluído tudo aquilo que pretenda nos satisfazer de modo vão e com isso nos encubra o deserto interior. "Quem crê facilmente, tem também um coração fácil e frívolo. Por isso as pessoas têm que ser levadas à mais alta incerteza, têm que se deixar ensinar o certo". O escuro interior tem que nos dominar totalmente, somente a consciência de nosso horror, de nosso vazio religioso conserva acesa e pura a grande sede. A luta de Kierkegaard contra os cristãos de batismo, os pastores da vida rentável, contra a acomodação da fé, contra a teoria que se desenvolve sem participação subjetiva é já aqui ferrenhamente adiantada por Münzer; indo de encontro à obra ilusória e degradante,

ele aqui ressalta as categorias da verdadeira queda, *da mais profunda descrença*, do abandono por Deus e da graça suspensa, do perigo religioso. Abertamente brilha aqui uma experiência vital de socratismo religioso e portanto meta-irônico, do preço do nada apreendido nas palavras, na intenção.

> Quem crê facilmente, tem também um coração fácil e frívolo. Uma fé não praticada, à primeira aparição, não tem ainda outro modo de julgar senão temer em todos os lugares e entregar-se dificilmente a tudo que se canta e reza. Nenhum dos pais, advindos com dificuldade à sua crença, quis se precipitar a ela como nossos porcos loucos que se horrorizam diante do turbilhão, de cães ladrantes e de toda a torrente da sabedoria, porque suas consciências bem percebem que acabarão destruindo-se nas tormentas. A pessoa que se quer defender da astúcia e malícia das portas devoradoras, terá que ter sofrido, passado por toda descrença, desesperos e outros altos obstáculos. Quem porém não passou por esse caminho não sabe absolutamente de crença, pois abriga uma crença inexperiente em seu espírito emperrado, como um velho casaco de esmoler que os impiedosos sábios da escritura podem despedaçar e pôr novos remendos, segundo o evangelho de Lucas, capítulo 5; e para isso não utilizam outra coisa além de sua escritura roubada. Os homens que não creram indo de encontro à crença, que não tiveram esperança, desesperando, que não odiaram indo ao encontro do amor de Deus, não sabem que o próprio Deus diz aos homens, o que lhes é necessário. Portanto não se trata do aceitar a distinção do amaldiçoado e do escolhido: o ímpio aceita de bom grado a Escritura, desvirtuando as medidas: já que outro sofre por ele, ele funda forte crença nesse sofrimento; onde porém se diz olhai pelo cordeiro que o Livro revela, ele então não quer perder sua alma. Mas a fé não é outra coisa senão que o Verbo se fez Homem em nós e Cristo renasce em nós, para que a fé transforme o homem completamente de Adão em Cristo, e o renove, e o crie de novo, eleve-o com força das alturas, transborde o amor em nossos corações e traga o Espírito Santo. Onde faltam essas coisas, e tudo permanece como no princípio — prazer, vontade, trabalho coração, carne, pensamentos — aí não há crença, pois onde Adão vive, o Cristo está morto. E ninguém estará pleno de eternos bens divinos, que não tenha tentado tornar-se vazio por seu sofrimento e sua cruz, para que a medida de sua fé possa ser preenchida com os mais altos tesouros da sabedoria cristã.

Se permaneces, portanto, sem dúvidas sobre quão autenticamente, sem engodos, sem acomodação se deu aqui a passagem, então justamente a palavra das ondas de seu total deserto interior surgiria aqui em auxílio. Münzer usa para a experência desta descida ao inferno a imagem da água que tudo invade do mesmo modo que a Kabala concebe as almas mais infelizes, mais miseráveis, como turbilhonando em torrentes de água; pois a água acompanha aqui como em toda doutrina de mistério o estado do mundo buscando o vazio de um mundo ainda plasmável. Ao mesmo tempo, porém, a tortura da água — lembrando o tremendo contraponto da pedra e da pedra angular na pregação dos Príncipes, — se relaciona em Münzer com aquela outra água com a qual o homem tem que ser *batizado*, com a purificação e o selo de João e acima disso com o brotar da água da *fonte da vida interior*. Até depois de todas as lágrimas, inundações, ondas e a água da rocha, poço, chuva de Elias da ressureição, finalmente aparece o verdadeiro *Filho de Deus andando por sobre as águas* e pairando sobre elas, como o Espírito Santo *sobre as águas das profundezas*. Somente então estremece por entre as águas salvadoras e apaziguantes finalmente a luz do eu e o batismo do fogo.

> Quando um homem se apercebe de sua origem no mar selvagem de sua agitação, quando ele está em meio ao movimento, ele tem que fazer como um peixe que seguiu a água preguiçosa de cima abaixo, volta de novo, nada, sobe de novo a água para que possa chegar em sua primeira origem; os eleitos não podem ir muito longe de Deus, ele envia seu fogo, S. Lucas, capítulo 12, diante do qual ninguém pode esconder-se, para que ele não leve seu coração e sua consciência.

Logo a palavra meramente lida não ensina coisa alguma, mas mata apenas, e certo e com precisão como lei horrenda, daí porém tem que ser desarraigada, pois não faz ninguém vivo. Desse modo rejeita ainda Münzer finalmente, frente à *escritura*, tudo que lhe é imitação, "a fé mais tola que existe na terra, como meros macacos". Lutero porém é o estranho "que ameniza o caminho para a vida eterna, deixa cardos e espinhos,

e fala creio, creio, sustenta-se com uma fé forte, para que com ela se plantem postes na terra"; mesmo mais profundamente ainda: Münzer compreende nesse mero "Aceitar da Escritura", nessa "orgia onde Cristo paga a conta", na fé "fingida de mau caráter, que eles roubaram da tradição oral ou dos livros dos homens, como ladrões maldosos", justamente o *impedimento de toda chegada de Cristo*. A descrença se instala tão fortemente para que a criatura faça total experiência de si mesma e se dilacere em seu vazio; a escritura não tem valor primeiro, mas apenas um valor de meio-caminho e finalmente dá apenas testemunho. Altamente paradoxal portanto exalta Münzer, para além de toda destruição em Cristo, a detonação de uma nostalgia espiritual, de uma subjetividade que apela para Deus, a suprema apologia da ignorância e das lágrimas; até que Deus endeuse a criatura inteiramente dilacerada, com a humanização de seu Filho. Dos que falam da fé sem a ter provado, e dos que se abandonam a ela do mesmo modo, ninguém melhorará:

> eles não percebem Jesus Cristo, o pregador mais seguro de seu próprio Evangelho, em toda sua alma, sua carne, pele, medula e ossos. Temos que seguir as próprias pegadas de Cristo, não adianta aqui glosas de homens que superam, segundo crêem, as obras santas com tom sensual, e assim ainda envenenam mais o mundo com sua fé fingida do que os outros com obras simplórias, e com o comércio e o tráfico dos infiéis padres de "sacrifícios". O Filho de Deus disse, a escritura dá testemunho, e repetem os exegetas da escritura que ela dá fé, portanto o pobre bando é desencaminhado pelas bacantes maliciosas; por isso a verdade dissimulada tem que poder uma vez vir inteiramente à luz, verdade que portanto dormiu demais em seu canto.

Como conseqüência a palavra aqui apenas atua como auxiliar e só assim ela é ainda pronunciada. Pense-se que Münzer, o primeiro que rezou e pregou em alemão, assim o fez para que o povo não atribuísse às obscuras palavras latinas um outro poder mágico. Por mais visual e plástica que se apresente essa seqüência da liturgia alemã, mesmo os salmos são aí "traduzidos mais segundo o sentido que segundo as palavras",

e em nenhuma parte a *Escritura* é mais decisivamente bombardeada que aqui. É verdade que em várias partes a tradução de Münzer é adaptada simplesmente ao povo e atraente para o nível deste povo; sobretudo a ação, o modo de ser dos ímpios, é detalhado muito mais ampla e exemplarmente que em Lutero ou na igualmente fiel — ou ao menos com esta pretensão — tradução Vulgata. E comovendo de outro modo, não mais agita abrigatoriamente, ele reproduz no salmo 22:

> Só eu fluí com a água e todos os meus ossos foram dispersos. Meu coração no meu corpo amoleceu como a cera sob o ardor do fogo. Como uma casca de fruta murchou minha força e minha língua cola em minha garganta; pois tu me entregas à morte como se joga ao vento a poeira. O grupo dos ímpios cercou-me como cães de caça que mordem e eles fuçaram minhas mãos e pés.

Lutero ao contrário, impede-se na tradução do mesmo salmo qualquer calor subjetivo em serviço inarredável da palavra e da palavra de Deus:

> Fui despejado como a água, todos os meus ossos eles me arrancaram; meu coração está em meu corpo como cera derretida. Minhas forças ressecaram-se como cacos, e minha língua cola-se a meu palato; e tu me colocas no pó da morte. Pois cães cercaram-me e o bando de maus acercou-se de mim, fuçaram minhas mãos e pés.

Aqui também portanto Münzer traduziu o salmo "mais segundo o sentido que segundo as palavras", furtou-se entretanto à pregação agitadora, alcançou também um clarão e ritmo de linguagem sensível, que está à altura do frio alemão luterano; onde não, dada a profunda comoção, chegue mesmo a superá-lo nessa passagem, ilustrando-a com imagem mais conforme pelo menos ao conteúdo vivencial do Salmo. Nesse contexto não parece impertinente uma interpretação do Salmo 19 que Münzer dirigiu como carta "a um de seus melhores discípulos, profética num novo modo não segundo a simplicidade da palavra de Deus, mas da voz ativa do céu", e em que o tribuno lê o Salmo sinoticamente a seu modo, orientando-o para o medo e tremor,

para a severidade interior da lei; para a subida de Cristo. "Uma noite transmite o saber à outra" significa aqui que o sol depois de longa noite surge de sua origem verdadeira: quem "não sofreu essa Noite, não conhece a arte de Deus, a noite anuncia à noite, depois da qual e somente então é elevada a palavra correta no dia claro".

> *E o sol surge como um noivo de seu quarto*, significa que parece que os ímpios conservariam o poder para sempre, "mas o noivo sai do quarto como um homem poderoso que esqueceu no sono tudo que seus servidores estão tramando. Ah! precisamos pedir, creio, que já chegou o tempo. *Exsurge, quare abdormis?* O senhor dormiu na barca de tal modo que o turbilhão dos ímpios desavergonhados virou-a por terra. Eis que se levanta o noivo e sai do seu quarto quando ouve na alma a voz de seu verdadeiro senhor. Isto condiz inteiramente com esse salmo, *exultavit ut gigas*, ele foi maravilhoso e desceu sua rua como um gigante.

Finalmente portanto Münzer parafraseia o texto dado não apenas por excitação agitadora mas pelo mais puro interesse do espírito, pelo profundo desejo de realização e identidade do cristão desesperado, por pura *relação espiritual batista* portanto, que valora a forma exterior da Escritura e tudo que é exterior unicamente como orientação, como oportunidade, como testemunho, como solicitação, como exortação do tesouro interior; aqui age um outro tipo de teologia, que reduz não somente ao modo luterano, os sacramentos, mas ao mesmo tempo ao modo batista, o texto bíblico a mero instrumento, com o qual o espírito se distrai para conseguir dominar-se a si mesmo.

Isso não era mera dissolução que queria apenas rasgar o Livro dos livros, como se fará mais tarde, igualmente a qualquer outro. Ao contrário renunciava-se à interpretação filosófica mais próxima para assim assimilar-se o que queria ser dito por trás. "Não deves fazer como os austuciosos, que citam um dito aqui, outro lá, sem acentuar interpretação do espírito total da Escritura". Nada de exterior pode ser dado verda-

deiramente a conhecer ao homem; se ele o pode sequer aperceber, deixa portanto de lhe ser exterior:

> Um testemunho exterior não pode produzir nele, um irmão escolhido, nenhuma transformação essencial; mesmo o erudito não entende a Escritura; ele tem que esperar que ela lhe seja revelada com a chave de David, que ele portanto se torne pobre de espírito, até que não encontre em si fé alguma.

Somente na mais profunda escuridão, canta o rouxinol espiritual; só quem conseguiu perscrutar o espírito vê no testemunho vivo o Cristo, sem o qual ninguém é capaz de falar tão profundamente de Deus:

> Por isso S. Paulo cita Moisés e Isaías e fala de palavra interior, a ouvir-se nas profundezas da alma, e ele se apercebe como a palavra certa, no caso de vir ligada ao espírito, não está a cem mil milhas dele, mas que jorra do abismo de seu coração; e então o homem crê, não porque ouviu de outras pessoas, e para ele é indiferente se todo o resto do mundo crê também se recusa-o.

Esta arte porém não se transmite a ninguém de um instante a outro, tem exato grau e medida, desencanta pela primeira vez da essência literal a névoa certa e o certo levante, para além do testemunho meramente exterior e da fé surda, tipo luterana:

> Pois de onde vou saber que Jesus não mentiu? Moisés ouviu o próprio Deus falar, e entretanto não quis seguir suas palavras, quando Ele mandou seguir para o Egito, teve que se certificar da força divina no abismo de sua alma. Deus prometeu ao patriarca Jacó muito de bom e uma grande e desmedida segurança, entretanto eles dois se debateram, Jacó teve antes que vencer o Deus, para, modificado, receber a bênção que a fé traz consigo. A fé tem que ser encontrada na descrença, o céu no inferno, pois a fé não é ensinada e dada senão sob a cruz na mais extrema pobreza de espírito que agora não conhece mais fé nenhuma e se esconde na profundeza dos infernos: depois dessa luta de Jacó e vitória sobre Deus é que vem a aurora, portanto que o dia irrompe em nosso coração.

Aqui se superpõe finalmente o mesmo sentido, o mesmo forte expressionismo da violência dificilmente misturada com o do espírito, o mesmo abandonado escrúpulo a bem da consciência, de que Böheme falou e totalmente de acordo com os postulados do batismo portanto formulou:

> Os exegetas da escritura dizem que a palavra escrita é a voz de Cristo; certamente o invólucro como uma forma da palavra mas a voz tem que ser viva, a voz que o invólucro transporta como o mecanismo de relógio. A letra é um instrumento, como o é um trombone, mas ela tem que ter o som certo que se harmonize literalmente com ela.

Em resumo, do mesmo modo que o homem não tem que ser grato aos santos, antes ele expressa sua relação com aqueles e os substitui como sucessores, também não se exige a fidelidade vazia da Filologia em relação à Bíblia nem se faz dela decisiva. Deste modo, na alegoria e no contraponto de Münzer, o problema da compreensão certa da filologia desloca-se para a preparação interior, para o contacto assíduo e digno, para a imitação e *sucessão* do Espírito Santo, para a dada ou não-dada *evidência* da moralidade e o entusiasmo do hermeneuta. Este caminho sem dúvida é perigoso e não se torna menos pelo fato de ser o mais rico de significações e de deixar a exatidão como uma mera sala-de-entrada e não substancial. Se se critica que aqui foi desenvolvido um sistema de combinações fantásticas, ao mesmo tempo em que Lutero fugia dos velhos caminhos das sínteses lúdicas e alegorizantes, orientando os teólogos por princípio, para a simples sagacidade e para o método mais rígido da filosofia humanista, a história do protestantismo se esquece aqui que justamente a mais nova crítica da Bíblia, por menos que estivesse à altura de desenrolar um pergaminho tão digno, só se desenvolvia entretanto cortando diametralmente com a bibliolatria de Lutero, e esquece sobretudo a tolerância religiosa, que fez pesquisar e interpretar mesmo os documentos religiosos não-bíblicos em analogia exotérica, está tão afastada da rigidez luterana quanto se possa imaginar, e justamente so-

mente se secularizou com o espiritualismo místico. Ao todo parte de Münzer e da interpretação espiritual alegórica da escritura, o grande indício de um "um no outro" e da "desordem romântica": abalando a mera sucessão, através de todas as ordens e imobilidades fossilizadas de partes isolantes. A experiência vivida tem atuação prolongada, e invoca-se a arte para desfigurar todo simétrico lado-a-lado e toda sucessão simétrica para jogá-los um-no-outro num presente onipresente, num *omnia ubique* com "concordâncias" reais. Nada diverso do que o espiritualista Sebastian Franch naquele tempo, referindo-se à Bíblia, dissera. "Em Abel já fora imolado o cordeiro e Adão viu já o dia de Cristo". Isso tudo nos espiritualistas, orientado para um "recomeçar" e "estar em toda parte" espirituais, ou seja: para um fundamento de correspondências comunicantes de sentido.

Quem se faz livre para isso tem capacidade também de sonhar e ouvir o que é certo. Todo homem é disto capaz, diz Münzer, depois da séria preparação para a qual ele tem vontade livre. Os sinais surgem amedrontando o mau; a *noite* pelo menos lhe dá a oportunidade de confessá-lo, já que o dia não o enxergou corajoso bastante.

A vontade livre porém, que seguiu o caminho da purificação, e afastou todo obstáculo da volúpia do corpo, da cegueira dos sentidos, para que o certo, a profundidade, a dignificação sobressaíssem sobre um fundo puro, permanecera ainda aqui na *última* etapa, mesmo no abandono à *palavra interior*, espontânea e claramente teúrgica. Só Münzer se volta inteiramente e com todo desvelo a escutar a palavra que soa no oculto, e a atendê-la. Viu-se já que os batistas insistem em afirmar a vontade livre, e igualmente recusam o pecado original como perdição total predestinada já às crianças, e mesmo aos eleitos. Temos o poder de discordar, a espécie humana tem gradações do ponto de vista moral, não é sem mais condenada de modo que toda justificação, como queria Lutero, tenha que vir do alto. Há antes aqueles que se iniciam, emendam-se e aperfeiçoam-se, nos quais a centelha incorruptível da pureza se avoluma, instigando e atraindo a Salvação,

tese inteiramente em desacordo com todas as teorias da Reforma sobre a Graça. Sem dúvida a vontade humana e o intelecto são de nascença fracos, ignorantes e egoístas, susceptíveis de "queda", estranhos ao Reino, facilmente desencaminháveis, mas do mesmo modo que Cristo não criou gratuitamente o bem para todos sem distinção, também o embotamento típico de Adão não é obrigatória e representativamente mau, por todo o sempre. Münzer tinha os olhos voltados para esta liberdade, para esta força: livrar a semente-da-morte do medo e com isto da culpa; ele voltou os olhos para esse yoga de magia subjetiva e essa efervecência teúrgica, quando advertiu Lutero a bater no peito do próprio Deus, ao invés de no seu, por dizer que ele é um verme, e que os homens devem ser desprezados inescrupulosamente com a doutrina do *servum arbitrium*. "Quem exige os sinais com astúcias, com veemência e com seriedade, a este, Deus não recusará"; a vontade penetra fortemente para achar por ela mesma o caminho de Deus, para, na chegada magnífica, cheia de seus próprios milagres, certificar-se da bem-aventurança da palavra interior: aqui expressa, lá percebida, aqui liberdade, lá o mais profundo abandono, ação e paixão da espontaneidade no ato idêntico, crescente, que se abala interiormente, do encontro consigo, total teurgia e total Graça.

Portanto nós, e não somente nós, somos forçados ao sonho autêntico; deve-se ver certo no futuro e no que aí nos espera. "A palavra não está longe de ti, vê, está em teu coração. A voz celeste está em nosso coração, se nós o permitimos, ela nos presenteia, sozinha, a fé". Com os homens piedosos se passa o que nenhum outro viu ou usou, e eles não precisam da Escritura.

para vivenciar verdadeiramente, com que tom fraternal, com que amor, Deus fala com todos os seus eleitos. Portanto Paulo testemunha na primeira epístola aos Coríntios, cap. 14, e diz que um orador deve ter uma *revelação* ou então não deve pregar. O Deus Todo Poderoso mostra as visões e os sonhos certos a seus queridos amigos principalmente em suas extremas tristezas, como fez ao piedoso Abraão. Os sábios do Ocidente já tinham ouvido a voz eterna do Pai em seu íntimo, na crença do grão de mostarda; Cristo já tinha nascido em seus ávidos corações e a fé brotou de seu íntimo.

Daí Deus se mostra hoje ainda a todo cristão verdadeiro; são revelados fatos ao sopro do Reino milenar "que mesmo aos discípulos permaneceram ocultos; os milagres de Cristo, Mateus, Ev. 8, serão muito mais essenciais que no tempo dos apóstolos". Foi isso que disse Münzer em Praga para fundamentar que o espírito nos fala freqüentemente:

> Céus e terras passarão, mas minhas palavras não passarão. Se isso está apenas escrito em livros, o Deus falou uma vez e depois disso desapareceu pelos ares, então não será a palavra do Deus Eterna, então é uma criatura, apenas decorada na memória; mas isso vai de encontro às regras da santa fé. Por isso todos os profetas devem assim falar: isso diz o Senhor, não são eles que falam: isso disse o Senhor, e como no passado, assim também em nossos dias.

É a mesma interpretação do agora "Nu" portanto, o mesmo presente secreto e o modo como diante de Deus não há tempo; é o mesmo presente que ocasiona sempre de novo a peregrinação dos três reis magos, que vê Abraão em pessoa, firmemente, em frente à cabana, ou que vê surgir a estrela sobre Belém, que fundamenta em última instância a simultaneidade do contraponto religioso. Como Sebastian Franch formulou: "Em Abel já fora imolado o cordeiro e Adão viu já o dia do Senhor", ou como pregava Fichte: "O Evangelho não é um evento histórico, mas metafísico".

Sem dúvida a *religião propriamente da origem dessa revelação,* dessa palavra interior, apresenta-se estranhamente ambígua, e por isso se lamenta que nem em Münzer nem em qualquer outro batista apareça uma reflexão sistemática e radical até as conseqüências, dos conceitos pregados, de sua sempre latente teologia da revolução. Às vezes parece até que o homem livre poderia abandonar inteirameente seu Senhor lá nas alturas. Ouçamos: "Deus deve e tem que me ajudar, senão não seria um Deus verdadeiro e eu o renegaria". Isto disse Storch, mas também sobre Münzer se diz, quando seu profundo monólogo chegou até a subdivisão da pessoa humana que um de seus discípulos ouviu dois a conversarem na cela de Münzer; quando este

saiu sozinho do mesmo local, o discípulo perguntou-lhe quem estivera com ele lá. "Eu estava perguntando a meu Deus o que devo fazer", respondeu Münzer. "Ei!" perguntou ainda o discípulo, "então ele responde mesmo o que se tem a fazer?" e Münzer: "Ah! eu faria Deus receber mil demônios e o fogo do inferno, se ele não me respondesse o que lhe pergunto". Melanchton relata até com horror burguês, como o teúrgico Münzer teria dito que ele mandaria Deus àquele lugar se Ele não lhe prestasse os favores como a Abraão e aos profetas. Com acento também fortemente teúrgico e com clara intimação aos céus, Münzer traduziu as últimas palavras do Salmo 44: "Oh! Senhor, acorda um pouco do teu sono, levanta! por que nos querias expulsar eternamente? Levanta e ajuda-nos e salva-nos por amor de Teu nome". Por outro lado há a exigência do mais calmo abandono para que Deus apareça; e a força mágica do chamado, essa ligação de Deus a seu Nome, que o obriga a inclinar-se para os homens como estes se inclinam para os pequeninos elevando-se justamente assim até Deus. Toda essa essência teúrgica destrói-se diante da ambigüidade do sofrimento e do recebimento, da ascese criadora e da Paixão heterônima, se o abandono como reminiscência não se deixa compreender de outro modo senão como concentração estranhamente silenciosa, já próxima da entrada do Reino. Essa mesma ambigüidade repete-se em nível mais alto, *material*, na inexplicabilidade da definição do lugar da presença divina; pois de novo está escrito como a palavra só está exclusivamente em nosso coração "Escritura que qualquer homem pode ler se tiver uma razão aberta". Mas em outra parte dize-se que Cristo não mora absolutamente no coração, Cristo não nasceu, como para os sábios do Oriente, "em seus corações ávidos" nem a fé brotou do interior", mas "Deus fala sua santa palavra, isto é, seu próprio Filho no íntimo da alma" e "orienta a alma sem consolo, para esse nascimento". A diferença é clara; a questão do *ato* criador ou porém apenas receptor volta aqui no nível *material* como a questão do *objeto atingido:* se por exemplo a centelha incorruptível espiritual na criatura pode por si mesma descobrir em si Deus, sua chama interior, a

eterna morada, ou porém se até mesmo o sujeito interior tem que desaparecer, num sinal que passe da purificação à auto-aniquilação *usque ad finem,* para que Deus não apenas atue sozinho no homem, mas também apareça como seu inverso total, como heteronomia moral e mística, quando não mesmo por disparidade. Os corações dos homens mesmo as divinizações vindas do coração não significam então outra coisa que "o papel ou pergaminho, já que Deus inscreve com Seu dedo Sua vontade inarredável e eterna sabedoria". Esse *conjunto* irrita ao mesmo tempo como polivalência da *mística cristã pura e simplesmente;* aparece nela uma vez o poder de divinizar o homem completamente, de fazer sua vida interior penetrar em Deus, fazê-la mesmo vencer a Deus, o Estranho, e por outro lado o antigo prazer astral-mítico de afogar-se com todo seu particularismo nas noites orgânicas de um Dionísio, na *Usia* solar ofuscante de um Mitras. Lutero tinha instituído de novo a metafísica da contenção sobre o homem que sacrifica sua identidade em favor da fé. Em Münzer está decidido sensoriamente, ainda não por reflexão, até que ponto o homem, o homem-deus-interior surge com a vivência do advento, com a vivência da Graça; até que ponto portanto Münzer terá terminado a luta contra Adão e sua egoicidade em favor de Cristo como da humanidade purificada, sem engodos, messiânica, sem entretanto entregar Cristo como o fez com Adão a uma onipotência *per se* heterônima que nos ultrapassa. Pois certamente nem toda autonegação em Münzer é órgão da afirmação de Deus; só a alma, a alma conquistada, conduz adiante e para o alto; só *o que aparece através do Cristo, através do espírito próximo e profundo da alma, é Deus,* "que quer ter sua memória, essência e palavra na alma do homem, não como num animal mas como em seu tempo que Ele semeou muito caro, regando-o com seu precioso sangue. Já que o homem reconhece que ele é um filho de Deus e Cristo o mais elevado dos filhos de Deus, — se todos os escolhidos o são por graça. Ele o é por natureza divina — e a não ser que o homem avance tanto na prescrutação da vontade divina, não é mais possível que ele creia verdadeiramente de novo no Pai ou Filho ou

Espírito Santo." Por ambíguos portanto que pareçam a origem e o domínio da palavra interior em Münzer e na alienação astral de algumas místicas cristãs, a função mística do fundamento da alma permanece entretanto *finalmente* ao mesmo tempo como *sujeito* e *objeto da piedade:* o Filho ecoa na longínqua penumbra do Pai; e Deus Pai, Filho e Espírito Santo esfacelam-se frente ao irromper da magia subjetiva como meras imagens, cópias passageiras da conquista de si mesmo, quer dizer, da revelação-coletiva, como da única real imagem de Deus.

D) *O advento da fé*

Acentua-se cada vez mais que somente o homem que sofre uma vida difícil, tem uma fé correta. Os servos do ventre, luteranos e monges, traíram-se a si mesmas à sua maneira lassa, sem ferimentos. Mas sem dúvida, havia também os amantes do Reino dos Mil Anos como de uma inocência paradisíaca em si, espirituais em relação ao sexo, sexuais em relação ao espírito, cheios de Deus até nos rins, e esses foram um séquito difícil para o revolucionário místico. Pois o entusiasmo pelo falso que então surgiu, só se arrefecia dionisiacamente, e não no Cristo, embora se desse o nome d'Ele. Por mais intensamente portanto que Münzer afastasse de seu caminho a tentação do ofuscamento e dos ídolos, tanto mais penetrantemente acentuou-se por cima de sua posição subjetiva o problema dos *critérios do entusiasmo batista para além do sacramento e da escritura*, o problema da adequação a Deus como de um "objetivo" sem objeto.

Aqui o piedoso se mede pelo que ele faz e não pelo gozo que experimenta em si mesmo. Tem que trazer bons frutos, de outro modo Jesus é apenas experimentado e não seguido por ele. Não há bens interiores, liberdade, que não sejam visíveis pelo exterior que não se revelem em atos inspirados de amor, *ativamente.* Münzer condena também desse modo as obras meramente brilhantes pelo exterior e não menos arduamen-

te que a roubada palavra que toma a si o que precisa, espoja-se na carne e recusa a miséria.

Por isso é terminante e objetivamente condenado o que os boas-vidas bom pensantes afirmam em sua fé fictícia. Seu eu não participa da jornada realmente, sua vivência da fé não abre caminhos, é vaidosa, preguiçosa, morta, a fé fictícia não tem "outra obra senão apenas chamar seu nome". Ao invés disso Münzer faz questão de afirmar que se deve confiar no pretenso piedoso, no seu relatório de viagem, na descrição sobre o advento da fé, de tal modo acrescentando à medida humana dos bons frutos uma *segunda*, a medida do *método:*

> Quero também lhes prestar contas; e se eu não domino essa arte da qual altamente me vanglorio quero então ser uma criança da morte temporal e eterna; não tenho prenda melhor. Não é qualquer um que pode ocupar esse cargo; mesmo que se tivesse lido todos os livros, tem-se primeiro que conhecer a segurança da fé, como a conheceram os que descreveram a escritura, do contrário trata-se apenas de papo roubado e guerra de palavras. Portanto também para a revelação de Deus o homem tem que se afastar de todo passatempo e ter a séria coragem de verdade e tem que reconhecer pelo exercício dessa verdade as visões não dissimuladas das falsas.

Justamente ao insistir tanto no sujeito e em sua presença constante na fé, Münzer exclui de seu subjetivismo todo o arbitrário, todo o irritante do subjetivismo; Böhme, acentuando menos o testemunho da escritura que a verdadeira existência, diz: "Depende do artista o timbre e a beleza da voz; o órgão só soa quando o mestre toca as suas teclas". Justamente este, o leitor e mestre do espírito e da Escritura, é o único que é testemunhado e interpretado em toda a afirmação, em toda espécie objetiva de Escritura; surge por detrás da cortina para onde se volta ao mesmo tempo como o único e verdadeiramente focalizado. É certo que Münzer não abomina absolutamente a Escritura. A arte de Deus tem que ser testemunhada sem dúvida por ela como o documento existente; o intérprete "tem que atentar que tais figuras, parábolas das visões e

sonhos sejam testemunhadas com todas as suas circunstâncias nas Bíblias sagradas, para que o demônio não se esguie pelo lado e estrague a poção do Espírito Santo com seus adoçantes". Mas sempre a letra permanece exterior e só o carisma, pessoal, comprovável, garante a harmonia da autenticidade subjetiva com a autenticidade objetiva da chegada, deixa reconhecer na erudita *"doctrina, utrum ex Deo sit an ego a me ipso loquar; nullus mortalium cognoscit doctrinam vel Cristum, nisi sua voluntas conformis Crucifixo sit nisi prius sit passus fluctus et elationes aquarum suarum, quae animam electorum obruunt ubique; nam Christus ipse vult nos habere judicium doctrinae suae"*.

Da história mal desenvolvida do aparecimento da fé e do fato de que ninguém atenta para seu advento metódico decorre, não em último lugar, toda a dissidência entre cristãos. "Quando o Deus poderoso deixa acontecerem enganos e heresias, Ele prova que os povos não crescem na fé ou possuem uma fé maliciosa e traiçoeira; como querem estes condenar os hereges se eles mesmos não são plasmados na fé?" Daí provêm ainda as muitas religiões fora do próprio cristianismo, e permanece a incapacidade de elevá-las ao Cristo:

> Os ímpios delicados desconhecem quaisquer movimentos pelos quais a Santa Escritura devesse ser aceita ou rejeitada, a não ser somente apenas que ela é de origem antiga, portanto aceita por muitos homens. Tal modo macaqueante de provar sua fé têm também o judeu, o turco e todos os povos. Dizem que a Igreja santa aceitou isso e aquilo, "esse artigo, essa doutrina é heresia" e no entanto não sabem fundamentar o menor soluço, a mínima palavra que os teria movido antes à fé cristã que a outra qualquer.

Assim a interioridade em Münzer não se apresenta como relação solitária, incapaz de expansão e comparação do indivíduo particular com "seu" Deus, mas o sonho emite energia para cumprir sua obra e nesta aparece então além da medida humana e metódica, como *terceiro* sinal de Deus: a evidência obrigatória do verdadeiramente revelado segredo do coração, *o consenso dos eleitos* "para além de todas as dispersões

da fé". A interioridade aqui também só é tão verdadeira e tão profunda por acreditar poder perder-se ou confinar-se em sua expansão. Ela se impõe dentre os condenados sob a forma de hostilidade; o olhar que procura em toda parte o bem torna-se aqui pura repulsa desesperada; não conhece entre eles nenhum abrigo, povo, nem confissão propriamente dita mas abarca e reconhece exclusivamente a classe dos eleitos dispersa pela "erva má", como afinidade e correspondência dentre todos os povos, gerações e religiões da terra. Mesmo ou justamente o catolicismo, vivencia no reformador Münzer somente um juízo, uma questão, um critério, o *"sine vel cum Spiritu Sancto possessore"*, (sem ou com o Espírito Santo como possessão) e seus santos ocupam lugar de honra, semelhantes aos piedosos da Bíblia e aos patriarcas de toda fé. Somente gestos, igrejas, cerimônias se distinguem e um outro corte-transverso abre-se aí, uma outra seleção, e a identidade se reúne de novo na última medida do advento:

> prego uma fé cristã que não concorda exatamente com a de Lutero, mas sim que tem a mesma forma em todos os corações dos eleitos na terra. Não sejam pois atrevidos com vossa fé tola, de modo a atar todas as pessoas, somente à exceção de vós, aos demônios como estais sempre acostumados a fazer. Pensais que ninguém é cristão, a não ser que aceite vossa fé literalmente; se porém houvesse entre nós um judeu ou um turco que devesse se aperfeiçoar por essa fé que ainda temos agora, então todo proveito não conseguiria afastar um inseto de sua cauda ou menos ainda. Se alguém porém durante toda a sua vida não tivesse nem ouvido nem visto as Bíblias, poderia possuir por si mesmo uma fé cristã inequívoca pela justa doutrina do espírito, como tiveram todos que sem quaisquer livros escreveram a santa Escritura; e ele estaria também extremamente seguro de que ele teria interiorizado tal fé a partir da inequivocabilidade de Deus e não da irretratabilidade do demônio ou da própria natureza. Se nós cristãos devemos agora estar harmoniosamente de acordo, salmo 72, *com todos os eleitos dentre todas as cisões ou gerações de toda a fé*, como nos dá testemunho o texto claro dos mensageiros de Deus; temos que saber como se sente alguém que foi criado desde pequeno entre descrentes, que tomou conhecimento da obra e doutrina correta do Senhor sem quaisquer livros.

Assim claramente se abre aqui a catolicidade da centelha, a palavra inata, a força originária somente solicitável através da mais íntima e essencial revelação; é justamente a humanidade mística que triunfa aqui na meta de Deus. É Cristo que leva às distâncias a piedade profético-evangélica e esta sem qualquer aprisionamento a uma pessoa ou história únicas, no "algum dia" representado pela distância de um povo de Deus reunido. O que comoveu os corações humanistas de modo superficial (aqui também se encarava Adônis, Apolo, Cristo como uma mesma figura), o que depois surgiu em imagem mais elevada como deísmo de uma "religião natural" e mais ainda como símile dos três anéis, sem que a imagem prototípica do anel autêntico, o inventário de uma evidência ao mesmo tempo moral e mística, tivesse iluminado como sinal significativo a qualquer outro que não o filósofo mais solitário, isso emerge em Münzer como um olhar mais penetrante da fé totalizada, como pressentimento de que o "terceiro Evangelho" está em toda parte, oculto, uma idéia geral no Livro de Sonhos da humanidade. Desde então o mundo abriu-se em distâncias, criaturas estranhas destamparam-se, começaram temerosamente a ser abordadas em sua fenomenologia longínqua, e não há chave para entender seu verdadeiro núcleo sem violentação ou — o que muitas vezes quer dizer o mesmo — sem banalização. Mas como o Cristianismo já abarcou uma infinidade, todo o sincretismo da cultura mediterrânea ocidental e oriental unificando-as, e assegurou mesmo à consciência mais sobrecarregada sua hegemonia, assim aqui se apresenta mesmo a cultura mais distante como vivenciável, apreendida em sua *religião*, e sua maior profundeza ronda o círculo único de problemas de nostalgia humana, do humano sonho diurno-Revivenciável em seu a priori sem dúvida submisso à estrela, que, superior a tempo e espaço, brilha em identidade excêntrica sobre todos os reinos da cultura, em todos os cristianismos da história. Münzer portanto não apenas libertou de novo o velho subjetivismo herege frente aos portões de uma nova era — e daqui partiu a emoção adiante, estourou na mística espanhola, no expressivo do barroco, brilhou de novo mais esmo-

recido por entre a sensibilidade do simbolismo e finalmente nas estranhas escavações românticas, religiosas e psíquicas; ao contrário Münzer com o espiritualismo pôs freio também a toda essa expressividade ilimitada, em seu próprio núcleo, com uma praxis de cristianismo vivida e compreendida, e com uma reminiscência apocalítica.

Nada que nos fala de tal modo ao íntimo, pode propriamente alegrar; o ouvinte fica antes perplexo. Por isso fica proibido em última instância ao devoto entregar-se mesmo que apenas carnalmente ao jogo da palavra que se rejubila em seu íntimo. Como Münzer odeia o corpo, "o que freia", "o que ensombreia", nada mais de corrupto está aqui misturado a essa espécie de beatitude. O inebriamento procedente do discernimento nervoso, o êxtase desse prazer permanecem tão alheios, a Münzer, "que em qualquer homem de compreensão, atento a isso, devem os cabelos eriçar-se de pavor pelo fato de que a chegada da fé à natureza fosse algo inteiramente impossível, impensável, inaudível". Desse modo aqui o reino milenar não serve absolutamente como a muitos batistas de terra utópica de *Cocagne*, como estas já o são agora, apenas numa natureza muito simplesmente transfigurada. Mais alheia ainda a Münzer permanece uma espiritualidade do mundo, ainda no sentido de Francisco de Assis, aceitando o mundo como obra de Deus, ou como já tendo o divino em si. Nada disso é verdadeiro para o não-contemplativo Münzer, nada disso tem valor se fora ou antes de uma transformação radical do mundo. É verdade que o próprio Münzer, numa frase de sua "Protestação" parece relacionar a dor que há muito vinha frisando, de uma conversão cristã, com um estar-fora e estar-acima de si que já seriam o melhor, um estado pleno de Deus:

> O homem deve e precisa saber que Deus está nele, para que não o conclua, não o imagine a mil milhas de si, mas saiba que como céus e terras estamos nós plenos de Deus, e que o Pai recria ininterruptamente o Filho em nós, e o Espírito Santo se transfigura em nós, na figura do crucificado, através da tristeza de nossos corações.

Mas se vê que nesta frase paradoxal não brilha nenhum panteísmo naturalista, mas um panteísmo muito diverso, como que moral: não dedicado a todos e qualquer um, mas limitando o divino aos apelos, às luzes do reino nos mais elevados recantos da alma, ao desencantamento, ao desvelar do mistério final do mundo. O que Münzer aqui chama pleno de Deus é antes o brotar de "novo céu e nova terra", segundo as palavras de Isaías, do que algo que crie formas belas, ou mesmo já bem-formadas, no mundo existente. Se parece, portanto, como diz surpreendentemente Ranke, haver qualquer parentesco de inspirações münzerianas com teorias paracélsicas, em Paracelso, para ilustrar essa correspondência, não se deveria exagerar tanto "a energia ativa da vida uma vez acesa a força da natureza inata ao organismo e que o conserva por dentro", mas antes a doutrina paracélsica, enervada de elementos soteriológicos, a doutrina da força interior, da fé e da inspiração, capaz de desencantar o ouro disfarçado, externar segredos ocultos do íntimo. Apenas essa preparação ou transmutação, rege também a pregação de Münzer, seu desejo de revolução espiritual, do modo mais elevado; para isso seu Deus é impelido decisivamente do estado de pura consciência religiosa, do mero subjetivismo que repousa em si mesmo. A fé em Deus não se relaciona, com isso, a uma mitologicamente existente, mas a um futuro "reino da liberdade dos filhos de Deus". Se foi o patos do íntimo em Deus que ligou Münzer aos velhos místicos alemães, a seus mestres Eckhart e Tauler, à teologia alemã, agora é o quiliasmo, e o quiliasmo com ação, que o distingue deles. Que também não deixa nenhuma alma solitária, em Deus, ou um Deus solitário por sobre o mundo, mas que prepara o mundo inteiro, no final, "quando a grande Babel cair", o que este mundo mesmo acredita a respeito de Deus. Num refundir do *vini creator spiritus*, num transbordamento da ascenção do Cristo, que só triunfa como mudança direcional do movimento, para a terra finalmente, e portanto numa maior proximidade de tempo. Como Münzer tinha determinado à política como finalidade, fazer ler a escritura livremente, perceber a finalidade de seu sofrimento interior,

de sua preparação, com isso ele cria, em última instância também para a religião, seu "para que", o sentido de sua preparação de terreno, a medida *apocalítica* de sua verdade. Cujo conteúdo era entre os hussitas como em Münzer o "reino de Deus na terra"; na Bíblia figura este conteúdo, altamente adiado e enormemente afastado para o fim dos fins como uma Jerusalém celeste a cair na terra. Sobre isso diz Münzer finalmente: "Deus quer realizar a transmutação nos últimos dias, para que seu nome seja louvado corretamente; ele quer libertar o mundo de sua vergonha e quer derramar Seu espírito sobre toda a carne pois *se a cristandade não devesse ser apostólica, para que se deveria então pregar?* Como a nós todos deve suceder no advento da fé que nós homens carnais nos tornaremos homens de Deus pela encarnação do Cristo, e portanto com Ele discípulos de Deus, por Ele orientados e divinizados. Como disse *antes completamente transformados, para que a vida terrestre se metamorfoseie em céu*". A este mundo de fé soma a aurora do Apocalipse, e justamente no Apocalipse ele ganha sua última medida, o princípio metapolítico, meta-religioso de toda revolução: a irrupção de liberdade dos filhos de Deus.

V. *CONCLUSÃO E A METADE DO REINO*

Atentemos apenas para isso, deixemos o que é morto para trás.

Nada mais nos prende entre as coisas digeridas, viajamos, sonhamo-nos no Além. Já o terrível, crescente instinto de vida desse tempo alimenta-se de novas fontes, sua inquestionabilidade instaura uma fé secreta, ainda encoberta.

Mesmo que forças poderosas se voltem contra, o homem finalmente deixará o solo e alçará as alturas. Nossa vida exterior quer ser sensível, libertemo-nos dela, ela sucumbe mais e mais à máquina e à dominação, à finalmente destensionante dominação do não-essencial. É justamente a mesma força que criou a máquina e que, destituindo a vontade, leva ao socia-

lismo, que institui também aquele mistério, ainda latente no socialismo; mistério que escapou a Marx — tinha que lhe escapar se ele queria finalmente extinguir a miséria e o acaso — mas que detém necessariamente na Alemanha de Münzer e na Rússia sua herdada reminiscência revolucionário-religiosa. Certamente o inimigo é visível, entrincheirado agora no pesado complexo de poder da indústria, e ainda no militarismo; mas com ideologia esfacelada e mais facilmente, mais autenticamente afastável a partir desse seu último patriciado, do que do antigo pequeno burguesismo e feudalismo, descoordenado, hierarquizado em classes, no qual explodiu o elan revolucionário dos batistas. Agora porém o mundo do poder econômico-político que nos rodeia — tão insincero e avesso a valores, por tanto tempo iluminado falsamente pela "cultura" como atmosfera de luxo, sem essência, da classe superior — está alquebrado, sem pouso, tornado sem finalidade para todos que a ele pertenciam e então imprimiam ideologia a seu ser. Realmente ele está carregado com uma dinâmica *imanente* para a destruição de si mesmo; para o horizonte construtivo aberto ao oprimido, ao que foi enganado desde o tempo das guerras camponesas e do gótico-tardio, a todas as incondicionalidades de uma vontade em essência.

Assim o curso do mundo exterior não pode mais impedir por muito tempo a virtude, retardar-lhe direito e pressentimentos. Mas o mesmo movimento liberante se cria aqui, redemoinha tangencialmente o gênero humano efervecente impulsionando-o para longe, da terra para seu verdadeiro lugar; e aí se expandem os fantásticos mundos superiores do pressentimento e da consciência, a metade do reino. O tempo retorna, o abalo proletário do ocidente vai trazê-lo de novo, ele vai culminar na Alemanha e na Rússia: aí os povos percebem uma luz que ofusca as mais pesadas sombras, que leva o que não fora percebido, subterrâneos celestes, de súbito para o foco mais gritante, que eleva o segredo da heresia — finalmente à efetiva publicidade, a polo e hegemonia da sociedade. Ainda inaudita, a história subterrânea da revolução aguarda sua obra, já iniciada no curso correto; mas os irmãos do vale,

os cátaros, os *vaudois, os albigeois*, o abade Joachim de Calabrese, os irmãos da boa vontade, da vida comunitária, do total discernimento, do livre espírito, Eckhart, os hussitas, Münzer e os batistas, Sebastian Franck, os iluminados, Russeau e a mística humanista de Kant, Weitling, Baader, Tolstoi — todos eles se unem e o consciente dessa fantástica tradição troveja de novo contra o medo, o estado, a descrença e contra os altos poderes desumanos. Já agora brilha a centelha que não mais há de demorar-se em parte alguma e será conforme a mais definida exigência da Bíblia: não temos aqui poucos permanentes, procuramos o pouco futuro; uma mentalidade messiânica prepara-se de novo para surgir finalmente familiarizada com a noção de passageiro e fortuito, os milagres daqueles, que irrompiam em meio a choros e desesperos, revelavam-se meros paliativos. Por cima das ruínas e das esferas culturais arrasadas deste mundo, brilha altaneiro o espírito da indescaracterizável utopia, somente agora segura de seu próprio polo, na casa da absoluta comunidade, nas mais íntimas Ofirs, Atlântidas e Orplids. Desse modo portanto unem-se finalmente marxismo e sonho do incondicional no mesmo passo e na mesma cruzada; como força para a trajetória e fim de todas as redondezas em que o homem fora um ser pressionado, menosprezível, esquecido; como reconstrução do planeta terra e vocação, criação, conquista do Reino. Münzer com todos os quiliastas permanece como o invocador nessa peregrinação tempestuosa. E não apenas irromperá vida nova na velha realidade; mais ainda: há um campo aberto para transbordamentos, abertos nos ficam o mundo e a eternidade, o novo mundo do calor humano e da ruptura, da luz que jorra efusivamente do íntimo humano. Agora tem que ser o tempo do Reino e para lá se dirigem os raios do nosso espírito, nunca de omissão e nunca decepcionado. Já houve bastante História Mundial, já houve demasiada contenção formal da cultura, pólis, obras, ofuscamentos, obstáculos: abertamente impõe-se uma outra e irresistível vida; esmaecem os bastidores do palco da história, do placo da pólis, do palco da cultura. E eis

que aí penetra o esplendor da alma, das profundezas, de um céu de sonhos distendido e estrelado de solo a zênite. Desenrolam-se os verdadeiros firmamentos e ininterrupta desliza nossa estrada das decisões até aquele misterioso símbolo para o qual a terra, perscrutante e grave em suas penumbras, gira desde o princípio dos tempos.

OBSERVAÇÃO FINAL

A presente obra foi publicada pela primeira vez em 1921. Foi a primeira monografia de monta sobre Münzer desde 1842. Essa nova edição contém algumas documentações puramente fáticas, de acordo com os estudos em curso sobre Münzer. Acrescem-se modificações, algumas supressões e novas concepções de texto (não de conteúdo), algumas especificações mais detalhadas, baseadas quase sempre em correções dos anos de 20 que visavam a uma reedição. Não mais o livro vem a publicar-se inalterado, uma obra de juventude com conteúdo significativo. É um apêndice ao *Geist der Utopie* publicado em 1918 e posteriormente em 1923. Seu romantismo revolucionário encontra medida e determinação no livro *Das Prinzip Hoffnung*.

Composto e impresso em 1973, nas oficinas da
EMPRÊSA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
R. Conde de Sarzedas, 38, fone 33-4181, São Paulo, S.P., Brasil

previsor destes fatos, e precursor de então inéditas metodologias da Sociologia do Conhecimento, aqui aplicadas ao comportamento religioso-social. A História aqui anima uma visão do Futuro. Mais que impessoal contribuição sociológica à História Social das Idéias.

Os estudiosos do Messianismo encontrarão também afinidades entre os atuais movimentos quiliásticos e seus precursores na Renascença européia. Quem visitar, ainda hoje, a cidade de Münster, ao norte da República Federal da Alemanha, verá penduradas, nas torres da igreja de São Lamberto, as gaiolas que serviram de último suplício aos derradeiros remanescentes das hostes münzerianas.

Restará algum lugar para o conhecimento objetivo, numa era dominada pelos meios de comunicação de massa? E do conhecimento dito objetivo deverá ser excluída a intuição profética? Finalmente: será possível uma síntese entre a espontaneidade comunitária e a formalização organizacional, em crescente antagonismo no Mundo inteiro? Eis certos desafios, mais que meras indagações, de Ernst Bloch.

O leitor encontrará, ao longo das páginas que se seguem, um grande esforço de tradução das palavras majestosas barrocas, por assim dizer seiscentistas, de Bloch, que chegam a assemelhar-se às do nosso Padre Antônio Vieira, embora noutro contexto. E apesar de não faltar bastante Sebastianismo ao grande Jesuíta luso-brasileiro.

Vamireh Chacon